TALVEZ AGORA



COLLEEN HOOVER

TOP SELLER

A COMOVENTE SEQUELA DE *TALVEZ UM DIA*

COLLEEN
HOOVER

TALVEZ AGORA

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: fevereiro de 2024

TALVEZ AGORA
Título original: *Maybe Now*
© 2018, Colleen Hoover
Epílogo © 2022, Colleen Hoover
Todas as letras das canções incluídas no livro são da autoria de Griffin Peterson (ASCAP)
© 2018, Griffin Peterson/Raymond Records, LLC. Todos os direitos reservados.
Publicado por Atria Books, uma chancela de Simon & Schuster, Inc., Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.
Publicada por acordo com Dystel, Goderich & Bourret LLC.,
através de International Editors & Yáñez' Co.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Ana Beatriz Manso
Coordenação editorial: Vanessa Domingos
Tradução: Marlene Campos
Revisão: Maria João Fonseca
Capa: adaptação de Wonder Studio /
Carolina Leonardo sobre design de Laywan Kwan
Fotografias da capa: iStock / Getty Images; Adobe Stock

ISBN: 978-989-787-806-0

Composição digital: leerendigital.com
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: @PenguinLivrosPT
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.suma

Índice

Talvez Agora
Créditos
Dedicatória
Prólogo
Talvez Agora
Epílogo
Agradecimentos
Sobre este livro
Sobre Colleen Hoover

Este livro é dedicado a todos
os CoHorts da Colleen Hoover.

Exceto os assassinos.
Este livro não é para esses dois.

Prólogo

Maggie

Pouso a caneta no papel. Tenho a mão a tremer demasiado para acabar de o preencher, por isso inspiro rapidamente, numa tentativa de acalmar os nervos.

Tu consegues fazer isto, Maggie.

Volto a pegar na caneta, mas acho que a minha mão está a tremer mais do que antes de a ter pousado.

— Deixe-me ajudá-la com isso.

Olho para cima e vejo o instrutor de paraquedismo a sorrir para mim. Ele pega na caneta e na prancheta, e depois senta-se na cadeira à minha direita.

— Recebemos muitos principiantes nervosos. É mais fácil se me deixar preencher a papelada porque a sua letra provavelmente não ficará legível — diz ele. — Até parece que está prestes a saltar de um avião ou algo do género.

O seu sorriso indolente tranquiliza-me logo, mas o meu nervosismo depressa reaparece quando me lembro de que sou uma péssima mentirosa. Mentir na parte médica teria sido muito mais fácil se fosse eu a preenchê-la. Não sei se consigo mentir em voz alta a este tipo.

— Obrigada, mas eu posso fazer isso.

Tento pegar na prancheta, mas ele puxa-a para fora do meu alcance.

— Mais devagar — ele olha rapidamente para o meu formulário —, Maggie Carson. — Estende-me a mão, continuando a manter a prancheta fora do meu alcance com a outra. — Eu sou o Jake, e se está a planear saltar de um avião a três mil metros de altitude enquanto está à minha mercê, o

mínimo que posso fazer é acabar de preencher a sua papelada.

Aperto-lhe a mão, impressionada com a força do seu aperto. Saber que é a estas mãos que vou confiar a minha vida alivia-me um pouco.

— Quantos saltos de paraquedas já fez? — pergunto-lhe.

Ele sorri e depois volta a concentrar-se na minha papelada. Começa a folhear as páginas.

— Vai ser o meu quingentésimo.

— A sério? Quinhentos parece-me ser algo muito importante. Não devia estar a comemorar?

Ele fixa de novo o olhar no meu e o seu sorriso desaparece.

— Perguntou-me quantos saltos de paraquedas já fiz. Não quero comemorar prematuramente.

Engulo em seco.

Ele ri-se e toca-me no ombro.

— Estou a brincar, Maggie. Relaxe. Está em boas mãos.

Sorrio ao mesmo tempo que inspiro fundo.

Ele começa a percorrer o formulário.

— Algum problema de saúde? — pergunta-me, já com a caneta pousada na caixa assinalada com «não». Não lhe respondo. O meu silêncio leva-o a olhar para mim e a repetir a pergunta. — Problemas de saúde? Doenças recentes? Algum ex-namorado maluco de que eu deva ter conhecimento?

Sorrio com o seu último comentário e abano a cabeça.

— Nenhum ex maluco. Só um mesmo espetacular.

Ele anui lentamente com a cabeça.

— E a outra parte da pergunta? Problemas de saúde?

Ele espera pela minha resposta, mas eu não consigo dar-lhe mais nada além de uma pausa nervosa. Ele semicerra os olhos e inclina-se um pouco mais para a frente, fitando-me atentamente. Está a olhar para mim como se estivesse a tentar descobrir respostas para mais do que apenas o que está no questionário que tem na mão.

— É terminal?

Tento manter a calma.

— Não. Ainda não.

Ele aproxima-se ainda mais, olhando para mim com uma expressão cheia de sinceridade.

— O que é, então, Maggie Carson?

Nem sequer o conheço, mas há algo de reconfortante nele que me faz querer contar-lhe. Mas não o faço. Olho para as mãos, entrelaçadas no meu colo.

— Pode não me deixar saltar se eu lhe contar.

Ele inclina-se para mim até o seu ouvido estar perto da minha boca.

— Se o disser baixinho, há uma boa hipótese de eu nem sequer ouvir — diz ele em voz baixa. O seu hálito acaricia-me a clavícula e fico imediatamente coberta de arrepios. Ele afasta-se ligeiramente e olha para mim enquanto espera pela minha resposta.

— FQ — respondo. Não sei se ele saberá sequer o que significa «FQ», mas, se eu não complicar as coisas, talvez ele não me peça para explicar.

— Como estão os seus níveis de oxigénio?

Talvez ele saiba o que significa.

— Até agora, tudo bem.

— Tem autorização do médico?

Abano a cabeça.

— Decisão de última hora. Às vezes sou um pouco impulsiva.

Ele sorri, depois volta a olhar para o formulário e assinala a ausência de problemas de saúde. Olha para mim.

— Bem, está com sorte, porque eu sou médico. Mas, se morrer hoje, vou dizer a toda a gente que mentiu neste questionário.

Eu rio-me e concordo com a cabeça, agradecida por ele estar disposto a ignorar o assunto. Sei que isto é algo sério.

— Obrigada.

Ele olha para o questionário.

— Porque é que me está a agradecer? Eu não fiz nada.

A sua negação faz-me sorrir. Ele continua a percorrer a lista de perguntas, e eu respondo a todas honestamente até que chegamos finalmente à última

página.

— Muito bem, última pergunta — diz ele. — Porque é que quer fazer paraquedismo?

Debruço-me sobre ele para olhar para o formulário.

— Isso é mesmo uma pergunta?

Ele aponta para a pergunta.

— Sim. Aqui mesmo.

Leio a pergunta e depois dou-lhe uma resposta direta.

— Acho que é porque estou a morrer. Tenho uma longa lista de coisas que sempre quis fazer.

O olhar dele endurece um pouco, quase como se a minha resposta o tivesse perturbado. Volta a prestar atenção ao formulário, por isso inclino a cabeça, debruço-me novamente sobre o seu ombro e vejo-o a escrever uma resposta que não é de todo a que eu lhe dei.

«Quero fazer paraquedismo porque quero viver a vida ao máximo.»

Entrega-me o formulário e a caneta.

— Assine aqui — pede, apontando para o fim da página.

Depois de assinar o formulário e lho devolver, ele levanta-se e estende-me a mão.

— Vamos arrumar os paraquedas, Quinhentos.

— É mesmo médico? — grito por cima do barulho dos motores. Estamos sentados mesmo em frente um do outro no pequeno avião. O sorriso dele é enorme e está cheio de dentes tão direitos e brancos que eu apostaria que é dentista.

— Cardiologista! — grita ele. Acena com a mão pelo interior do avião. — Faço isto por diversão!

Um cardiologista que faz paraquedismo nos tempos livres? Impressionante.

— A sua mulher não fica chateada por estar sempre tão ocupado? — grito. *Oh, Meu Deus. Que pergunta tão óbvia e pirosa.* Até me encolho por ter

perguntado aquilo em voz alta. Nunca fui boa a namoriscar.

— O quê? — grita ele, inclinando-se para a frente.

Ele vai mesmo obrigar-me a repetir?

— Perguntei se a sua mulher não fica chateada por estar sempre tão ocupado!

Ele abana a cabeça, desaperta o cinto de segurança e depois passa para o lugar ao meu lado.

— Está muito barulho aqui! — grita, agitando a mão pelo interior do avião. — Repita outra vez!

Reviro os olhos e começo a perguntar-lhe outra vez.

— A... sua... mulher...

Ele ri-se e encosta um dedo aos meus lábios, mas apenas por breves instantes. Afasta a mão e inclina-se para mim. O meu coração reage mais a este movimento rápido do que ao facto de eu estar prestes a saltar deste avião.

— Estou a brincar — diz ele. — Pareceu tão embaraçada depois da primeira vez que o disse, que eu queria obrigá-la a dizê-lo outra vez.

Dou-lhe uma palmada no braço.

— Parvalhão!

Ele ri-se e levanta-se, depois pega no meu arnês de segurança e carrega no trinco. Puxa-me para cima.

— Está pronta para isto?

Eu assinto com a cabeça, mas é mentira. Estou absolutamente aterrorizada e, se não fosse o facto de este tipo ser médico e fazer coisas destas para se divertir — e ser mesmo giro —, provavelmente estaria a desistir agora mesmo.

Ele vira-me até eu ficar de costas para o peito dele e junta os nossos arneses de segurança até eu ficar bem presa a ele. Tenho os olhos fechados quando o sinto a colocar-me os óculos de proteção. Depois de vários minutos à espera de que ele acabasse de nos preparar, ele leva-me para a frente, em direção à abertura do avião, e pressiona as mãos contra cada um dos lados da abertura. Estou literalmente a olhar para as nuvens.

Fecho os olhos de novo, com força, no momento em que ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Eu não tenho mulher, Maggie. A única coisa pela qual estou apaixonado é pela minha vida.

Dou por mim a sorrir durante um dos momentos mais assustadores da minha vida. O comentário dele faz com que a pergunta valha as três vezes que me fez repeti-la. Aperto o cinto de segurança com mais força. Ele estica o braço, pega nas minhas duas mãos e depois baixa-as para as laterais do meu corpo.

— Mais sessenta segundos — diz ele. — Pode fazer-me um favor?

Anuo com a cabeça, demasiado assustada para discordar dele neste momento, já que praticamente coloquei o meu destino nas suas mãos.

— Se chegarmos vivos ao chão, deixa-me levá-la a jantar? Para celebrar o facto de ser a minha quingentésima vez?

Eu rio-me do teor sexual da pergunta dele e olho por cima do ombro.

— Os instrutores de paraquedismo podem sair com os alunos?

— Não sei — responde ele com uma gargalhada. — A maior parte dos meus alunos são homens e nunca tive vontade de convidar nenhum deles para sair.

Volto a olhar em frente.

— Dou-lhe a minha resposta quando aterrarmos em segurança.

— É justo.

Ele empurra-me um passo em frente, e depois entrelaça os dedos nos meus, abrindo os nossos braços.

— É agora, Quinhentos. Pronta?

Assinto com a cabeça enquanto a minha pulsação começa a acelerar ainda mais do que antes, e o meu peito se comprime com o medo que me consome, sabendo o que estou prestes a fazer. Sinto a respiração dele e o vento contra o meu pescoço enquanto ele nos aproxima da porta do avião.

— Sei que disse que queria fazer paraquedismo porque está a morrer — diz ele, apertando-me as mãos. — Mas isto não é morrer, Maggie! Isto é viver!

Com isso, empurra-nos aos dois para a frente... e saltamos.

1.

Sydney

Assim que abro os olhos, viro-me imediatamente e apercebo-me de que o outro lado da minha cama está vazio. Pego na almofada onde o Ridge dormiu e puxo-a para mim. Ainda tem o cheiro dele.

Não foi um sonho. Graças a Deus.

Ainda não consigo perceber bem o que se passou ontem à noite. O concerto que ele orquestrou com o Brennan e o Warren. As músicas que compôs para mim. O facto de termos finalmente podido dizer um ao outro o que realmente sentíamos, sem nos sentirmos culpados por isso.

Talvez seja daí que vem esta nova sensação de paz — a ausência de toda a culpa que sempre senti na presença dele. Foi difícil apaixonar-me por alguém que estava comprometido com outra pessoa. Foi ainda mais difícil tentar evitar que isso acontecesse.

Rolo para fora da cama e examino o quarto. A t-shirt do Ridge está ao lado da minha no chão, o que significa que ele ainda está aqui. Sinto-me um pouco nervosa por sair do quarto e vê-lo. Não sei porquê. Talvez porque agora ele é meu namorado, e eu mal tive doze horas para me adaptar a tudo isso. É tão... oficial. Não faço ideia de como vai ser. Como será a nossa vida juntos. Mas é um nervosismo de excitação.

Estico a mão, agarro na t-shirt dele e enfio-a pela cabeça. Faço um desvio até à casa de banho para escovar os dentes e lavar o rosto. Debato-me sobre se devo arranjar o cabelo antes de entrar na sala de estar, mas o Ridge já me viu em piores condições do que esta. Já fomos colegas de casa. Ele já me viu em

condições *bem* piores.

Quando abro a porta da sala de estar, ele está lá, sentado à mesa com um caderno e o meu portátil. Encosto-me à ombreira da porta e observo-o durante algum tempo. Não sei bem o que ele acha disso, mas adoro poder observá-lo sem pudor, sem que ele me ouça a entrar na sala.

A certa altura, ele passa uma mão frustrada pelo cabelo e, pela rigidez dos seus ombros, vejo que está stressado. Coisas do trabalho, presumo.

Finalmente, olha para mim, e o facto de me ver à porta parece aliviar-lhe o stress, o que apaga completamente toda a minha energia nervosa. Ele fica a fitar-me por instantes e depois deixa cair a caneta no caderno. Sorri, arrasta a cadeira para se levantar e atravessa a sala de estar. Quando chega junto de mim, agarra-me e puxa-me para ele, pressionando os lábios contra o lado da minha cabeça.

— Bom dia — diz-me, afastando-se.

Nunca me vou cansar de o ouvir falar. Sorrio-lhe e digo-lhe «bom dia» em língua gestual.

Ele olha para as minhas mãos e depois de novo para mim.

— Isso é tão sexy.

Sorrio.

— Ouvir-te falar é tão sexy.

Ele beija-me, depois afasta-se e dirige-se à mesa. Pega no telemóvel e manda-me uma mensagem.

Ridge: Tenho uma tonelada de trabalho para pôr em dia hoje e preciso mesmo do meu próprio portátil. Vou voltar para o meu apartamento para que te possas arranjar para o trabalho. Queres que eu passe por cá esta noite?

Sydney: Passo por tua casa quando voltar do trabalho. Fica em caminho.

O Ridge anui com a cabeça e pega no caderno onde estava a escrever. Fecha o meu portátil e volta para junto de mim. Envolve a minha cintura com o braço e puxa-me para ele, pressionando a boca contra a minha.

Retribuo o beijo e não paramos, mesmo quando o ouço a atirar o caderno para a bancada. Ele levanta-me com os dois braços e, segundos depois, estamos do outro lado da sala e ele está a deitar-me no sofá, e depois está em cima de mim e eu tenho quase a certeza de que vou ser despedida esta semana. Nem me passa pela cabeça dizer-lhe que já estou atrasada para o trabalho, porque prefiro ser despedida a ter de parar de o beijar.

Estou a exagerar. Não quero ser despedida. Mas esperei tanto tempo por isto que não quero que ele se vá embora. Começo a contar até dez, prometendo a mim mesma que vou parar de o beijar e arranjar-me para o trabalho quando chegar ao dez. Mas chego aos vinte e cinco antes de finalmente me encostar ao peito dele.

Ele afasta-se, a sorrir.

— Eu sei — diz. — Trabalho.

Anuo com a cabeça e dou o meu melhor para falar em língua gestual. Sei que não estou a fazer tudo bem, mas enuncio as palavras que ainda não sei.

— Devias ter escolhido o próximo fim de semana para me arrebatares em vez de uma noite durante a semana.

O Ridge sorri.

— Não conseguia esperar tanto tempo.

Ele beija o meu pescoço e começa a rolar de cima de mim para que eu me possa levantar, mas detém-se por instantes para me observar apreciativamente.

— Syd — diz. — Sentes-te... Sentes... — Faz uma pausa e depois saca do telemóvel. Ainda temos uma enorme barreira de comunicação, na medida em que ele ainda não se sente completamente à vontade para ter conversas inteiras em voz alta, e eu não sei língua gestual suficiente para manter uma conversa inteira a um ritmo decente. Tenho a certeza de que, até melhorarmos, as mensagens de texto continuarão a ser a nossa principal forma de comunicação. Fico a vê-lo a enviar uma mensagem por instantes e então o meu telemóvel toca.

Ridge: Como é que te sentes agora que estamos finalmente juntos?

Sydney: Incrível. Como é que tu te sentes?
Ridge: Incrível. E... livre? Será essa a palavra de que estou à procura?

Ainda estou a ler e a reler a mensagem dele quando ele, imediatamente, começa a escrever outra. Está a abanar a cabeça, como se não quisesse que eu interpretasse mal a mensagem anterior.

Ridge: Não é livre no sentido de que nós não éramos livres antes de nos juntarmos ontem à noite. Ou que eu me sentia preso quando estava com a Maggie. É só que...

Faz uma pausa por instantes, mas eu respondo-lhe antes que ele responda, porque tenho a certeza que sei o que ele está a tentar dizer.

Sydney: Tens vivido para os outros desde criança. E escolher estar comigo foi uma escolha um bocado egoísta. Nunca fazes as coisas por ti. Por vezes, colocarmo-nos em primeiro lugar pode ser libertador.

Ele lê a minha mensagem e, assim que os seus olhos se viram para os meus, vejo que estamos em sintonia.

Ridge: Exatamente. Estar contigo é a primeira decisão que tomei simplesmente porque queria. Não sei, acho que sinto que não me devia sentir tão bem com isso. Mas sinto. É uma sensação boa.

Apesar de ele estar a dizer tudo isto como se estivesse aliviado por ter finalmente feito uma escolha egoísta, ainda há uma ruga entre as suas sobrancelhas, como se os seus sentimentos fossem também acompanhados de culpa. Levo a mão à testa dele e aliso-a, depois ponho a mão na cara dele.

— Não te sintas culpado. Toda a gente quer que sejas feliz, Ridge. Especialmente a Maggie.

Ele acena levemente com a cabeça e depois beija a palma da minha mão.

— Amo-te.

Disse-me estas palavras inúmeras vezes na noite passada, mas, ao ouvi-las novamente esta manhã, ainda parece que está a dizê-las pela primeira vez.

Sorrio e retiro a minha mão da dele para poder falar em língua gestual.

— Também te amo.

Tudo isto parece tão surreal — ele estar aqui comigo depois de tantos meses a desejar que fosse assim. E ele tem razão. Senti-me sufocada por estar longe dele, mas sinto-me livre agora que ele está aqui. E sei que ele não está a dizer tudo o que acabou de dizer por sentir que a vida dele com a Maggie era, de alguma forma, algo que ele não queria. Ele amava-a. Ama-a. O que ele está a sentir é o resultado de ter passado uma vida inteira a tomar decisões que eram do interesse dos outros e não dele próprio. E não acho que ele se arrependa de nada disso. Ele é assim mesmo. E, apesar de eu ter sido uma decisão egoísta que ele finalmente tomou por si próprio, sei que continua a ser a mesma pessoa altruísta que sempre foi, por isso vai haver alguma culpa residual. Mas, por vezes, as pessoas precisam de se pôr em primeiro lugar. Se não estivermos a viver a nossa melhor vida para nós próprios, não conseguiremos ser a nossa melhor versão para aqueles que nos rodeiam.

— Em que é que estás a pensar? — pergunta ele, penteando-me o cabelo para trás.

Abano a cabeça.

— Em nada. Só... — Não sei como dizer em língua gestual o que quero dizer, por isso volto a pegar no telemóvel.

Sydney: Tudo isto parece surreal. Ainda estou a tentar absorver tudo. A noite passada foi completamente inesperada. Eu estava a começar a convencer-me de que tu estavas a chegar a um ponto em que não achavas que nós poderíamos ficar juntos.

Os olhos do Ridge disparam para os meus e ele ri-se um pouco, como se a minha mensagem fosse completamente absurda. Então, inclina-se para a frente e dá-me o mais suave e doce dos beijos antes de responder.

Ridge: Há três meses que não consigo dormir. O Warren teve de me obrigar a comer porque eu estava sempre ansioso. Pensava em ti a cada

minuto de cada dia, mas mantive a distância porque tu disseste que precisávamos de um tempo separados. E, embora isso me matasse, eu sabia que tinhas razão. Como não podia estar contigo, forcei-me a escrever música sobre ti.

Sydney: Há alguma canção que eu ainda não tenha ouvido?

Ridge: Toquei todas as minhas canções novas para ti ontem à noite. Mas tenho estado a trabalhar numa. Estava bloqueado porque a letra não me parecia bem. Mas ontem à noite, depois de adormeceres, a letra começou a fluir como água. Escrevi-a e enviei-a ao Brennan assim que a pus no papel.

Ele compôs uma canção inteira depois de eu ter adormecido ontem à noite? Semicerro os olhos e depois respondo.

Sydney: Já dormiste sequer?

Ele encolhe os ombros.

— Durmo mais tarde — diz, passando o polegar pelo meu lábio inferior. — Fica de olho no teu e-mail hoje — continua ele, enquanto se inclina para outro beijo.

Adoro as versões iniciais que o Brennan faz das músicas que o Ridge compõe. Acho que nunca me vou cansar de namorar com um músico.

O Ridge rola para fora do sofá e puxa-me para cima com ele.

— Vou-me embora para que te possas arranjar para o trabalho.

Anuo com a cabeça e dou-lhe um beijo de despedida, mas, quando tento ir para o quarto, ele não me larga a mão. Viro-me e ele está a olhar para mim, à espera.

— O que foi?

Ele aponta para a t-shirt que tenho vestida. A t-shirt dele.

— Preciso disso.

Olho para baixo e rio-me. Depois tiro-a — devagarinho — e dou-lha. Ele olha-me de cima a baixo enquanto pega nela e a veste.

— A que horas disseste que passavas lá por casa esta noite? — Ele ainda

está a olhar para o meu peito quando faz esta pergunta, completamente incapaz de me olhar nos olhos.

Rio-me e empurro-o para a porta. Ele abre-a e sai do meu apartamento, mas não sem antes me roubar outro beijo rápido. Eu fecho a porta atrás dele e percebo que, pela primeira vez desde o dia em que me mudei do meu antigo apartamento, sinto finalmente que já não estou ressentida com o tumulto que o Hunter e a Tori causaram.

Estou absolutamente, sem sombra de dúvida, grata ao Hunter e à Tori. Voltaria a passar pela dor de cabeça Tori/Hunter um milhão de vezes se o Ridge fosse sempre o resultado final.

Algumas horas depois, recebo um e-mail do Brennan. Entro na casa de banho do trabalho com os auscultadores nos ouvidos e clico no e-mail com o assunto «Já Me Libertaste». Encosto-me à parede, carrego no *play* no telemóvel e fecho os olhos.

JÁ ME LIBERTASTE

Tenho andado por aí a correr
Tentando-me esconder
Estive debaixo da terra com o diabo
E tu salvaste-me como um navio no mar
Dizendo: «Segue-me para a luz»

Então aqui vamos nós
Estamos a avançar
Era tudo o que eu podia esperar
Aqui vamos nós
Estamos a avançar

Já me libertaste
O pó do meu corpo expulsaste
Trancado, a chave encontraste

E agora posso constatar
Que em nenhum outro lugar quero estar
Juntos para sempre vamos ficar
Já me libertaste

É difícil saber quanto isto custa
Mas quando perdemos algo
Sabemos que há um preço a pagar
Acho que tu nasceste
Para me vir salvar
Quando não consigo aguentar

Então aqui vamos nós
Estamos a avançar
Era tudo o que eu podia esperar
Aqui vamos nós
Estamos a avançar

Já me libertaste
O pó do meu corpo expulsaste
Trancado, a chave encontraste
E agora posso constatar
Que em nenhum outro lugar quero estar
Juntos para sempre vamos ficar
Já me libertaste

Eu estava prestes a sucumbir
Sem saber para onde ir
Achava que o teto era o chão
Não havia remédio para me curar
Uma Ave Maria para quem pecar
Um novo começo para uma conclusão

Já me libertaste

O pó do meu corpo expulsaste
Trancado, a chave encontraste
E agora posso constatar
Que em nenhum outro lugar quero estar
Juntos para sempre vamos ficar
Já me libertaste

Fico completamente em silêncio depois de a música acabar. As lágrimas escorrem-me pelo rosto, e nem sequer é uma música triste. Mas o significado por trás da letra que o Ridge escreveu depois de adormecer ao meu lado na noite passada significa mais para mim do que qualquer outra letra que ele já tenha escrito E mesmo que eu tenha entendido o que ele estava a dizer esta manhã quando disse que se sente livre pela primeira vez, não percebi o quanto me identificava com o que ele estava a sentir.

Também me libertaste, Ridge.

Tiro os auscultadores dos ouvidos, embora tenha vontade de passar o resto do dia a ouvir a música. Quando saio da casa de banho, dou por mim a cantá-la em voz alta no corredor vazio com um sorriso ridículo no rosto.

«Que em nenhum outro lugar quero estar. Juntos para sempre vamos ficar...»

2.

Maggie

Penso na morte a cada minuto de cada hora de cada dia da minha vida. Tenho quase a certeza de que penso na morte mais do que a maior parte das pessoas. É difícil não o fazer quando sabemos que nos foi dada uma fração do tempo que foi dado a quase toda a gente do mundo.

Tinha 12 anos quando comecei a investigar o meu diagnóstico. Nunca ninguém se tinha sentado comigo e me tinha explicado que a fibrose quística tinha um prazo de validade. Não um prazo de validade para a doença, mas um prazo de validade para a minha vida.

Desde esse dia, com apenas 12 anos de idade, encaro a vida de uma forma completamente diferente da que encarava antes. Por exemplo, quando estou na secção de cosméticos de uma loja, olho para o creme antienvelhecimento e sei que nunca vou precisar dele. Terei sorte se a minha pele começar a ganhar rugas antes de eu morrer.

Na secção de mercearia, olho para os prazos de validade dos alimentos e pergunto-me qual de nós durará mais tempo, eu ou a mostarda.

Às vezes, recebo convites pelo correio para um casamento que ainda está a um ano de distância, faço um círculo à volta da data no calendário e pergunto-me se a minha vida irá durar mais do que o noivado do casal.

Até mesmo a olhar para recém-nascidos penso na morte. Saber que nunca viverei para ver um filho meu chegar à idade adulta apagou qualquer desejo de ter filhos.

Não sou uma pessoa depressiva. Nem sequer me sinto triste com o meu

destino. Há muito que o aceitei.

A maior parte das pessoas vive como se fosse durar até aos 100 anos. Planeiam as suas carreiras e as suas famílias e as suas férias e os seus futuros como se fossem estar lá para tudo isso. Mas os meus pensamentos são diferentes dos da maioria das pessoas, pois sei que não posso fingir que vou viver até aos 100 anos. Porque não vou. Com base no estado atual da minha saúde, será uma sorte se viver mais dez anos. E é por isso que penso na morte a cada minuto de cada hora de cada dia da minha vida.

Até hoje.

Até ao momento em que saltei de um avião, olhei para baixo e vi uma terra tão insignificante que não consegui deixar de rir. E não consegui parar. Durante todo o salto, ri-me histericamente e depois desatei a chorar, porque a experiência foi bonita e excitante e excedeu as minhas expectativas. Durante todo o tempo em que estava a cair em direção à terra, a cento e sessenta quilómetros por hora, não pensei na morte uma única vez. Apenas pensei na sorte que tinha por conseguir sentir-me tão viva.

As palavras do Jake repetiam-se na minha cabeça enquanto o vento batia com força contra mim. *Isto é viver!*

Ele tem razão. Nunca tinha vivido tanto, e quero fazê-lo de novo. Estamos no chão há apenas um minuto. A aterragem do Jake foi impecável, mas eu ainda estou presa a ele e estamos sentados no chão. Tenho as pernas esticadas à minha frente e estou a tentar recuperar o fôlego. Sinto-me agradecida por ele me dar um minuto de silêncio para eu assimilar tudo.

Ele começa a soltar-nos e levanta-se. Ainda estou sentada quando ele dá a volta e para à minha frente bloqueando o sol. Olho para ele e sinto-me um pouco envergonhada por estar a chorar, mas não o suficiente para o tentar esconder.

— E então? — pergunta ele, estendendo-me a mão. — Como é que foi?

Aceito a mão dele e ele puxa-me para cima enquanto uso a minha outra mão para limpar as lágrimas do rosto. Fungo e depois rio-me.

— Quero repetir.

Ele ri-se.

— Agora?

Assinto vigorosamente com a cabeça.

— Sim. Foi incrível. Podemos fazê-lo outra vez?

Ele abana a cabeça.

— O avião está reservado para o resto da tarde. Mas posso agendar-te para o meu próximo dia aqui.

Sorrio.

— Seria ótimo.

O Jake ajuda-me a tirar o arnês e eu entrego-lhe o capacete e os óculos. Entramos e eu tiro o resto do equipamento. Quando regresso ao balcão de atendimento, o Jake já tinha imprimido as fotos e descarregado um vídeo do salto.

— Enviei-o para o e-mail que estava no registo — diz ele, enquanto me entrega uma pasta com as fotos. — A morada que está no registo é a tua morada de casa correta?

Assinto com a cabeça.

— É. Vou receber alguma coisa por correio?

Ele desvia os olhos do computador para mim e sorri.

— Não, mas eu vou estar à tua porta hoje às sete.

Oh. Ele estava a falar a sério quando disse que queria celebrar. Então, está bem. De repente, fico muito nervosa. Mas não reajo.

— Vai ser uma celebração casual ou formal? — respondo com um sorriso.

Ele ri-se.

— Posso fazer uma reserva em algum lado, mas, honestamente, sou mais de piza e cerveja. Ou hambúrgueres ou tacos ou o que quer que não me obrigue a usar gravata.

Sorrio, aliviada.

— Perfeito — respondo, afastando-me do balcão. — Vemo-nos às sete. Tenta não te atrasar.

Viro-me e dirijo-me para a porta, mas, antes de eu sair, ele diz:

— Não me vou atrasar. Na verdade, quero até chegar mais cedo.

Eu e o Ridge namorámos tanto tempo que já nem me lembro da última vez em que me enervei ao pensar no que vestir para um encontro. Tirando o gosto dele por sutiãs com fecho frontal, acho que o Ridge nem sequer prestava atenção à minha roupa interior. Mas aqui estou eu, a revirar a cómoda, a tentar encontrar algo que combine ou que não tenha buracos ou que não pareça roupa de avozinha.

Não acredito que não tenho cuecas bonitas.

Abro a última gaveta, cheia de coisas que, por algum motivo, me convenci que nunca usaria. Procuro entre meias sem par e cuecas com abertura frontal que alguém me ofereceu por brincadeira e finalmente encontro algo que me faz esquecer completamente do que estou à procura.

É uma folha de papel dobrada. Não preciso de a abrir para saber o que é, mas vou até à minha cama e faço-o de qualquer forma. Sento-me e olho para a lista que comecei a fazer há mais de uma década, quando tinha apenas 14 anos.

É uma espécie de *bucket list*[1], apesar de na altura eu não saber o que significava «*bucket list*». E é por isso que lhe chamei *Coisas que Quero Fazer antes dos 18 Anos*. A parte *Antes dos 18 Anos* está riscada, pois passei esse aniversário no hospital. Quando cheguei a casa, sentia-me ressentida com o mundo inteiro e com o facto de não ter feito nada do que estava na minha lista. Por isso, risquei o fim do título e alterei-o para *Coisas que Quero Fazer. Talvez Um Dia...*

Há apenas nove coisas na lista.

1) Conduzir um carro de corrida.
2) Saltar de paraquedas.
3) Ver a aurora boreal.
4) Comer esparguete em Itália.
5) Perder cinco mil dólares em Las Vegas.
6) Visitar as Grutas de Carlsbad.
7) Fazer *bungee jumping*.

8) Ter um caso de uma noite.
9) Visitar a Torre Eiffel em Paris.

Olho para a lista e percebo que, das nove coisas que ansiava fazer na adolescência, apenas fiz uma. Saltei de paraquedas. E só o fiz hoje, apesar de ter sido o melhor momento da minha vida.

Estico o braço para a mesa de cabeceira e pego numa caneta. Risco a segunda coisa da lista.

Ainda restam oito coisas na minha lista. E, honestamente, todas são possíveis. Talvez. Se conseguir evitar apanhar uma doença durante uma viagem, todas estas coisas são possíveis. A número oito até pode ser feita hoje mesmo.

Não sei o que o Jake sentiria ao ser riscado como um item numa lista de coisas a fazer, mas acho que não se incomodaria muito de ficar comigo só por uma noite. De qualquer forma, não vou deixar que o encontro desta noite evolua para algo mais. A última coisa que quero é outra situação em que me sinta um fardo para alguém. A ideia de ter um caso de uma noite deixa-me muito mais empolgada do que a possibilidade de ser a namorada com uma doença terminal.

Dobro a lista e guardo-a na gaveta da mesa de cabeceira. Vou até à cómoda e agarro num par de cuecas ao acaso. Nem sequer me preocupo com a aparência delas. Se tudo correr como planeado, vou estar sem elas antes que o Jake se aperceba. Estou a vestir as calças de ganga quando recebo uma mensagem.

Ridge: Missão cumprida.

Sorrio quando leio a mensagem. Já se passaram vários meses desde que terminámos, mas eu e o Ridge ainda trocamos mensagens ocasionalmente. Por mais difícil que tenha sido ver o nosso relacionamento chegar a um fim tão inesperado, seria ainda mais difícil perder a amizade dele. Ele e o Warren são os únicos dois amigos que tive nos últimos seis anos. Estou grata pelo facto de, apesar de a nossa relação não ter resultado, isso não significar que a

nossa amizade não possa resultar. E sim, é estranho falar da Sydney com ele, mas o Warren tem-me mantido atualizada sobre todas as coisas que têm que ver com o Ridge, mesmo nas áreas em que eu não quero estar atualizada. Honestamente, quero que o Ridge seja feliz. E, por mais zangada que tenha ficado quando descobri que ele tinha beijado a Sydney, até gosto da rapariga. Porque ela não apareceu com más intenções nem tentou roubá-lo de mim. Eu e ela demo-nos bem, e sei que eles tentaram agir de forma correta. Não sei se alguma vez conseguiremos conviver como amigos. Isso seria muito estranho. Mas consigo ficar feliz por o Ridge estar feliz. E, desde que o Warren me contou o plano deles de enganar a Sydney e levá-la a um bar ontem à noite para que o Ridge pudesse convencê-la a ficar com ele, fiquei curiosa em saber como tudo iria acabar. Disse ao Ridge para me enviar uma mensagem se o plano deles fosse bem-sucedido ontem à noite, mas acho que não quero pormenores. Consigo aceitar que ela agora faça parte da vida dele, e realmente fico feliz por ele. Só acho que nunca vou estar em posição de querer pormenores.

Maggie: Que bom, Ridge!

Ridge: Pois, é tudo o que diremos sobre isso, porque ainda é muito estranho discutir esse assunto contigo. Tens notícias sobre a tese?

Fico contente por estarmos em sintonia. E nem acredito que me esqueci de lhe dar as boas notícias.

Maggie: Sim! Soube ontem. Tive um 5!

Antes de ele responder, ouço bater à porta. Olho para as horas no telemóvel e são apenas 18h30. Atiro o telemóvel para cima da cama, vou até à sala de estar e espreito pelo óculo da porta. O Jake não estava a brincar quando disse que talvez aparecesse mais cedo. Ainda nem sequer acabei de me arranjar.

Volto para o espelho do corredor e grito enquanto me olho ao espelho:

— Só um segundo.

Depois volto a correr e olho novamente pelo óculo. O Jake está ali fora, com as mãos nos bolsos das calças de ganga, a olhar para o meu jardim da frente, enquanto espera que eu abra a porta. Sinceramente, é um pouco surreal saber que estou prestes a sair com este tipo. Ele é médico! Porque é que será solteiro? É muito giro. E muito alto. E bem-sucedido. E... aquilo é um...?

Abro a porta e saio.

— Cum caraças, Jake. Aquilo é um *Tesla*? — Não quero ser mal-educada, mas passo por ele e dirijo-me diretamente ao carro. Ouço-o a rir-se atrás de mim enquanto me segue até à rua.

Não sou fanática por carros, mas uma das minhas vizinhas namora com um tipo que tem um *Tesla*, e eu estaria a mentir se dissesse que não sou um pouco obcecada por estes carros. Mas não conheço a minha vizinha suficientemente bem para lhe pedir para dar uma volta no carro do namorado dela.

Passo a mão pelo capô preto e elegante.

— É verdade que não têm motor? — Viro-me e o Jake está a observar-me, divertido, enquanto eu olho cobiçosamente para o carro dele e não para ele.

Ele assente com a cabeça.

— Queres ver debaixo do capô?

— Sim.

Ele abre o capô com a chave e, em seguida, passa ao meu lado para o abrir. Não há nada além de uma bagageira vazia, forrada a alcatifa. Não há motor. Não há transmissão. Só há... nada.

— Então estes carros não têm mesmo motor? Nunca é preciso encher o depósito de gasolina?

Ele abana a cabeça.

— Não. Nem sequer é preciso mudar o óleo. A única manutenção são os travões e os pneus.

— Como é que o manténs carregado?

— Tenho um carregador na garagem.

— Ligas o carro à noite, como se carregasses um telemóvel?

— Basicamente.

Viro-me para o carro, admirando-o. Não acredito que vou andar num *Tesla* esta noite. Há dois anos que desejava andar num. Se eu tivesse atualizado a minha lista de desejos nos últimos anos, isto seria decididamente algo que riscaria esta noite.

— São muito bons para o ambiente — diz ele, encostado ao capô. — Sem emissões.

Reviro os olhos.

— Sim, sim, que bom. Mas que velocidade dá?

Ele ri-se e cruza os tornozelos. A voz dele é intencionalmente baixa e sexy quando ergue uma sobrancelha e diz:

— Vai dos zero aos cem… em dois segundos e meio.

— Oh, meu Deus.

Ele acena com a cabeça para o carro.

— Queres conduzi-lo?

Olho de relance para o carro e depois de novo para ele.

— A sério?

O sorriso dele é doce.

— Na verdade… deixa-me fazer um telefonema — diz ele, sacando do telemóvel. — Talvez consiga arranjar-nos um lugar em Harris Hill.

— O que é Harris Hill?

Ele leva o telemóvel ao ouvido.

— Uma pista de corridas pública em San Marcos.

Tapo a boca com a mão, tentando esconder o meu entusiasmo. Quais são as hipóteses de eu riscar um terço da minha lista de desejos num só dia? Paraquedismo, conduzir um carro de corrida *e* um possível caso de uma noite?

[1] Termo usado para designar uma lista de coisas a fazer antes de morrer. [*N. T.*]

3.

Ridge

Abro os olhos e olho para o teto. O meu primeiro pensamento é a Sydney. O meu segundo pensamento é que não acredito que adormeci no sofá a meio da tarde.

Mas eu mal dormi ontem à noite. Na verdade, mal dormi durante toda a semana passada. Estava muito ansioso antes do espetáculo que tinha planeado para a Sydney ontem, sem saber como ela iria reagir. E depois de ela ter reagido melhor do que eu imaginava e de termos acabado em casa dela, não consegui dormir porque não conseguia parar de enviar mensagens com letras de canções ao Brennan. Ele deve ter material suficiente só da noite passada para fazer três canções.

Quando saí do apartamento da Sydney esta manhã, o meu plano era ir para casa e pôr o trabalho em dia, mas não me conseguia concentrar em nada porque estava exausto. Acabei por me deitar no sofá e comecei a ver *A Guerra dos Tronos*. Sou provavelmente a última pessoa a começar a ver a série, mas o Warren anda há meses a tentar que eu o apanhe. Ele está na terceira temporada, e eu consegui ver os três primeiros episódios da primeira antes de adormecer.

Pergunto-me se a Sydney já a terá visto. Se não viu, preferia começar de novo e ver com ela.

Pego no telemóvel e tenho duas mensagens não lidas do Warren, uma da Maggie, uma do Brennan e uma da Sydney. Abro primeiro a mensagem da Sydney.

Sydney: Ouvi a música. Fez-me chorar. É muito boa, Ridge.
Ridge: Acho que estás a ser parcial porque estás apaixonada por mim.

Ela responde imediatamente.

Sydney: Isso não é verdade. Eu adoraria a música mesmo se não te conhecesse.
Ridge: Não és boa para o meu ego. A que horas chegas?
Sydney: Estou a caminho agora. O Warren e a Bridgette vão estar aí?
Ridge: Quase de certeza que ambos trabalham esta noite.
Sydney: Perfeito. Até já.

Fecho a conversa com a Sydney e abro a mensagem do Warren.

Warren: O Brennan enviou-me a música nova. Gosto.
Ridge: Obrigado. Comecei a ver *A Guerra dos Tronos* hoje. Estou a gostar.
Warren: JÁ NÃO ERA SEM TEMPO! Já chegaste ao episódio em que decapitam o Stark à frente das filhas?

Aperto o telemóvel contra o peito e fecho os olhos. Às vezes odeio-o. Odeio-o mesmo.

Ridge: És um idiota de merda.
Warren: Meu, é o melhor episódio!

Atiro o telemóvel para a mesa de centro e levanto-me. Vou até à cozinha e abro o frigorífico à procura de uma forma de me vingar dele. Espero que o Warren esteja a brincar. O Ned Stark? A sério, George?

Há um pedaço de um dos queijos de luxo da Bridgette na gaveta. Tiro-o e abro a embalagem. É um tipo de queijo branco com pedaços de espinafre ou algo do género. O cheiro é péssimo, mas parece uma barra de sabão quando se tira a embalagem. Levo-o para a casa de banho do Warren, tiro o sabonete dele do chuveiro e substituo-o pelo queijo.

O Ned é decapitado? Juro por Deus que, se isso acontecer, deito fora a

minha televisão.

Quando volto para a sala de estar, o meu telemóvel dá sinal em cima da mesa de centro. É uma mensagem da Sydney a dizer-me que acabou de estacionar. Dirijo-me à porta e abro-a, depois desço as escadas. Ela está a subir, e assim que vejo o sorriso na sua cara, esqueço-me da decapitação que estou a rezar para que seja apenas uma partida terrível que o Warren me está a pregar.

Encontramo-nos a meio das escadas. Ela ri-se da minha ânsia quando a empurro contra o corrimão e a beijo.

Meu Deus, amo-a. Juro, não sei o que teria feito se ela não tivesse feito o gesto de «quando» ontem à noite. Tenho a certeza de que ainda estaria sentado naquele palco, a tocar todas as canções tristes de que me lembrasse enquanto bebia até à última gota de álcool do bar. Mas não só o pior cenário não aconteceu, como o melhor cenário aconteceu. Ela adorou e ama-me e aqui estamos nós, juntos, prestes a passar uma noite perfeita e aborrecida no meu apartamento, sem fazer mais nada senão comer e ver televisão.

Afasto-me dela e ela limpa o batom da minha boca com a mão.

— Já viste *A Guerra dos Tronos*? — pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça.

— Queres ver?

Ela anui. Agarro-lhe na mão e subo as escadas com ela. Quando entramos, ela vai à casa de banho e eu pego no telemóvel. Abro a mensagem não lida da Maggie.

Maggie: Sim! Soube ontem. Tive um 5.

Ridge: Porque é que não estou surpreendido? Parabéns! Espero que estejas a fazer alguma coisa para celebrar.

Maggie: E fiz. Fui fazer paraquedismo.

Paraquedismo? Espero que ela esteja a brincar. Paraquedismo é a última coisa que ela devia fazer. Não pode ser bom para os pulmões. Começo a responder-lhe, mas paro a meio da mensagem. Esta era a única coisa que ela

não gostava em mim. A minha preocupação constante. Tenho de parar de me preocupar com o facto de ela fazer coisas que podem piorar a sua situação. A vida é dela, e ela merece vivê-la como quiser.

Apago a minha resposta. Quando levanto os olhos do telemóvel, a Sydney está junto ao frigorífico a olhar para mim.

— Estás bem? — pergunta ela.

Endireito-me e guardo o telemóvel no bolso. Não quero falar da Maggie agora, por isso sorrio e guardo o assunto para outro dia.

— Vem cá — digo-lhe.

Ela sorri e aproxima-se de mim, passando os braços à volta da minha cintura. Puxo-a para mim.

— Como foi o teu dia?

Ela sorri.

— Excelente. O meu namorado compôs uma música para mim.

Encosto os lábios à testa dela, depois coloco o polegar por baixo do seu queixo, inclinando-lhe o rosto para o meu. Assim que começo a beijá-la, ela agarra na minha camisa e começa a andar para trás em direção ao meu quarto. Não interrompemos o beijo até ela cair na minha cama e eu subir para cima dela.

Beijamo-nos durante vários minutos com a roupa vestida, o que eu retificaria, mas é agradável. Não nos apaixonámos de uma forma típica, por isso passámos de um beijo que nos encheu de culpa durante semanas para um período de três meses em que não comunicámos de todo, e para uma noite em que fizemos as pazes e fizemos amor. Não éramos nada e, de repente, estávamos completamente envolvidos. É bom ir devagar agora. Quero passar o resto da noite a beijá-la, porque há três meses que penso em beijá-la assim.

Ela vira-me, deitando-me de costas, e depois desliza para cima de mim, interrompendo o nosso beijo. O cabelo cai-lhe à volta do rosto e ela tira-o da frente, fazendo-o deslizar por cima do ombro. Beija-me suavemente na boca e depois senta-se, pondo-se em cima de mim para poder falar em língua gestual.

— A noite passada parece... — Faz uma pausa, não sabendo bem como continuar, e então decide falar: — Parece que foi há uma eternidade.

Eu aceno em concordância e levanto as mãos para lhe ensinar o gesto para a palavra «eternidade». Profiro-a enquanto ela a faz em língua gestual. Quando a faz corretamente, assinto com a cabeça e digo, por gestos:

— Muito bem.

Ela cai ao meu lado e soergue-se sobre o cotovelo.

— Qual é o gesto para a palavra «surdo»?

Faço o gesto, deslizando a mão pelo maxilar e em direção à boca.

Ela arrasta o polegar da orelha até ao queixo.

— Assim?

Abano a cabeça para dizer que percebeu mal. Apoio-me no cotovelo, pego-lhe na mão, coloco o seu polegar para dentro e estico-lhe o dedo indicador. Aproximo-o da orelha e faço-o deslizar pelo maxilar, em direção à boca.

— Assim — digo-lhe. Ela repete o gesto para a palavra «surdo» na perfeição. Isso faz-me sorrir. — Perfeito.

Ela recosta-se na almofada e sorri. Adoro o facto de ela ter estudado língua gestual durante os três meses em que estivemos separados. Por muito zangado que esteja com o Warren por me ter estragado *A Guerra dos Tronos*, nunca lhe poderei pagar tudo o que fez para me ajudar a mim e à Sydney a aprendermos a comunicar sem tantas barreiras. Ele é mesmo um bom amigo... quando não está a ser um completo idiota.

Ela aprendeu a língua gestual muito depressa. Fico impressionado sempre que faz um gesto para alguma coisa. Faz-me querer que a partir de agora ela fale sempre em língua gestual, e faz-me querer proferir todas as palavras que tiver para lhe dizer.

— É a minha vez — digo eu. — Qual é o som que um gato faz?

Há muitas palavras que eu ainda não compreendo, e os sons dos animais são uma grande parte disso. Talvez eu tenha dificuldade em perceber esses sons porque é impossível ler os lábios quando o som vem de um gato ou de um cão.

— Queres dizer miau? — pergunta ela.

Aceno com a cabeça e pressiono os dedos sobre a garganta dela para sentir a sua voz quando ela o diz. Ela repete a palavra e eu faço a minha melhor tentativa.

— Mi... ou?

Ela abana a cabeça.

— A primeira parte está bem... Mi.

— Mi?

Ela assente com a cabeça.

— Segunda parte... — Levanta a mão para fazer as letras A e U, enquanto as profere novamente. Mantenho a palma da mão sobre a garganta dela.

— Outra vez — digo.

Ela enuncia lentamente.

— Mi... au.

Adoro a forma como os lábios dela formam um círculo no final do som. Inclino-me e beijo-a antes de tentar pronunciar o som outra vez.

— Mi... iau.

Ela sorri.

— Está melhor.

Digo mais depressa.

— Miau.

— Perfeito.

Começo a perguntar-lhe, em língua gestual, porque é que se usa «miau» em certos casos, mas esqueço-me de que ela ainda não sabe falar bem em língua gestual, e arregala os olhos, confusa, enquanto tenta seguir as minhas mãos. Eu inclino-me sobre ela, pego no telemóvel e escrevo a minha pergunta.

Ridge: Porque é que a palavra MIAU por vezes é usada para descrever quando algo é sexy? A palavra tem um som sexy quando é falada?

Ela ri-se e as bochechas dela coram um pouco quando diz:

— Muito.

Acho isso interessante.

Ridge: Também é sexy quando uma pessoa ladra como um cão?

Ela abana a cabeça.

— Não. De todo.

A forma verbal da língua inglesa é muito confusa. Mas eu adoro aprender mais sobre isso com ela. Foi a primeira coisa que me seduziu nela, além da atração física. A paciência dela com a minha incapacidade de ouvir e a vontade de querer saber tudo sobre o assunto. Não há muitas pessoas assim neste mundo, e de cada vez que ela fala em língua gestual, lembro-me da sorte que tenho.

Puxo-a para mais perto e inclino-me para a orelha dela.

— Miau.

Quando recuo, ela já não está a sorrir. Está a olhar para mim como se isso fosse a coisa mais sexy que alguma vez ouviu. Confirma o que eu estou a pensar fazendo deslizar os dedos pelo meu cabelo e puxando a minha boca para a dela. Viro-me para cima dela e separo-lhe os lábios com a língua. Quando começo a dar-lhe um beijo mais profundo, sinto a vibração do gemido dela, e depois perco-me.

E as nossas roupas também. Lá se vai a ideia de ir devagar esta noite.

4.

Sydney

Sigo o percurso do dedo do Ridge com os olhos enquanto ele o passa para trás e para a frente sobre a minha barriga. Estamos deitados assim há cinco minutos, ele a passar os dedos em círculos suaves sobre a minha pele enquanto me observa. De vez em quando, beija-me, mas estamos ambos demasiado exaustos para a segunda volta.

Nem sequer sei como é que ele ainda está acordado. Mal dormiu ontem à noite em minha casa, porque ficou acordado a escrever aquela canção para mim, e depois, assim que cheguei, há uma hora e meia, viemos diretamente para o quarto e temos estado bastante ocupados. São quase oito e, se eu não jantar em breve, vou adormecer aqui mesmo na cama dele.

O meu estômago ronca, e o Ridge ri-se, pressionando a palma da mão contra o meu estômago.

— Estás com fome?

— Sentiste isso?

Ele assente com a cabeça.

— Deixa-me tomar banho, e depois vou pensar no jantar. — Beija-me e sai da cama, dirigindo-se para a casa de banho. Encontro a t-shirt dele e visto-a antes de ir à cozinha buscar algo para beber. Quando abro o frigorífico, ouço alguém atrás de mim.

— Olá.

Grito e depois escancaro a porta do frigorífico, e tento esconder o meu traseiro despido atrás dela. O Brennan está sentado no sofá, a sorrir.

Tal como os outros dois tipos da banda dele, a quem ainda não fui formalmente apresentada.

O Brennan inclina a cabeça.

— Na noite em que te conheci, não tinhas uma t-shirt vestida. E agora só tens uma t-shirt vestida.

Não me lembro de alguma vez ter ficado tão mortificada na minha vida. Nem sequer vesti as cuecas e, mesmo que a t-shirt do Ridge me cubra o traseiro, não sei como fazer todo o caminho de volta para o quarto dele sem perder o meu último fragmento de dignidade.

— Olá — respondo, levantando o braço acima da porta com um aceno patético. — Importam-se de desviar o olhar para que eu possa ir buscar umas calças?

Todos se riem, mas olham para a parede para que eu possa correr de volta para o quarto do Ridge. Assim que começo a fechar a porta do frigorífico, a porta da frente abre-se e o Warren entra no apartamento. Abro novamente a porta do frigorífico para continuar a proteger-me.

A Bridgette entra de rompante no apartamento atrás do Warren, e depois o Warren bate com a porta.

— Vai! — diz ele, mandando-a embora com a mão, enquanto ela atravessa a sala de estar em direção ao quarto. — Vai esconder-te no teu quarto, Bridgette, e dá-me o tratamento do silêncio como sempre fazes!

A Bridgette bate com a porta do quarto. Olho para o Warren, que está a olhar para o Brennan e para os outros dois tipos no sofá.

— Olá — diz ele, ainda sem reparar em mim. — O que é que se passa?

Nenhum deles está a olhar para o Warren, porque eu lhes pedi que se virassem para a parede, por isso o Brennan ainda está a olhar para a parede quando diz:

— Olá, Warren.

— Porque é que estás a olhar para a parede?

O Brennan aponta para o frigorífico, mas continua a olhar para a parede.

— Estamos à espera de que ela corra de volta para o quarto do Ridge para poder vestir-se.

O Warren volta a sua atenção para mim, e os olhos dele iluminam-se imediatamente.

— Bem, que bela visão — diz, lançando as chaves para cima da bancada. — Eu sei que passo a vida a ver-te, mas é bom ver-te finalmente de volta a esta casa.

Engulo em seco, tentando permanecer estoica.

— É... bom estar de volta, Warren.

Ele aponta para a porta do frigorífico.

— Não devias deixar assim a porta aberta. O Ridge agora obriga-me a dividir as contas com ele, e tu estás a desperdiçar muita eletricidade.

Anuo com a cabeça.

— Sim. Desculpa. Mas estou sem calças, e se tu fores para ali olhar para a parede como eles, eu fecho a porta e volto para o quarto do Ridge.

O Warren inclina a cabeça, dá dois passos na minha direção e inclina-se para a direita como se estivesse a tentar espreitar pela porta do frigorífico.

— Estás a ver? — grita a Bridgette do outro lado da sala, parada à porta agora aberta do quarto do Warren. — É exatamente disto que estou a falar, Warren! Tu namoriscas com toda a gente! — A porta bate novamente.

O Warren vira a cabeça, suspira e depois dirige-se para o quarto. Aproveito a oportunidade para fazer uma corrida louca de volta ao quarto do Ridge. Fecho a porta e encosto-me a ela, cobrindo a cara com as mãos.

Nunca mais vou voltar lá para fora.

Dirijo-me à casa de banho do Ridge quando ele abre a porta. Tem uma toalha enrolada em torno da cintura e está a secar o cabelo com outra toalha. Corro em direção a ele e envolvo-o com os braços, enterrando o rosto no seu peito enquanto fecho bem os olhos. Começo a abanar a cabeça até que ele me afasta do peito para poder olhar para mim. Nem consigo imaginar o que está a ver, porque estou a gemer, a franzir o sobrolho e a rir-me do meu embaraço.

— O que é que aconteceu?

Aponto para a sala de estar e depois digo em língua gestual:

— O teu irmão. O Warren. A banda. Aqui.

Depois aponto para o meu corpo seminu e para o facto de as minhas nádegas estarem praticamente à mostra na t-shirt dele. Ele olha-me de cima a baixo e depois olha na direção da sala de estar, depois olha para mim outra vez, semicerrando os olhos como se estivesse a lembrar-se de alguma coisa.

— Da primeira vez que viste o Brennan... estavas só de sutiã. Agora estás...

— Eu *sei* — gemo, caindo na cama dele.

O Ridge começa a rir-se enquanto veste as calças de ganga. Depois, inclina-se para frente, e eu acho que ele vai beijar-me, mas, em vez disso, puxa a t-shirt pela minha cabeça e tira-ma. Ele está completamente vestido, e eu estou ainda mais nua do que quando entrei na sala de estar. Ele dá-me as minhas roupas e eu sei que ele quer apresentar-me oficialmente à banda, mas eu quero enrolar-me numa bola e esconder-me até todos se irem embora.

Faço um esforço e visto-me, porque o Ridge está a sorrir-me como se tudo isto o divertisse, e o sorriso dele faz-me esquecer quão envergonhada me sinto. O beijo que ele me dá quando me puxa para a porta faz-me esquecê-lo ainda mais.

Quando voltamos para a sala de estar, o Brennan está sentado na bancada com as pernas penduradas, a balançar para a frente e para trás. Sorri-me, e é enervante o quanto ele e o Ridge são parecidos, apesar de se comportarem de formas muito diferentes. O Ridge acompanha-me até ao sofá, onde os outros dois membros dos Sounds of Cedar se levantam para me apertar a mão.

— Spencer — diz o moreno alto. Ele é o baterista. Sei disso porque já os vi tocar. Só que nunca fui apresentada.

— Price — diz o outro, apertando-me a mão. Ele toca guitarra principal e é vocal de apoio, e, apesar de a estrela da banda ser decididamente o Brennan, acho que o Price também chama muito a atenção. Tem o porte de estrela de *rock*, mesmo que a música deles não seja tipicamente *rock*. Tem uma *vibe* mais *pop*/alternativa. Mas provavelmente poderia tocar qualquer tipo de música, porque é muito carismático em palco. O Brennan às vezes dá um passo atrás e deixa-o brilhar.

— Eu sou a Sydney — digo, com uma confiança muito forçada. — É muito bom conhecer-vos finalmente. Sou uma grande fã da banda. — Gesticulo na

direção dele e do Brennan. — É impressionante a rapidez com que vocês gravam as coisas.

— Sydney, somos todos grandes fãs teus — diz o Price a rir-se. — O Ridge passou por um longo período de seca até tu apareceres.

Eu arregalo os olhos e olho para o Ridge, que está a olhar para o Brennan, que está a repetir em língua gestual tudo o que todos estão a dizer. O Ridge olha imediatamente para mim, e depois para o Price.

— Período de seca? — diz o Ridge em voz alta.

— Período de seca *lírica* — acrescenta o Price, esclarecendo o que quis dizer. — Eu quis dizer lírica. — Agora o Price parece envergonhado.

Meu Deus, isto é tão embaraçoso.

— Estou com fome — declara o Brennan, batendo com ambas as mãos na bancada. — Já alguém comeu?

— Chinês parece-me bem — sugiro.

O Brennan pega no telemóvel e olha para o ecrã.

— Uma rapariga que sabe o que quer. Gosto disso.

Leva o telemóvel ao ouvido.

— Chinês, então. Vou pedir um monte de tudo.

Tento não ficar a olhar demasiado para ele. Simplesmente não consigo ignorar o quanto ele se parece com o Ridge fisicamente, mas com uma personalidade completamente diferente. O Ridge é responsável e maduro, e o Brennan parece completamente despreocupado. Com tudo. É como se não se preocupasse com nada, enquanto o irmão mais velho assume o fardo de se preocupar com tudo.

— Então, eu e a Bridgette estamos zangados, caso não tenham reparado — diz o Warren, sentando-se no sofá e vendo as suas mensagens no telemóvel. Olha para mim. — Ela diz que eu namorisco demais com outras pessoas.

Rio-me.

— E é verdade.

— Traidora — murmura o Warren, revirando os olhos. — Devias ficar do meu lado.

— Não há lados quando é um facto — respondo. — Tu namoriscas

comigo. Namoriscas com a Bridgette. Namoriscas com a velhota que vive no meu prédio. Raios, até namoriscas com o cão dela. És um namoradeiro, Warren.

— Ele namorisca comigo — diz o Spencer.

O Warren ainda está a olhar para as suas mensagens quando lê algo que o faz parar. Ri-se um pouco e depois olha para o Ridge e para o Brennan.

— A Maggie foi fazer paraquedismo hoje.

Sustenho a respiração perante a menção do nome dela. Naturalmente, olho para o Ridge, que está encostado à bancada ao lado do Brennan.

— Que bom para ela — diz o Brennan, tapando o microfone do telemóvel com a mão.

O Ridge apenas assente com a cabeça, sem expressão.

— Eu sei — diz. — Ela contou-me. — Olha para mim por um breve segundo e depois para o telemóvel.

Sinto a boca seca. Comprimo os lábios. Há pouco, quando saí da casa de banho, vi o Ridge a segurar no telemóvel com uma expressão destroçada. Não percebi o que o tinha levado a reagir assim. Assumi que era trabalho.

Mas... não era trabalho. Era a Maggie. Ele estava preocupado com a Maggie.

Não gosto do que estou a sentir neste momento. Tiro o telemóvel do bolso e tento ocupar-me, mas estou de pé, desajeitada, no meio da sala de estar. O Brennan termina a chamada para o restaurante chinês, e o Warren e o Ridge estão ambos a olhar para os telemóveis. De repente, sinto-me deslocada. Como se não pertencesse a esta sala de estar, com estas pessoas, neste apartamento. O Brennan diz algo em língua gestual ao Ridge. Começam, então, uma conversa silenciosa com o Warren, demasiado rápida para eu acompanhar, o que me faz pensar que não querem que eu saiba o que estão a dizer. Tento ignorá-los, mas não consigo deixar de olhar quando o Warren diz:

— Tu preocupas-te demais, meu.

— Típico do Ridge — diz o Brennan. Assim que diz isso, olha para mim e depois para o Ridge, e fica ligeiramente tenso. — Desculpa. Isto é estranho?

Nós não devíamos falar sobre a Maggie. É estranho. — Olha para o Warren, que começou a conversa. — Cala a boca, Warren.

O Warren ignora o comentário do Brennan com um aceno despreocupado na minha direção.

— A Sydney é fixe. Ela não é uma NAMORADA PSICÓTICA E EGOÍSTA, COMO ALGUMAS PESSOAS! — grita em direção ao seu quarto.

Dois segundos depois, a Bridgette abre a porta e responde:

— Não sou tua namorada. Acabei contigo.

O Warren parece ofendido. E confuso. Levanta as mãos.

— Quando?

— Agora mesmo — responde a Bridgette. — Estou a acabar contigo agora mesmo, idiota. — Bate com a porta e, tristemente, ninguém lhe presta muita atenção. Algumas coisas não mudaram nada por aqui. O Warren nem sequer se levanta do sofá para ir atrás dela.

Sinto o meu telemóvel a vibrar, por isso olho para a mensagem.

Ridge: Olá.

Olho para ele, e está sentado na bancada, ao lado do Brennan. Estão ambos a balançar as pernas, sentados da mesma maneira, e o Ridge tem um ar completamente adorável enquanto me sorri. Os olhares que ele me lança são intoxicantes. Faz um gesto para que eu vá para junto dele, por isso aproximo-me. Ele abre as pernas e vira-me para que eu encoste as costas ao peito dele. Beija-me na lateral da cabeça e envolve os meus ombros com os braços.

— Ei, Sydney — diz o Brennan. — O Ridge mostrou-te a música que o Price escreveu?

Olho para o Price e depois de novo para o Brennan.

— Não, qual delas é?

O Brennan faz sinal ao Ridge para ele pôr a canção a tocar, e o Ridge segura o telemóvel à minha frente e procura-a.

— *Mesmo que Estivesses de Costas* — diz o Price do sofá.

— Gravámo-la na semana passada — diz o Brennan. — Eu gosto. Acho que vai ter sucesso. O Price escreveu-a para a mãe dele.

O Price atira uma almofada na direção do Brennan.

— Vai-te lixar — diz ele. Olha para mim e encolhe os ombros. — Sou um menino da mamã.

Rio-me, porque ele não parece o típico menino da mamã.

O Ridge encontra a canção e carrega no *play*. Pousa o telemóvel na coxa e, em seguida, envolve-me novamente com os braços enquanto eu ouço. Mal começa a tocar, uma mensagem aparece no telemóvel do Ridge. Olho para o ecrã.

Maggie: Adivinha? Finalmente estou a andar num *TESLA*!!!

O Ridge deve ter visto a mensagem assim que eu a ouço e leio, porque as pernas dele param de balançar e ele retesa-se. Estamos ambos a olhar para o telemóvel, e eu sei que ele está à espera da minha reação, mas não sei como devo reagir. Nem sequer sei o que devia estar a sentir neste momento. É tudo demasiado estranho. Estico o braço e faço deslizar a mensagem para cima, para que desapareça. Depois, ponho a música em pausa e digo ao Price:

— Vou ouvi-la mais tarde. Está muito barulho aqui.

O Ridge aperta o braço à volta da minha cintura enquanto pega no telemóvel e começa a escrever uma mensagem só com uma mão. Não sei se está a responder-lhe ou não, mas acho que não é da minha conta. Será que é? Nem sequer sei se devia estar zangada. Acho que não estou zangada. *Confusa* é uma palavra melhor para o que estou a sentir. Ou talvez *desconfortável* seja a melhor forma de o descrever.

O Ridge puxa a minha mão para que eu me vire e olhe para ele. Ainda estou de pé entre as suas pernas, mas desta vez estou de frente para ele, a olhar para ele, tentando não deixar que me leia os pensamentos. Ele põe o telemóvel na minha mão e, quando olho para o ecrã para ler o que escreveu na aplicação de notas, baixa a testa até à minha.

Ridge: Ela é minha amiga, Sydney. Às vezes trocamos mensagens.

Enquanto leio a nota no seu telemóvel, as mãos dele deslizam suavemente

pelos meus braços, num gesto de conforto. É espantoso como ele consegue comunicar muito mais de forma não verbal, por ter sido tão reprimido pela sua comunicação verbal. Ao encostar a sua testa à minha, enquanto leio o que ele escreveu, é como se estivesse a dizer silenciosamente: «Somos uma equipa, Sydney. Eu e tu.»

E a forma como faz deslizar as mãos pelos meus braços é equivalente a mil tranquilizações verbais.

Eu estava à espera de que ele ainda falasse com a Maggie. O que eu não esperava era que isso me incomodasse como está a incomodar. Mas não é por achar que o Ridge e a Maggie estão errados. É porque sinto que serei sempre a miúda que se meteu entre eles, não importa quão amigáveis continuem a ser. Eu posso ser amiga de todos os amigos do Ridge, mas não tenho a certeza se poderia ser amiga da Maggie. Por isso, o facto de ele *ser* amigo dela faz-me sentir que estou a mais nessa amizade.

É uma sensação estranha. E não gosto dela, por isso não posso deixar de ter uma reação percetível. Especialmente para o Ridge. Ele repara em todas as reações não verbais que tenho, porque esse é o foco da comunicação dele.

Devolvo-lhe o telemóvel e forço um sorriso, mas sei que é provável que os meus sentimentos estejam escritos no meu rosto. Ele puxa-me para um abraço reconfortante e depois beija-me de lado na cabeça. Encosto o rosto ao pescoço dele e suspiro.

— Meu Deus, vocês os dois são tão giros juntos — diz o Brennan. — Isso faz-me querer uma namorada. Por uma semana inteira, talvez.

O comentário dele faz-me rir. Afasto-me do Ridge e viro-me, inclinando as costas para ele novamente.

— Tu estás prestes a ter uma por mais de uma semana — diz o Spencer. — A Sadie vai fazer a nossa abertura nos próximos dois meses.

O Brennan geme.

— Nem me lembres disso.

A distração é bem-vinda.

— Quem é a Sadie?

O Brennan olha para mim e responde:

— A Sadie é o Satanás.

— O nome dela é Sadie Brennan — diz o Warren, levantando-se. — Não confundir com Brennan Lawson. É coincidência eles partilharem parte do nome, e também é coincidência o Brennan pensar que ela era uma *groupie* quando a conheceu.

O Brennan pega num rolo de papel de cozinha de cima da bancada e atira-o ao Warren.

— Foi um erro justificável.

— Acho que tenho de ouvir essa história — digo.

— Não — exclama o Brennan.

Na mesma altura em que o Brennan diz que não, o Warren intervém.

— Eu conto. — Vira uma das cadeiras da mesa para trás e senta-se, de frente para nós. — O Brennan tem um hábito — diz o Warren, por palavras e em língua gestual. — Os Sounds of Cedar não são uma banda muito conhecida, mas, localmente, vocês sabem, têm um bom público. Há bastantes fãs a virem cumprimentar-nos depois dos espetáculos.

O Warren está a repetir tudo em língua gestual ao Ridge, por isso acho graça quando a cabeça do Brennan cai para trás e ele geme, e diz por gestos e por palavras:

— Cala-te.

Nunca me vou cansar de os ver a dizer tudo ao Ridge em língua gestual. É como se fosse uma segunda natureza, e eles nem sequer se apercebessem de que o estão a fazer. É esse o meu objetivo. Quero aprender a comunicar dessa forma até ao ponto em que eu e o Ridge não tenhamos quaisquer barreiras.

— Por vezes, depois dos espetáculos, se o Brennan acha uma rapariga gira, manda-lhe um bilhete com os dados do hotel, a perguntar se ela quer conversar em privado. Cinco em cada dez vezes, elas aparecem uma hora depois à porta do quarto de hotel dele.

— Dez vezes em dez — corrige o Brennan.

Meu Deus, ele e o Ridge são tão diferentes.

O Warren revira os olhos e continua:

— Acontece que a Sadie foi uma das raparigas a quem ele enviou um

bilhete. Mas o que ele não sabia é que ela não estava lá como fã. Estava lá para falar com ele sobre um concerto. E o que ela não sabia é que, quando o Brennan dá o número dele a alguém depois de cada espetáculo, tem a intenção de a engatar. Ela pensou que ele lhe tinha passado um bilhete porque queria falar com ela sobre fazer a abertura dos nossos concertos na próxima digressão. Por isso, quando apareceu no quarto de hotel dele nessa noite, digamos que houve muita confusão.

Olho para o Brennan, e ele está a passar a mão pela cara como se estivesse envergonhado.

— Meu, eu odeio esta história.

Ele pode odiá-la, mas eu estou a gostar muito dela.

— E o que é que aconteceu?

O Brennan geme.

— Não podemos terminar a história aqui?

— Não — responde o Warren. — É aqui que a coisa fica boa.

O Brennan parece muito embaraçado, mas é ele próprio que continua a história.

— Digamos que ela demorou alguns segundos a perceber porque é que eu achava que ela estava ali, e eu demorei mais de alguns segundos a perceber que ela não estava ali porque queria que eu lhe tirasse a roupa.

— Oh, não. Coitada.

O Brennan faz uma careta.

— Coitada, uma ova. Eu disse-te que ela é o Satanás. Ela faz a Bridgette parecer um anjo.

— Eu ouvi isso — grita a Bridgette do quarto. O Brennan encolhe os ombros. — É verdade.

— Ela não é assim tão má — diz o Price ao Brennan. — Apenas *te* odeia.

— Mas... ela vai fazer a abertura na próxima digressão? Não deve odiar-vos muito — digo.

O Brennan abana a cabeça.

— Não, ela odeia-me mesmo. Mas também tem um enorme talento. Essa é a única razão pela qual conseguiu o espetáculo.

— Tens algumas das canções dela? — pergunto. — Quero ouvir uma.

O Brennan aproxima-se de nós e passa-me o telemóvel depois de procurar um vídeo no YouTube. O Ridge puxa-me para perto dele e desce da bancada para pôr na mesa os pratos para a comida chinesa. Eu vejo o vídeo no telemóvel do Brennan com absoluta admiração. A rapariga é mesmo bonita. E é muito talentosa. Vejo o primeiro vídeo, e depois outro, e depois um terceiro antes de me aperceber de que o Brennan não mexeu um músculo. Ele pode fingir que não está interessado nela o quanto quiser, mas sustém a respiração durante todos os vídeos, sem tirar os olhos do ecrã.

Estamos a ver o quarto vídeo quando chega a comida. Todos preparamos os nossos pratos e nos sentamos à mesa. É a primeira refeição que eu e o Ridge comemos juntos como casal. Ele está sentado mesmo ao meu lado com a mão esquerda na minha coxa. Fizemos muitas refeições juntos nesta mesa, obrigando-nos a sentar o mais longe possível um do outro. É bom poder finalmente tocar-lhe — sentar-me perto dele — e não ter de lutar contra tudo o que está a crescer dentro de mim.

Gosto disto.

A porta da casa de banho junto do quarto do Warren escancara-se. A Bridgette está de toalha, encharcada do duche. Os olhos dela percorrem a mesa até encontrarem o Warren e depois atira-lhe qualquer coisa, atingindo-o no peito. O que quer que seja, cai no prato dele. Depois bate com a porta.

Todos olham para o Warren. Ele pega no bloco do que quer que ela lhe tenha atirado e fica a olhar para ele durante um segundo. Depois cheira-o. A cabeça dele vira-se lentamente para o Ridge.

— Queijo? Puseste *queijo* no chuveiro?

Eu olho para o Ridge, e ele está a tentar não sorrir.

O Warren cheira o queijo novamente e, em seguida, dá-lhe uma pequena dentada. Eu cubro a boca com a mão, tentando não me engasgar. *Será que ele não percebe que a Bridgette teve de esfregar aquele bloco de queijo nalguma parte do corpo antes de perceber que não era sabonete?*

O Warren põe o queijo no prato, como se tivesse acabado de receber um prato grátis com a sua refeição.

Por mais nojentas que algumas delas sejam, senti falta das partidas deles. Aperto a perna do Ridge para lhe dizer que foi uma partida inteligente.

Quando acabamos de comer, envio uma mensagem ao Ridge e digo-lhe que tenho de ir. Tenho de acordar cedo amanhã, e já vai passar das dez quando chegar a casa. Despeço-me de todos os rapazes e o Ridge acompanha-me à porta. Quando chegamos ao meu carro, ele abre-me a porta, mas não me dá um beijo de despedida. Espera que eu me sente, e então vai até ao lado do passageiro e senta-se também.

Pega no meu telemóvel, que eu acabei de pousar na consola, e entrega-mo.

Ridge: Estás bem?

Eu assinto com a cabeça, mas ele não parece convencido. Não sei como dizer «Para de ter amigos!» sem me sentir um pouco a Bridgette.

Ridge: Incomoda-te?

Ele nem precisa de especificar do que está a falar. Ambos sabemos. E eu não sei como lhe responder. Não quero ser aquela namorada ciumenta que tem problemas com tudo, mas como é que posso não ter ciúmes quando uma parte de mim ainda inveja a Maggie?

Ridge: Por favor, sê sincera, Syd. Eu quero saber o que estás a pensar.

Eu suspiro, agradecida por ele se importar o suficiente para falar sobre isso, mas ao mesmo tempo desejando que pudéssemos varrer isto para debaixo do tapete.

Sydney: É desconfortável. Incomodou-me ver-te tão preocupado com ela. Mas também me incomodaria se não te preocupasses. Por isso, é apenas... estranho. Acho que vou demorar algum tempo a acostumar-me.

Ridge: Eu preocupo-me com ela. E gosto dela. Mas não estou apaixonado por ela, Sydney. Estou apaixonado por ti.

Quando termino de ler a mensagem, ele inclina-se sobre o assento e segura o meu rosto entre as mãos.

— Amo-te.

A sinceridade na sua expressão faz-me sorrir.

— Eu sei que sim. Eu também te amo.

Ele olha-me fixamente por instantes, procurando qualquer dúvida que reste na minha expressão. Depois dá-me um beijo de boas-noites. Quando sai do carro, sobe os degraus dois a dois. Chega ao topo e manda-me uma nova mensagem.

Ridge: Avisa-me quando chegares a casa. E obrigado.

Ridge: Por seres tu.

Quando olho para cima, ele sorri e desaparece no apartamento. Olho para a porta dele por momentos e, quando deixo cair o telemóvel na mala, alguém bate à minha janela. Dou um salto e levo a mão ao peito. Quando olho pela janela, reviro os olhos.

Só podem estar a brincar comigo.

O Hunter está parado junto à janela do lado do condutor, a olhar para mim, à espera. Esqueci-me de que ele frequentava este complexo de apartamentos. Acho que isso significa que ainda está com a Tori. Fico a olhar para ele por instantes e não sinto absolutamente nada. Nem sequer raiva.

Faço marcha-atrás e arranco, afastando-me do complexo sem olhar para trás. Agora só olho para a frente.

Ridge: Estás a dormir?

Olho para a hora a que foi enviada a mensagem. Enviou-a há apenas dois minutos. Tiro a toalha da cabeça e passos os dedos pelo cabelo antes de lhe responder.

Sydney: Não. Acabei de sair do duche.

Ridge: Ah, sim? Então estás nua?

Sydney: Tenho uma toalha. E não, Ridge, não vou tirar nenhuma fotografia.

Ridge: Não quero uma fotografia. Quero que abras a porta e me deixes entrar.

Olho de relance para a sala de estar, depois volto a olhar para o telemóvel. *Ele está aqui?* Só saí de casa dele há uma hora. Corro para a sala de estar com a preocupação no fundo do estômago. Espero que não tenha acontecido nada. De certeza que o Hunter não fez nada de estúpido depois de eu me ter ido embora.

Olho pelo óculo e lá está ele, a olhar para a porta. Deixo a luz da sala de estar apagada, já que estou a abrir a porta com apenas uma toalha. O Ridge entra no apartamento. Fecho a porta. Está escuro, e de repente já não estou a usar uma toalha. A boca do Ridge está na minha, e as minhas costas estão contra a parede da sala de estar.

O Ridge não é propriamente o tipo de pessoa que aparece sem avisar, mas não me importo com isso.

Não me importo *absolutamente nada* com isso.

O que me importa é que ele está vestido e eu não.

Tiro-lhe a camisa e desabotoo-lhe as calças. A boca dele está em todo o lado, mas as mãos dele encurralaram-me contra a parede. Ele tira as calças e depois levanta-me, colocando as minhas pernas à volta da sua cintura. Começa a dirigir-se para o quarto, mas então apercebe-se de que estamos muito mais perto do sofá, por isso vira-se e baixa-me para o sofá.

Ainda estamos a beijar-nos quando ele se baixa sobre mim, e depois está dentro de mim e é incrível. Estou tão apaixonada por este homem.

Ele interrompe o beijo por momentos, por isso deixo a cabeça cair para trás na almofada e relaxo enquanto ele me beija o pescoço. Quando chega novamente à minha boca, afasta-se e olha para mim. Afasta o meu cabelo para trás, e há luz suficiente da janela a incidir sobre nós para que eu possa ver todas as emoções nos seus olhos. Ele está a olhar para mim com tanto sentimento quando diz: «Amo-te, Sydney.» Faz uma pausa por cima de mim

para que eu me concentre nas suas palavras e em mais nada. «Amo-te mais do que alguma vez amei alguém.»

Fecho os olhos, porque o impacto das palavras dele atinge-me por todo o lado. Não fazia ideia do quanto queria aquelas palavras. *Precisava* daquelas palavras. E ele sabe que eu nunca lhe pediria para admitir isso ou para nos comparar com a sua última relação, mas aqui está ele, a querer diminuir qualquer réstia de dúvida que eu possa ter tido quando estive no apartamento dele esta noite. Repito as suas palavras em silêncio, sem nunca querer esquecer este momento. Este sentimento. *Amo-te mais do que alguma vez amei alguém.*

A sua boca quente encosta-se suavemente à minha, e a sua língua desliza pelos meus lábios, procurando delicadamente os meus. Quando retribuo o beijo, enfio a minha mão no seu cabelo e puxo-o o mais perto que consigo. Durante os minutos seguintes, o Ridge prova-me o quanto eu significo para ele sem precisar de palavras.

Mesmo quando acaba, vários minutos se passam com os nossos lábios ainda unidos. Cada vez que ele tenta parar de me beijar, não consegue. Damos um beijo atrás do outro, atrás do outro. Acaba por enterrar a cara no meu pescoço e suspira contra a minha pele.

— Posso passar a noite contigo?

A pergunta dele faz-me rir. Não sei porquê. Nesta altura, parece que é um dado adquirido. Mal assinto com a cabeça, ele agarra-me nos braços e puxa-me para cima com ele, depois levanta-me e leva-me para o quarto. Deita-me na cama e enrosca-se comigo debaixo dos cobertores, envolvendo-me com as suas pernas nuas. Adoro o facto de nenhum de nós estar vestido. É a primeira vez.

Beijo-o no nariz e quero falar em língua gestual, mas está escuro. Ele também não consegue ler os lábios no escuro, por isso pego no telemóvel.

Sydney: Isto foi completamente inesperado.

Ridge: Preferes que o teu namorado seja mais previsível?

Sydney: Eu prefiro que o meu namorado sejas tu. Essa é a minha única

exigência. Sê apenas o Ridge Lawson e podes namorar comigo.
Ridge: Sou muito bom a ser o Ridge Lawson. Estás com sorte.

Somos tão foleiros. Odeio-nos e adoro-nos.

Sydney: Inesperado ou previsível, gosto de todas as versões de ti.
Ridge: Eu também gosto de todas as versões de ti. Mesmo que o resto das nossas vidas fosse previsível, eu nunca me cansaria de ti. Podíamos viver o mesmo dia vezes sem conta, e eu só pediria mais.
Sydney: Como o *Feitiço do Tempo*. Sinto o mesmo.
Ridge: Fazes com que a rotina seja algo por que eu realmente anseie. Se me dissesses que querias que fôssemos lavar a louça juntos agora mesmo, eu ficava entusiasmado.
Sydney: E se eu te pedisse para lavares a roupa comigo? Isso entusiasmava-te?

A luz dos nossos telemóveis permite-me vê-lo quando ele olha para mim. Assente lentamente com a cabeça, como se a ideia de lavar roupa comigo o excitasse. Sorrio e volto a olhar para o telemóvel.

Sydney: Ficarias ansioso para comer a mesma refeição todos os dias?
Ridge: Sim, se o fizesse contigo.
Sydney: Serias capaz de beber a mesma bebida todos os dias?
Ridge: Se estivesse a bebê-la contigo, continuaria a ter sede dela no meu leito de morte.
Sydney: Oh, essa é uma boa frase. Continua.
Ridge: Se eu pudesse ouvir música, ouviria a mesma música vezes sem conta e nunca me cansaria dela, desde que estivesse a ouvi-la contigo.

Rio-me.

Sydney: Vejo que continuas a fazer as mesmas piadas autodepreciativas de surdos de sempre.

O Ridge estende a mão e toca-me na boca.

— E tu tens o mesmo sorriso bonito que sempre tiveste.

Passa o polegar pelo meu lábio inferior, mas o seu olhar torna-se intenso enquanto ele olha para a minha boca.

— O mesmo sorriso... o mesmo riso.

Tira a mão da minha boca e levanta-a.

— Isto parece uma canção — diz ele. Assim que o diz, vira-se para o lado e acende o candeeiro. — Papel?

Abre a minha gaveta de cima. Não encontra papel, mas encontra uma caneta. Olha para mim com um ar de urgência.

— Preciso de papel.

Levanto-me da cama e dirijo-me à secretária. Pego num bloco de notas e num livro para ele colocar por baixo. Ele tira-mos das mãos antes de eu me sentar na cama; depois começa a escrever. Senti tanta falta disto. Ele escreve algumas frases, e eu inclino-me sobre o ombro dele e observo-o.

Os mesmos lugares no sofá
O mesmo café, o mesmo chá
O mesmo sorriso, o mesmo riso
Nunca me vou fartar disso

Faz uma pausa e depois olha para mim. Sorri e dá-me a caneta.

— É a tua vez.

Parece como nos velhos tempos. Pego na caneta e no bloco de notas e penso por alguns instantes antes de acrescentar os meus próprios versos.

A mesma roupa no chão
Na nossa porta o mesmo cão
A mesma cama, a mesma almofada
E eu não quero mais nada

Ele está a olhar para a letra quando se levanta da cama e começa a olhar para o chão, em redor.

— Calças? — diz.

Aponto para a sala de estar. Ele acena com a cabeça, como se se tivesse esquecido de que viemos nus para o quarto. Aponta por cima do ombro.

— Guitarra. O meu carro.

Sai a correr do quarto e, um minuto depois, ouço-o a sair pela porta da rua. Olho para a página e leio novamente a letra. Tenho mais dois versos escritos quando ele regressa ao meu quarto com a guitarra.

Tudo muda certamente,
Mas, amor, tu és para sempre

Pousa a guitarra na cama e olha para a letra, depois pega na caneta. Arranca a página com a letra e começa a escrever acordes e notas noutra página. Esta é a minha parte preferida. Esta é a magia — vê-lo a ouvir uma canção que nem sequer tem som e que ainda nem sequer existe. A caneta voa freneticamente sobre o papel. Ele puxa a letra de volta para a sua frente e recomeça a escrever.

Parece que conseguimos
Temos algo muito nosso
Talvez seja previsível
Mas não me posso queixar
Contigo e comigo
Tudo o que eu posso querer
É mais do mesmo
Mais do mesmo

Dá-me o bloco de notas e a caneta e pega na guitarra. Começa a tocar e eu leio a letra, perguntando-me como é que ele faz isto tão facilmente. Sem esforço, criou uma nova canção. Uma canção inteira só a partir de algumas frases e um pouco de inspiração.

Começo a escrever outro verso enquanto ele toca os acordes.

O mesmo carro, a mesma canção,
Nem temos de ir longe, não

E eu não te vou deixar
Só não mudes, amor,
Porque eu vou sempre pensar
Tudo muda certamente,
Mas, amor, tu és para sempre

Parece que conseguimos
Temos algo muito nosso
Talvez seja previsível
Mas não me posso queixar
Contigo e comigo
Tudo o que eu posso querer
É mais do mesmo
Mais do mesmo

Quando acabo de escrever o refrão, ele lê-o. Depois entrega-me a letra e encosta-se à cabeceira da cama. Faz-me sinal para que me sente entre as suas pernas, por isso rastejo e viro-me de costas para ele, enquanto ele me puxa contra si e coloca a guitarra à nossa volta. Nem sequer tem de me pedir para cantar. Começa a tocar, encostando a cabeça à minha, e eu começo a cantar a canção para que ele a aperfeiçoe.

Na primeira vez em que ele tocou para mim, estávamos sentados assim. E, tal como nesse primeiro dia, fiquei completamente maravilhada com ele. A sua concentração é inspiradora e a forma como cria um som tão agradável que nem sequer consegue ouvir faz com que seja difícil concentrar-me na letra. Quero virar-me para o ver tocar. Mas também gosto do facto de estarmos enrolados na minha cama e eu estar encurralada contra ele pela guitarra e, de vez em quando, ele me beijar de lado na cabeça.

Podia fazer isto todas as noites com ele e continuar a querer mais do mesmo.

Cantamos e tocamos a canção umas três vezes, e ele faz uma pausa para tomar notas entre cada passagem. Depois da quarta e última vez, atira a caneta para o chão e empurra a guitarra para o outro lado da cama. Depois

vira-me para que eu fique ao colo dele. Estamos ambos a sorrir.

Uma coisa é uma pessoa encontrar a sua paixão, mas outra coisa é ser capaz de partilhar essa paixão com a pessoa por quem está apaixonada.

É divertido e intenso, e acho que ambos nos apercebemos, pela primeira vez, de que podemos fazer isto juntos a toda a hora. Compor músicas, beijarmo-nos, fazer amor, inspirarmo-nos para compor mais músicas.

O Ridge beija-me.

— Esta é a minha nova música favorita.

— A minha também.

Ele faz deslizar as mãos para as minhas bochechas e morde o lábio por um segundo. Depois pigarreia.

— Contigo e comigo... tudo o que eu posso querer... é mais do mesmo.

Oh, meu Deus. *Ele está a cantar*. O Ridge Lawson está a fazer-me uma serenata. E é terrível, porque é muito desafinado, mas não consigo impedir-me de soltar uma lágrima, porque é a coisa mais bonita que já testemunhei, ouvi ou senti.

Ele limpa-me a lágrima com o polegar e sorri.

— Foi assim tão mau?

Eu rio-me e abano a cabeça, e depois beijo-o com mais força do que alguma vez beijei, porque não há maneira de expressar verbalmente o meu amor por ele neste momento. Em vez disso, amo-o em silêncio. Ele nem sequer interrompe o beijo quando estica o braço para trás de si e apaga o candeeiro. Puxa os cobertores para cima de nós e depois põe a minha cabeça debaixo do seu queixo enquanto me envolve com os braços.

Nenhum de nós diz «amo-te» antes de adormecer.

Por vezes, duas pessoas partilham um momento silencioso que é tão profundo e tão poderoso que uma simples palavra como «amo-te» corre o risco de perder todo o significado se for dita em voz alta.

5.

Maggie

Só dei três dentadas no meu hambúrguer, mas afasto o prato de mim e inclino-me para trás.

— Não consigo acabar isto — murmuro, deixando a cabeça cair para trás contra as costas da cadeira. — Sinto muito.

O Jake ri-se.

— Saltaste de um avião pela primeira vez e depois conduziste um carro em círculos durante uma hora. Surpreende-me que consigas comer alguma coisa.

Ele diz isto com um prato vazio à sua frente, enquanto devora um batido. Acho que quando se está habituado a saltar de aviões e a conduzir carros velozes, a adrenalina não mexe com o nosso equilíbrio a ponto de sentirmos que o mundo está a girar dentro do nosso estômago.

— Mas foi divertido — digo com um sorriso. — Não é todos os dias que risco duas coisas da minha lista de coisas a fazer.

Ele coloca os nossos pratos na beira da mesa e inclina-se para a frente.

— O que mais está na tua lista?

— Las Vegas. A aurora boreal. Paris. O costume. — Não lhe digo que espero que ele seja o número oito da minha lista. Divertimo-nos tanto esta noite que quero voltar a fazê-lo. Mas ao mesmo tempo não quero, simplesmente porque nos divertimos muito esta noite. Passei toda a minha vida adulta numa relação. Não quero isso de novo. Mesmo que ele seja demasiado bom para ser verdade. — Porque é que és solteiro? — pergunto-

lhe.

Ele revira os olhos como se a pergunta o envergonhasse. Puxa o copo de água para a frente e bebe-o para evitar a pergunta por mais alguns segundos. Quando deixa a palhinha cair dos lábios, encolhe os ombros.

— Normalmente não sou.

Rio-me. É expectável, suponho. Um cardiologista que salta de paraquedas, conduz um *Tesla* e é bem-parecido não fica em casa todas as sextas-feiras à noite.

— És um namorador em série?

Ele abana a cabeça.

— O oposto, na verdade. Acabei de sair de uma relação. Uma relação muito longa.

Não estava à espera desta resposta.

— Quanto tempo estiveste com ela?

— Doze anos.

Tusso um pouco.

— Doze anos? Que idade tens?

— Tenho 29. Comecei a namorar com ela na escola secundária.

— Posso perguntar porque é que acabou? Ou queres mudar de assunto?

O Jake abana a cabeça.

— Não me importo de falar sobre isso. Saí de casa há cerca de seis meses. Na verdade, estávamos noivos. Pedi-a em casamento há quatro anos. Nunca chegámos a planear o casamento porque estávamos à espera de acabar o internato.

— Ela também é médica?

— Oncologista.

Caramba. De repente sinto-me tão... nova. Mal acabei a minha tese, e aqui está ele com uma ex-noiva que andou na faculdade de Medicina com ele e salva vidas. Levo a minha bebida aos lábios e dou um gole, tentando lavar todas as minhas inseguranças.

— Foi uma separação por acordo mútuo? — pergunto-lhe.

Ele olha brevemente para as mãos. Um lampejo de culpa toma conta da

sua expressão antes de responder.

— Nem por isso. Apercebi-me, com um atraso de doze anos, que não queria passar o resto da minha vida com ela. Sei que isso soa mal depois de ter estado com ela tanto tempo. Mas, por alguma razão, escolher passar o resto da minha vida com ela foi muito mais fácil do que acabar com ela.

Porque é que estou a sentir tudo o que ele está a dizer? Dou por mim a querer levantar o braço e dizer «Ámen», como se estivesse na igreja.

— Consigo identificar-me perfeitamente com a decisão difícil que deve ter sido.

O Jake inclina-se para a frente, cruzando os braços sobre a mesa. Inclina a cabeça, pensativo por instantes, e depois diz:

— Tive um momento antes de acabar. Lembro-me de perguntar a mim próprio do que me arrependeria mais. Acabar com algo que era bom para não me arrepender? Ou passar o resto da vida a lamentar o facto de não ter tido a coragem de acabar com algo simplesmente porque tinha medo de me arrepender? Qualquer uma das opções ter-me-ia deixado com alguma forma de arrependimento, por isso optei por acabar. E foi difícil. Mas prefiro arrepender-me de ter acabado com algo bom do que impedi-la de encontrar algo ótimo.

Fico a olhar para ele por momentos, mas tenho de parar de o fazer porque começo a ter aquela sensação outra vez. Que quero que ele seja mais do que um caso de uma noite.

— Quanto tempo é que tu e o teu namorado estiveram juntos? — pergunta ele.

— Quase seis anos.

— Foste tu que acabaste com ele?

Penso na pergunta dele por instantes. Olhando de fora, diria que fui eu. Mas estando lá dentro... não tenho tanta certeza.

— Não sei — admito. — Ele apaixonou-se por outra rapariga. E não foi como se fosse um caso tórrido e escandaloso. Ele é boa pessoa e teria acabado por me escolher. Mas ter-me-ia escolhido pelos motivos errados.

O Jake parece surpreendido.

— Ele traiu-te?

Odeio essa palavra. Dou por mim a abanar a cabeça, apesar de ele o ter feito. O Ridge traiu-me. E isso faz com que ele pareça mau, coisa que ele não é.

— *Trair* é um termo muito feio para descrever o que aconteceu. — Penso nisso por instantes enquanto rodo a palhinha no copo. Depois, olho para o Jake e digo: — Ele... envolveu-se com outra pessoa a um nível mais profundo, penso eu. Chamar-lhe traidor parece-me um insulto que ele não merece. Ele ultrapassou os limites com alguém com quem se envolveu. E ficamos por aí.

O Jake observa-me por momentos, a ler a expressão no meu rosto.

— Não tens de falar nisso se não quiseres. Apenas acho fascinante o facto de tu não pareceres odiá-lo.

Sorrio.

— Ele é um dos meus melhores amigos. E tentou agir da forma correta. Mas às vezes a coisa errada é a coisa certa.

O Jake esforça-se para não sorrir, como se estivesse impressionado com a conversa, mas não o quisesse demonstrar. Gosto disso. Gosto de como ele é interessante. E gosto de que ele pareça achar-me interessante.

Ele ainda está a olhar para mim, como se quisesse ouvir mais, por isso continuo.

— O Ridge escreve músicas para uma banda. Há cerca de dois anos, a banda lançou uma música nova, e eu nunca vou esquecer a primeira vez que a ouvi. O Ridge enviava-me sempre as músicas antes de elas serem lançadas, mas, por algum motivo, nunca me enviou esta em particular. Depois de a descarregar e ouvir, percebi imediatamente porque é que nunca ma tinha enviado. Porque era sobre nós os dois.

— Uma canção de amor?

Abano a cabeça.

— Não. Era mais o oposto. Era uma espécie de canção de desamor, sobre um casal que precisava de se separar, mas não sabia como. Foi só quando ouvi aquela música que percebi que ele sentia o mesmo que eu. Mas na altura nenhum de nós estava em posição de admitir isso.

— Alguma vez lhe falaste sobre isso?

— Não. Não tive de o fazer. Percebi que era sobre mim mal ouvi a primeira frase.

— Qual era a primeira frase?

— «Não consigo perceber porque é tão difícil dizer adeus.»

— Uau — exclama o Jake, reclinando-se. — Isso é sem dúvida revelador.

Assinto com a cabeça.

— Não sei porque é que esperámos tanto tempo depois disso para acabarmos. Acho que é como tu disseste. As coisas entre nós eram boas, mas eu sabia que ele tinha encontrado algo ótimo com outra mulher. E ele merecia mais do que algo bom.

O Jake observa-me em silêncio por alguns segundos, inexpressivo. Mas depois sorri com um aceno de cabeça.

— Que idade tens?

— Tenho 24.

Mostra-me uma expressão impressionada.

— És demasiado nova para teres entendido a vida tão bem.

O elogio dele faz-me sorrir.

— Pois, bem, a minha esperança de vida é menor do que a de todos os outros. Tenho de encaixar muita coisa num período mais curto de tempo.

Quase me arrependo de fazer uma piada sobre ter uma doença terminal, mas isso não o desanima. Na verdade, provoca-lhe um sorriso. *Meu deus, odeio o quanto já gosto dele.*

— Este é o teu primeiro encontro desde o Ridge? — pergunta ele. Anuo com a cabeça e ele continua: — O meu também.

Fico a pensar nisso por instantes. Se ele não saiu com ninguém desde o fim do namoro, isso significa que não esteve com outra mulher desde o secundário. E provavelmente eu deveria ficar calada, mas a frase já está a sair.

— Se namoraste com a tua ex durante doze anos, isso significa que só estiveste com...

— Ela — responde ele, com naturalidade. — Exatamente.

E aqui estamos nós, a discutir parceiros sexuais durante o jantar num

primeiro encontro. E, de alguma forma, a conversa não é nada desconfortável. A conversa com ele tem sido ótima, na verdade. Não ficámos sem assunto em nenhum momento durante a noite inteira. Nem mesmo enquanto eu conduzia o carro dele a cento e cinquenta quilómetros por hora em círculos em torno de uma pista de corrida.

A química entre nós também nunca desapareceu. Em alguns momentos, achei que ele me fosse beijar — e eu certamente teria deixado —, mas depois ele sorria e afastava-se, como se gostasse da sensação de tortura. Acho que faz sentido. Ele é viciado em adrenalina. A adrenalina e a atração estão intimamente ligadas.

Agora está a olhar para mim, e eu estou a olhar para ele, e não sei exatamente o que se está a passar dentro de mim. Um pouco de adrenalina. Atração. Talvez até um certo encantamento. O que quer que seja, estou com um mau pressentimento. Não conheço o Jake muito bem, mas a intensidade no olhar dele sugere que ele também está a sentir o mesmo.

Desvio o olhar e pigarreio.

— Jake...

Ergo o olhar, encontrando de novo o olhar dele.

— Não quero um relacionamento. De todo. De modo nenhum.

As minhas palavras não têm qualquer impacto visível nele. Ele simplesmente cerra os lábios e, um instante depois, pergunta:

— O que é que queres?

Lentamente, e meio insegura, encolho os ombros.

— Não sei — respondo. — Queria divertir-me contigo no nosso encontro. E diverti-me. Estou a divertir-me. Mas não sei se é boa ideia sairmos de novo.

Queria poder explicar-lhe todos os motivos que me fazem não querer sair de novo com ele. Mas tenho demasiados motivos para não sair com ele e apenas um para sair.

O Jake aperta a nuca e inclina-se para a frente, cruzando os braços por cima da mesa de novo.

— Maggie — diz ele. — Estou meio enferrujado no que toca a encontros. Mas... sinto que gostas de mim. Gostas? Ou a atração louca que sinto por ti

está a impedir-me de ver o teu desinteresse?

Argh. Não consigo conter o sorriso. Sinto que estou a corar depois de saber que ele sente uma atração louca por mim.

— Gosto de ti, sim. E... — É tão difícil dizê-lo. Namoriscar é muito estranho para mim. — Também sinto uma atração louca por ti. Mas não quero sair contigo de novo depois de hoje. Não é nada pessoal. Quero viver no presente, e neste momento ter outro relacionamento sério não faz parte do meu presente. Já tive isso. Agora tenho outros planos para a minha vida.

O Jake parece intrigado e dececionado com a minha resposta, se é que é possível sentir essas duas coisas ao mesmo tempo. Assente com a cabeça e diz:

— Então ficamos por aqui? Deixo uma gorjeta na mesa, levo-te a casa e nunca mais nos vemos?

Mordo o lábio, porque saber que é agora ou nunca deixa-me nervosa. Ou aproveito para riscar outro ponto da minha lista ou acordo amanhã arrependida por ter ficado com demasiado medo de o convidar para minha casa.

Não estou com medo. Vou conseguir. Sou a Maggie Carson, caramba. Sou a miúda que saltou de um avião e andou num carro desportivo no mesmo dia.

Engulo o resto da minha timidez e olho-o nos olhos.

— Este encontro não precisa de terminar quando me deixares em casa.

Vejo uma mudança imediata no comportamento dele. Vejo a curiosidade dele, a atração, a esperança, tudo por trás dos olhos que fitam a minha boca.

— Quando tem de terminar exatamente? — pergunta ele, baixando o tom de voz.

Merda. Vai acontecer mesmo. Ponto número oito da lista praticamente garantido.

— E que tal vivermos o momento? — sugiro. — E quando esse momento acabar, tu vais para casa, e eu adormeço.

Os cantos da boca dele formam um sorriso. Em seguida, ele tira a carteira e põe a gorjeta na mesa. Levanta-se e estende-me a mão. Entrelaço os meus

dedos nos dele e saímos do restaurante vivendo o momento, e nem um segundo além dele.

6.

Maggie

Mal acordo, rolo para o lado para ver se ele se foi embora.

Foi.

Passo a mão pela almofada dele, imaginando como é possível sentir tanto vazio.

A noite passada foi... bem... foi digna de uma lista de desejos. Mal saímos do restaurante, fomos até minha casa. Ele deixou-me conduzir. Falámos de carros, da minha tese, do facto de eu querer fazer *bungee jumping*. Ele ofereceu-se para me levar, mas percebeu que estava essencialmente a convidar-me para outro encontro, por isso emendou e aconselhou-me um sítio. Quando chegámos a minha casa, íamos a rir-nos, pois os aspersores ligaram-se mal saímos do carro e levámos com a água em cheio na cara. Eu fui até à cozinha e peguei numa toalha para secar a cara. O Jake seguiu-me e, quando lhe entreguei a toalha, ele lançou-a por cima do ombro, aproximou-se de mim e beijou-me como queria fazer desde o instante em que me viu.

Foi inesperado, mas desejado, e apesar de eu sentir tudo enquanto a boca dele estava na minha, também estava cheia de incertezas. Só me envolvi sexualmente com duas pessoas na vida, e estava apaixonada em ambos os relacionamentos. Era a primeira vez que ia ter sexo com alguém por quem não estava apaixonada. Não sabia o que esperar, mas saber que ele estava na mesma situação deixou-me mais tranquila. Forcei-me a lembrar-me disso a cada parte do meu pescoço que ele beijava.

Depois de uns quinze minutos de beijos, algo mudou dentro de mim. Não

sei o que ele fez, mas estava tão atencioso e entusiasmado que todas as minhas preocupações e inseguranças desapareceram juntamente com a minha roupa. Quando chegámos ao quarto, eu já tinha entrado na dele. E depois foi ele quem entrou na minha, de várias maneiras.

Foi maravilhoso. Depois, deitámo-nos de costas e, quando achei que ele estava a preparar-se para se ir embora, ele virou a cabeça e olhou para mim.

— O sexo casual tem alguma regra que eu não conheça? Só podemos fazê-lo uma vez?

Ri-me, e então ele estava em cima de mim de novo, e por mais divertida que tenha sido a primeira vez, a segunda vez foi ainda melhor. Foi intensa. E lenta. E perfeita.

Ele não se deitou de costas depois. Deitou-se de lado e abraçou-me.

— Boa noite — sussurrou antes de me beijar. Gostei do facto de ele ter dito «boa noite» e não «adeus», pois assim não nos focámos no facto de que sabíamos que ele se ia embora antes de eu acordar.

Eu presumira que acordaria num estado de felicidade eufórica. E não num estado de melancolia.

No entanto, ficar um pouco triste com o fim não é necessariamente algo mau. Significa que não podia ter encontrado ninguém melhor com quem ter sexo casual. Se tivesse sido outra pessoa, acho que não teria gostado tanto. E, se eu não tivesse gostado, acho que não teria o direito de riscar aquele número da lista.

Por isso, sim, o facto de ele não ter nada de errado é péssimo. Mas seria ainda pior voltar para uma situação da qual vou acabar por querer sair. Não posso pôr-me novamente numa posição em que alguém se vai sentir obrigado a cuidar de mim.

Não é bom saber que uma pessoa se convenceu de que está mais apaixonada do que realmente está só porque dependemos dela. Prefiro sentir-me melancólica a ridícula.

Pego no travesseiro em que o Jake dormiu — o mesmo travesseiro que eu estava a acariciar com desejo — e atiro-o para fora da cama. Irei deitá-lo no lixo mais tarde. Nem sequer quero cheirá-lo de novo.

Vou até à cómoda e pego na minha lista. Risco o número oito e olho-a de novo. De repente, sinto-me realizada por saber que o número oito era provavelmente a única coisa da lista que eu jurava que nunca teria coragem de fazer.

Maggie Carson, tu és do caraças.

Dobro a lista e pouso-a em cima da cómoda. Abro a segunda gaveta, pego numas cuecas e num *top* e visto-os. Tenho de ir visitar o meu avô mais tarde, mas primeiro preciso de *waffles* e de um banho.

Os *waffles* antes do banho. Estou muito empolgada com os *waffles*, já que não consegui comer quase nada no dia anterior.

Talvez até vá à manicure. Entro na sala a olhar para as unhas. Mas depois congelo quando sinto o cheiro de *bacon*. Levanto a cabeça lentamente e vejo o Jake parado junto ao fogão.

A cozinhar.

Ele vira-se para pegar num prato e vê-me. Sorri.

— Bom dia.

Não sorrio. Não falo. Nem sequer lhe aceno um cumprimento. Fico parada, a olhar para ele, a pensar como é que um homem de 29 anos não consegue entender a definição de caso de uma noite. Sendo que *noite* é a palavra-chave. Não é suposto haver uma manhã nessa definição.

Olho para o meu *top* e as minhas cuecas e de repente fico embaraçada, embora a noite passada ele tenha passado tempo suficiente em cima de mim para decorar cada centímetro do meu corpo. Mesmo assim, cubro-me com os braços.

— Que estás a fazer? — pergunto.

O Jake observa-me, um pouco inseguro depois de ver a minha reação ao perceber que ele ainda está aqui. Olha para o fogão e de seguida para mim, e juro que murcha mesmo à minha frente.

— Oh — responde ele, parecendo de repente deslocado. — Tu achaste... OK. — Começa a acenar com a cabeça, estica a mão imediatamente para o fogão e desliga-o. — Desculpa — diz, sem olhar para mim. Agarra num copo

que está ao lado do fogão e dá um gole. Quando se volta, nem sequer consegue olhar para mim. — Isto é constrangedor. Eu vou-me embora. É que... — Por fim, olha-me nos olhos. Envolvo-me ainda mais com os braços, pois odeio ter criado um momento tão constrangedor quando é óbvio que ele estava a tentar ter uma atitude simpática.

— Desculpa ter tornado isto tão constrangedor — digo. — É que não estava à espera de que ainda estivesses aqui.

O Jake assente com a cabeça e aproxima-se de mim para agarrar nos sapatos que deixou junto ao sofá na noite passada.

— Tudo bem. Percebi mal as coisas, obviamente. Sei que foste muito clara ontem à noite. Mas isso foi antes de nós... duas vezes... e foi...

Cerro os lábios.

Ele já tem os sapatos calçados e está de pé, a olhar para mim.

— Iludi-me. — Aponta para a porta da rua. — Vou-me embora.

Anuo com a cabeça. É melhor assim. Acabei de arruinar todas as coisas boas da noite passada.

Na verdade, foi *ele* que arruinou todas as coisas boas da noite passada. Quando entrei na sala, tinha aceitado o facto de que nunca mais o veria, e ele arruinou isso ao presumir que eu queria que ele ficasse e me fizesse o pequeno-almoço.

Ele chega à porta, mas detém-se antes de a abrir. Vira-se e olha-me por instantes, e depois aproxima-se de novo. Para a alguns passos e inclina a cabeça.

— Tens a certeza de que não me queres ver novamente? Não te consigo mesmo convencer a dar-me mais uma oportunidade?

Suspiro.

— Vou estar morta dentro de alguns anos, Jake.

Ele dá meio passo atrás, mas não tira os olhos de mim.

— Uau. — Leva a mão à boca e passa-a pelo maxilar. — Vais mesmo usar essa desculpa?

— Não é uma desculpa. É um facto.

— Um facto que eu compreendo muito bem — diz ele. O seu maxilar está

rígido, e ele está irritado. *Estão a ver?* Se ele se tivesse simplesmente ido embora antes de eu acordar, tudo teria sido perfeito! Agora, quando ele se for embora, ficaremos frustrados e cheios de remorsos.

Dou um passo em frente.

— Eu estou a morrer, Jake. *A morrer*. Qual seria o resultado disto? Eu não me quero casar. Não quero filhos. Não tenho qualquer desejo de ter outra relação onde acabarei por ser um fardo. Sim, gosto de ti. Sim, a noite passada foi incrível. E é exatamente por isso que já te devias ter ido embora. Porque há coisas que eu quero fazer, e apaixonar-me e discutir com alguém como irei viver os últimos anos da minha vida é algo que nunca esteve na minha lista de desejos. Por isso, obrigada pela noite passada. E obrigada por quereres fazer-me o pequeno-almoço. Mas preciso que te vás embora.

Expiro sonoramente, frustrada, e desvio os olhos imediatamente para o chão porque odeio a expressão que vejo nos olhos dele. Vários segundos se passam sem que ele reaja. Fica parado, a assimilar tudo o que eu disse. Depois, dá um passo atrás, depois outro. Olho para cima e ele desvia o olhar, virando-se para a porta. Abre-a e sai, mas, antes de a fechar, olha bem para mim.

— Só para que conste, Maggie, eu só estava a fazer o pequeno-almoço. Não estava a pedir-te em casamento.

Fecha a porta, e a minha casa nunca pareceu tão vazia como neste momento.

Odeio isto. Odeio tudo o que lhe disse. Odeio o quanto desejo que não fosse verdade.

Odeio esta maldita doença.

E odeio ter dito aquilo tudo e tê-lo feito ir embora antes mesmo de ele ter acabado de cozinhar o maldito *bacon*. Olho para a frigideira, dirijo-me a ela e atiro-a para o caixote do lixo.

Encosto-me à bancada e não consigo evitar o choro. Será que o Jake terminar um namoro com doze anos de atraso é melhor ou pior do que eu terminar um relacionamento demasiado cedo? Eu seria capaz de o amar. *Se* tivesse uma vida em que pudesse amá-lo.

Levo as mãos à nuca, encosto os cotovelos e inclino-me para a frente. Tento evitar sentir-me desapontada. Mas o facto de estar desapontada por causa de um tipo que conheci há vinte e quatro horas desaponta-me ainda mais. Demoro uns minutos a recuperar e depois forço-me a endireitar-me.

Tiro do congelador a caixa de *waffles* que tencionava comer ao pequeno-almoço. Mas agora já não estou com tanta vontade de os comer.

7.

Ridge

A Sydney abre a porta do meu quarto. Estou sentado à secretária, a acabar o *website* de um cliente, quando ela vai direita à minha cama e cai de cara no colchão.

Deve ter tido um dia difícil.

Provavelmente a culpa é minha, porque passei outra noite com ela ontem. Talvez devesse dar-lhe uma noite livre para ela pôr o sono em dia. Tirando quando está no trabalho, temos passado todo o tempo juntos desde segunda-feira. Sei que é apenas sexta-feira, mas é cansativo quando estamos juntos. Da melhor maneira possível.

Vou certificar-me de que a noite de hoje é um pouco mais relaxante do que as últimas. Podemos passar a noite a ver televisão. E depois, amanhã, deixo-a dormir até mais tarde. Provavelmente, até vou dormir até mais tarde *com* ela.

Aproximo-me da cama e deito-me ao lado dela. Afasto-lhe o cabelo do rosto e ela abre os olhos e sorri, apesar de parecer exausta.

— Um dia mau? — pergunto.

Ela abana a cabeça e deita-se de costas. Ergue uma mão para falar em língua gestual, mas não sabe o gesto para a palavra que quer.

— Exames — diz por fim.

Inclino a cabeça.

— Exames?

Ela assente com a cabeça.

— Tiveste exames esta semana?

Ela assente novamente.

Agora sinto-me um idiota. Agarro no telemóvel e envio-lhe uma mensagem.

Ridge: Porque é que não me disseste? Eu não teria ficado em tua casa.

Sydney: O meu foi na segunda, por isso não faz mal. Teres escolhido a noite de segunda foi perfeito. Mas eu trabalho na biblioteca, e é uma loucura durante os exames. Os alunos são uma loucura. Os professores são uma loucura. Estou tão feliz por ser sexta-feira.

Ridge: Eu também. Vamos ficar a ver televisão esta noite. Preciso de saber se o Ned vai mesmo ser decapitado.

Sydney: Quem?

Merda. Estou a ser influenciado pelo Warren. Não quero que ela saiba que acabei de lhe estragar a primeira temporada da *Guerra dos Tronos*.

Ridge: Oh, nada. Estava a falar do *The Walking Dead*.

A Sydney fica a olhar para o telemóvel por segundos, confusa.

Sydney: Não me lembro disso no *The Walking Dead*.

Ela vê o *The Walking Dead*. Ótimo. Agora fiquei com vontade de fazer amor com ela, mas já lhe disse que íamos ficar na preguiça.

A Sydney desvia a atenção para a porta do meu quarto.

— Está alguém a bater à porta — diz em língua gestual.

Saio da cama e dirijo-me à sala. Pelo óculo, vejo que é uma rapariga com um uniforme da FedEx. Abro a porta e ela entrega-me uma encomenda. Depois de assinar, levo a encomenda até à bancada e espero pela Sydney, que acabou de entrar na cozinha. Leio a etiqueta, que está endereçada a mim, mas não tem remetente.

A Sydney inclina-se por cima de mim e diz em língua gestual:

— Recebeste um presente?

Encolho os ombros. Que me lembre, não estou à espera de nada, mas abro

a embalagem e encontro outra lá dentro. Pelo que conheço do Warren, ele deve ter-me enviado um rolo de papel higiénico com a cara dele. Começo a tirar a fita, mas percebo que a Sydney dá a volta e vai até à sala. Quando ergo o olhar, ela está a apontar a câmara do telemóvel na minha direção.

— Estás a gravar?

Ela anui com a cabeça e esboça um sorriso meigo.

— O presente é meu.

— Compraste-me um presente?

O sorriso tímido dela é encantador. Sempre que penso que estou demasiado cansado para sequer pensar em pegar nela e lançá-la na minha cama, ela faz algo que me recarrega tanto que me sinto pronto para correr uma maratona.

Olho de novo para a encomenda e sinto-me mal por ela me ter comprado um presente. Sou péssimo em presentes. Merda, e se ela for o tipo de pessoa que escolhe presentes perfeitos? Quando eu tinha 9 anos, ofereci um hámster ao meu irmão no Natal, mas não me apercebi de que ele tinha morrido na caixa. O Brennan abriu-a e chorou o dia todo.

É *esse* o tipo de namorado que esta miúda maravilhosa tem.

Mas este presente é difícil de abrir. Pouso-o na bancada e tento arrancar a tampa.

Uma súbita nuvem de pó sai do recipiente e atinge-me o rosto. É tão rápido que nem tenho tempo de fechar a boca. Recuo para me afastar do que quer que estivesse lá dentro e começo a cuspir. *Que diabo acabou de acontecer?*

Dirijo-me ao lava-louça, passo as mãos por água e depois lavo a cara. Quando olho para as mãos, estão brilhantes como um unicórnio.

Purpurinas. Por todo o lado.

Nos meus braços, na minha t-shirt, nas minhas mãos, na bancada. Na minha boca. Olho para a Sydney e ela está a rebolar-se no chão à gargalhada. Ri-se tanto que até tem lágrimas nos olhos.

Mandou-me uma bomba de purpurinas.

Uau.

Isso significa que a guerra de partidas recomeçou.

Lavo a boca e dirijo-me calmamente à bancada, onde a explosão aconteceu. Agarro numa mão cheia de purpurinas. *Dois podem jogar este jogo*. O riso dela não diminuiu. Acho que está a rir-se ainda mais agora que me vê de perto. Tenho a certeza de que fico fantástico com brilhantes.

Já li a palavra «guinchar» antes e sei que uma pessoa pode guinchar a rir, mas não faço a mínima ideia de como será o som. Assim que viro a mão e vejo as purpurinas a caírem no corpo dela, tenho quase a certeza de que é isso que ela faz. Guincha.

Agarra-se à barriga e cai de costas. Uma lágrima escorre-lhe pelo pescoço.

Meu Deus. Dava tudo para a poder ouvir agora. Passo muito tempo a tentar imaginar o som da voz dela, da risada dela e dos suspiros dela, mas ninguém tem imaginação suficiente a ponto de conseguir chegar perto do som verdadeiro.

Ela vê a expressão no meu rosto e para de rir de repente. Une as sobrancelhas enquanto pergunta em língua gestual:

— Estás zangado?

Sorrio e abano ligeiramente a cabeça.

— Não. Só gostava de te conseguir ouvir agora.

A expressão dela relaxa um pouco. Até entristece ligeiramente. Morde o lábio inferior por um segundo enquanto olha para mim. Depois, levanta a mão e segura a minha, puxando-a. Sento-me no chão e ponho o joelho entre as pernas dela.

Talvez eu não consiga ouvi-la como gostaria, mas consigo sentir o seu cheiro e o seu gosto, e amá-la. Passo o nariz pelo maxilar dela até os meus lábios se encostarem aos seus. Quando se tocam, a língua dela desliza para dentro da minha boca, macia e convidativa. Retribuo o gesto, procurando resquícios do riso dentro da sua boca.

A Sydney comunica incrivelmente bem através do beijo. Às vezes, o beijo dela diz-me mais do que qualquer coisa que ela possa dizer em língua gestual, por mensagens ou falando. E é por isso que sei imediatamente quando ela está distraída. Nem preciso de ouvir para saber. Ela ouve por

mim, eu sinto a reação dela e apenas sei. Afasto-me e olho para ela, que se volta para a porta da casa de banho do Warren e da Bridgette. Olho para cima e vejo a Bridgette a sair. Ela para e olha para nós, deitados no chão da sala, cobertos de purpurinas.

E depois faz algo impensável.

A Bridgette sorri.

De seguida, passa por cima de nós e afasta-se. Quando sai do apartamento, olho para a Sydney, perguntando-me se ela estará tão chocada quanto eu. Quando olha para mim, está de olhos arregalados. Começa a rir-se de novo. Encosto rapidamente o ouvido ao peito dela, a tentar senti-lo, mas o riso dela desvanece-se demasiado depressa. Levo a mão à cintura dela e começo a fazer-lhe cócegas. Sinto-a a começar a rir de novo, por isso continuo a fazer-lhe cócegas, pois é o mais perto que consigo chegar de escutar o seu riso.

O telemóvel dela está ao meu lado no chão, por isso, quando se acende, olho instintivamente para ele. Paro de lhe fazer cócegas quando vejo o nome e a mensagem que aparece no ecrã.

Hunter: Obrigado, Syd. És o máximo.

Ela não reparou no telemóvel. Ainda se está a rir e a tentar afastar-se de mim, por isso eu ponho-me de joelhos e pego no telemóvel dela. Entrego-lho enquanto me levanto para me afastar. Tento engolir a raiva enquanto agarro num pano para começar a limpar os brilhantes da bancada. Olho para ela para ver a sua reação, mas ela agora está sentada de pernas cruzadas, a responder à mensagem daquele cabrão.

Porque é que ela continua a falar com ele?

Porque é que parece estar tudo miraculosamente bem entre eles?

«Obrigado, Syd»? Porque é que ele lhe chama *Syd*, como se tivesse o direito de se dirigir assim a ela depois do que lhe fez? E porque é que ela está ali sentada tão calmamente, como se estivesse tudo bem? Agarro no meu telemóvel.

Ridge: Avisa-me quando acabares de conversar com o teu ex. Vou tomar

um duche.

Não olho para ela quando me dirijo para o meu quarto e depois para a casa de banho. Abro a cortina do chuveiro e ponho a água a correr, e depois tiro a t-shirt. Juro que tudo o que quero é fazer muito barulho. Raramente sinto vontade de fazer barulho, mas, em situações como esta, sei que deve ser bom poder grunhir e ouvir as próprias frustrações a saírem do corpo. Em vez disso, lanço a t-shirt contra a parede e desabotoo as calças de ganga sem nenhum lugar para o meu barulho ir.

Quando a porta da casa de banho se abre, arrependo-me de não a ter trancado, porque preciso de ficar um minuto sozinho. Ou dois ou três. Olho para a Sydney e ela encosta-se à porta e ergue o sobrolho.

— A sério?

Olho para ela, à espera. O que é que ela quer que eu diga? Será que espera que eu aceite isto? Será que espera que eu sorria e lhe pergunte como é que está o Hunter?

A Sydney entrega-me o telemóvel e rola as mensagens que trocou com o Hunter para que eu as leia. Não tenho a mínima vontade de fazer isso, mas ela usa as mãos para me obrigar a pegar no telemóvel e depois gesticula para que eu leia. Olho para a sequência de mensagens.

Hunter: Sei que não queres falar comigo. E não te culpo por teres ido embora na outra noite. E, acredita, eu deixava-te em paz, mas dei-te todos os meus formulários financeiros para tu os dares ao teu pai para ele ver durante a fusão da empresa no ano passado. Estamos quase em abril e preciso deles para os impostos. Liguei para o escritório dele e disseram-me que tos entregaram há alguns meses.

Sydney: Estão no apartamento da Tori, no meu quarto antigo. Procura na pasta vermelha em cima do armário.

Hunter: Encontrei-os!

Hunter: Obrigado, Syd. És o máximo.

Sydney: Agora podes apagar o meu número?

Hunter: Feito.

Encosto-me ao lavatório e passo a mão pelo rosto. Quando lhe devolvo o telemóvel, ela começa imediatamente a mandar-me uma mensagem, por isso olho para o meu telemóvel.

Sydney: Eu percebo que a minha situação com o Hunter é diferente da tua situação com a Maggie, mas eu fui muito compreensiva com a amizade que escolheste manter, Ridge. EXTREMAMENTE COMPREENSIVA! Mas estás a ser um idiota hipócrita. Isso não é nada atraente.

Expiro, sentindo uma mistura de alívio e arrependimento. Ela provavelmente tem razão. Sou um idiota hipócrita.

Ridge: Tens razão. Desculpa.
Sydney: Eu sei perfeitamente que tenho razão. E esse minúsculo pedido de desculpa não faz com que me sinta menos zangada contigo.

Olho para ela e engulo em seco, pois não a via assim zangada há muito tempo. Já a vi irritada e frustrada, mas penso que não a via assim zangada desde a manhã em que acordou na minha cama e descobriu que eu tinha namorada.

Porque é que eu reagi desta maneira? Ela tem razão. Ela tem sido muito paciente comigo, e na primeira oportunidade que tenho de demonstrar a mesma confiança e paciência para com ela, saio furioso da sala.

Ridge: Fiquei com ciúmes e estava errado. 100% errado. Na verdade, estava tão errado que acho que passou disso. Estava 101% errado.

Olho para ela e sinto-me grato por conseguir ler tão bem os seus sinais não verbais. Apesar de o tentar esconder, vejo-a a relaxar um pouco com aquela mensagem. Por isso, envio-lhe outra. Se tiver de ser, enviar-lhe-ei mensagens a pedir desculpa durante toda a noite para eliminar a tensão que causei.

Ridge: Lembras-te de quando contávamos os nossos defeitos um ao outro a tentar diminuir a atração que existia entre nós?

Ela anui com a cabeça.

Ridge: Um dos meus defeitos é que só descobri que era ciumento depois de te ter.

Ela não sorri, mas encosta-se à bancada ao meu lado. Os nossos ombros tocam-se, e é algo muito subtil, mas significa muito neste momento.

Sydney: O meu defeito é perdoar demasiado facilmente e não conseguir ficar zangada.

Ela pode achar isso um defeito, mas fico muito grato por esse lado dela. Especialmente agora. Ela ergue o olhar e encolhe ligeiramente os ombros, como se já tivesse superado isto. Dou-lhe um beijo rápido na testa.

Ridge: O meu defeito é estar coberto de purpurinas. Até as tenho...

Sacudo as calças de ganga.
— Aqui — digo.
Ela começa a rir-se. E eu sorrio porque *que se lixe o Hunter*.
Tenho a melhor namorada que alguma vez existiu à face da Terra.

Sydney: O meu defeito é que quase me esqueci da razão por que estávamos zangados, porque ficas muito fofo com brilhantes.
Ridge: Estamos zangados porque tu és perfeita e eu não te mereço.

A Sydney revira os olhos e depois pousa o telemóvel. Eu endireito-me e pouso o telemóvel em cima do dela, e empurro-os para o fundo da bancada. Paro à frente dela e ela agarra a bancada dos dois lados, olhando para mim com purpurinas nas pestanas e no cabelo. Que miúda bonita. Por dentro e por fora. Levo a boca até à dela e a mão até à parte da frente das suas calças. Abro o fecho e desabotoo-as, sem parar de a beijar enquanto lhe tiro a roupa.

Puxo-a para o chuveiro comigo e passo a meia hora seguinte a pedir-lhe

desculpa intensamente com a boca.

8.

Maggie

Passei dezassete noites no hospital só este ano.

Fui ao médico mais vezes do que isso. Desde o dia em que nasci, fui a mais consultas para ver o estado na minha saúde do que ao supermercado.

E estou farta disto.

Por vezes, quando chego ao consultório, sento-me ali a olhar para o edifício, a imaginar o que aconteceria se me fosse embora e nunca mais voltasse. O que aconteceria se parasse de fazer exames? O que aconteceria se deixasse de tratar todas as constipações que apanho?

Ficaria com pneumonia. É isso que aconteceria. E depois morria. Pelo menos não teria de voltar ao consultório. A enfermeira tira o medidor de tensão do meu braço.

— Está um bocadinho alta.

— Ingeri muito sódio ao pequeno-almoço.

Puxo a manga para baixo. A minha tensão está alta porque estou aqui. No médico. Chama-se a isso síndrome da bata branca. Sempre que meço a tensão no consultório, está alta por causa dos nervos. Mas, fora do consultório, está boa.

Lambo os lábios, tentando humedecê-los. Tenho a boca seca devido à energia nervosa de estar aqui. Não quero estar aqui. Mas aqui estou eu. Não há volta a dar.

A enfermeira entrega-me uma bata e pede-me que a vista quando ela sair da sala. Olho para a bata e encolho-me.

— Isto é mesmo necessário? — pergunto-lhe, segurando a bata.

Ela anui com a cabeça.

— É uma exigência. Provavelmente vamos fazer alguns exames hoje, e o seu peito tem de estar acessível.

Anuo e vejo-a a colocar a minha ficha no suporte da porta e a começar a fechá-la. Sorri para me tranquilizar.

— O médico já vem — diz-me. Tem um ar pesaroso, como se me quisesse abraçar. Vejo isso com frequência. Especialmente nas enfermeiras mais amorosas. Ao olharem para mim, lembram-se dos seus anos de formação, quando eram jovens e cheias de vida. E tentam imaginar-se na minha posição com esta idade, e os olhos delas enchem-se de piedade por mim. Já estou habituada a isso. Por vezes, até eu tenho pena de mim, mas penso que não tem nada que ver com a doença. Penso que, como seres humanos, todos temos um certo grau de autocomiseração.

Expiro, mais nervosa do que alguma vez estive num consultório médico. Tenho as mãos a tremer quando tiro a camisola. Apresso-me a vestir a bata e depois sento-me na mesa de exames. Está frio, por isso passo as mãos pelos braços, lutando contra os arrepios. Juntos os joelhos e depois aperto-os com as mãos, tentando ao máximo não pensar no motivo por que estou aqui. Transpiro quando estou nervosa. Não quero ficar transpirada.

Sinto um aperto no peito, e depois sinto comichão na garganta e começo a tossir. Tusso tanto que tenho de me levantar e ir até ao lavatório para recuperar. Alguém bate à porta a meio de um dos meus ataques de tosse. Quando me viro, vejo a enfermeira a espreitar.

— Está bem?

Assinto com a cabeça, ainda a tossir. Ela aproxima-se do lavatório, pega num copo e enche-o de água. Mas eu não preciso de mais líquido na minha garganta neste momento. Pego no copo e agradeço, mas espero até a tosse passar para dar um gole. Ela sai de novo da sala. Regresso à mesa de exames e, mal me sento, ouve-se outra batida na porta.

É agora.

A porta começa a abrir-se e o meu coração começa a bater mais depressa;

fico aliviada por ninguém estar a medir-me a tensão neste momento. Ele abre a minha ficha antes de olhar para cima. Faz uma pausa mal a abre, provavelmente chocado ao ver o meu nome ali.

Eu sabia que ele ficaria surpreendido. Que raio, até *eu* estou surpreendida por ter ganhado coragem para vir até aqui.

O Jake levanta imediatamente a cabeça e olha para mim. Sei que há provavelmente formas muito melhores de chegar até ele, mas sinto que a minha inegável atração deve ser tão dramática quanto fora a minha rejeição dele. Ainda me sinto um pouco culpada pela forma como deixámos as coisas há uns dias. Mas, desde que ele saiu pela minha porta, não fiz nada além de me lamentar, porque o tempo que passámos juntos foi muito bom. Divertido. Fácil. Não parei de pensar nele. Especialmente nas suas palavras de despedida.

Estava só a fazer-te o pequeno-almoço. Não estava a pedir-te em casamento.

Passei a semana toda a pensar nisto. Claro, ele estava só a fazer-me o pequeno-almoço. Mas quando um médico bonito nos faz o pequeno-almoço, esse pequeno-almoço transforma-se em almoço e depois em jantar e depois em pequeno-almoço outra vez, e depois em viagens juntos aos fins de semana e depois em compras de supermercado juntos, e depois tudo isso acaba por levar a que se torne o contacto de emergência no hospital.

Por isso, sim, ele estava apenas a preparar-me o pequeno-almoço. Mas, como gosto muito dele, não era aí que as coisas iam acabar. E a ideia de ele se sentir forçado a cuidar de mim deixa-me triste só de pensar nisso.

Mas, por outro lado, não consigo parar de pensar nele. E quando penso nele, fico com um vazio no estômago que me distrai e faz com que tudo o que quero da vida pareça insignificante em comparação com a ideia de passar tempo com ele. Mas a ideia de nos envolvermos emocionalmente só me deixa triste, porque sei que não vai acabar bem. Então, o que é que eu faço? Que escolha faço? Evito-o e fico triste? Ou aceito-o e fico triste?

Seja como for, vou ficar triste.

Por isso... aqui estou eu. A fingir que preciso de uma consulta com um cardiologista só para lhe dizer que exagerei. E também para que ele saiba que

fazer *bungee jumping* sozinha me parece aborrecido.

Consigo ver a surpresa na cara do Jake, mas ele aguenta-a bem. Olha novamente para a minha ficha.

— Segundo a tua ficha, estás aqui porque tens tido palpitações cardíacas excessivas.

Consigo ver o sorriso que ele abafa antes de voltar a olhar para mim.

Anuo com a cabeça.

— Mais ou menos isso.

Os olhos do Jake examinam-me da cabeça aos pés por momentos, depois pousa a ficha na bancada e leva o estetoscópio aos ouvidos. Pega numa cadeira e senta-se, virando-se para mim.

— Vamos lá ouvir.

Oh, Meu Deus. Não estou *mesmo* a ter palpitações. Ele sabe que foi só uma desculpa para aparecer aqui. Agora está prestes a ouvir o meu coração só para ser um idiota, porque sabe que estou nervosa. E o meu coração vai estar a bater estupidamente depressa porque ele está ainda mais bonito hoje, com a sua bata branca e o seu estetoscópio, sentado numa cadeira giratória. Se ele realmente ouvir o meu batimento cardíaco neste momento, é capaz de pedir um desfibrilhador.

Vira a cadeira para a mesa de exames. Mesmo até mim. Estamos olhos nos olhos quando ele levanta o estetoscópio e o coloca sobre o meu coração. Fecha os olhos e baixa a cabeça como se estivesse a concentrar-se no meu batimento cardíaco.

Eu fecho os olhos porque tenho de me acalmar. O facto de ele ouvir os meus batimentos cardíacos está a tornar-me completamente transparente. Mantenho os olhos fechados, mesmo quando ele afasta o estetoscópio de mim. Há uma pausa silenciosa e depois, em voz baixa, ele diz:

— O que estás a fazer aqui, Maggie?

Olho para ele, e os seus olhos perscrutam os meus. Inspiro fundo e expiro lentamente antes de dizer:

— Estou a tentar viver o momento.

Ele suspira, e está tão estoico neste momento que não consigo perceber se

é um bom suspiro. Mas depois sinto a mão dele no meu joelho, o polegar a afagá-lo. Ele olha para o meu rosto e depois levanta a mão e põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— É só isso que eu quero — diz ele. — Uns momentos aqui e ali. Não estou a pedir a tua linha do tempo inteira.

Fico a olhar para ele, completamente apaixonada pela sua boca e pelos seus olhos azuis e pelas palavras que acabou de dizer. Aceno levemente com a cabeça, mas não tenho nada a dizer. Só quero que ele me beije. E ele beija-me.

Pega no meu rosto com as suas mãos enormes e quentes e pressiona os seus lábios nos meus enquanto se levanta, afastando a cadeira. Eu suspiro contra os seus lábios. Agarro a gola da bata branca dele e aceito a sua língua enquanto ele afasta os meus joelhos e desliza para a minha frente. Estou tão grata por ter sido obrigada a vestir esta bata. Envolvo as minhas pernas à volta da sua cintura enquanto ele me baixa para a mesa de exames e se inclina sobre mim, beijando-me com extrema urgência. Mas quebra o beijo com a mesma urgência segundos depois, respirando pesadamente, olhando para mim com intensidade. Abana a cabeça.

— Aqui não.

Assinto com a cabeça. Não estava à espera de que isto acontecesse aqui. Vejo que ele está prestes a recuar, mas então faz uma pausa, olhando para mim com tanto desejo que eu praticamente consigo ver a sua ética a derreter até ao chão. Beija-me de novo, e a forma como a sua mão desliza pela minha coxa faz-me esquecer que ele é médico e que estamos numa clínica e que, tecnicamente, estou registada como sua paciente. Mas nada disso importa, porque as mãos dele são tão boas, e a boca ainda melhor, e nunca me diverti tanto numa consulta médica.

Ele está a chegar ao meu pescoço quando faz uma pausa e olha para a porta. Puxa-me imediatamente para cima e tapa-me as coxas com a bata. Gira em direção ao lavatório e abre torneira.

A porta abre-se e eu viro a cabeça para a enfermeira, que está agora à entrada. O Jake está a lavar as mãos casualmente, tentando fingir que não

tinha a mão a meio da minha coxa e a língua na minha garganta. Estou a tentar recuperar o fôlego, mas as mãos e o beijo dele deixaram os meus pulmões, já de si fracos, a arfar. Estou praticamente a ofegar.

A enfermeira lança-me mais um olhar preocupado e piedoso.

— Tem a certeza de que está bem?

Depois do meu ataque de tosse de há pouco, e agora isto, ela deve pensar que estou perto do meu leito de morte. Assinto rapidamente com a cabeça.

— Estou ótima. Só... pulmões de merda. Efeito colateral da FQ.

Ouço o Jake a pigarrear, tentando disfarçar uma gargalhada. Ele dá toda a sua atenção à enfermeira.

— Precisam de si na três — diz ela. — É um bocado urgente.

O Jake acena-lhe com a cabeça.

— Obrigado, Vicky. Vou já para lá.

Quando ela fecha a porta, o Jake cobre o rosto com a mão. Quando olha para mim, está a sorrir. Afasta-se da bancada e passa por ela, mas vira-se para mim.

— Volta a vestir-te, Maggie — diz, recuando em direção à porta. — Esta noite passo por tua casa e dispo-te tudo de novo.

Estou a sorrir estupidamente quando ele sai da sala. Levanto-me da mesa e vou até à cadeira buscar a minha roupa. Sentindo outro ataque de tosse a aproximar-se, tapo a boca, ainda incapaz de parar de sorrir. Estou tão contente por ter vindo aqui.

Pigarreio, mas não ajuda. Pressionar a mão na bancada para ter mais equilíbrio também não faz nada, porque aqui está ele. *Olá, velho amigo*. Consigo sentir que está prestes a acontecer antes de realmente acontecer. Sinto-o sempre.

Assim que a sala começa a girar, deixo que os meus joelhos se dobrem para que o impacto não seja tão forte quando embato no chão.

9.

Jake

Quando eu tinha 10 anos, o meu pai levou-me a Puerto Vallarta, só para eu poder saltar de um avião.

Eu implorava para saltar de paraquedas com ele desde que aprendi a falar, mas, no Texas, não é muito fácil dar a um filho permissão legal para saltar de um avião.

Ele era viciado em adrenalina, tal como o filho que estava a criar. Por causa disso, eu praticamente vivia na área de salto onde ele passava a maior parte do seu tempo livre. A maior parte dos pais joga golfe aos domingos. O meu pai saltava de aviões.

Quando acabei a escola secundária, já tinha feito quatrocentos e cinquenta dos quinhentos saltos necessários para me qualificar como instrutor de paraquedismo. Mas, devido às mudanças na minha vida nesse último ano, demorei vários anos a fazer os últimos cinquenta saltos. Finalmente, consegui o meu certificado de instrutor assim que me formei em Medicina. E, apesar de a Maggie ter sido o meu quingentésimo salto como instrutor, já devo ter saltado o triplo disso sozinho desde os meus 10 anos.

Mesmo com tanta experiência, aquele quingentésimo salto de paraquedas pareceu-me o mais aterrador de sempre. Nunca me tinha sentido nervoso com a ideia de saltar de um avião antes disso. Nunca tinha pensado na possibilidade de o paraquedas não abrir. Nunca, até àquele momento, me tinha preocupado com a minha vida. Porque, se aquele salto em particular não acabasse bem, isso significava que o jantar com a Maggie estaria fora de

questão. E eu queria *mesmo* levá-la a jantar. Planeava convidá-la para sair desde que a vi, quando entrei nas instalações naquele dia.

A minha reação imediata a ela surpreendeu-me. Nem sequer me lembro da última vez que me senti atraído por alguém daquela maneira. Mas, assim que a vi, algo despertou dentro de mim. Algo que eu sabia que existia, mas que nunca se tinha manifestado antes. Não me sentia assim a olhar para uma mulher há tanto tempo que me esquecera do quanto uma atração pode ser estonteante.

Ela estava no balcão de atendimento, a receber a papelada do Corey, que estava designado para saltar de paraquedas com ela. Assim que me apercebi de que ela estava ali sozinha, esperei que se sentasse para preencher a papelada e depois implorei ao Corey que me deixasse assumir o comando e ser eu a saltar com ela.

— Jake, tu mal vens cá uma vez por mês. Isto nem sequer é o teu trabalho — disse ele. — Eu estou aqui todos os dias porque preciso mesmo do dinheiro.

— Podes ficar com o dinheiro — disse eu. — Eu dou-te o crédito. Mas deixa-me ficar com este.

Quando lhe disse que podia ficar com o dinheiro sem ter de trabalhar, ele fez uma cara de idiota e acenou com a mão para a Maggie.

— É toda tua — respondeu ele, afastando-se.

Senti-me triunfante por uma fração de segundo, até que voltei a olhar para ela, sentada na cadeira, sozinha. O paraquedismo é um momento marcante na vida da maioria das pessoas que o praticam. É raro os principiantes virem sozinhos. Vêm quase sempre com pessoas que estão a viver o seu próprio momento marcante ao saltarem também, ou têm pessoas à espera no chão para quando sobreviverem ao salto.

Honestamente, ela foi a primeira estreante que vi aparecer completamente sozinha, e a sua independência intrigou-me e intimidou-me. Desde o momento em que me aproximei dela e lhe perguntei se precisava de ajuda para preencher os formulários, nada mudou no que diz respeito ao que se estava a passar dentro do meu peito. Já passaram dias e continuo a sentir o

mesmo nervosismo. Continuo intrigado. Continuo intimidado.

E não faço ideia de como seguir em frente.

É por isso que estou parado neste corredor, mesmo à porta do quarto de hospital para onde a trouxeram há duas horas.

Eu estava a tratar de outro doente quando a Vicky encontrou a Maggie e tratou de toda a situação sem que eu me apercebesse. Só me disse quando acabei de atender mais dois doentes e a Maggie já tinha desaparecido há uma hora.

A Vicky disse que reparou que a Maggie estava a demorar um pouco a vestir-se e a sair da sala, por isso foi ver como ela estava. A Maggie estava no chão, a recuperar de um desmaio. A Vicky testou imediatamente os seus níveis de glicose e depois mandou uma equipa médica com ela para o hospital. A clínica onde trabalho fica ao lado do hospital, por isso estamos habituados a ter de transportar doentes. Só não estou habituado a que as emergências médicas sejam também uma emergência *pessoal*.

Desde que a Vicky me informou do que aconteceu, não consegui concentrar-me. Acabei por pedir a um colega que me substituísse para poder ir ver a Maggie. Agora que estou no corredor, em frente ao quarto dela, não sei bem o que sentir, o que fazer ou como abordar toda esta situação. Já tivemos um encontro com a possibilidade de outro. Mas agora ela está no hospital e na exata situação de vulnerabilidade que tanto temia que fosse acontecer em relação a nós.

Ela a ser limitada pela doença. E eu aqui para o testemunhar.

Afasto-me quando a porta do quarto se abre. Uma enfermeira sai, dirigindo-se para o posto de enfermagem. Eu sigo-a.

— Desculpe — digo, tocando-lhe no ombro. Ela faz uma pausa e eu aponto para o quarto da Maggie. — Já notificou a família desta doente?

— Sim. Deixei uma mensagem de voz assim que ela deu entrada — responde a enfermeira, olhando para o nome na minha bata. Olha para a ficha da Maggie. — Pensei que ela era paciente da Dra. Kastner.

— E é. Eu sou o cardiologista dela. Ela estava na minha clínica quando o seu estado piorou, por isso vim só ver como ela está.

— É da cardiologia? — pergunta a enfermeira sem levantar os olhos da ficha. — Estamos cientes da DRFQ, mas não temos nada na ficha sobre problemas cardíacos.

— Era apenas um exame preventivo — explico, afastando-me antes que ela fique demasiado curiosa com a minha intromissão. — Só queria certificar-me de que a família era informada. A paciente está consciente?

A enfermeira assente com a cabeça, mas também parece ficar irritada por eu estar a questionar a sua capacidade de fazer o seu trabalho. Viro-me, volto a caminhar em direção ao quarto da Maggie e paro mesmo à porta. Mais uma vez, não entro porque não a conheço suficientemente bem para saber que tipo de reação ela preferiria de mim neste momento. Se entrar e fingir que o facto de ela ter desmaiado no meu gabinete não foi nada de especial, ela pode ficar desiludida com a minha casualidade. Se entrar e agir como se estivesse preocupado, ela pode usar essa preocupação como uma arma contra nós.

Acho que, se tivéssemos tido mais do que um encontro de uma noite, os próximos minutos talvez não tivessem tanta importância. Mas como só tivemos um encontro, tenho quase a certeza de que ela neste momento está arrependida de ter aparecido no meu gabinete e de eu a poder ver num estado tão vulnerável, e possivelmente até a arrepender-se de ter entrado na minha vida na terça-feira. Sinto que os meus próximos passos são extremamente cruciais para o desfecho de tudo isto.

Acho que nunca me preocupei tanto com a forma de agir em frente de alguém. Normalmente, costumo pensar que, se alguém não gosta de mim, isso não tem importância para mim ou para a minha vida, por isso sempre fiz e disse o que me apetecia fazer e dizer. Mas, neste momento, com a Maggie, daria tudo para ter um manual.

Preciso de saber o que é que ela quer que eu faça para não voltar a afastar-me.

Levo a mão à porta, mas o meu telemóvel começa a tocar assim que começo a abri-la. Recuo rapidamente para que ela não se aperceba de que estou mesmo à sua porta. Caminho alguns metros pelo corredor e tiro o telemóvel do bolso.

Sorrio quando vejo que é o Justice a tentar ligar-me por FaceTime. Fico aliviado por ter mais uns minutos para me preparar antes de entrar para ver a Maggie.

Aceito a chamada e espero os vários segundos que normalmente são necessários para que o FaceTime faça a ligação. Quando finalmente acontece, não é a cara do Justice que vejo no telemóvel. O ecrã está coberto por um pedaço de papel. Semicerro os olhos para o ver, mas está demasiado desfocado.

— Está muito perto do teu telemóvel — digo-lhe.

Ele afasta o papel uns centímetros e consigo ver o número oitenta e cinco com um círculo, no canto superior direito.

— Não é muito mau para uma noite de filmes de terror — digo-lhe.

O rosto do Justice está agora no ecrã. Ele olha para mim como se eu fosse o filho e ele, o pai.

— Pai, é um B. É o meu primeiro B do ano. É suposto gritares comigo para que eu não volte a ter outro B.

Eu rio-me. Ele está a olhar para mim muito sério, como se estivesse mais desapontado por eu não estar furioso com ele do que por ter tido o seu primeiro B.

— Olha — digo-lhe enquanto me encosto à parede. — Ambos sabemos que sabes a matéria. Eu ficaria zangado se não tivesses estudado, mas tu estudaste. A razão pela qual tiveste um B é porque foste para a cama muito tarde. E eu já ralhei contigo por isso.

Acordei às três da manhã e ouvi a televisão ligada na sala de estar. Quando fui desligá-la, o Justice estava no sofá com uma taça de pipocas a ver *A Visita*. Ele é obcecado por M. Night Shyamalan. A obsessão dele é maioritariamente culpa minha. Começou quando o deixei ver *O Sexto Sentido* quando ele tinha 5 anos. Agora tem 11, e a obsessão só piorou.

O que é que eu posso dizer? Sai ao pai. Mas, por mais parecido que seja comigo, também tem muito da mãe. Ela stressava com todos os trabalhos de casa durante o secundário e a faculdade. Uma vez tive de a consolar porque estava a chorar por ter tido um noventa e nove num trabalho, quando o seu

objetivo era obter a nota máxima.

O Justice tem esse lado perfecionista, mas está constantemente em guerra com o lado que quer ficar acordado até tarde a ver filmes de terror quando não deve. Hoje de manhã, tive de o acordar quando chegámos à entrada da escola.

Percebi que o teste de Matemática não ia acabar bem quando ele limpou a baba da boca, abriu a porta para sair do carro e disse:

— Boa noite, pai.

Pensou que eu o estava a deixar em casa da mãe. Ri-me quando ele saiu do carro e percebeu que era dia de aulas. Voltou para o carro e tentou abrir a porta. Tranquei-a antes que ele pudesse voltar a entrar no carro e implorar-me para faltar.

Abri ligeiramente a janela e ele enfiou os dedos na frincha e disse:

— Pai, por favor. Eu não conto à mãe. Deixa-me só dormir hoje.

— As ações têm consequências, Justice. Adoro-te, boa sorte e mantém-te acordado.

Os seus dedos saíram da janela e ele recuou, derrotado, enquanto eu me afastava.

Olho para o meu telemóvel enquanto ele sacode a folha e a lança por cima do ombro. Esfrega os olhos e diz:

— Vou perguntar ao professor Banks se posso voltar a fazer o teste.

Rio-me.

— Ou então aceita o oitenta e cinco. Não é uma nota má.

O Justice encolhe os ombros e coça a bochecha.

— A mãe voltou a sair com aquele tipo ontem à noite.

Diz-me isso tão casualmente, como se a possibilidade de um padrasto não o entristecesse. O que é bom, acho eu.

— Ah, sim? Ele chamou-te *pivete* e despenteou-te o cabelo outra vez?

O Justice revira os olhos.

— Não, desta vez não foi assim tão mau. Acho que ele não tem filhos, e a mãe disse-lhe que as pessoas não chamam *pivete* a miúdos de 11 anos. Mas, de qualquer forma, ela queria que eu te perguntasse se estás ocupado esta

noite, porque eles vão sair outra vez.

Ainda é um pouco estranho ouvir falar dos encontros da Chrissy da boca do filho que criámos juntos. É um território novo com o qual não sei lidar, por isso tento ao máximo aparentar que não acho estranho. A decisão de terminar tudo com ela foi minha, e não foi fácil. Especialmente porque temos um filho. Mas saber que o Justice era a única razão pela qual ainda estávamos juntos não parecia justo para nenhum de nós. A Chrissy reagiu mal no início, mas apenas porque estávamos todos confortáveis com a vida que tínhamos. Porém, havia um vazio, e ela sabia-o.

Quando se trata de amar outra pessoa, sempre acreditei que devia haver um nível de loucura nesse amor. Uma loucura do tipo «quero passar cada minuto de cada dia contigo». Mas eu e a Chrissy nunca tivemos esse tipo de amor. O nosso amor baseava-se na responsabilidade e no respeito mútuo. Não era um amor louco e eletrizante.

Quando o Justice nasceu, sentimos aquele amor louco por ele, e isso foi suficiente para nos aguentar durante o fim do secundário, a faculdade de Medicina e grande parte do internato. Mas o que sentíamos um pelo outro era um amor demasiado frágil para se estender por uma vida inteira.

Separámo-nos há mais de um ano, mas eu só arranjei casa própria há cerca de seis meses. Comprei uma casa a duas ruas da casa onde criámos o Justice. O juiz deu-nos a custódia partilhada, especificando quando cada um deve ficar com ele, mas nunca cumprimos isso. O Justice fica connosco e o tempo é dividido igualmente entre os dois, mas é mais nos termos dele do que nos nossos. Como as nossas casas são muito próximas, ele vai e volta sempre que lhe apetece. Na verdade, eu prefiro assim. Ele adaptou-se muito bem e acho que esta forma de o deixar controlar a maior parte das visitas fez com que ele aceitasse bem a nossa separação.

Por vezes, até *demasiado* bem.

Porque, por algum estranho motivo, ele acha que eu quero saber sobre a vida amorosa da mãe, quando eu preferia não saber nada. Mas ele só tem 11 anos. Ainda é inocente em quase todos os sentidos, por isso gosto que ele me mantenha atualizado sobre a metade da sua vida de que já não faço parte.

— Pai — diz o Justice. — Ouviste-me? Posso ficar em tua casa esta noite?

Assinto com a cabeça.

— Sim. Claro.

Eu disse à Maggie que ia a casa dela esta noite, mas isso foi antes... *disto*. Tenho quase a certeza de que a vão manter internada esta noite para observação, por isso a minha noite de sexta-feira está livre. Mesmo que não fosse assim, teria ficado disponível para o Justice. Eu trabalho muito e tenho muitos passatempos, mas ele está sempre em primeiro lugar. Tudo o resto vem depois.

— Onde estás? — O Justice inclina-se, semicerrando os olhos para o telemóvel. — Não parece o teu gabinete.

Viro o telemóvel para o corredor vazio, apontando-o para a porta da Maggie.

— Estou no hospital a visitar uma amiga doente. — Viro o telemóvel de novo para mim. — Se ela me quiser ver.

— Porque é que não haveria de querer? — pergunta o Justice.

Olho para ele por momentos e depois abano a cabeça. Não queria ter dito a última parte em voz alta.

— Não é importante.

— Ela está zangada contigo?

É demasiado estranho falar com ele sobre uma rapariga com quem saí e que não é a mãe dele. Por muito que ele pareça não ligar, não sei se alguma vez me sentirei à vontade para falar com ele sobre a minha vida amorosa. Aproximo o telemóvel do rosto e ergo uma sobrancelha.

— Não vou falar contigo sobre a minha vida amorosa.

O Justice inclina-se para a frente e imita a minha expressão.

— Vou lembrar-me desta conversa quando começar a namorar.

Eu rio-me. A bom rir. Ele só tem 11 anos, e já tem mais sagacidade do que a maioria dos adultos.

— Está bem. Se eu te falar sobre ela, prometes que me contas sobre a primeira vez que beijares uma rapariga?

O Justice assente com a cabeça e diz:

— Só se não contares à mãe.

— Combinado.

— Combinado.

— Ela chama-se Maggie — digo-lhe. — Saímos juntos na terça-feira, e tenho quase a certeza de que ela gosta de mim, mas não quis sair comigo outra vez porque a vida dela é muito agitada. Mas agora está no hospital, e eu estou prestes a ir vê-la, mas não faço ideia de como agir quando entrar por aquela porta.

— O que queres dizer com não saberes como agir? — pergunta o Justice. — Não é suposto fingir ao pé das outras pessoas. Dizes-me sempre para ser eu próprio.

Adoro quando os meus conselhos de pai são realmente apreendidos por ele. Ainda que eu não apreenda os meus próprios conselhos.

— Tens razão. Devia entrar ali e ser eu mesmo.

— O teu *verdadeiro* eu. Não o teu eu médico.

Rio-me.

— O que é que isso quer dizer?

O Justice inclina a cabeça e faz uma cara para o ecrã que se parece muito com uma cara que eu provavelmente faço na maior parte do tempo.

— És um pai fixe, mas quando entras no modo médico, és muito aborrecido. Não fales de trabalho ou de coisas médicas se gostas dela.

Modo médico? Rio-me.

— Mais algum conselho antes de eu entrar ali?

— Leva-lhe um *Twix*.

— Um *Twix*?

O Justice assente com a cabeça.

— Sim, se alguém me trouxesse um *Twix*, eu ia querer ser amigo dessa pessoa.

Anuo com a cabeça.

— Está bem. Bom conselho. Vejo-te logo à noite e digo-te como correu.

O Justice acena e depois termina a videochamada.

Enfio o telemóvel no bolso e dirijo-me para a porta da Maggie. *Sê tu mesmo*. Posto-me à frente da porta e inspiro para me acalmar antes de bater. Espero que ela diga «Entre» antes de abrir a porta. Quando entro no quarto, ela está deitada de lado. Sorri quando me vê e ergue-se sobre o cotovelo.

Aquele sorriso é tudo o que eu precisava.

Dirijo-me à cama enquanto ela a ajusta, levantando um pouco a cabeceira. Sento-me na cadeira vazia ao lado da cama. Ela enfia o braço debaixo da cabeça e apoia-se na almofada. Aproximo-me e pouso-lhe a mão na cabeça, depois inclino-me e dou-lhe um beijo suave na boca. Quando me afasto, não faço ideia do que dizer. Apoio o queixo na grade da cama e passo os dedos pelo cabelo dela enquanto a olho fixamente.

Adoro o que sinto quando estou perto dela. Cheio de adrenalina, como se estivesse a meio de um salto noturno. Mas, apesar de estar cheio de adrenalina e de estar a tocar no cabelo dela e de ela me ter sorrido quando aqui entrei, consigo ver nos seus olhos que o meu paraquedas está prestes a falhar e que estou prestes a cair sozinho em queda livre, sem nada à minha frente a não ser um impacto horrível.

Ela desvia o olhar por momentos. Leva a máscara de oxigénio à boca e inala um ciclo de ar. Quando a afasta, força outro sorriso.

— Que idade tem o teu filho?

Semicerro os olhos, perguntando-me como é que ela sabe isso sobre mim. Mas o silêncio do quarto revela a resposta. Tudo o que se passa fora desta porta pode ser ouvido muito claramente.

Tiro a mão do cabelo dela e baixo-a até à mão que ela tem pousada na almofada. Traço um círculo suave à volta do local onde o soro está colado à pele.

— Tem 11 anos.

Ela sorri de novo.

— Eu não estava a tentar ouvir.

Abano a cabeça.

— Não faz mal. Não estava a tentar esconder que tenho um filho. Só não sabia como falar disso num primeiro encontro. Sou um pouco protetor em

relação a ele, por isso acho que devo guardar essa parte da minha vida até ter a certeza de que é algo que quero partilhar.

A Maggie acena com a cabeça em sinal de compreensão, virando a mão. Deixa-me traçar a pele do seu pulso por momentos. Observa os meus dedos a percorrerem a palma da mão dela, descendo pelo pulso, até chegarem novamente ao soro. Depois volta a olhar para mim.

— Como é que ele se chama?

— Justice.

— É um ótimo nome.

Eu sorrio.

— Ele é um ótimo miúdo.

Continuo a tocar-lhe na mão, mas ficamos em silêncio durante algum tempo. Não quero aprofundar ainda mais esta conversa, porque sei que vai dar em algo que não quero. Mas, ao mesmo tempo, se eu não continuar a falar, ela pode tomar a palavra e começar a dizer-me, mais uma vez, porque é que não quer fazer parte disto.

— A mãe dele chama-se Chrissy — digo, preenchendo o vazio. — Começámos a namorar porque tínhamos muito em comum. Ambos queríamos ir para a faculdade de Medicina. Ambos tínhamos sido aceites na UT. Mas depois engravidei-a no último ano do secundário. Ela deu à luz o Justice uma semana antes de o ano letivo acabar.

Paro de traçar a pele dela e entrelaço os dedos nos dela. Adoro o facto de ela ter deixado. Adoro a sensação da mão dela entrelaçada na minha.

— É impressionante terem tido um filho na escola secundária e mesmo assim terem conseguido formar-se em Medicina.

Gosto que ela reconheça quão difícil foi para nós.

— Houve uma altura durante a gravidez em que procurei outras carreiras. Outras mais fáceis. Mas mal pus os olhos no meu filho, soube que não queria que ele pensasse que era um obstáculo para as nossas vidas pelo simples facto de o termos tido tão novos. Fizemos tudo o que podíamos para garantir que nos mantínhamos fiéis aos nossos objetivos. Era um desafio, dois adolescentes a tentarem fazer um curso de Medicina com um bebé. Mas

a mãe da Chrissy foi, *e é*, o nosso baluarte. Não o teríamos conseguido sem ela.

A Maggie aperta-me um pouco a mão quando acabo de falar. É gentil e doce, como se ela estivesse a dizer silenciosamente: «Bom trabalho.»

— Que tipo de pai és tu?

Nunca ninguém me tinha pedido para avaliar o meu próprio desempenho como pai. Penso nisso por momentos e depois respondo à pergunta com total honestidade.

— Um pai inseguro — admito. — Na maioria dos empregos, sabemos logo se vamos ser bons ou não. Mas, com a paternidade, não sabemos realmente se somos bons nisso até a criança estar crescida. Tenho muito medo de estar a fazer tudo mal, e não há forma de saber até ser tarde demais.

— Acho que a tua preocupação em saber se és um bom pai é a prova de que não te deves preocupar.

Encolho os ombros.

— Talvez. Mas, mesmo assim, não deixo de me preocupar. Sempre me preocuparei.

Há um momento de hesitação no rosto dela quando menciono o quanto me preocupo com ele. Quero retirar o que disse. Não quero que ela pense que tenho demasiadas preocupações. Quero que pense no presente e apenas no presente. Não no amanhã, na próxima semana ou no próximo ano. Mas ela está a pensar. Consigo vê-lo pela forma como olha para mim, perguntando-se como é que ela poderia sentir-se bem ao encaixar-se algures na minha vida. E consigo ver pela forma como desvia o olhar de mim e se concentra em tudo *menos* em mim que não se vê a encaixar de todo.

Ela já estava hesitante quando achava que a minha maior preocupação fora do trabalho era se o tempo estava bom para fazer paraquedismo. E, apesar de ter aparecido no meu consultório hoje, disposta a dar-me uma oportunidade, percebo que descobrir a existência do Justice não só a fez mudar de ideias, como a deixou ainda mais determinada do que quando me expulsou de sua casa.

Solto-lhe a mão e levo a minha de novo à sua cabeça, passando o polegar

pela bochecha dela para que ela olhe para mim. Quando finalmente o faz, já está decidida. Consigo ver isso em todos os fragmentos quebrados de esperança que flutuam nos seus olhos. É incrível como alguém pode transmitir tanta coisa num só olhar.

Suspiro, fazendo deslizar o polegar pelos lábios dela.

— Não me peças para ir embora.

As sobrancelhas dela separam-se, e ela parece absolutamente dividida entre o que quer e o que sabe que precisa.

— Jake — diz. Não diz mais nada a seguir ao meu nome. O meu nome fica no ar, pesado e cansado.

Sei que não a posso fazer mudar de ideias, mas também não sei se deveria sequer tentar. Por muito que queira voltar a vê-la e por muito que queira conhecê-la melhor, não é justo da minha parte implorar. Ela conhece a sua situação melhor do que ninguém. Ela sabe do que é capaz e sabe como quer que a sua vida seja. Não posso argumentar todas as razões pelas quais ela não me deve afastar, porque tenho quase a certeza de que faria o mesmo se estivesse no lugar dela.

Talvez seja por isso que estamos os dois tão calados. Porque a compreendo.

O ambiente está pesado no quarto. Está cheio de tensão e atração e deceção. Tento imaginar como seria amá-la. Porque, se passar uma noite com ela já faz surgir tanta angústia neste quarto, imagino que o início de um amor arrebatador deve ser assim.

Finalmente encontrei alguém que um dia poderia preencher o vazio da minha vida, mas, para ela, se entrasse na minha vida, a sua ausência iria *criar* um vazio. É irónico. *Enlouquecedor*.

— Já estiveste com a Dra. Kastner?

Ela assente com a cabeça, mas não diz mais nada.

— Houve alguma alteração no teu estado clínico?

Ela abana a cabeça, e não sei se está a mentir. Respondeu depressa demais.

— Eu estou bem. Mas acho que preciso de descansar.

Ela está a pedir-me que saia, mas eu quero dizer-lhe que, apesar de a

conhecer mal, quero estar aqui para ela. Quero ajudá-la a riscar as últimas coisas da sua lista. Quero garantir que continua a viver e não a focar-se no facto de que talvez não tenha tanto tempo como todos os outros.

Mas não digo nada. Quem sou eu para presumir que ela não vai ter uma vida completamente realizada se eu não fizer parte dela? Isso é algo que apenas um narcisista acharia. A mulher que está à minha frente neste momento é a mesma que foi sozinha esta semana fazer paraquedismo pela primeira vez. Por isso, irei respeitar a escolha dela e irei afastar-me exatamente pelo mesmo motivo que me fez sentir-me atraído por ela. Porque ela é uma miúda independente que não precisa de mim para preencher um vazio. Não há vazios na vida dela.

E aqui estou eu a ser egoísta e a desejar implorar-lhe que preencha o meu.

— Tu estavas a avançar na tua lista — digo. — Promete-me que vais riscar mais algumas coisas.

Ela começa imediatamente a anuir com a cabeça, e depois solta uma lágrima. Revira os olhos, como se estivesse embaraçada.

— Não acredito que estou a chorar. Eu mal te conheço. — Ri-se, e depois fecha bem os olhos e volta a abri-los. — Estou a ser ridícula.

Sorrio.

— Não. Estás a chorar porque sabes que, se a tua situação fosse diferente, estarias a apaixonar-te por mim neste preciso momento.

Ela solta uma gargalhada triste.

— Se a minha situação fosse diferente, isso teria acontecido na terça-feira.

Nem sequer lhe consigo responder. Levanto-me da cadeira e inclino-me para a beijar. Ela retribui o beijo, segurando o meu rosto com ambas as mãos. Quando nos afastamos, encosto a testa à dela e fecho os olhos.

— Quase desejo nunca te ter conhecido.

Ela abana a cabeça.

— Eu não. Fico feliz por te ter conhecido. Acabaste por realizar um terço da minha lista.

Afasto-me e sorrio, desejando ardentemente ter egoísmo suficiente para tentar fazê-la mudar de ideias. Mas saber que o único dia que passei com ela

teve significado basta-me por agora. Tem de bastar.

Beijo-a uma última vez.

— Posso ficar até a tua família chegar.

Algo muda na expressão dela. Fica mais séria. Abana a cabeça e afasta as mãos da minha cabeça.

— Eu fico bem. Podes ir.

Assinto e levanto-me. Nem sequer sei nada sobre a família dela. Não sei nada sobre os pais dela, ou se tem irmãos e irmãs. Não sei se quero estar aqui quando eles chegarem. Não quero conhecer as pessoas mais importantes da vida dela se nunca poderei *ser* uma delas.

Aperto a mão dela mais uma vez e fito-a enquanto tento esconder a minha mágoa.

— Devia ter trazido um *Twix*.

Ela mostra-se confusa, mas eu não explico. Afasto-me, e ela faz um ligeiro aceno com a mão. Eu aceno de volta, mas depois viro-me sem me despedir. Saio do quarto o mais depressa possível.

Sendo uma pessoa que toda a vida procurou a adrenalina, nem sempre tomei as melhores decisões. A adrenalina leva-nos a fazer coisas estúpidas sem pensar muito nas nossas ações.

Fui estúpido aos 13 anos, quando provoquei um acidente com a minha mota de motocrosse só porque queria saber como era partir um osso.

Fui estúpido aos 18 anos, quando fiz sexo com a Chrissy sem preservativo, simplesmente porque era empolgante e presumíamos que éramos imunes às consequências.

Fui estúpido aos 23 anos, quando mergulhei de costas de um penhasco que não conhecia em Cancun, tomado pelo entusiasmo de não saber se havia rochas submersas.

E seria estúpido, aos 29 anos, implorar a uma mulher que entre de cabeça numa situação que talvez seja o amor arrebatador por que ansiei a vida inteira. Quando mergulhamos num amor tão profundo, não conseguimos sair dele, mesmo depois de acabar. Ficamos nele para sempre, aconteça o que acontecer.

Acho que a Maggie sabe disso. E tenho a certeza de que é por isso que me está a afastar de novo.

Ela não afastaria alguém tão veementemente se não receasse que a sua morte acabasse por matar *o outro* também. Pelo menos levo essa ideia comigo ao ir-me embora. Posso presumir que ela viu potencial suficiente em nós para achar que tinha de acabar tudo antes que nos afogássemos os dois.

10.

Ridge

Estou a escorrer a massa no lava-louça e a ver a Sydney a passear-se pela cozinha e pela sala a apontar para as coisas e a dizer o nome delas em língua gestual. Corrijo-a quando se engana, mas acertou em quase tudo. Aponta para o candeeiro e faz o gesto para «candeeiro». Depois para o sofá. A almofada, a mesa, a janela. Aponta para a toalha que tem na cabeça e faz o gesto para «toalha».

Quando assinto com a cabeça, ela sorri e tira a toalha. O cabelo molhado cai-lhe em volta dos ombros, e eu tinha imaginado mais vezes do que gostaria de admitir como seria o cheiro do cabelo dela assim que ela saísse do banho. Aproximo-me e envolvo-a com os braços, pressionando o rosto contra a sua cabeça para poder sentir o seu cheiro.

Depois regresso ao fogão, e deixo-a parada na sala, a olhar para mim como se eu fosse estranho. Encolho os ombros enquanto rego a massa com o molho Alfredo. Alguém me agarra o ombro por trás, e sei imediatamente que é o Warren. Olho para ele.

— Chega para mim e para a Bridgette?

Não sei porque é que não fizemos isto no apartamento da Sydney. Lá é muito mais tranquilo para mim, e eu nem sequer consigo ouvir. Imagino quão mais tranquilo será para ela.

— Há suficiente — digo em língua gestual, percebendo o quanto preciso de ter um encontro a sério com a Sydney. Tenho de a tirar deste apartamento. Amanhã faço isso. Amanhã vamos ter um encontro de doze

horas. Vamos almoçar e depois vamos ao cinema e depois jantar, e não teremos de ver o Warren e a Bridgette.

Estou a tirar o pão de alho do forno quando a Sydney corre para a casa de banho. Primeiro fico preocupado por ela ir a correr para a casa de banho, mas depois lembro-me de que os nossos telemóveis ficaram lá na bancada. Ela deve ter recebido uma chamada.

Regressa à cozinha momentos depois com o telemóvel ao ouvido. Está a rir-se enquanto fala com alguém. Provavelmente a mãe.

Quero conhecer os pais dela. A Sydney não me falou muito sobre eles, apenas que o pai é advogado e a mãe sempre foi dona de casa. Mas ela não parece sentir-se incomodada quando fala com eles. As únicas pessoas da vida dela que conheci são o Hunter e a Tori — e gostava de esquecer que os conheci —, mas a família dela é diferente. São as pessoas dela, por isso quero conhecê-los, nem que seja para lhes dizer que criaram uma mulher excecional, que amo com todo o coração.

A Sydney sorri-me e faz o gesto para «mãe», enquanto aponta para o telemóvel. Depois empurra o meu telemóvel por cima da bancada na minha direção. Desbloqueio-o e vejo que tenho uma chamada perdida e uma mensagem de voz. É raro eu receber chamadas, porque quem me conhece sabe que não posso atender o telefone. Geralmente apenas recebo mensagens de texto.

Abro a aplicação de correio de voz para ler a transcrição da mensagem, mas diz: «Transcrição não disponível.» Ponho o telemóvel no bolso e espero que a Sydney acabe a chamada dela. Vou pedir-lhe que ouça a mensagem e me explique o que diz.

Desligo o fogão e o forno e ponho os pratos na mesa, juntamente com as travessas de comida. O Warren e a Bridgette aparecem magicamente mal o jantar está pronto. É automático. Desaparecem quando é hora de limpar ou pagar contas, mas aparecem sempre que há comida envolvida. Se alguma vez se mudarem, vão ambos passar fome.

Talvez *eu* deva mudar-me. Deixá-los ficar com este apartamento e ver quão divertido é ter de pagar as contas a horas. Um destes dias faço isso. Vou

morar com a Sydney, mas não agora. Só depois de conhecer toda a família dela e depois de ela poder viver uns tempos sozinha, como sempre desejou.

A Sydney desliga a chamada dela e senta-se à mesa ao meu lado. Eu passo-lhe o meu telemóvel e aponto para a mensagem de voz.

— Podes ouvir isto?

Hoje à tarde ela pediu-me que lhe repetisse em língua gestual tudo o que eu dissesse, por isso faço-o. Vai ajudá-la a aprender mais depressa. Pego no prato dela enquanto ela ouve a mensagem e sirvo a massa. Coloco um pedaço de pão de alho e deixo o prato à sua frente no momento em que ela afasta o telemóvel do ouvido.

Ela olha para o ecrã por instantes e depois para o Warren antes de olhar para mim. Nunca lhe tinha visto aquela expressão. Não sei bem como a interpretar. Parece hesitante, preocupada, e um pouco indisposta. Não gosto disso.

— Que foi?

Ela passa-me de novo o telemóvel e agarra no copo de água que lhe servi.

— A Maggie — diz, forçando o meu coração a parar. Diz mais alguma coisa, mas não o diz em língua gestual e não consigo ler os lábios dela.

Olho para o Warren, que traduz em língua gestual o que a Sydney disse.

— Era do hospital. A Maggie foi internada hoje.

Tudo parece parar. Digo *parece*, pois a Bridgette continua a servir-se, ignorando tudo o que se está a passar. Olho de novo para a Sydney, e ela está a beber água, evitando o meu olhar. Olho para o Warren, que está a olhar para mim como se eu devesse saber o que fazer.

Não sei porque é que ele está a agir como se eu é que tivesse de decidir como dirigir isto. A Maggie também é amiga dele. Olho para ele com expectativa e depois digo:

— Liga-lhe.

A Sydney olha para mim e eu olho para ela, e não faço a mais pequena ideia de como lidar com esta situação. Não quero parecer preocupado, mas é impossível saber que a Maggie está no hospital e não ficar preocupado. Mas também estou preocupado com o que a Sydney está a sentir em relação a

isto. Suspiro e pego na mão dela por baixo da mesa enquanto espero que o Warren contacte a Maggie. A Sydney entrelaça os dedos nos meus, mas depois pousa o outro braço na mesa, cobrindo a boca com a mão. Volta a sua atenção para o Warren, no momento em que ele se levanta e começa a falar ao telefone. Eu observo-o e espero. A Sydney observa-o e espera. A Bridgette pega numa grande porção de massa com o pão e dá uma dentada.

A Sydney balança a perna. A minha pulsação está ainda mais acelerada do que a perna dela. A conversa do Warren arrasta-se e parece demorar uma eternidade. Não sei do que estão a falar, mas, a meio da conversa, a Sydney estremece e depois afasta a mão da minha e levanta-se da mesa. Eu levanto-me para a seguir no mesmo instante em que o Warren desliga a chamada.

Agora estou de pé no meio da sala, prestes a correr atrás da Sydney, mas o Warren começa a falar em língua gestual.

— Ela desmaiou hoje no consultório médico. Vão mantê-la em observação durante a noite.

Solto um suspiro de alívio. As hospitalizações por causa da diabetes são as menos preocupantes. Quando ela apanha alguma virose ou uma constipação é que demora algumas semanas a recuperar.

Percebo pelo ar do Warren que ele ainda não acabou de falar. Há algo que ainda não disse. Algo que disse à Maggie e que perturbou a Sydney a ponto de ela se afastar.

— Que mais? — pergunto.

— Ela estava a chorar — diz ele. — Parecia... assustada. Ela precisa da nossa ajuda, mas não me disse mais do que isso. Eu disse-lhe que íamos já para lá.

A Maggie quer-nos lá.

A Maggie *nunca* nos quer lá. Sente sempre que nos está a atrapalhar.

Deve ter acontecido mais alguma coisa.

Cubro a boca com a mão, sem conseguir pensar.

Viro-me para me dirigir ao quarto, mas a Sydney está à porta com os sapatos calçados e a mala no ombro. Vai-se embora.

— Desculpa — diz ela. — Não estou a ir-me embora por estar zangada.

Apenas preciso de processar tudo isto.

Ela gesticula na direção da sala e baixa a mão, mas não sai. Fica apenas parada, confusa.

Aproximo-me dela e seguro-lhe no rosto, porque também estou confuso. Ela apenas fecha os olhos quando pressiono a testa contra a dela. Não sei lidar com esta situação. Há tanta coisa que quero dizer-lhe, mas fazer isso por mensagem seria muito lento e não sei se conseguiria dizer tudo o que quero, nem se tudo o que eu diria seria compreensível para ela. Afasto-me, seguro-lhe na mão e levo-a de volta para a mesa.

Faço sinal ao Warren para nos ajudar a comunicar se precisarmos dele. A Sydney senta-se na cadeira dela e eu sento-me na minha, de modo a ficar mesmo à sua frente.

— Estás bem?

Ela parece não saber como responder a essa pergunta. Quando finalmente o faz, eu não consigo entendê-la, por isso o Warren di-lo em língua gestual.

— Estou a tentar, Ridge. Estou mesmo.

Só o facto de ver a sua dor quando fala faz com que ela seja o meu único foco. Não posso deixá-la assim. Olho para o Warren.

— Podes ir sozinho?

Ele parece desapontado com a minha pergunta.

— Esperas que eu saiba o que fazer? — Levanta as mãos em sinal de frustração.

— Não podes deixar de estar ao lado dela só porque tens uma namorada nova. Nós somos tudo o que a Maggie tem, e tu sabes disso.

Estou tão frustrado com a resposta do Warren como com a minha própria pergunta. É claro que não vou deixar de estar presente para a Maggie. Mas não sei como estar presente para ela e para a Sydney neste momento. Não pensei muito no futuro quando eu e a Maggie nos separámos. Duvido que ela também tenha pensado. Mas o Warren tem razão. Que tipo de pessoa seria eu se abandonasse a rapariga que dependeu exclusivamente de mim nos últimos seis anos no que diz respeito às suas necessidades médicas? Raios, ainda sou o contacto de emergência dela. Isso mostra bem que

sistema de apoio ela tem. E eu não posso mandar o Warren sozinho. Ele nem sequer consegue tomar conta de si próprio, quanto mais da Maggie. Sou a única pessoa que conhece as necessidades médicas dela. Todo o seu historial clínico. Os medicamentos que toma, os nomes de todos os médicos, o que fazer numa emergência, como operar o equipamento respiratório que tem em casa. O Warren estaria perdido sem mim.

Como se os pensamentos da Sydney estivessem na mesma linha que os meus, ela fala com o Warren, e ele repete-mo em língua gestual.

— O que costumas fazer quando isto acontece?

— Normalmente, quando isto acontece, o Ridge vai. Às vezes vamos os dois. Mas o Ridge vai sempre. Ajudamo-la a chegar a casa, aviamos as receitas, certificamo-nos de que está instalada; ela fica zangada porque acha que não precisa de ajuda e, passado um dia ou dois, normalmente obriga-nos a voltar para casa. A mesma rotina que temos desde que o avô dela deixou de poder cuidar dela.

— Ela não tem mais ninguém? — pergunta a Sydney. — Pais? Irmãos? Primos? Tias, tios, amigos? Um carteiro de confiança?

— Ela tem parentes que não conhece muito bem e que vivem noutro estado. Nenhum que possa ir buscá-la ao hospital. E nenhum que saiba como lidar com a doença dela. Não como o Ridge sabe.

A Sydney parece exasperada.

— Ela não tem mesmo mais ninguém?

Abano a cabeça.

— Ela passou o tempo todo concentrada na faculdade, nos avós e no namorado que teve durante seis anos. Nós somos literalmente tudo o que ela tem.

A Sydney absorve a minha resposta e depois acena lentamente com a cabeça, como se estivesse a tentar ser compreensiva. Mas eu sei que é muita coisa para assimilar. Provavelmente, passou os últimos meses a tentar convencer-se de que eu e a Maggie não voltaríamos a ficar juntos. Duvido que tenha pensado o suficiente para perceber que, apesar de eu e a Maggie já não estarmos numa relação, eu continuo a ser o seu principal cuidador

quando ela não está em condições de cuidar de si própria.

Sei que ela tolera as mensagens de texto ocasionais, mas, como a Maggie não tem tido episódios nos últimos meses, ainda não tínhamos passado por esta parte da minha nova amizade com a Maggie. Tenho estado tão concentrado em fazer com que a Sydney me dê uma oportunidade que, até este momento, não me ocorreu que ela pudesse não estar de acordo com isso.

A constatação atinge-me com o peso de mil tijolos. Se a Sydney não está bem com isto, onde é que isso nos deixa? Serei capaz de me afastar completamente da Maggie, sabendo que ela não tem mais ninguém? Será que a Sydney me poria mesmo numa posição em que eu teria de escolher entre a felicidade dela e a saúde da Maggie?

As minhas mãos começam a tremer. Sinto a pressão a atingir-me de todos os lados. Agarro na mão da Sydney e levo-a para o meu quarto. Quando fecho a porta, encosto-me a ela e puxo-a para o meu peito, apertando-a, assustado por ela estar prestes a deixar-me numa situação impensável. E eu entenderia. Pedir-lhe que apoie uma relação tão invulgar com a rapariga por quem estive apaixonado durante anos é, basicamente, pedir-lhe que seja uma heroína.

— Amo-te — digo. É a única coisa que tenho forças para dizer neste momento. Sinto-a a dizer-me em língua gestual as mesmas palavras contra o meu peito. Ela agarra-se a mim e eu agarro-me a ela, e depois sinto-a a começar a chorar nos meus braços. Encosto a minha bochecha ao topo da cabeça dela e abraço-a, querendo tirar-lhe toda a dor que está a sentir neste momento. E podia. Podia mandar uma mensagem à Maggie agora mesmo e dizer-lhe que isto é demasiado para a Sydney e que não posso continuar a fazer parte da vida dela.

Mas que tipo de pessoa é que eu seria se fizesse isso? Será que a Sydney poderia amar um tipo que excluiria alguém da sua vida dessa maneira?

E se a Sydney me pedisse para o fazer — se me pedisse para nunca mais falar com a Maggie —, que tipo de pessoa é que *ela* seria se os seus ciúmes se sobrepusessem à decência humana?

Ela não é esse tipo de pessoa. E eu também não. É por isso que estamos os

dois no escuro, abraçados um ao outro, enquanto ela chora. Porque sabemos o que acabará por acontecer esta noite. Eu vou-me embora para tomar conta da Maggie. E não será a última vez, porque é provável que a Maggie precise de mim até deixar de precisar. E essa é uma ideia que não me apetece processar neste momento.

Sei que tentei ser correto com ambas, mas nem sempre *fui* correto. Parte de mim sente que isto é *karma*. Estou a ser forçado a magoar a Sydney porque magoei a Maggie. E magoar qualquer uma delas magoa-me.

Levanto a cabeça da Sydney do meu peito e beijo-a, segurando o seu rosto entre as mãos. Tem os olhos tristes e lágrimas no rosto. Beijo-a novamente e digo:

— Vem comigo.

Ela suspira e abana a cabeça.

— É demasiado cedo para isso. Ela não me quereria lá.

Puxo-lhe o cabelo para trás e dou-lhe dois beijos na testa. Ela recua um passo e tira o telemóvel do bolso. Escreve uma mensagem de texto, mas o meu telemóvel ainda está em cima da mesa, por isso dá-me o dela para que eu possa ler a mensagem.

Sydney: Se fores, provavelmente vou chorar até adormecer. Mas ela está no hospital, Ridge. E está sozinha. Por isso, se não fores, ela provavelmente vai chorar até adormecer, também.

Escrevo uma mensagem em resposta.

Ridge: As tuas lágrimas são mais importantes para mim, Sydney.

Sydney: Eu sei. E por muito que esta situação seja uma merda e por muito que doa, o facto de estares dividido neste momento porque não a queres abandonar faz-me pensar que és melhor do que eu imaginava. Por isso, vai, Ridge. Por favor. Eu ficarei bem desde que voltes para mim.

Devolvo-lhe o telemóvel e passo as mãos pelo cabelo. Viro-me de costas para ela e olho para a porta, apertando a nuca. Tento conter-me, mas, nos

meus 24 anos de vida, nunca me senti tão amado por alguém. Nem pela Maggie. Nem pelos meus pais. E, por mais que eu ame o Brennan, não sei se já senti tanto amor assim vindo do meu irmão.

A Sydney Blake, sem dúvida, ama-me mais do que alguma vez fui amado. Ela ama-me mais do que eu mereço, e, neste momento, mais do que consigo aguentar.

Gostava que houvesse um gesto em língua gestual que pudesse transmitir que quero abraçá-la tanto que um simples abraço não basta, mas não há. Por isso, viro-me, abraço-a e encosto o meu rosto ao seu cabelo.

— Eu não mereço a tua compaixão. Ou o teu coração.

Ela ajuda-me a fazer a mala.

Deixo que o momento se entranhe e respeito-o pelo que é. A minha nova namorada está a ajudar-me a fazer a mala para que eu garanta que a minha ex-namorada não fica sozinha no hospital esta noite. Enquanto a Sydney arruma as minhas coisas no saco de viagem, estou sempre a distraí-la, a puxá-la para mim, a beijá-la. Acho que nunca a amei tanto como neste momento. E, mesmo que não esteja cá esta noite, quero-a na minha cama. Pego no telemóvel dela e escrevo uma mensagem na aplicação de notas.

Ridge: Devias ficar aqui esta noite. Quero sentir o teu cheiro na minha almofada amanhã.
Sydney: Já planeava fazer isso. Ainda preciso de comer e depois vou arrumar a cozinha.
Ridge: Eu posso arrumar amanhã. Come, mas deixa a desarrumação para mim. Ou talvez a Bridgette finalmente contribua.

Ela revira os olhos com uma gargalhada ao ler esta mensagem. Ambos sabemos que isso é impossível. Entramos na sala de estar e o Warren e a Bridgette ainda estão à mesa. O Warren está a devorar a comida com uma mochila pendurada na cadeira. A Bridgette está sentada à frente dele, a olhar para o telemóvel. Quando olha para cima, parece um pouco chocada por eu e

a Sydney estarmos a sair do quarto juntos. Acho que não estava à espera de que isto acabasse de forma tão amigável.

— Pronto? — pergunta o Warren em língua gestual.

Assinto com a cabeça e vou até à mesa buscar o telemóvel. O Warren dá a volta à mesa para dar um beijo à Bridgette, mas ela vira a cara para que ele só a possa beijar na face. Ele revira os olhos e endireita-se, pegando na mochila enquanto se afasta da mesa.

— Ela está zangada contigo?

O Warren parece confuso. Olha para a Bridgette e depois para mim.

— Não. Porquê?

— Recusou-se a dar-te um beijo de despedida.

Ele ri-se.

— Isso é porque acabou de me dar uma *queca* de despedida.

Olho para a Bridgette, que ainda está a olhar para o telemóvel. Depois volto a olhar para o Warren. Ele sorri e encolhe os ombros.

— Somos rápidos.

A Bridgette levanta os olhos do telemóvel e fulmina o Warren. Ele revira os olhos e começa a afastar-se de mim, em direção à porta.

— Tenho de parar de falar em voz alta quando falo em língua gestual.

Olha para a Sydney e observa-a brevemente.

— Estás bem com tudo isto? — pergunta.

A Sydney assente com a cabeça, mas depois ambos olham para a Bridgette. A Bridgette começa a falar — o que é invulgar —, por isso olho para o Warren, e ele repete em língua gestual tudo o que a Bridgette está a dizer.

— Acredita em mim, Sydney — diz ela —, alguns homens vêm com uma bagagem pesada, como cinco filhos e três mães diferentes. Mas a bagagem do Ridge e do Warren é apenas uma ex-namorada com quem eles às vezes fazem festas do pijama. Deixa-os lá ir brincar com a Barbie deles. Nós ficamos aqui, embebedamo-nos e pedimos piza com o cartão do Warren. Na verdade, a massa do Ridge estava uma porcaria.

Uau.

Isso é o máximo que a Bridgette já falou de uma só vez. A Sydney olha

para mim, de olhos arregalados. Não tenho a certeza se está de olhos arregalados porque a Bridgette falou tanto ou porque ela acabou de a convidar para passarem tempo juntas. Ambas as situações são inéditas na Bridgette.

— Deve ser lua cheia — diz o Warren.

Ele vai até à porta da frente e abre-a. Olho para a Sydney e envolvo a cintura dela, puxando-a contra mim. Inclino a cabeça e encosto a minha boca à dela.

Ela retribui o meu beijo e empurra-me para a porta. Digo-lhe que a amo três vezes antes de conseguir finalmente fechar a porta. E assim que chegamos ao carro do Warren, pego no telemóvel e envio-lhe uma mensagem enquanto nos afastamos.

Ridge: Amo-te, amo-te, SYDNEY. AMO-TE. PORRA.

11.

Maggie

Estou com tanta vontade de um *Twix* neste momento. *Bolas, Jake.*

Não consegui ouvir a maior parte da conversa dele com o filho quando ele estava no corredor há pouco. Ouvi palavras aqui e ali e percebi que ele estava a falar com uma criança, por isso, quando ouvi a palavra «pai», tudo fez sentido.

De repente, percebi porque é que ele parecia tão macho alfa à superfície, mas também tinha um lado romântico extremamente adorável. Eu sabia que ele adorava carros velozes e desportos radicais, mas, no nosso encontro, não pude deixar de me questionar sobre o que o teria forçado a assentar e a levar a carreira a sério como tinha feito.

Esse algo acabou por ser o Justice.

Ainda não sei porque é que o Jake fez aquele comentário sobre o *Twix*, mas agora as únicas coisas que me preocupam são a velocidade a que o Jake saiu a correr deste quarto de hospital... e o *Twix*.

Estico-me para a minha mesa de cabeceira e agarro no telemóvel. Não sei qual deles está a conduzir, por isso abro uma mensagem de grupo entre nós os três.

Maggie: Estou mesmo a precisar de um *Twix*.

Warren: Um *Twix*? O chocolate?

Maggie: Sim. E uma *Dr. Pepper*, por favor.

Ridge: Warren, para de mandar mensagens enquanto conduzes.

Warren: Está tudo bem, eu sou invencível.

Ridge: Mas eu não sou.

Maggie: Vocês estão quase a chegar?

Ridge: Faltam cinco minutos. Bem, paramos na loja antes de chegarmos aí, mas só te vamos levar uma *Dr. Pepper Diet*. Precisas de ter cuidado com o açúcar no sangue. Precisas de mais alguma coisa?

Maggie: Acho que estamos está na altura de uma AMA.

Ridge: Não. Eu acho que não.

Warren: Alguém disse AMA? (E eu levo-te um *Twix*, Maggie).

Ridge: Não.

Warren: VAMOS A ISSO!!! Encontramo-nos na porta do hospital em cinco minutos, Maggie!

Ridge: Não, Maggie. Estarei aí em cinco minutos.

Warren: Não, estaremos na porta daqui a cinco minutos.

Ignoro a preocupação do Ridge e escolho ficar do lado do Warren. Atiro com os cobertores, sentindo o primeiro lampejo de felicidade desde que o Jake entrou neste quarto. Meu Deus, senti tanto a falta deles. Olho em volta do quarto para me certificar de que não vou deixar nada esquecido. A minha médica saiu cerca de meia hora antes de o Jake aparecer, por isso não vou ter outra visita dela até de manhã. Esta é a altura ideal para fugir. Olho para baixo para remover o soro, sabendo exatamente o que o Ridge está a pensar neste momento.

AMA é o acrónimo em inglês para quando um paciente sai do hospital sem ter alta médica. Só consegui fugir com sucesso de um hospital duas vezes em toda a minha vida, mas o Warren e o Ridge estavam lá para ambas as fugas. E não é tão irresponsável como o Ridge está a fazer parecer. Eu sou perita no que diz respeito a medicação intravenosa e agulhas. E sei que só me vão manter aqui durante a noite para observação. Não porque eu esteja em perigo imediato. Hoje tenho estado mais congestionada do que o normal, mas os meus níveis de açúcar no sangue estão estáveis, e é só por isso que

estou aqui agora. Suficientemente estável para dar pelo menos uma dentada num *Twix*. E a última coisa que quero fazer é ficar deitada numa cama de hospital toda a noite, sem conseguir dormir absolutamente nada.

Vou contactar o hospital de manhã e pedir desculpa, dizendo-lhes que foi uma emergência familiar. A minha médica vai ficar irritada, mas eu irrito-a muito. Ela está habituada a ficar irritada comigo.

Quando ela esteve cá há pouco, começou a ser invasiva em relação ao meu «sistema de apoio», uma vez que a minha saúde tem estado um pouco em declínio este ano. Ela é minha médica de família há dez anos, por isso sabe tudo sobre a minha situação. Fui criada pelos meus avós, que já não estão a tomar conta de mim. A minha avó faleceu e o meu avô foi recentemente internado num lar. A minha médica sabe do Ridge e da nossa recente separação porque ele estava quase sempre comigo nas consultas e sempre que eu ia para o hospital. Ela notou a sua súbita ausência da minha vida e perguntou sobre isso na última consulta. E hoje voltou a perguntar, porque desta vez não estava ninguém comigo no hospital.

Depois de ver a preocupação dela hoje, por uma fração de segundo, arrependi-me de ter afastado o Ridge. Já não estou apaixonada por ele, mas amo-o. E parte de mim, quando começo a recear ficar sozinha, pensa que talvez tenha cometido um erro. Talvez devesse ter-me agarrado ao amor e à lealdade dele. Mas *a maior parte de mim* sabe que terminar a nossa relação foi a atitude certa. Ele teria permanecido num relacionamento medíocre comigo por conveniência, pelo resto da minha vida, caso eu não o tivesse obrigado a analisar de forma objetiva a nossa relação.

A nossa relação não era saudável. Ele estava a sufocar-me, querendo que eu fosse alguém que não queria ser. Eu estava a ficar ressentida com o peso da proteção dele. E sentia-me sempre culpada. Sempre que ele largava tudo o que estava a fazer por mim, eu sentia-me culpada por o ter afastado da sua vida.

No entanto... aqui estamos nós, na mesma situação.

Acho que nunca me apercebi de quão sozinha estava durante o nosso namoro. Apenas quando finalmente nos separámos me apercebi de que ele e

o Warren eram tudo o que eu tinha. É em parte por isso que quis que eles viessem esta noite. Acho que nós os três precisamos de nos sentar e ter uma conversa franca sobre toda esta situação. Não quero que o Ridge sinta que é tudo o que eu tenho quando tenho uma emergência. Mas, na realidade... ele *é* tudo o que eu tenho. E não quero que isso atrapalhe, de forma alguma, a relação dele com a Sydney. Quero dizer, eu sei que também tenho o Warren. Mas acho que o Warren precisa de mais cuidados do que eu.

A minha vida está a começar a parecer um carrossel e eu sou a única a andar nele. Por vezes é divertido e excitante, mas outras vezes apetece-me vomitar e quero que tudo pare. Apercebo-me de que me concentro em tudo o que é negativo mais do que devia, mas parte de mim pergunta-se se isso se deve ao facto de a minha situação ser tão invulgar. A maior parte das pessoas tem sistemas de apoio enormes, o que lhes permite ter uma vida normal com esta doença. O meu sistema de apoio era a minha família, e isso agora não existe. Depois, o meu sistema de apoio passou a ser o Ridge. E agora? Continua a ser o Ridge, mas com regras diferentes. Os últimos meses a avaliar a situação têm-me aberto os olhos. E isso provoca-me sensações estranhas. Costumava sentir-me sufocada, mas nunca sozinha.

Gostava de conseguir encontrar um bom equilíbrio mental. Quero fazer coisas, ver coisas, viver uma vida normal. E, por vezes, há alturas em que faço isso e está tudo bem. Mas depois há dias ou semanas em que a doença me recorda de que não tenho o controlo total.

Por vezes, sinto-me como se fosse duas pessoas diferentes. Sou a Maggie, a rapariga que tenta riscar coisas da sua lista de desejos a cento e cinquenta quilómetros por hora, a rapariga que recusa médicos jeitosos porque quer ser solteira, a rapariga que se esgueira dos hospitais porque gosta da emoção, a rapariga que acabou um namoro de seis anos porque quer viver a sua vida e não quer ficar presa a nada.

A rapariga que se sente cheia de vida, apesar da sua doença.

E depois há esta versão mais calma da Maggie, que tem estado a olhar para mim ao espelho nestes últimos dias. A Maggie que deixa que as suas preocupações a consumam. A Maggie que pensa que é um fardo demasiado

pesado para sair com um homem de quem gosta bastante. A Maggie que tem momentos de arrependimento por ter terminado uma relação de seis anos, embora fosse algo absolutamente necessário. A Maggie que permite que a doença a faça sentir que está a morrer, apesar de estar bem viva. A Maggie cuja médica estava tão preocupada com ela hoje que lhe receitou antidepressivos.

Não gosto desta versão de mim própria. É uma versão muito mais triste e solitária, e, felizmente, aparece muito raramente. A versão original é o que eu me esforço por ser em todos os momentos. Na maior parte do tempo, é isso que sou. Mas esta semana... nem por isso. Sobretudo depois da consulta que tive hoje com a minha médica. Ela nunca me pareceu tão preocupada comigo como hoje. O que me deixa mais preocupada do que nunca. É por isso que acabei de remover o soro, estou a tirar esta bata e estou prestes a sair deste hospital às escondidas.

Preciso de me sentir a Maggie original durante algumas horas. A outra versão é esgotante.

O percurso para fora do meu quarto e pelo corredor é surpreendentemente tranquilo. Até passo por uma das enfermeiras de plantão do hospital e ela sorri-me como se não fizesse ideia de que tinha trocado o meu soro há uma hora.

Quando saio do elevador e chego ao átrio, vejo o carro do Warren lá fora. Fico instantaneamente cheia de adrenalina enquanto atravesso o átrio a correr e transponho as portas. O Ridge sai do lugar do passageiro e segura-me a porta. Força um sorriso, mas o seu rosto revela tudo. Está irritado por eu estar a sair antes de ter alta. Está zangado porque o Warren está a incentivar isso. Mas, ao contrário do que fazia antes de terminarmos o namoro, não diz absolutamente nada. Fica calado e segura a porta enquanto eu entro rapidamente no carro. Fecha a porta, e eu estou a apertar o cinto de segurança quando o Warren se inclina sobre o assento e me dá um beijo na bochecha.

— Tinha saudades tuas.

Sorrio, aliviada por estar neste carro. Aliviada por os ver, a ele e ao Ridge.

Aliviada por estar a sair deste maldito hospital. O Warren estende o braço e entrega-me um *Twix* e uma *Dr. Pepper Diet*.

— Trouxemos-te o jantar. Tamanho XL.

Abro imediatamente a embalagem e tiro uma das barras.

— Obrigada — agradeço, com a boca cheia de chocolate. Entrego ao Warren uma das quatro barras no momento em que ele acelera e se afasta do hospital. Viro-me, e o Ridge está sentado no meio do banco de trás, a olhar pela janela.

O seu olhar encontra o meu, e eu estendo-lhe uma das barras de *Twix*. Ele pega nela e sorri.

— Obrigado — diz-me.

Fico tão boquiaberta que o chocolate quase cai da minha boca. Rio-me e tapo a boca com a mão.

— Tu — exclamo, olhando para o Warren. — Ele falou. — Olho de volta para o Ridge. — Tu estás a falar?

— É fixe, não é? — diz o Warren.

Estou estupefacta. Nunca o tinha ouvido pronunciar uma única palavra.

— Há quanto tempo já falas? — pergunto em língua gestual.

O Ridge encolhe os ombros como se o facto de ter começado a falar não fosse nada de especial.

— Há alguns meses.

Abano a cabeça, completamente em choque. As palavras dele soam exatamente como eu imaginava que soariam. A nossa relação com a cultura surda foi o que acabou por nos juntar a todos. Os pais do Warren. A minha perda auditiva e a do Ridge. Mas a perda auditiva do Ridge é muito mais profunda. A minha é tão ligeira que nem sequer atrapalha a minha vida. É por isso que, durante anos, quando estávamos juntos, eu dizia tudo por ele. Apesar de ambos podermos comunicar em língua gestual, eu queria muito que ele aprendesse a falar. Nunca o pressionei, porque não sei o que é ter uma perda auditiva profunda, por isso não sabia o que o estava a impedir.

Mas acho que ele descobriu. E eu quero saber todos os pormenores. Estou entusiasmada por ele. Isto é espetacular!

— Como? Porquê? Quando? Qual foi a primeira coisa que disseste em voz alta?

Algo muda imediatamente na expressão dele. Torna-se reservado, como se não quisesse falar comigo sobre o assunto. Olho para o Warren, que está a olhar diretamente para a estrada como se tivesse acabado de se retirar da conversa de propósito. Olho de novo para o Ridge, mas ele está a olhar pela janela novamente.

E então eu percebo.

A Sydney.

Ela é o motivo por que ele consegue falar agora.

De repente, sinto inveja deles. Dela. Faz-me pensar o que é que ela tem que o fez ultrapassar esse obstáculo, fosse lá ele qual fosse. Porque é que eu não era suficientemente motivadora para o fazer querer dizer-me coisas em voz alta?

E aqui está ela outra vez: a versão insegura e deprimente de mim própria.

Pego na *Dr. Pepper Diet* e bebo um gole, tentando afogar este súbito ataque de ciúmes. Estou feliz por ele. E estou orgulhosa dele. Não devia importar-me com o que o levou a querer aprender a comunicar de outras formas. Tudo o que importa é que ele está a fazê-lo. E, apesar de ainda sentir um certo ardor no peito, estou a sorrir. Viro-me para trás e certifico-me de que ele consegue ver o orgulho na minha expressão.

— Já disseste palavrões em voz alta? — pergunto em língua gestual.

Ele ri-se, limpando o canto da boca com o dedo.

— «Merda» foi o meu primeiro palavrão.

Rio-me. Claro que foi. Ele gostava de me ver dizer essa palavra quando eu estava zangada. Tenho consciência de que dizer palavras em voz alta sem as poder ouvir não é tão satisfatório como ouvir a nossa própria voz, mas deve ser bom finalmente poder dizer palavrões em voz alta.

— Chama idiota ao Warren — digo.

O Ridge olha para a nuca do Warren.

— És um idiota.

Tapo a boca com a mão, completamente em choque por o Ridge Lawson

estar a verbalizar. É como se ele fosse uma pessoa totalmente nova.

O Warren olha para mim, segurando o volante com o joelho para que possa falar com o Ridge em língua gestual.

— Ele não é uma criança pequena. Ou um papagaio.

Dou um soco no ombro do Warren.

— Cala-te. Deixa-me desfrutar disto.

Olho de novo para o Ridge e apoio o queixo no encosto de cabeça.

— Diz «foda-se».

— Foda-se — diz ele, a rir-se da minha imaturidade. — Mais alguma coisa? Porra. Raios. Cabrão. Caralho. Filho da puta. Bridgette.

Morro de riso assim que ele inclui o nome dela na sua série de palavrões. O Warren mostra-lhe o dedo do meio. Viro-me e volto a olhar para a estrada, ainda a rir. Bebo mais um gole da minha bebida e depois encosto-me ao banco com um suspiro.

— Tive saudades vossas — digo.

Só o Warren sabe que eu disse isto.

— Nós também sentimos a tua falta, Maggot.

Reviro os olhos, ao ouvir aquela alcunha outra vez. Olho para ele, mas certifico-me de que o encosto da cabeça é uma barreira entre mim e o Ridge, para que ele não consiga ler os meus lábios.

— A Sydney ficou zangada por ele ter vindo?

O Warren olha para mim brevemente e depois volta a olhar para a estrada.

— *Zangada* não é a palavra certa. Ela reagiu, mas não como a maioria das pessoas teria reagido. — Faz uma pausa por instantes e depois continua: — Ela é boa para ele, Maggie. Ela é apenas... *boa*. Ponto final. E se toda esta situação não fosse tão estranha, sinto que irias gostar mesmo dela.

— Eu não *des*gosto dela.

O Warren olha para mim pelo canto do olho. Sorri.

— Sim, mas não vão à manicure juntas e fazer viagens tão cedo.

Rio-me, concordando com ele.

— Isso é óbvio.

O Ridge inclina-se para a frente entre os assentos e agarra ambos os apoios

de cabeça. Olha para mim e depois para o Warren.

— Espelhos retrovisores — diz ele. — É como um sistema de som para pessoas surdas.

Recosta-se no assento.

— Parem de falar de nós como se eu não estivesse aqui.

O Warren ri-se um pouco. Eu afundo-me no assento, ruminando a última frase.

Parem de falar de nós como se eu não estivesse aqui.

Parem de falar de nós...

De nós.

Ele agora refere-se a si próprio e à Sydney como um *nós*. E fala em voz alta. E... Bebo mais um gole da minha bebida porque isto não é tão fácil de engolir como imaginei que seria.

12.

Sydney

Não sei o que é mais embaraçoso: ver o Ridge a sair para passar a noite com a ex-namorada ou ficar no apartamento dele sozinha com a Bridgette.

Assim que o Warren e o Ridge saíram, o telefone da Bridgette tocou. Ela atendeu e dirigiu-se para o quarto, ignorando a minha presença. Parecia que estava a falar com a irmã, mas isso foi há uma hora. Depois ouvi-a a abrir o chuveiro.

Agora, aqui estou eu, a arrumar a cozinha e a lavar a louça. Sei que o Ridge me disse para não me preocupar com isso, mas não vou conseguir dormir se souber que há comida espalhada por toda a bancada.

Estou a pôr os últimos talheres na máquina quando a Bridgette sai do quarto com um pijama vestido. Tem o telemóvel outra vez ao ouvido, mas desta vez está a olhar para mim.

— Tu não és, tipo, vegetariana ou intolerante ao glúten, pois não?

Uau. Estamos mesmo a fazer isto. E uau. Estou na verdade um bocadinho entusiasmada. Abano a cabeça.

— Nunca conheci uma fatia de piza de que não gostasse.

A Bridgette pousa o telemóvel na bancada e coloca-o em alta-voz enquanto abre o frigorífico e tira uma garrafa de vinho. Entrega-ma, esperando que eu a abra, por isso pego nela e procuro o saca-rolhas.

— Pizza Shack — diz um tipo, atendendo a sua chamada. — É para levar ou para entregar?

— Entregar.

— O que é que vai pedir?

— Duas pizas grandes com tudo. Uma de massa alta, outra de massa fina.

Abro a garrafa de vinho enquanto ela continua a pedir.

— Quer todos os enchidos?

— Sim — responde a Bridgette. — Tudo.

— Também quer que se adicione queijo feta?

— Eu disse que queria tudo.

Ouvem-se ligeiras batidas, talvez dedos num teclado, enquanto o homem demora um momento a introduzir o pedido.

— Quer ananás?

A Bridgette revira os olhos.

— Já disse *tudo* umas três vezes. Todos os enchidos, todos os legumes, todas as frutas. O que quer que tenham, ponham-no aí e tragam-nos o raio das pizas!

Faço uma pausa e olho para ela. Ela olha para mim como se estivesse ao telefone com o maior idiota do mundo. Coitado do tipo. Ele não lhe faz mais perguntas. Fica com a morada dela e ela dá-lhe o número do cartão de débito do Warren antes de terminar a chamada.

Estou curiosa para ver que tipo de pizas vamos comer. Rezo para que aquela pizaria não tenha sardinhas ou anchovas. Sirvo dois copos de vinho e entrego um à Bridgette. Ela bebe um gole e depois cruza os braços sobre o peito, mantendo o copo de vinho encostado aos lábios enquanto me olha de cima a baixo.

Ela é muito bonita, de uma forma sexy. Percebo porque é que o Warren se sente tão atraído por ela. Eles são realmente o casal mais interessante que eu já conheci. E quando digo *interessante*, não o digo necessariamente como um elogio.

— Dantes odiava-te — diz a Bridgette, sem rodeios. Encosta-se à bancada e bebe mais um gole do seu vinho.

É muito casual, como se fosse suposto as pessoas interagirem assim. Faz-me lembrar uma das minhas amigas de infância. Chamava-se Tasara e dizia tudo o que lhe vinha à cabeça. Juro que ela passava mais dias de castigo do

que nas aulas. Mas acho que era por isso que eu gostava dela. Ela era má, mas era honesta.

Uma coisa é ser má e mentir. Mas é muito mais cativante ser brutalmente honesto.

A Bridgette não parece ser do tipo que perde tempo a mentir e, por isso, o seu comentário não me ofende. E, se dissecar as palavras dela, tenho de reconhecer que a frase estava no pretérito imperfeito. *Dantes*, ela odiava-me. Esse é provavelmente o melhor elogio que alguma vez receberei dela.

— Também estou a começar a gostar de ti, Bridgette.

Ela revira os olhos, depois passa por mim até ao armário por baixo do lava-louça. Pega na garrafa de *Pine-Sol* onde escondem as bebidas alcoólicas e de seguida em dois copos de *shot*. *O vinho não chega?*

Serve os *shots* e diz, enquanto me entrega um:

— O vinho não é suficientemente forte. Fico muito constrangida quando as pessoas são simpáticas comigo. Vou precisar de álcool para isto.

Rio-me e pego no copo de *shot*. Levantamo-los ao mesmo tempo e eu faço um brinde.

— Um brinde às mulheres que não precisam dos namorados para se divertirem.

Batemos com os nossos copos antes de bebermos. Nem sequer sei o que é. *Whisky*, talvez? Não importa. Desde que sirva para o efeito.

Ela serve-nos outro *shot*.

— Aquele brinde foi demasiado alegre, Sydney.

Levantamos os copos de novo e ela pigarreia antes de falar.

— Um brinde à Maggie e às suas capacidades loucas de continuar amiga dos seus dois ex-namorados, a ponto de eles continuarem à sua disposição, mesmo quando não há sexo envolvido.

Ainda estou estupefacta quando ela encosta o copo ao meu e depois bebe o seu *shot*. Não mexo o meu copo. Quando ela percebe que as suas palavras me deixaram sem reação, empurra o copo na direção da minha boca e usa os dedos para o erguer. Finalmente bebo-o.

— Linda menina — diz ela. Tira-me o copo de *shot* e dá-me o meu copo de vinho. Sobe para a bancada e senta-se de pernas cruzadas. — Então — diz. — O que é que as raparigas costumam fazer quando se juntam?

Ela é tão diferente de todas as pessoas com quem convivi em adulta. É uma espécie animal totalmente diferente. Há anfíbios, répteis, mamíferos, aves, peixes, e depois há a Bridgette. Encolho os ombros e rio-me um pouco, depois subo para a bancada da cozinha em frente a ela.

— Há muito tempo que não tenho uma noite de raparigas, mas acho que é suposto reclamarmos dos nossos namorados enquanto falamos do Jason Momoa.

Ela inclina a cabeça.

— Quem é o Jason Momoa?

Eu rio-me, mas ela olha para mim como se estivesse perdida. Oh, meu Deus. Ela está a falar a sério? Ela não sabe quem é o Jason Momoa?

— Oh, Bridgette — exclamo com pena. — A sério?

Ela continua sem fazer ideia de quem estou a falar. Pego no telemóvel, mas não me apetece saltar da bancada para a esclarecer.

— Mando-te uma foto dele por mensagem.

Encontro uma fotografia dele e envio-lha. Só lhe enviei uma única mensagem desde que a conheço. Mandar-lhe uma segunda praticamente faz de nós as melhores amigas.

Quando clico em enviar, volto para as minhas mensagens e abro uma do Ridge que ainda não tinha visto. Enviou-a há cinco minutos.

Ridge: Só queria avisar que a Maggie não quis passar a noite no hospital, por isso convenceu o Warren a ajudá-la a fugir. Vamos levá-la para casa e provavelmente ficaremos lá só para ter a certeza de que ela está bem. Importas-te? De resto, estás a divertir-te com a Bridgette?

Leio a mensagem dele duas vezes. Quero ser descontraída em relação a tudo isto, apesar das minhas emoções contraditórias, mas tenho medo de que, se for *demasiado* descontraída, ele corra para ela sempre que ela sentir a falta dele. Mas se não for suficientemente descontraída, ficarei desiludida

com a minha incapacidade de empatizar com a situação da Maggie. Não sei como responder, por isso faço o impensável e olho para a Bridgette.

— O Ridge diz que vão levar a Maggie para casa. Ela saiu do hospital sem ter alta. Agora ele e o Warren devem passar a noite em casa dela.

A Bridgette está a olhar para o telemóvel.

— Isso é uma merda.

Concordo. Mas não sei que parte é que ela acha que é uma merda. A Maggie pedir ajuda quando não parece ser uma emergência médica? O Ridge dizer que talvez passem lá a noite? Ou a situação como um todo?

— A relação dela como o Warren incomoda-te?

A Bridgette levanta imediatamente a cabeça.

— Foda-se, sim, incomoda-me. O Warren namoriscava com ela sempre que ela estava cá. Mas ele também se atira a ti e a todas as outras mulheres com quem se cruza. Por isso, não sei. Na maior parte das vezes, confio nele. Além disso, o meu uniforme do Hooters escorregaria naquele corpo sem forma dela, e aquele uniforme é o que o Warren mais gosta em mim.

A explicação estava a ir tão bem, mas depois descambou. Nem sei porque é que perguntei como é que ela reage à situação deles, porque a deles é tão diferente da nossa. O Warren ter namorado com a Maggie algumas semanas quando ela tinha 17 anos dificilmente se compara ao Ridge passar seis anos da sua vida com ela até há alguns meses.

A Bridgette deve ver a preocupação no meu rosto enquanto olho de novo para a mensagem.

— Eu acho que não deves preocupar-te com isso — diz ela. — Eu vi como o Ridge se comporta com a Maggie, e vi como o Ridge se comporta contigo. É como comparar pauzinhos a computadores.

Olho para ela, confusa.

— Pauzinhos a computadores? Como é que isso...

— Exatamente — diz ela. — Não os podes comparar porque são incomparáveis.

Isso... de alguma forma... faz todo o sentido. E faz-me sentir muito melhor. Penso na bomba de purpurinas e em como a Bridgette nos sorriu

quando estávamos a rir juntos no chão. Não acredito que só agora estou a conviver com esta rapariga. Ela na verdade não é tão má por baixo de todas as camadas de... *maldade*.

— Caramba.

A Bridgette está a olhar para o telemóvel e, pela forma como fala, só pode significar uma coisa. Abriu a fotografia que acabei de lhe enviar.

— Quem é este espécime exemplar de homem que, de alguma forma, nunca apareceu na minha vida?

Rio-me.

— *Esse* é o Jason Momoa.

A Bridgette aproxima o telemóvel da cara e lambe o ecrã.

Eu encolho-me e rio-me ao mesmo tempo.

— És tão nojenta como o Warren.

Ela levanta a mão.

— Por favor, não menciones o nome dele enquanto estou a olhar para este homem. Estás a estragar o meu momento.

Dou-lhe um momento para o procurar no Google Images enquanto termino o meu copo de vinho e reabro a mensagem do Ridge. Escrevo uma resposta e tento evitar o elefante na sala. Ou será o elefante no *telemóvel*, já que eu e o Ridge não estamos na mesma sala?

Pronto, está bem, acho que estou um bocadinho bêbeda.

Sydney: Ainda bem que a Maggie está a sentir-se bem. E a Bridgette não é assim tão má, na verdade. É estranho. Como se estivéssemos noutra dimensão.

Ridge: Uau. Ela está a ter uma conversa a sério contigo como um ser humano normal?

Sydney: Normal é um exagero. Mas sim. Está sobretudo a dar-me conselhos sobre ti. ;)

Ridge: Isso é inquietante.

Sydney: Ótimo. Quero que te sintas inquieto até te ver amanhã.

Ridge: Não te preocupes, eu sinto-me inquieto. Sinto muitas coisas.

Sinto-me culpado por te ter deixado sozinha. Preocupado por estares triste. Solitário porque estou aqui e não estou contigo. Mas sobretudo sinto-me grato porque tornas as situações difíceis muito mais fáceis para todos os envolvidos.

Levo a mão à boca e toco no meu sorriso. Adoro que ele diga exatamente o que eu preciso de ouvir.

Sydney: Amo-te.
Bridgette: Despede-te do Ridge. Este é o meu momento.

Olho de relance para a Bridgette, que está a olhar para mim com um ar aborrecido. Rio-me.

Sydney: A Bridgette diz que eu não posso falar mais contigo.
Ridge: É melhor fazeres o que ela diz. Não se sabe quais são as consequências. Amo-te. Boa noite. Amo-te. Boa noite.
Sydney: Disseste isso duas vezes.
Ridge: Queria dizer ainda mais vezes.

Fecho as mensagens, ainda a sorrir, e depois pouso o telemóvel virado para baixo na bancada. A Bridgette está a servir-se de mais um copo de vinho.

— Posso fazer-te uma pergunta pessoal? — diz ela.

— Claro. — Desço da bancada e pego no vinho, depois viro-me e volto a encher o meu copo.

— Ele... geme?

Eu viro-me com a pergunta.

— Desculpa?

A Bridgette gesticula, fazendo pouco caso do meu choque.

— Diz lá. Sempre me perguntei se ele faz barulhos durante o sexo, já que não consegue ouvir nada.

Eu engasgo-me com uma gargalhada.

— Queres saber como é que o meu namorado soa durante o sexo?

Ela inclina a cabeça e olha para mim, lançando a cabeça para trás.

— Oh, vá lá. Há muita gente que se pergunta isso sobre os surdos.

Abano a cabeça.

— Não, tenho a certeza de que a maioria das pessoas *não* se pergunta isso, Bridgette.

— Como queiras. Responde lá à pergunta.

Ela não vai parar. A minha cara e o meu pescoço ficam corados, mas não sei se é por causa do álcool ou se é por ela ter feito uma pergunta tão pessoal. Bebo um longo gole e depois assinto com a cabeça.

— Sim. Ele geme e grunhe e suspira, e não sei porquê, mas o facto de ele ser surdo faz com que todos os seus ruídos sejam muito mais excitantes.

A Bridgette sorri.

— Isso é tão sensual.

— Não digas que os barulhos que o meu namorado faz durante o sexo são *sensuais*.

Ela encolhe os ombros.

— Então não devias tê-los feito soar tão sensuais.

Passa os minutos seguintes a procurar imagens do Jason Momoa. E, apesar de eu já as ter visto todas, mostra-me no telemóvel cada uma, como se estivesse a fazer-me um favor.

A campainha da porta acaba por tocar e a Bridgette de repente parece mais feliz do que alguma vez a vi. Corre para a porta com uma excitação esfomeada, como se não tivesse acabado de comer um prato inteiro de massa Alfredo há duas horas.

— Arranja dinheiro para a gorjeta, Syd. Eu não tenho nenhum.

Ela é perfeita para o Warren. Absolutamente perfeita.

13.

Ridge

É a primeira vez que vou a casa da Maggie desde a noite em que acabámos. É um bocado estranho, mas podia ser pior. O Warren sempre teve a capacidade mágica de ser mais estranho do que qualquer situação possível. E é exatamente isso que está a acontecer neste momento. Ele acabou de assaltar o congelador e o frigorífico da Maggie e está na cozinha dela a mergulhar douradinhos feitos no micro-ondas em pudim de chocolate.

— Tu comes coisas nojentas — diz a Maggie, abrindo a máquina de lavar louça.

Estou sentado no sofá da Maggie, a vê-los. Estão a rir-se, a fazer piadas. A Maggie está a limpar a cozinha enquanto o Warren a suja. Olho para o pulso da Maggie — para a pulseira do hospital que ainda lá está — e tento não ficar chateado por estar aqui. Mas *estou* chateado. Estou aborrecido. Se ela está bem o suficiente para sair do hospital e limpar a cozinha, o que é que eu estou a fazer aqui?

A Maggie pega numa folha de papel de cozinha e tapa a boca com ela, enquanto o Warren lhe bate nas costas algumas vezes. Reparei no carro que ela estava a tossir muito. Quando namorávamos e eu reparava que ela estava a tossir, punha a minha mão nas costas ou no peito dela para sentir a gravidade da tosse. Mas já não posso fazer isso. Tudo o que posso fazer é perguntar-lhe se está bem e confiar que ela não está a desvalorizar a sua saúde.

Este ataque de tosse dura um minuto inteiro. Ela provavelmente não usou

o colete hoje, por isso levanto-me e vou até ao quarto dela. Está na cadeira ao lado da cama. Pego no colete e no gerador a que está ligado e levo-o até ao sofá para o ligar na sala de estar.

Ela deve usá-lo duas a três vezes por dia para ajudar a desfazer o muco nos pulmões. Quando uma pessoa tem fibrose quística, o muco fica mais espesso, o que provoca a obstrução dos órgãos principais. Antes de estes coletes terem sido inventados, os doentes dependiam de outras pessoas para fazer percussões manuais no peito, o que significava bater nas costas e no peito várias vezes por dia para libertar todo o muco.

Os coletes são um salva-vidas. Especialmente para a Maggie, porque vive sozinha e não tem ninguém que lhe possa administrar a percussão torácica. Mas ela nunca o usou tanto quanto devia, e isso costumava ser um grande ponto de contenda entre nós. Acho que ainda é, porque aqui estou eu, a ligá-lo, prestes a obrigá-la a usá-lo.

Depois de o ter ligado, a Maggie bate-me no ombro.

— Está avariado.

Olho de novo para o gerador e ligo-o. Nada acontece.

— O que é que se passa com ele?

Ela encolhe os ombros.

— Deixou de funcionar há uns dias. Levo-o na segunda-feira e troco-o.

Segunda-feira? Ela não pode passar um fim de semana inteiro sem ele. Especialmente se já está a tossir desta maneira. Sento-me no sofá para tentar perceber o que se passa com o colete. A Maggie volta para a cozinha e diz qualquer coisa ao Warren. Percebo pela linguagem corporal dele e pela forma como olha para mim que ela disse algo sobre mim.

— O que é que ela disse?

O Warren olha para a Maggie.

— O Ridge quer saber o que acabaste de dizer.

A Maggie olha por cima do ombro e ri-se, e depois fita-me.

— Eu disse que tu não mudaste.

— Sim, bem, tu também não.

Ela parece ofendida, mas, sinceramente, não me importo. Sempre tentou

fazer-me sentir culpado por me preocupar com ela. Claramente, nada mudou, e a minha preocupação continua a irritá-la.

A Maggie parece irritada com a minha reação.

— Sim, é um bocado impossível deixar de ter fibrose quística.

Fico a olhar para ela, perguntando-me porque é que ela está tão mal-humorada. Provavelmente pelo mesmo motivo que eu. Estamos a ter as mesmas discussões de sempre, só que desta vez não há uma relação entre nós para nos apoiarmos e amortecermos os nossos sentimentos.

Estou aborrecido por ela ter saído do hospital, mas agora que ela não dá valor ao facto de estarmos aqui a tentar ajudá-la, a minha raiva começa a crescer. A minha namorada chorou porque eu a estava a deixar, preocupada connosco, e agora a Maggie está a repreender-me e a *gozar* comigo, apesar de eu ter vindo. *Por ela*.

Não posso ficar aqui sentado a ter esta conversa. Levanto-me, desligo o gerador e depois levo tudo para o quarto dela. A Maggie e o Warren podem ficar a comer a sua combinação sacrílega de douradinhos e pudim de chocolate, e eu vou para o quarto tentar consertar o colete, que, literalmente, a ajuda a sobreviver.

Antes mesmo de chegar ao quarto dela, viro-me e vejo que ela está a seguir-me. Pouso o gerador na mesa ao lado da cadeira, sento-me e puxo a mesa para mais perto. Acendo o candeeiro ao lado da cadeira. A Maggie ainda está de pé, à porta.

— Qual é o teu problema, Ridge?

Rio-me, mas não porque a noite esteja a ser minimamente divertida.

— O que é que comeste esta manhã antes de desmaiares por causa do baixo nível de açúcar no sangue?

A Maggie semicerra os olhos. Estou a perguntar porque provavelmente ela nem se consegue lembrar. Se calhar, nem sequer comeu.

— Já verificaste os teus níveis de glicose desde que comeste metade de uma barra *Twix* de tamanho gigante?

Percebo que ela está prestes a gritar. Quando está mesmo zangada comigo, faz gestos e grita. Isso costumava excitar-me. Agora daria tudo para poder

gritar com ela.

— Não tens o direito de comentar a comida que eu consumo, Ridge. Caso não te lembres, já não sou tua namorada.

— Se eu não tenho uma palavra a dizer sobre a forma como cuidas de ti, então porque é que estou aqui? — Levanto-me e aproximo-me dela. — Não cuidas de ti e acabas no hospital, e depois ligas ao Warren a chorar e assustada. Largamos tudo para te apoiar, mas, assim que chegamos, foges do hospital sem teres alta! Perdoa-me se tenho coisas melhores para fazer do que vir a correr sempre que és irresponsável!

— Não era preciso vires, Ridge! Eu nem sequer sabia que o hospital vos tinha chamado. E eu não chorei ao telefone com o Warren, nem lhe disse que estava assustada! Ele perguntou se eu queria companhia e eu disse-lhe que sim, porque pensei que podíamos resolver esta situação estúpida como adultos! MAS PARECE QUE NÃO! — Bate com a porta ao sair do quarto.

Eu abro-a de imediato. Mas não o faço para seguir a Maggie. Vou diretamente para a cozinha e olho para o Warren.

— Porque é que me disseste que ela estava a chorar e assustada?

A Maggie está do outro lado de mim, de braços cruzados, enquanto olha para o Warren. Ele está a segurar um refrigerante, a olhar para um lado e para o outro, para nós os dois. Os olhos dele finalmente pousam em mim.

— Exagerei. Não é nada de especial. Se não fosse assim, não terias vindo.

Forço-me a inspirar fundo para me acalmar. Ou é isso ou vou dar-lhe um murro.

— É uma longa viagem de Austin a San Antonio — diz o Warren. — Além disso, precisávamos de estar juntos. Nós os três. Temos de encontrar uma forma de lidar com tudo isto daqui para a frente.

— Tudo isto? — exclama a Maggie. Faz um gesto para si própria. — Queres dizer eu? Temos de encontrar uma forma de lidar *comigo*? Acho que isto prova que não passo mesmo de um fardo para vocês.

Ela já não está a gritar. Está apenas a falar em língua gestual. Mas apesar de eu perceber que está magoada e chateada, ainda não estou convencido de que as coisas seriam diferentes se ela levasse tudo isto um pouco mais a

sério, como eu tenho tentado que faça nos últimos seis anos.

— Tu não és um fardo, Maggie — digo em língua gestual. — És egoísta. Se cuidasses de ti, controlasses o teu açúcar no sangue, usasses o colete como devias e... sei lá... não saltasses da merda de um *avião*, nenhum de nós estaria a discutir. Pus a Sydney numa posição complicada, em que ela não estaria agora se tu tivesses cuidado melhor de ti.

O Warren cobre a cara com a mão, como se eu tivesse feito asneira.

A Maggie revira os olhos exageradamente.

— Coitadinha da Sydney. Ela é mesmo a vítima no meio disto tudo, não é? Fica com o homem dos seus sonhos *e* é saudável. Coitadinha da Sydney! — A Maggie volta a sua atenção para o Warren. — Nunca mais o obrigues a vir tomar conta de mim! Não preciso que ele tome conta de mim. Não preciso que nenhum de vocês tome conta de mim!

O Warren ergue uma sobrancelha, mas não vacila.

— Com todo o respeito, tu *precisas* de nós, Maggie.

Eu fecho os olhos e olho para baixo. Sei que isso a deve ter magoado, e não quero ver a dor. Quando volto a abrir os olhos, ela está a marchar para o quarto. Bate com a porta. O Warren vira-se e dá um murro no frigorífico. Vou até à mesa junto ao sofá e pego nas chaves do carro do Warren.

— Quero ir-me embora.

Atiro as chaves ao Warren, mas os seus olhos voltam-se para a porta do quarto da Maggie. Ele atravessa a sala a correr e abre a porta. Naturalmente, eu corro atrás dele porque não consigo ouvir o que quer que seja que ele acabou de ouvir.

A Maggie está na casa de banho, abraçada à sanita, a vomitar. O Warren pega numa toalha e baixa-se ao lado dela. Eu aproximo-me e sento-me na borda da banheira.

Isto acontece quando os pulmões estão bloqueados. Tenho a certeza de que, neste momento, é uma combinação disso com o facto de ela não ter usado o colete durante vários dias e ter gritado como acabou de gritar. Aproximo-me e puxo-lhe o cabelo para trás até ela parar de vomitar. É difícil para mim estar chateado com ela neste momento. Ela está a chorar,

encostada ao Warren.

Não sei o que é ter esta doença, por isso não devia estar a julgar as ações dela tão duramente. Só sei o que é ser a pessoa que cuida de alguém com esta doença. Costumava lembrar-me disso a toda a hora. Por mais frustrado que fique, não é nada comparado com o que ela deve passar.

Parece que ainda preciso de me lembrar disso.

A Maggie nem sequer olha para mim durante todo o tempo em que esperamos com ela para ver se o episódio acabou. Nem sequer olha para mim quando estamos convencidos de que já passou e o Warren a ajuda a ir para o quarto. É a forma que ela tem de não falar comigo. Ela costumava recusar-se a olhar para mim quando estava zangada porque não queria dar-me a oportunidade de lhe falar em língua gestual.

O Warren deita-a na cama, e eu levo o gerador dela para a sala de estar. Quando a Maggie está instalada, o Warren deixa a porta entreaberta enquanto volta para a sala e se senta no sofá.

Ainda estou chateado por ele ter mentido sobre o telefonema para me convencer a vir. Mas também compreendo porque é que o fez. Nós os três precisamos de nos sentar e resolver isto. A Maggie não quer ser um fardo, mas enquanto não se empenhar e fizer da sua saúde o seu principal objetivo, nunca será tão independente como gostaria de ser. E enquanto ela for dependente, seremos nós os dois a tomar conta dela.

Sei que somos tudo o que ela tem. E sei que a Sydney compreende isso. Nunca me afastaria completamente da Maggie sabendo o quanto ela precisa de alguém ao seu lado. Mas quando uma pessoa tem atitudes que demonstram desprezo e até mesmo desrespeito em relação aos esforços dos que estão ao seu lado, acaba por perder a sua equipa. E, sem equipa, acaba por perder a luta.

Eu não quero que ela perca a luta. Nenhum de nós quer. É por isso que eu e o Warren ficamos, porque ela precisa de um tratamento. E isso não pode acontecer enquanto eu não reparar o colete dela.

O Warren vê televisão durante a hora seguinte, levantando-se uma vez para levar um copo de água à Maggie. Quando volta à sala, acena-me com a mão

para chamar a minha atenção.

— A tosse dela parece má — diz ele.

Eu apenas assinto com a cabeça. Eu sei. É por isso que ainda estou a tentar arranjar este colete.

Já passava das duas da manhã quando finalmente descobri o problema. Encontrei um gerador antigo que ela costumava usar no armário do corredor. Troquei os cabos de alimentação e consegui ligá-lo, mas só se mantém ligado se eu ficar a segurar no cabo.

O Warren está a dormir no sofá quando levo o colete para o quarto da Maggie. O candeeiro ainda está aceso, por isso consigo ver que ela ainda está bem acordada. Dirijo-me à cama dela, ligo o gerador e entrego-lhe o colete. Ela senta-se e veste-o.

— Há um curto-circuito. Tenho de segurar o cabo enquanto está ligado, senão desliga-se.

Ela acena com a cabeça, mas não diz nada. Ambos conhecemos esta rotina. A máquina funciona durante cinco minutos e depois ela tem de tossir para desobstruir os pulmões. Eu ponho-a a funcionar durante mais cinco minutos e depois deixo-a fazer outra pausa para tossir. A rotina continua durante meia hora.

Quando o tratamento termina, ela tira o colete e continua a evitar o contacto visual comigo enquanto rola para o lado. Pouso o colete no chão, mas, quando olho para ela, vejo pelo movimento dos seus ombros que está a chorar.

E agora sinto-me um parvalhão.

Sei que fico frustrado com ela, mas ela não é perfeita. Nem eu. E enquanto não fizermos mais do que discutir e apontar os defeitos um do outro, nunca vamos conseguir pôr a saúde dela num bom caminho.

Sento-me ao lado dela na cama e aperto-lhe o ombro. Era o que fazia quando me sentia impotente perante a situação dela. Ela levanta-se e aperta-me a mão e, sem mais nem menos, a discussão acaba. Deita-se de costas e olha para mim.

— Eu não disse ao Warren ao telefone que estava com medo.

Assinto com a cabeça.

— Agora sei disso.

Uma lágrima cai-lhe do olho e escorrega-lhe para o cabelo.

— Mas ele tem razão, Ridge. Eu estou com medo.

Nunca tinha visto este olhar no rosto dela antes, e isso deixa-me completamente arrasado. Odeio que esteja a passar por isto. Odeio mesmo. Ela começa a chorar mais e afasta-se de mim. E por muito que lhe queira dizer que não seria tão assustador se ela parasse de agir como se fosse imune aos efeitos da doença, não o digo. Envolvo-a com o braço, porque ela não precisa de um sermão neste momento.

Só precisa de um amigo.

Fiz com que a Maggie fizesse um segundo tratamento a meio da noite de ontem. Tenho quase a certeza de que adormeci algures a meio do segundo tratamento, porque acordei às oito da manhã e apercebi-me de que estava na cama dela. Sei que a Sydney não se sentiria confortável com isso, por isso mudei-me para o sofá. Ainda estou no sofá, de barriga para baixo, a tentar dormir, mas o Warren está a sacudir-me.

Pego no telemóvel e vejo as horas, sem esperar que fosse meio-dia. Levanto-me imediatamente, perguntando-me porque é que ele me deixou dormir tanto tempo.

— Levanta-te — diz ele. — Temos de ir buscar o carro da Maggie e deixá-lo aqui antes de voltarmos para Austin.

Assinto com a cabeça, esfregando os olhos.

— Primeiro temos de ir à loja de material médico — digo-lhe. — Quero ver se lhe podem dar um gerador até que o dela seja reparado.

O Warren faz «OK» em língua gestual e dirige-se à casa de banho.

Encosto-me ao sofá e suspiro. Odeio a forma como esta viagem correu. Deixou-me com uma sensação de inquietação, o que, curiosamente, é exatamente o que a Sydney esperava. Sorrio, sabendo que ela conseguiu o que queria e nem sequer se apercebeu disso. Não falo com ela desde a

discussão entre mim, a Maggie e o Warren, ontem à noite. Abro as minhas mensagens para ela e reparo que não me enviou nenhuma desde que falámos ontem à noite. Pergunto-me como terá corrido a noite dela com a Bridgette.

Ridge: Vou regressar em breve. Como foi a tua festa do pijama?

Ela começa a responder imediatamente. Vejo os pontinhos a aparecer e a desaparecer várias vezes até a mensagem dela chegar.

Sydney: Aparentemente não foi tão agitada como a tua.

A mensagem dela confunde-me. Olho para o Warren, que está a sair da casa de banho.

— Contaste à Sydney sobre a discussão de ontem à noite?

— Não — responde o Warren. — Ainda não falei com nenhuma delas hoje. O meu palpite é que estão de ressaca e ainda estão na cama.

Sinto um aperto no peito, porque a mensagem que a Sydney me enviou não é típica dela.

Ridge: O que queres dizer com isso?

Sydney: Vê no Instagram.

Fecho imediatamente as mensagens e abro o Instagram. Percorro o *feed* até encontrar.

Merda.

A Maggie publicou uma fotografia nossa. Está a fazer cara de parva para a câmara e eu estou ao lado dela. Na cama dela. A dormir. A legenda diz: «Não senti falta do ressonar dele.»

Aperto o telemóvel com as duas mãos e encosto-o à testa, fechando os olhos. *Isto*. Era por *isto* que eu devia ter ficado em casa.

Levanto-me.

— Onde está a Maggie?

O Warren acena com a cabeça para o corredor e diz:

— Na lavandaria.

Vou até à lavandaria e encontro-a a pendurar descontraidamente uma camisa, como se não tivesse acabado de tentar sabotar a minha relação com a Sydney com a sua publicação no Instagram. Pego no telemóvel.

— O que é isto?

— Uma fotografia tua — diz ela, casualmente.

— Isso vejo eu. Mas porquê?

Ela acaba de pendurar a camisa e encosta-se à máquina de lavar.

— Também postei uma foto do Warren. Porque é que estás tão zangado?

Viro a cabeça e levanto as mãos em sinal de frustração. Estou confuso, primeiro porque não percebo porque é que ela fez isto, e segundo porque não sei porque é que ela está a agir como se não fosse nada de especial.

Ela afasta-se da máquina de lavar.

— Não sabia que havia regras nesta amizade. Há seis anos que publico fotos nossas. Agora temos de adaptar as nossas vidas à Sydney?

Ela tenta dirigir-se à porta, mas eu ponho-me à frente dela.

— Podias mostrar um pouco de respeito pela situação.

A Maggie semicerra os olhos.

— Estás a falar a sério? Estás mesmo a pedir-me que mostre respeito pela relação que tu tens com a rapariga com quem me *traíste*?

Isso não é justo. Já ultrapassámos isso. Pelo menos, eu *pensava* que tínhamos ultrapassado.

— Podias ter publicado qualquer foto minha, mas optaste por publicar uma foto minha deitado na tua cama. Uma cama onde eu estava porque passei horas acordado a garantir que tu estavas bem. Não é justo usares isso como uma oportunidade de me atirares à cara o meu próprio erro, Maggie.

Ela cerra o maxilar.

— Queres falar de justiça? Achas justo envolveres-te emocionalmente com alguém e ser eu que tenho de ter cuidado com o que publico no Instagram? Achas justo eu ser criticada por comer um *Twix*? Eu queria a porra do *Twix*, Ridge! — Ela passa por mim, por isso eu sigo-a. Dá meia-volta quando chega à sala. — Esqueci-me de que não é suposto divertir-me quando estás por

perto. Talvez não devesses voltar aqui, porque este é o pior dia que tenho em meses!

Em todos estes anos, nunca me tinha sentido tão furioso com ela. Não sei porque é que achei que isto poderia funcionar.

— Se tiveres uma emergência a sério, Maggie, avisa-me. Estarei aqui para ti. Mas, até lá, não posso ser teu amigo. — Dirijo-me à porta da rua e abro-a. Depois olho para o Warren. — Vamos.

O Warren está parado na sala de estar, paralisado, sem saber o que dizer ou fazer.

— E o carro da Maggie?

— Ela apanha um Uber.

Saio de casa da Maggie e dirijo-me ao carro do Warren.

Ele demora alguns minutos a sair. Tenho a certeza de que está a tranquilizar a Maggie. Ele que o faça. Talvez consiga tranquilizar alguém insensato, mas eu não consigo.

Quando o Warren chega finalmente ao carro, abro as minhas mensagens para a Sydney. Nem sequer tento justificar a fotografia com uma desculpa. Explico-lho quando estiver frente a frente com ela.

Ridge: Desculpa pela foto que ela publicou, Sydney. Estou a voltar para casa agora.
Sydney: Não tenhas pressa. Nem sequer vou estar em tua casa quando chegares.

Recebo uma mensagem da Bridgette.

Bridgette: Filho da mãe. És um filho da mãe. Filho da mãe, filho da mãe, filho da mãe.
Sydney: E nem precisas de passar lá em casa. A Bridgette vai lá dormir.
Bridgette: PROIBIDO FILHOS DA MÃE!

Fecho as mensagens das duas e recosto-me no assento.

— Passa primeiro no apartamento da Sydney.

14.

Maggie

Sento-me no sofá depois de o Warren fechar a porta. Olho para o chão.

Enterro a cara nas mãos.

Que se passa comigo?

Afastei o Jake. Afastei o Ridge. Até disse ao Warren para sair da minha casa quando ele ficou para trás e tentou fazer com que eu lhe dissesse porque é que estava a agir assim.

Não sei o que me deu esta semana. Eu não sou assim. Eu, honestamente, não quero estar num relacionamento com o Ridge, mas, quando acordei esta manhã e o vi a dormir ao meu lado, soube-me bem tê-lo de volta. Senti a falta dele. Mas não de uma maneira romântica. Sentia apenas falta da companhia dele. E comecei a pensar se ele sentiria também a minha falta, ou se agora lhe bastaria a Sydney. Depois comecei a sentir-me insegura de novo porque ele estava aqui, apesar de ter dito que não queria estar. E, ali deitada a olhar para ele, comecei a pensar no dia em que encontrei todas as mensagens entre ele e a Sydney, e voltei a ficar furiosa.

Não devia ter publicado aquela foto. Eu sei disso. Mas penso que o fiz porque achei que me iria sentir perversamente melhor. Sentia a falta dele, estava zangada com ele, estava zangada comigo própria. Sinto que os anos que tenho passado a tentar viver com esta doença estão a pesar-me. Porque o Ridge tem razão. Não cuido de mim como devia, mas é porque estou farta desta doença, e por vezes não quero saber se ela vence ou não. Não quero mesmo saber.

Pego no telemóvel e apago a fotografia; depois abro uma mensagem para o Ridge.

Maggie: Foi a minha pior semana de sempre. Pede desculpa à Sydney por mim. Apaguei a fotografia.

Envio a mensagem e depois desligo o telemóvel e deito-me. Encosto o rosto ao sofá e choro.

O problema de nos odiarmos a nós próprios quando estamos sozinhos é não termos ninguém que nos lembre das nossas qualidades. Então, odiamo-nos ainda mais, e acabamos por sabotar tudo o que há de bom na nossa vida e em nós próprios.

Eu cheguei a esse ponto.

Maggie Carson. Hoje já não és do caraças.

15.

Sydney

Diverti-me tanto ontem à noite.

Comi a piza nojenta da Bridgette e depois ela contou-me como é que ela e o Warren começaram a namorar. Isso apenas confirmou o quanto os acho estranhos. Depois vimos o *Liga da Justiça* e andámos para a frente em todas as partes onde o Jason Momoa não aparecia.

Não me lembro de muito depois disso, pois já tínhamos bebido várias garrafas de vinho. Hoje, o meu sono e a minha diversão foram abruptamente interrompidos quando a Bridgette me abanou e me mostrou a publicação da Maggie no Instagram.

Estou mais magoada do que zangada. Tenho a certeza de que o Ridge vai ter uma desculpa. Tem sempre. Mas qual é a desculpa da Maggie? Eu sei, de certa forma, eu sou a outra mulher que se meteu entre eles. Eu fui a Tori nesta situação. Mas eu achava que já tínhamos ultrapassado isso. Pela maneira como o Warren e o Ridge falaram, parecia que ela tinha aceitado tudo bem e tinha agido com maturidade. Mas isto parece tão... *rancoroso*. *Repugnante*, até.

Não podia ficar no apartamento do Ridge depois de ver aquela publicação. A maneira como me sentia fazia-me lembrar o quanto tinha sofrido quando vivia lá. E a casa cheirava toda a *pepperoni* e a anchovas. Disse à Bridgette que ia voltar para minha casa, e ela foi ao quarto dela, agarrou nas suas coisas e disse-me que ia comigo.

Acho que é capaz de estar tão chateada como eu, pois trouxe outra garrafa

de vinho, e agora estamos a beber de novo, e ainda nem sequer são duas da tarde. Mas não me importo que ela esteja aqui. Na verdade, até prefiro que esteja, porque não quero estar sozinha neste momento, ou vou analisar demasiado toda esta situação e encontrar motivos improváveis para ele estar naquela cama antes mesmo de ele se conseguir explicar.

A Bridgette está sentada de pernas cruzadas na minha cama. Estica um braço para o chão, agarra na mala e pega no telemóvel.

— Chega. Não aguento mais isto. Vou comentar a publicação do Instagram.

Tento tirar-lhe o telemóvel.

— Não faças isso. Nem sequer quero que ela saiba que eu a vi. Vai achar que conseguiu o que queria.

A Bridgette vira-se de barriga para baixo para esconder o telefone de mim.

— Foi por isso que eu disse que *eu* ia comentar. Vou dizer algo que a faça sentir-se tão insegura como ela te fez sentir. Vou dizer-lhe que parece saudável. Toda a gente sabe que quando dizemos que uma pessoa parece saudável estamos na verdade a chamar-lhe gorda.

— Não podes dizer isso a alguém que está mesmo doente. E muito magra.

A Bridgette resmunga e revira os olhos, atirando o telefone para o lado.

— Ela apagou-a! Raios!

Graças a Deus. Agradeço o apoio da Bridgette, mas não preciso que ela se meta nos problemas que tenho com o Ridge... e com a Maggie.

— Queres que ligue ao Warren e lhe pergunte o que aconteceu? — A Bridgette parece quase satisfeita. Adora um drama.

Não vou mentir. Eu própria pensei em ligar ao Warren, porque tenho muitas perguntas. Sei que estão de regresso neste momento, e o Ridge deve passar por aqui para tentar explicar-se, mas seria bom ter alguma ideia do que aconteceu para poder saber o quanto devo gritar com ele quando ele chegar. Não que o tom da minha voz tenha qualquer importância na nossa discussão, mas talvez eu me sinta melhor se gritar com ele.

A Bridgette liga ao Warren e põe o telefone em alta-voz.

— Olá, amor — diz ele ao atender.

— Que raio é que aconteceu ontem à noite? — pergunta a Bridgette.

Pois, ela tem bastante tato. O Warren pigarreia, mas, antes de começar a falar, eu interrompo-o.

— Estás a repetir esta conversa em língua gestual ao Ridge? Eu não quero falar com ele neste momento.

— Estou a conduzir — diz o Warren. — É difícil conduzir, segurar no telefone, comer este *cheeseburger* e repetir em língua gestual tudo o que digo. Além disso, ele está a olhar pela janela, pensativo.

A Bridgette inclina-se para o telefone.

— A relação da Sydney e do Ridge está em jogo e vocês tiveram tempo para parar para comprar hambúrgueres?

— *Eu* parei para comprar um hambúrguer. O Ridge não vai comer nada até resolver tudo com a Sydney.

Reviro os olhos.

— Bem, então esta noite vai estar cheio de fome.

— Ele não fez nada de mal, Sydney — diz o Warren. — Juro. Foi tudo obra da Maggie.

— Ele estava a dormir na cama dela! — diz a Bridgette.

— Pois, porque passou duas horas a reparar o gerador do colete dela e depois teve de segurar o fio para ela o poder usar. Não dormiu nada ontem à noite e, quando acabou por adormecer umas horinhas, a Maggie tirou-lhe uma foto e fez aquela merda. Acredita, Sydney, foi tudo obra da Maggie. Eu nunca a vi assim.

Olho para a Bridgette. Não sei se posso confiar no Warren.

— Nós não somos parvas, Warren — diz ela, como se pressentisse o que eu estou a pensar. — Primeiro os amigos. Tu irias defender o Ridge mesmo que ele te assassinasse.

— Espera — diz o Warren. — Preciso de beber.

Eu e a Bridgette esperamos, ouvindo o barulho do Warren a beber. Deito-me na cama, frustrada com o Warren. Com o Ridge. Com a Maggie. Mas, pela primeira vez na vida, não estou frustrada com a Bridgette.

— Pronto — diz o Warren. — Foi o seguinte... Depois de sairmos do

hospital e termos ido para casa da Maggie ontem à noite, eles passaram uma hora aos gritos um com o outro. Parecia que estavam a deitar cá para fora anos de agressividade, e houve muitos insultos de ambos os lados. Todo o...

— Espera — diz a Bridgette. — Agora sei que estás a mentir.

— Não estou a mentir! — diz o Warren, na defensiva.

— Tu disseste que eles gritaram um com o outro. O Ridge não consegue gritar, seu idiota.

Levo a mão à testa.

— É uma maneira de dizer, Bridgette. Ele estava zangado e estava a falar em língua gestual. O Warren chama a isso gritar.

A Bridgette olha para mim desconfiada, como se ainda não acreditasse no que o Warren estava a dizer. Volto a prestar atenção ao telefone.

— Porque é que eles estavam a discutir?

— Porque é que eles *não estavam* a discutir? O Ridge estava furioso porque estava lá e ela nem sequer estava assim tão mal. Estava furioso por ela não levar a saúde dela a sério e isso estar a começar a incomodar as pessoas mais próximas. Ela estava furiosa porque ele mencionou o facto de que ela estava a incomodar-te a ti e a atrapalhar a vossa relação. Digo-te, nunca os tinha visto assim. E não era o tipo de discussão que eu e a Bridgette temos, em que estamos apenas a tentar irritar-nos um ao outro. Foi uma discussão a sério... do tipo *estou mesmo furioso*.

Fecho os olhos, odiando toda a situação. Não estou satisfeita por terem discutido. Isso não ajuda nenhum de nós. Mas explica porque é que ela publicou a fotografia. Não foi para se vingar de mim. Estava irritada com o Ridge, e a sua melhor vingança foi envolver-me a mim.

— E depois zangaram-se os dois comigo — continua ele. — Os gritos fizeram com que ela começasse a vomitar, e depois o Ridge obrigou-a a usar o colete e adormeceu na cama dela durante um dos tratamentos. Mal ele acordou, foi para o sofá e dormiu quatro horas até eu o acordar e toda a cena do Instagram acontecer. E fim da história.

Bato com as pernas no colchão.

— Argh! Não sei com quem devo ficar zangada! Preciso de ficar zangada

com alguém!

— Fica zangada com o Warren. É ótimo para aliviar o stress — sussurra a Bridgette, apontando para o telefone. Depois, eleva o tom de voz para que ele a consiga ouvir. — Porque é que eles se zangaram contigo?

— Isso não importa nada — diz o Warren. — Estamos a chegar a tua casa agora, Sydney. Deixa-nos entrar.

Ele desliga a chamada e eu nem sequer sei se me sinto melhor. Nunca pensei que o Ridge estivesse na cama da Maggie por me estar a trair. Sabia que provavelmente ele teria uma justificação válida relacionada com a saúde dela. Mas porque é que eles não estavam juntos no sofá? Ou no chão? Porque é que ele tinha de adormecer num lugar onde provavelmente tiveram momentos íntimos um com o outro durante anos?

Levanto-me.

— Preciso de mais vinho.

— Sim, sim. Vinho — diz a Bridgette, seguindo-me até à cozinha.

Quando o Ridge e o Warren entram, eu tinha acabado de beber o segundo copo do dia. O Warren entra primeiro, e depois o Ridge. Odeio o modo como ele me procura, freneticamente, até que me vê, parecendo aliviado. Quero continuar zangada com ele, mas ele torna tudo tão difícil, com aqueles lábios irresistíveis e aqueles olhos arrependidos.

Sei o que vou fazer. Não vou olhar para ele. Assim, não sucumbirei tão facilmente ao perdão. Rodo, para não poder ver o Ridge nem a porta. Apenas consigo ver o Warren, que tenta abraçar a Bridgette, mas ela impede-o empurrando-lhe a testa.

Virar as costas ao Ridge não resulta, porque ele aproxima-se por trás e envolve-me com os braços, acomodando o rosto no espaço entre o meu pescoço e o meu ombro. Beija-me suavemente no pescoço e mantém os braços à minha volta, desculpando-se sem palavras.

Não aceito este pedido de desculpa. Ainda estou zangada, por isso permaneço hirta e não reajo ao toque dele. Externamente, pelo menos. Por dentro, estou em brasa.

A Bridgette bebe o resto do vinho e depois vira a sua atenção para o

Warren.

— Porque é que o Ridge e a Maggie se zangaram contigo?

Quero ouvir a resposta do Warren, mas o Ridge solta-me, virando-me de forma que eu fique de frente para ele. Passa as mãos pelo meu rosto e olha para mim muito sério.

— Desculpa.

Encolho os ombros.

— Continuo magoada.

O Warren ignora a pergunta da Bridgette e aproxima-se de mim e do Ridge. Olho por cima do ombro do Ridge quando o Warren toca no peito, com um ar aparentemente culpado.

— A culpa foi praticamente minha, Sydney. Desculpa.

— Já imaginava — diz a Bridgette, dirigindo-se à cozinha para ir buscar mais vinho. Passa entre mim e o Ridge, separando-nos completamente. — Desembucha, Warren.

O Warren aperta a nuca com a mão e faz uma careta.

— Bem... é uma história engraçada...

— Aposto que é divertidíssima — interrompe a Bridgette, muito séria.

O Warren ignora-a e continua:

— Posso ter exagerado acerca do telefonema com a Maggie. Ela não estava a chorar e, tecnicamente, não implorou que fôssemos lá. Mas eu sabia que, se não exagerasse, o Ridge não teria ido.

A Bridgette fica de boca aberta. Emite um ruído de choque e depois olha para mim, e de novo para o Warren.

— Querias passar a noite em casa da tua ex-namorada, por isso mentiste a toda a gente?

— És um idiota, Warren — digo.

Porque é que ele mentiu e pôs o Ridge naquela situação? Meu Deus, estou tão zangada com ele. Sabe bem ter finalmente um alvo para toda a minha raiva.

— Olhem — diz o Warren, erguendo as mãos no ar —, o Ridge e a Maggie já deviam ter conversado sobre isto há muito tempo. Não o fiz por mal.

Estava a tentar ser útil!

— Pois, parece que a viagem foi um sucesso — digo.

O Warren encolhe os ombros e põe as mãos nas ancas.

— Pode ainda não haver solução, mas a Maggie precisava de ouvir tudo o que o Ridge tinha a dizer. Na verdade, acho que devias orgulhar-te dele. Depois de ontem à noite, e de tudo o que ele disse para te defender, não tenho qualquer dúvida de que está totalmente empenhado na vossa relação.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Então antes tinhas dúvidas?

O Warren olha para o teto.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Olha para a Bridgette e eu percebo que ele acabou por hoje. — Vamos. Eles precisam de privacidade. E nós também.

A Bridgette puxa uma cadeira da bancada e senta-se.

— Não. Eu ainda não acabei o vinho.

O Warren vai até à bancada e agarra na garrafa de vinho. Depois, pega no copo dela e sai porta fora com ele. A Bridgette olha para a porta e de seguida para mim. Depois volta a olhar para a porta. Os olhos dela estão cheios de pânico. Aponta, impotente, para a porta.

— Vinho.

— Vai — digo-lhe, contornando o Ridge e dirigindo-me à porta.

Ela corre para a porta e eu fecho-a atrás dela. Quando me viro, o Ridge tem a cabeça encostada ao frigorífico e está a olhar para mim. Suspiro e olho para ele, odiando vê-lo tão cansado. Por mais irritada que eu esteja com o Warren, estou aliviada por ele ter explicado tudo. Já não estou tão zangada com o Ridge.

O Ridge pega no telemóvel e começa a mandar-me uma mensagem. Eu vou ao quarto buscar o meu telemóvel e regresso à cozinha enquanto leio a mensagem dele.

Ridge: Não faço ideia do que se passou nos últimos dez minutos. Ninguém falou em língua gestual e é muito difícil ler lábios quando as

pessoas estão zangadas e a andar de um lado para o outro.

Baixo os ombros ao ler a mensagem. Sinto-me mal por o termos excluído enquanto discutíamos.

Sydney: Resumindo, o Warren disse que tu estavas inocente e o culpado era ele, e que a Maggie estava ressentida e que foi uma festa do pijama dos infernos.

O Ridge lê a mensagem e encolhe os ombros.

Ridge: Independentemente do motivo, eu não devia ter estado na cama da Maggie sem pensar no que tu sentirias. Mas, para que conste, eu adormeci durante o tratamento dela e depois fui para o sofá mal acordei.
Sydney: Bem, devias ter ido mais cedo. Acabaste por pagar caro por isso.
Ridge: Quem diz que o *karma* é cruel não o conhece. Porque o *karma* é muito simpático e acompanha-me sempre. Para onde quer que eu vá. O tempo todo.

Sorrio, mas o Ridge parece-me triste. Odeio estarmos de novo numa situação em que temos de fazer as pazes depois de outra discussão, e estamos juntos há menos de uma semana. Espero que isto não seja uma amostra de como vai ser a nossa relação. É claro, a primeira discussão foi culpa dele, e ele estava a ser um idiota. Mas esta...

Sei lá. Pelo que o Warren disse, o Ridge está a esforçar-se para que eu esteja em primeiro lugar. Mas é difícil quando há tantos obstáculos. *Caramba*. Acabei de chamar obstáculo à Maggie? Ela não é um obstáculo. O *comportamento* recente dela é que é o obstáculo.

Ridge: Posso beijar-te? Preciso disso. Muito.

Sorrio levemente quando leio a mensagem dele. Ele deve ter visto isso, porque não espera que eu olhe para cima e lhe responda. Corre para mim, levanta-me o rosto e depois pressiona a boca contra a minha. Beija-me como se estivesse com fome de mim. É o tipo de beijo dele de que mais gosto. É tão

desesperado e praticamente unilateral que a força do beijo dele me obriga a ir para trás. Ele continua a beijar-me até eu ficar encostada à parede da sala. Mas, por mais desesperado que seja, não é um beijo sensual. É apenas um beijo cheio de necessidade. Uma necessidade de me sentir e perceber que não estou chateada. Uma necessidade de perdão.

Depois de um minuto a beijar-me, ele encosta a testa à minha. Apesar de eu o ter deixado beijar-me, parece perturbado. Levo a mão ao rosto dele e passo o polegar pela sua bochecha, fazendo com que me olhe nos olhos.

— Estás bem?

Ele inspira e depois expira lentamente. Anui com a cabeça de modo pouco convincente e depois puxa-me para si. Mal tenho tempo de o envolver com os braços quando ele se baixa, passa um braço por trás dos meus joelhos e ergue-me. Leva-me até ao quarto e pousa-me na cama.

O que quer que ainda o esteja a incomodar pode esperar, porque a boca dele está de novo na minha. Mas desta vez o beijo dele não é porque precisa de ser tranquilizado. É apenas porque precisa de mim. Tira a t-shirt pela cabeça e depois levanta-se e tira-me as calças de pijama. E depois está de novo em cima de mim, a língua dele na minha boca, a mão dele a deslizar pela minha coxa acima, a levantar a minha perna.

Quero ouvi-lo. Tenho ansiado por isso desde que descrevi o quanto os barulhos que ele faz são sensuais. Desaperto-lhe as calças de ganga, enfio a mão, puxo-o para fora e depois guio-o para dentro de mim.

A boca dele está no meu pescoço quando ouço o seu grunhido no meu peito enquanto ele me penetra. Depois suspira baixinho e recua. Repete o ritmo e eu fecho os olhos. Enquanto faz amor comigo, permaneço calada a ouvir os sons sensuais do Ridge.

16.

Ridge

Há três coisas que produzem sons tão bonitos que inspiraram inúmeros poemas.

Oceanos, quedas-d'água e chuva.

Apenas vi o oceano uma vez. Os Sounds of Cedar deram um espetáculo em Galveston há dois anos e eu fui com eles. Na manhã depois do concerto, fui até à praia. Tirei os sapatos, sentei-me na areia e fiquei a ver o amanhecer.

Lembro-me de uma sensação a crescer dentro de mim. Como se todas as emoções negativas que alguma vez senti se evaporassem a cada novo raio de sol que despontava no horizonte.

Foi uma sensação de total deslumbramento, diferente de tudo o que eu já tinha experimentado. E, então, ali sentado, percebi que estava deslumbrado com algo que acontece todos os dias, e que acontece todos os dias desde o primeiro amanhecer. E pensei: *Como é que algo pode ser tão magnífico se nem sequer é algo raro?*

O nascer e o pôr do sol são os acontecimentos naturais mais previsíveis, fiáveis e repetitivos que a humanidade conhece. No entanto, são das poucas coisas que possuem a capacidade universal de deixar alguém sem palavras.

Nesse momento, enquanto estava ali sentado, sozinho, na praia, com os dedos dos pés enterrados na areia, as mãos em volta dos joelhos, perguntei-me, pela primeira vez, se o amanhecer emitiria algum som. Tinha quase a certeza de que não. Se emitisse, teria certamente lido sobre isso. E tinha a certeza de que haveria mais poemas sobre o som do amanhecer do que sobre

os oceanos ou as quedas-d'água ou a chuva.

E depois perguntei-me como seria a experiência de ver aquele mesmo amanhecer para alguém que consegue ouvir o mar ao mesmo tempo que o sol se liberta das amarras do horizonte. Se um amanhecer silencioso podia significar tanto para mim, o que significaria para quem o vê acompanhado do som da água?

Chorei.

Chorei... por ser surdo.

Foi uma das poucas vezes em que me senti ressentido com essa parte de mim que limitou a minha vida de forma tão significativa. E foi a primeira e única vez que chorei por causa disso. Ainda me lembro de como me senti naquele momento. Fiquei com raiva. Amargurado. Chateado por ter sido amaldiçoado com uma deficiência que me atrapalhava de tantas formas, apesar de eu passar grande parte dos meus dias sem pensar nela.

Mas nesse dia, nesse momento, senti-me dilacerado. Queria sentir completamente aquele amanhecer. Queria absorver o som das gaivotas que voavam lá no alto. Queria que o som das ondas entrasse nos meus ouvidos e escorresse pelo meu peito até o sentir agitar-se no meu estômago.

Chorei porque senti pena de mim próprio. Quando o sol apareceu completamente, levantei-me e fui-me embora, mas não consegui afastar aquela sensação. A amargura seguiu-me todo o dia.

Desde então, nunca mais fui ver o mar.

Enquanto estou aqui sentado com as mãos encostadas ao azulejo do duche, com o jato da água a bater-me na cara, não consigo deixar de pensar nessa sensação. E como, até àquele momento, nunca tinha compreendido verdadeiramente o que a Maggie provavelmente sente diariamente. Amargura e mágoa por lhe ter sido dada uma cartada na vida que se espera que ela aceite com graça e facilidade.

É fácil para quem está de fora olhar para dentro e pensar que a Maggie está a ser egoísta. Que não está a pensar nos sentimentos de ninguém a não ser nos seus. Até eu penso isso muitas vezes. Mas só naquele dia na praia, há dois anos, é que a compreendi verdadeiramente, completamente.

A surdez limita-me muito pouco. Sou capaz de fazer todas as outras coisas do mundo além de ouvir.

Mas a Maggie está limitada de inúmeras formas. De formas que eu nem sequer consigo imaginar. O dia amargo que passei sozinho na praia, quando senti verdadeiramente o peso da minha deficiência, é provavelmente o que a Maggie sente todos os dias. No entanto, aqueles que não estão a par da sua doença provavelmente olhariam para o seu comportamento e diriam que ela é ingrata. Egoísta. Desprezível, até.

E teriam razão. Ela é tudo isso. Mas a diferença entre a Maggie e as pessoas que a julgam e que não são a Maggie é que ela tem todo o direito do mundo de ser todas essas coisas.

Desde o dia em que a conheci, ela tem sido ferozmente independente. Detesta sentir que está a atrapalhar a vida das pessoas à sua volta. Sonha viajar pelo mundo, correr riscos, fazer todas as coisas que a doença lhe diz que não pode fazer. Quer sentir o stress da faculdade e de uma carreira. Quer desfrutar da independência que o mundo acha que ela não merece. Quer libertar-se das amarras que lhe recordam a doença.

E sempre que quero repreendê-la ou apontar-lhe tudo o que ela está a fazer de errado e todas as formas em está a impedir a sua própria longevidade, só preciso de pensar naquele momento na praia. Aquele momento em que eu teria feito qualquer coisa para poder ouvir tudo o que estava a sentir.

Teria trocado anos da minha vida por apenas um minuto de normalidade.

É exatamente isso que a Maggie está a fazer. Ela só quer um minuto de normalidade. E a única forma de ter um minuto de normalidade é ignorando o peso da sua realidade.

Se eu pudesse voltar atrás no tempo e recomeçar o dia de ontem, teria feito tantas coisas de forma diferente. Teria incluído a Sydney naquela viagem. Não teria deixado a Maggie sair do hospital. E ter-me-ia sentado com ela e ter-lhe-ia explicado que a quero ajudar. Quero estar lá para ela. Mas não posso estar lá para ela quando ela se recusa a estar lá para si própria.

Em vez disso, deixei que todos os meus pensamentos negativos reprimidos, que nunca tinha dito, saíssem de uma só vez. Era a verdade, sim,

mas a forma como o disse foi dolorosa. Há maneiras muito melhores de partilhar a nossa verdade do que forçá-la a alguém com tanto ímpeto que acaba por magoar.

A Maggie ficou magoada. O seu orgulho ficou ferido. E, embora seja fácil para mim dizer que as ações dela justificaram a minha reação, isso não significa que não me arrependa dessa reação.

Estou a tentar não pensar nisso, mas está a consumir-me. E sei que a única coisa que pode aliviar tudo o que estou a sentir é falar com a única pessoa na minha vida que compreende os meus sentimentos mais do que ninguém. Mas ela é também a última pessoa que quero sujeitar a uma discussão sobre a Maggie.

Fecho a água do chuveiro da Sydney. Estou aqui há mais de meia hora, mas estou a esforçar-me por descobrir como suprimir tudo o que estou a sentir neste momento. A Sydney merece uma noite livre da minha relação passada. Esta semana tem sido difícil e ela merece uma noite de quase perfeição, em que ela seja o meu único foco e eu o dela.

E eu vou dar-lhe isso.

Saio da casa de banho só com uma toalha. Não porque estou a tentar distraí-la dos trabalhos de casa que está a fazer na cama, mas porque as minhas calças estão no chão do quarto e preciso delas. Quando deixo cair a toalha e visto as calças de ganga, ela levanta os olhos dos trabalhos de casa com a ponta do lápis na boca, mordendo-o com um sorriso.

Sorrio-lhe porque não consigo evitar. Ela empurra os livros para o lado e dá uma palmadinha na cama ao lado dela. Eu sento-me e encosto-me à cabeceira da cama. Ela faz deslizar a perna por cima de mim e abraça-me, passando as mãos pelo meu cabelo molhado. Inclina-se para a frente, beijando-me a testa, e não tenho a certeza se alguma vez o fez antes. Fecho os olhos enquanto ela deposita beijos suaves por toda a minha cara. Termina com um beijo suave nos meus lábios.

Só quero desfrutar deste momento, por isso puxo-a para mim, sem estar interessado em conversar ou curtir. Só quero abraçá-la, manter os olhos fechados e apreciar o facto de ela ser minha. E ela permite-o durante dois

minutos, mas uma das vantagens que tem sobre mim é poder ouvir os suspiros que me esqueço que estou a soltar.

Isso inclui o suspiro pesado que instantaneamente faz com que a preocupação dela venha à tona. Ela afasta-se, segurando o meu rosto com as mãos. Semicerra os olhos, como se fosse um aviso de que é melhor eu não lhe mentir.

— Que se passa contigo? Sê honesto desta vez.

Não me vou safar desta sem total transparência. Faço deslizar as mãos da cintura dela para os ombros. Aperto-os e depois tiro-a de cima de mim com cuidado.

— Portáteis — digo-lhe.

Usamos os nossos computadores portáteis para as conversas sérias. Aquelas que sabemos que vão exigir demasiada paciência para língua gestual, leitura labial ou mensagens. Vou até à sala de estar e tiro o meu portátil da mala. Quando chego ao quarto, ela está sentada, encostada à cabeceira da cama com o portátil, os olhos a seguirem-me até ao meu lugar na cama. Abro a nossa conversa e começo a escrever.

Ridge: Para que fique registado, eu queria evitar esta conversa esta noite. Mas acho que não consigo sentir nada sem que tu percebas.

Sydney: Não és tão transparente como pareces pensar que és.

Ridge: Só me sinto transparente para ti.

Sydney: Bem, vamos ver se tens razão. Vou tentar identificar o que te está a incomodar.

Ridge: Está bem. Estamos a fazer apostas? Porque se adivinhares, eu levo-te a sair esta noite. Mas se não adivinhares, levo-te a sair comigo esta noite.

Sydney: ;) Nunca tivemos um encontro a sério antes.

Ridge: Então é melhor acertares ou errares, ou não vamos sair.

Sydney: OK. Vou arriscar, então. Eu percebo, pela tua linguagem corporal, que a tua mente está noutro lugar esta noite. E com base nas últimas vinte e quatro horas, vou assumir que a tua mente está na

Maggie.

Ridge: Gostaria de poder dizer que estás errada. Mas estás certa. Só espero que saibas que é completamente inocente. Não consigo deixar de me sentir mal por tudo o que lhe disse.

Sydney: Falaste com ela desde que saíste de casa dela?

Ridge: Ela mandou-me uma mensagem curta depois de eu ter saído e pediu-nos desculpa aos dois. Mas eu não respondi. Estava demasiado zangado para responder. Agora não sei como responder porque me sinto culpado, mas também não sinto que ela mereça qualquer tipo de pedido de desculpa da minha parte. É isso que me confunde. Porque é que me sinto culpado se não tenho vontade de pedir desculpa pelo que fiz?

Sydney: Porque sim. Incomoda-te que, lá no fundo, saibas que, se tu e a Maggie estivessem noutra situação, nenhum de vocês voltaria a falar um com o outro. São ambos muito diferentes. Se não fosse a doença dela, provavelmente já teriam terminado a vossa relação muito antes de o terem feito. Mas não é essa a situação, por isso ela deve estar a ter dificuldade em processar o facto de só estares na vida dela porque tens de estar.

Leio a mensagem da Sydney e sinto a verdade a penetrar-me diretamente nos ossos. Ela tem razão. A doença da Maggie é a única razão pela qual ainda estamos ligados. Por muito que eu saiba isso, não o quis admitir. Mas eu e a Maggie estamos em lados opostos da Terra neste momento, com este fio chamado fibrose quística a unir-nos.

Ridge: Tens razão. Mas gostava que não tivesses.

Sydney: Tenho a certeza de que ela gostaria que fosse diferente, também. Como é que achas que ela se sentiu ao saber que estavas em casa dela simplesmente porque precisavas de estar e não porque querias estar?

Ridge: Tenho a certeza de que se sentiu ressentida.

Sydney: Exatamente. E quando as pessoas se sentem ressentidas, agem. Dizem coisas que não querem dizer.

Ridge: Talvez, mas qual foi a minha desculpa? Eu ataquei-a como nunca ataquei ninguém. E é por isso que não consigo parar de pensar nessa situação, porque sinto que perdi a paciência com ela.

Sydney: Parece que sim. Mas não acho que te devas arrepender. Por vezes, gostar de alguém significa dizer coisas que não queremos dizer, mas que têm de ser ditas.

Ridge: Sim. Talvez sim.

Sydney: O teu coração é a minha coisa favorita em ti, Ridge.

Ela adora mesmo esse meu lado de que a Maggie nunca gostou. Acho que é por isso que as coisas funcionam comigo e com a Sydney. Finalmente tenho alguém que está apaixonado por mim por completo.

Sydney: Mas não vou mentir. Às vezes o teu coração assusta-me.

Ridge: Porque é que te assusta?

Sydney: Porque sim. Preocupa-me que a Maggie esteja a piorar. E sei que tu também te preocupas com isso. Tenho medo de que a tua culpa e a tua preocupação te forcem a voltar para ela, só para poderes consertar as coisas.

Ridge: Sydney...

Sydney: Ei, estamos a ser desconfortavelmente honestos agora.

Olho para ela, completamente estupefacto com aquela resposta. Ela olha para mim com uma pitada de medo no rosto, como se achasse que eu realmente fosse concordar com a sua preocupação tola.

Ridge: Sydney, eu nunca te deixaria para resolver os problemas dela. Eu ficaria destroçado sem ti. Então quem é que me iria consertar a mim?

Ela lê a minha mensagem e eu vejo-a a estender a mão para o ecrã do portátil e a passar o polegar sobre as minhas palavras. Depois, seleciona a frase e copia-a. Abre um documento Word e cola-a por baixo de um monte de outras frases.

Inclino-me para ver melhor o ecrã, mas ela apressa-se a fechar o Word. Só consegui ver durante meio segundo, mas podia jurar que o nome do documento era Coisas que o Ridge Diz.

Ridge: Esse documento tinha o meu nome no título?
Sydney: Talvez. Não te preocupes com isso.

Olho para ela e vejo que está a tentar abafar um sorriso. Abano a cabeça, quase certo de que sei o que ela acabou de fazer.

Ridge: Tu guardas coisas? Coisas que eu te digo? Tipo... tens um arquivo real de coisas que eu te disse?
Sydney: Cala-te. Ages como se isso fosse estranho. Muitas pessoas têm coleções.
Ridge: Sim, de coisas tangíveis, como moedas ou taxidermias. Acho que a maioria das pessoas não coleciona pedaços de conversas.
Sydney: Vai-te lixar.

Rio-me e depois seleciono a frase dela e copio-a. Abro um novo ficheiro Word e colo-a no documento, guardando o ficheiro como Coisas que a Sydney Diz.

Ela dá-me um empurrão no ombro. Fecho o meu portátil e depois o dela, e faço-os deslizar para o outro lado. Coloco o braço à volta dela e apoio o queixo no seu peito, olhando para ela.

— Amo-te.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Mexa descer tapioca.

Inclino a cabeça.

— Diz isso outra vez. Tenho quase a certeza de que li mal os teus lábios.

— Deixa. De ser. Um. Idiota.

Sorrio da minha má leitura labial e beijo-lhe o peito. Depois o pescoço. Depois dou-lhe um beijo nos lábios e tiro-a da cama.

— Está na hora do nosso encontro. Vamos vestir-nos.

— Onde é que vamos? — pergunta ela em língua gestual.

Encolho os ombros.

— Onde é que queres ir?

Ela pega no telemóvel enquanto estou a vestir a camisa e envia-me uma mensagem.

Sydney: Seria estranho se voltássemos àquele restaurante?

Tento lembrar-me de um restaurante a que tenhamos ido, mas o único que me ocorre que ela possa ter em mente é aquele a que a levei na primeira noite em que nos conhecemos pessoalmente. Era o aniversário dela, e eu senti-me mal por o dia dela ter sido tão mau, por isso levei-a a comer bolo.

Ridge: Aquele que fica perto do meu apartamento?

Ela assente com a cabeça.

Ridge: Porque é que isso seria estranho?

Sydney: Porque sim. Foi a noite em que nos conhecemos. E, sei lá, ir lá no nosso primeiro encontro seria uma espécie de celebração desse momento.

Ridge: Sydney Blake. Tens de te perdoar por te teres apaixonado por mim. Partilhámos muitos capítulos que não precisam de ser arrancados do nosso livro só porque há coisas neles de que não gostas. Faz parte da nossa história. Cada frase conta para o nosso final feliz, seja ela boa ou má.

A Sydney lê a minha mensagem e depois enfia o telemóvel no bolso, como se o jantar tivesse sido garantido graças a essa última mensagem. Diz em língua gestual a frase seguinte.

— Obrigada. Foi lindo. Ponte. Nuvem. Borbulha.

Rio-me.

— Era suposto isso ser uma frase a sério?

A Sydney abana a cabeça.

— Ainda não sei dizer muitas palavras em língua gestual. Decidi que vou inventar palavras aleatórias quando não souber dizer o que quero dizer.

Faço sinal para que ela tire o telemóvel do bolso.

Ridge: Disseste ponte, nuvem e borbulha. LOL. O que é que estavas a tentar dizer?

Sydney: Não sabia como dizer que vais ter muita sorte depois do encontro desta noite.

Rio-me e envolvo-a nos meus braços, puxando-a até que a sua testa encontre os meus lábios. Raios, não me consigo fartar da minha miúda. Também não me consigo fartar da ponte, nuvem, borbulha.

Fomos no carro da Sydney até ao meu apartamento porque eu não tinha o meu carro, e não podemos ir a pé do apartamento dela até ao restaurante como podíamos do meu. Ela insistiu que fôssemos a pé, como fizemos da última vez que cá viemos. A Sydney pediu comida de pequeno-almoço para o jantar, mas também comeu metade dos meus anéis de cebola e deu três dentadas no meu hambúrguer.

Decidimos jogar às vinte perguntas durante o jantar, por isso usámos os nossos telemóveis em vez de língua gestual, porque era difícil fazer isso e comer ao mesmo tempo. Durante os quarenta e cinco minutos que estivemos aqui, não pensei na minha discussão com a Maggie. Não pensei em como estou atrasado no trabalho. Nem sequer pensei no raio do *spoiler* da *Guerra dos Tronos*. Quando estou assim com a Sydney, a sua presença absorve todas as partes más do meu dia, e é tão fácil concentrar-me nela e só nela.

Até o Brennan aparecer.

Agora estou a concentrar-me no Brennan enquanto ele desliza para o lugar ao lado da Sydney e estende a mão sobre a mesa para o meu último anel de cebola.

— Olá. — Ele põe o anel de cebola na boca e eu recosto-me no assento,

perguntando-me que diabo estará ele a fazer aqui. Não que me importe. Mas é o nosso primeiro encontro oficial, e não percebo porque é que ele está a estragar tudo.

— O que estás a fazer aqui? — pergunto em língua gestual.

O Brennan encolhe os ombros.

— Não tenho nada marcado para esta noite. Estava aborrecido e fui ao teu apartamento, mas não estavas em casa.

— Mas como é que sabias que estávamos aqui?

— A aplicação — diz ele, pegando no meu refrigerante e bebendo um gole.

Lanço-lhe um olhar que o deixa saber que não faço ideia do que está a falar.

— Sabes — diz ele —, aquelas aplicações que se podem usar para localizar os telemóveis das pessoas. Eu estou sempre a seguir o teu.

Mas que raio?

— Mas para isso tens de configurar essa aplicação com o meu telemóvel.

O Brennan anui com a cabeça.

— Fiz isso há um ano. Sei onde estás a toda a hora.

Isso explica muita coisa.

— Isso é estranho, Brennan.

Ele recosta-se no seu lugar.

— Não, não é. Tu és meu irmão.

Ele olha para a Sydney.

— Olá. É bom ver-te completamente vestida.

Dou-lhe um pontapé debaixo da mesa, e ele ri-se, depois cruza os braços sobre a mesa e continua a falar.

— Apetece-te compor alguma coisa esta noite?

Abano a cabeça.

— Estou num encontro com a minha namorada.

Os ombros do Brennan descaem, e ele recua contra o assento. A Sydney olha para um lado e para o outro, entre mim e o Brennan.

— Uma música? — diz ela. — Queres compor uma música esta noite?

O Brennan encolhe os ombros.

— Porque não? Eu preciso de mais material, e estou com vontade. Tenho a minha guitarra no carro.

A Sydney anima-se e começa a assentir com a cabeça.

— Por favor, Ridge? Eu quero ver-vos a compor uma música.

O Brennan acena com a cabeça.

— Por favor, Ridge?

As súplicas do Brennan não me fazem mudar de ideias, mas isso é só porque as súplicas da Sydney já o fizeram. Além disso, durante todo o tempo que eu estive neste encontro com a Sydney, têm girado letras de canções em torno da minha cabeça. É melhor deitar tudo cá para fora, enquanto ainda estou a senti-lo.

Pago a conta e saímos para voltar ao apartamento, mas o Brennan aponta para o outro lado da rua, para um parque. Corre até ao carro e pega na guitarra e nas coisas para escrever. Caminhamos os três até ao parque e encontramos dois bancos em frente um do outro. O Brennan senta-se num, e eu e a Sydney sentamo-nos no outro.

O Brennan vira a guitarra e pousa o bloco de notas em cima dela. Escreve nele durante alguns minutos e depois passa-mo. Compôs a música para um refrão em que está a trabalhar, mas não tem letra. Passo vários minutos a estudá-la. Consigo ver o Brennan e a Sydney a conversar enquanto olho para a música e tento perceber como acrescentar o primeiro verso do refrão. Ele repete em língua gestual a primeira parte da conversa, mas quando vê que não estou a prestar atenção a nenhum deles, para de fazer gestos e continuam a conversa. Gosto do facto de eles estarem a conversar sem mim. Não é como as conversas que as pessoas têm quando se esquecem de fazer gestos para que eu compreenda. É apenas uma conversa que estão a ter porque sabem que preciso de um tempo para me concentrar nesta canção.

Penso na conversa que tive com a Sydney há pouco, e em como ela expressou o medo de que eu um dia voltasse para a Maggie por querer resolver tudo o que está a correr mal na vida dela. Tento encaixar isso em alguns versos, mas não funciona. Fecho os olhos e tento recordar as palavras exatas que lhe disse.

Eu ficaria destroçado sem ti. Então quem é que me iria consertar a mim?

Leio essa frase várias vezes. *Quem é que me iria consertar a mim?*

É assim que às vezes construo uma base para as minhas letras. Penso numa pessoa. Penso numa conversa com essa pessoa, ou num pensamento que tenho sobre essa pessoa. E depois faço a mim próprio uma pergunta sobre esse pensamento e construo a letra à volta da resposta.

Então... quem é que me *iria* consertar a mim? A única pessoa que poderia consertar o meu coração despedaçado seria a Sydney.

Parto dessa resposta e escrevo a letra: «Só tu me podes consertar.»

Bato com o lápis na página ao ritmo da música que o Brennan compôs. O Brennan pega na guitarra e observa o meu lápis, depois começa a tocar. Consigo ver a Sydney pelo canto do olho, enquanto ela puxa os joelhos para cima do banco e os envolve com os braços, observando-nos. Olho para ela por instantes, à espera de que os pensamentos sobre ela inspirem outra frase. O que é que eu quero que ela saiba quando ouvir esta música?

Escrevo várias frases sem nenhuma ordem em particular, e nenhuma delas rima, mas todas me fazem lembrar a Sydney. Vou começar com elas e transformar cada uma em verso. Só preciso de dizer as coisas básicas em que estou a pensar.

Desde o início foste verdadeira.
Acho-te linda quando estás a falar.
Eu sou a desordem, tu és a arrumação.
Vai chegar a altura em que vais notar.
Só tu me podes consertar.

Levanto os olhos da página e vejo que o Brennan ainda está a tocar, a trabalhar o ritmo da música para a qual acabei de escrever o refrão. A Sydney está a olhar para mim, a sorrir. É tudo o que eu preciso para terminar a letra. Vou para o banco onde está o Brennan e mostro-lhe a letra, combinada com a música que ele compôs. Ele começa a ajustar a música enquanto eu termino a letra.

Quase uma hora depois, temos uma canção completa. É a mais rápida que

já escrevemos juntos. O Brennan ainda não cantou nada em voz alta, por isso eu sento-me no banco com a Sydney e encosto-a a mim antes de ele começar a tocar. Ele começa a dedilhar a guitarra, e ela envolve-me com um braço, encostando a cabeça ao meu ombro.

Acordar cedo, deitar de madrugada,
A minha decisão está sempre errada
Dizes-me algo que vou esquecer
Não sou perfeito, nem tento ser

Não consigo sair sem me atrasar
Acho que é cedo, mas fiz-te esperar
Deixo uma semana a louça por lavar
Mas acho-te linda quando estás a falar

Pergunta por aí e vais perceber
Que só a ti eu consigo ver
Vai chegar a altura em que vais notar
Que só tu me podes consertar
Que só tu me podes consertar

Eu sou a desordem, tu és a arrumação
Até quando és má és uma animação
Desde o início foste verdadeira
E o meu coração ficou desta maneira

Pergunta por aí e vais perceber
Que só a ti eu consigo ver
Vai chegar a altura em que vais notar
Que só tu me podes consertar
Que só tu me podes consertar

Não funciono, não consigo pensar
E, com uma mentira, fiz-te esperar
Demorei, mas lá me consegui encontrar

Pergunta por aí e vais perceber
Que só a ti eu consigo ver
Vai chegar a altura em que vais notar
Que só tu me podes consertar

Pergunta por aí e vais perceber
Que só a ti eu consigo ver
Vai chegar a altura em que vais notar
Que só tu me podes consertar
Que só tu me podes consertar

Quando o Brennan acaba de tocar, a Sydney não se mexe de imediato. Está enroscada em mim, com a mão agarrada à minha camisa. Acho que precisa de uns minutos para absorver tudo.

Quando finalmente se afasta do meu peito, tem lágrimas nos olhos e limpa-as com os dedos. Eu e o Brennan esperamos que ela diga alguma coisa, mas ela limita-se a abanar a cabeça.

— Não me obriguem a falar agora. Não consigo.

O Brennan sorri-me.

— Sem palavras. A tua miúda aprova. — Levanta-se e continua: — Vou para o teu apartamento gravar isto no telemóvel enquanto está fresco na minha cabeça. Querem boleia?

A Sydney assente com a cabeça e agarra a minha mão.

— Sim. Mas nós não vamos ficar em casa do Ridge. Temos de voltar para o meu apartamento. É importante.

Lanço-lhe um olhar confuso.

Ela lança-me um olhar determinado.

— Ponte, nuvem, borbulha. Agora.

Sorrio enquanto ela me puxa em direção ao carro do Brennan.

Acho que ela adorou a música.

17.

Sydney

O Ridge e o Brennan já saíram do carro do Brennan, mas eu ainda estou sentada no banco do passageiro, a olhar para o carro estacionado ao lado do nosso. É o carro do Hunter. Mas não é o Hunter a fechar a porta de trás. É a Tori. E é por isso que estou congelada no meu lugar, porque não estava à espera de a ver, e não quero mesmo que ela me veja. Tenho a certeza de que não vou acabar por lhe dar outro murro, mas continuo sem vontade de falar com ela.

É tarde demais, no entanto, porque o Ridge não a reconhece e abre a minha porta para que possamos passar do carro do Brennan para o dele, no momento em que a Tori está a passar. Ela detém-se quando os nossos olhos se encontram.

Raios.

Pego na mão do Ridge e saio lentamente do carro. A Tori parece que viu um fantasma. Mas não foge, como eu gostaria que fizesse. Em vez disso, pousa os sacos de compras no capô do carro e vira-se para mim, pondo os braços à volta do corpo.

— Olá — diz ela.

Percebo que quer falar. E eu simplesmente não tenho coragem de ser uma idiota.

Olho para o Ridge.

— Vai indo — digo em língua gestual. — Dois minutos.

O Ridge olha para a Tori e depois para mim. Anui com a cabeça e afasta-

se, caminhando ao ritmo do Brennan enquanto se dirigem para o apartamento do Ridge.

A Tori está com bom aspeto. Como sempre. Dou por mim a mexer no meu rabo de cavalo e a tirar uma madeixa de cabelo do rosto.

— É o teu namorado? — pergunta ela.

Olho para o cimo da escada. O Ridge está a entrar no apartamento de costas, a olhar para nós com preocupação. Esboço-lhe um sorriso tranquilizador antes de ele fechar a porta. Volto a minha atenção para a Tori e cruzo os braços.

— Sim.

A Tori olha para mim como se percebesse tudo.

— É o tipo da varanda, não é? Aquele para quem estavas a escrever as letras?

De repente, torno-me protetora de tudo o que se passa na minha vida e não quero revelar nada à Tori. Nem sequer sei porque estou aqui agora. Ela parecia querer mesmo que eu parasse e falasse com ela. Talvez para conseguir ultrapassar tudo o que aconteceu entre nós.

Olho para trás dela, para o carro do Hunter. Há anúncios de VENDE-SE afixados nos vidros laterais e traseiro.

— O Hunter vai vender o carro?

A Tori olha para o carro por cima do ombro.

— Sim. Achamos que tem danos causados pela água, ou algo do género. Tem um cheiro estranho há já algum tempo.

Tapo a boca com a mão para que ela não veja o meu sorriso. Quando tenho a certeza de que o consigo conter, destapo a boca e agarro a alça da minha mala.

— É uma pena. Sei que ele adora este carro.

O telemóvel da Tori toca e ela olha para ele, depois atende-o, afastando-se um pouco de mim. Quase como se não quisesse que eu ouvisse a conversa.

— O quê? — sussurra ela. A forma como atende o telefone dá a entender que está irritada com quem está do outro lado da linha. Olha para o apartamento dela e diz: — Ainda tenho de levar mais umas compras para

cima. Dá-me um segundo.

Termina a chamada e guarda o telemóvel no bolso. Dirige-se ao capô do carro e começa a pegar nos sacos de compras. Põe-se à minha frente, com dois sacos em cada mão e os braços ao lado do corpo.

— Então, hum... — Faz uma pausa e inspira com força, expirando com a mesma rapidez. — Queres ir tomar um café um dia destes? Gostava muito de pôr a conversa em dia. Ouvir tudo sobre o novo namorado.

Olho-a fixamente por instantes, perguntando-me porque é que ela haveria de achar que eu aceitaria. Percebo que também fui uma Tori durante um momento muito curto da minha amizade com o Ridge, mas, por mais zangada que eu esteja com o Hunter e por mais que a Maggie tenha ficado zangada com o Ridge, poucas traições devem magoar tanto como a traição da nossa melhor amiga. Ela é a pessoa com quem eu partilhava a minha vida. O meu lar. Todos os meus segredos. E durante todo o tempo em que vivemos juntas, ela andava a trair-me diariamente.

Não quero tomar café com ela. Nem sequer quero estar aqui fora a conversar com ela, agindo como se ela não me tivesse partido o coração com dez vezes mais força do que o Hunter alguma vez conseguiria fazer.

Abano a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Escolho dar a volta pela traseira do carro para não ter de me aproximar ainda mais dela. Antes de me dirigir para as escadas, olho para ela. — Tu magoaste-me mesmo, Tori. Mais do que o Hunter alguma vez poderia ter magoado. Mas continuo a achar que mereces mais do que um homem que nem sequer se dá ao trabalho de descer para te ajudar a carregar as compras.

Afasto-me e subo as escadas a correr, para longe dela, longe daquele carro malcheiroso e longe da triste realidade de ela ainda não ter encontrado a felicidade. Pergunto-me se alguma vez encontrará.

Entro no apartamento e o Brennan está no sofá com a guitarra. Acena com a cabeça em direção ao quarto do Ridge. Quando abro a porta do quarto, vejo-o deitado na cama de barriga para baixo, abraçado ao travesseiro. Dirijo-me a ele, mas ele está a dormir. Sei que teve umas longas vinte e quatro horas, por

isso não me dou ao trabalho de o acordar. Deixo-o descansar.

O Brennan está agora à mesa, a tocar a música que ele e o Ridge acabaram de escrever. Vou até à cozinha e sirvo-me de um copo de vinho. Só sobrou o suficiente para um copo. Eu e a Bridgette realmente acabámos com o *stock* deles. O Ridge provavelmente vai começar a guardar o vinho num frasco de *Windex*.

— Sydney?

Viro-me para o Brennan, e ele está abraçado à guitarra, com o queixo apoiado nela.

— Estou com muita fome. Achas que me podes fazer uma tosta de queijo?

Rio-me assim que a pergunta sai da boca dele. Mas depois percebo que ele está a falar a sério.

— Estás a pedir-me para te fazer uma tosta?

— Foi um longo dia, e eu não sei cozinhar. O Ridge cozinha sempre para mim quando aqui venho.

— Oh, meu Deus. Que idade tens? Doze?

— Inverte a ordem dos números e terás a resposta.

Reviro os olhos e abro o frigorífico para pegar no queijo.

— Não acredito que te vou fazer uma tosta. Sinto-me como se estivesse a desiludir todas as mulheres que lutaram pela nossa igualdade.

— Só é contra o feminismo quando fazes uma tosta ao teu homem. Não conta se for só um amigo.

— Bem, nem sequer seremos amigos se pensares que me podes pedir para cozinhar para ti sempre que vieres visitar o teu irmão.

O Brennan sorri e volta-se para a guitarra. Começa a dedilhar uma música que eu nunca tinha ouvido antes. Depois começa a cantar.

Cheddar, parmesão, mozarela. Não há melhor do que ela.
Põe esse queijo num pão. Estou com fome até mais não.
Tosta de queijo,
Tosta de queijo,
Tosta de queijo da Sydney.

Blake. Não da Austrália.

Rio-me das suas impressionantes capacidades de improviso, apesar de ser uma canção terrível. Ele é obviamente tão talentoso quanto o Ridge. Apenas suprime isso por algum motivo.

Pousa a guitarra na mesa e aproxima-se da bancada. Pega numa folha de papel de cozinha e pousa-a à sua frente. Acho que é o máximo que vai fazer para me ajudar a preparar a tosta.

— Tens dificuldade em escrever letras? Ou finges que não consegues escrever por te sentires culpado?

— Porque é que eu haveria de me sentir culpado? — pergunta o Brennan, sentando-se junto à bancada.

— É apenas um palpite, mas acho que odeias o facto de teres nascido com a capacidade de ouvir, e o Ridge não. Por isso finges que precisas dele mais do que realmente precisas. Porque o amas.

Viro a tosta de queijo. O Brennan não responde de imediato, por isso sei que acertei.

— O Ridge também pensa isso?

Viro-me para ele.

— Acho que não. Acho que ele adora escrever letras para ti. E não estou a dizer para parares de fingir que não consegues escrever letras tão bem quanto ele. Só estou a dizer que percebo porque o fazes.

O Brennan sorri, aliviado.

— És inteligente, Sydney. Devias pensar em fazer mais da tua vida além de tostas para homens esfomeados.

Rio-me e pego na tosta com a espátula. Pouso-a no papel de cozinha à frente dele.

— Tens razão. Demito-me.

Ele dá uma dentada no momento em que a porta da rua se abre. A Bridgette entra com um saco na mão, o uniforme do Hooters e a testa franzida. Vê-nos na cozinha e acena com a cabeça, depois vai para o quarto e bate com a porta.

— Ela acabou de acenar com a cabeça para ti? — pergunta o Brennan. — Foi um gesto estranhamente simpático que não incluiu um dedo do meio. Ela já não te odeia?

— Não. Agora somos praticamente melhores amigas.

Começo a limpar a cozinha, mas a Bridgette grita o meu nome da casa de banho. O Brennan ergue uma sobrancelha, como se estivesse preocupado comigo. Dirijo-me à casa de banho e ouço uma grande agitação. Quando abro a porta, ela agarra no meu pulso, puxa-me para dentro e depois fecha a porta. Vira-se para a bancada e começa a despejar o conteúdo do saco no lavatório.

Arregalo os olhos quando vejo cinco caixas de testes de gravidez. A Bridgette começa a abrir uma freneticamente e dá-me outra.

— Despacha-te — diz ela. — Tenho de resolver isto antes que enlouqueça!

Tira o teste da caixa e depois pega noutra caixa para a abrir.

— Acho que um é suficiente para saberes se estás grávida.

Ela abana a cabeça.

— Tenho de ter a certeza de que não estou grávida, senão não durmo até ter doze períodos.

Abro duas caixas e ela abre mais uma, pega num copo que está ao lado do lavatório e passa-o por água. Baixa os calções e senta-se na sanita.

— Leste as instruções? Podes fazer chichi num recipiente que não foi desinfetado?

Ela ignora-me e começa a fazer chichi no copo. Depois de terminar, pousa-o na bancada.

— Mergulha-os! — diz ela.

Olho para o copo com urina e abano a cabeça.

— Não quero.

Ela puxa o autoclismo, veste os calções e afasta-me. Mergulha os cinco testes no copo e fica a segurar neles. Depois, tira-os e pousa-os em cima de uma toalha.

Está tudo a acontecer tão depressa que acho que nem tive tempo de processar que estamos prestes a descobrir se a Bridgette vai ser mãe ou não. Ou se o Warren vai ser pai.

— Algum de vocês quer ter filhos? — pergunto.

A Bridgette abana a cabeça com determinação.

— Nem pensar. Se eu estiver grávida, podes ficar com ele.

Não quero. A minha ideia de inferno é ter um filho que é uma mistura do Warren e da Bridgette.

— Bridgette! — grita o Warren, mesmo antes de ouvirmos a porta da rua a fechar com estrondo.

A Bridgette encolhe-se. A porta da casa de banho abre-se, e de repente sinto que já não devia estar aqui.

— Não podes enviar-me uma mensagem dessas a meio do meu grupo de estudo e depois ignorar-me quando te ligo!

O Warren... num grupo de *estudo*? Rio-me, mas o meu riso faz com que ambos se virem para mim.

— Desculpa. Não consigo imaginar o Warren num grupo de estudo.

Ele revira os olhos.

— É um projeto de grupo obrigatório — Vira a sua atenção para a Bridgette. — Porque é que achas que estás grávida? Tu tomas a pílula.

— Pickles — responde ela, como se fosse uma boa explicação. — Roubei três pickles do prato de um cliente hoje, e eu odeio pickles. Mas não consigo deixar de pensar em pickles!

Ela olha para os testes de gravidez e pega num, mas ainda não passou tempo suficiente.

— Pickles? — exclama o Warren, espantado. — Meu Deus. Achei que fosse uma coisa séria. Então tiveste desejo de comer a merda de um pickle.

O Warren está a pensar nos pickles, mas eu não consigo deixar de o imaginar num grupo de estudo.

— Quando é que acabas o curso? — pergunto.

— Daqui a dois meses.

— Ótimo — diz a Bridgette. — Porque se eu estiver grávida, vais precisar de um emprego a sério para poderes criar esta criança.

— Tu não estás grávida, Bridgette — diz o Warren, revirando os olhos. — Tiveste desejo de pickles. És tão dramática.

Toda esta conversa faz com que eu me queira certificar de que eu e o Ridge nos protegemos a dobrar de hoje em diante. Tomo a pílula religiosamente, mas houve uma vez ou duas em que não usámos preservativo. Mas isso nunca mais vai acontecer.

A Bridgette pega num teste de gravidez e leva a mão à testa.

— Oh, merda. — Ela vira-se e atira o teste na direção do Warren. O teste acerta-lhe na cara e ele atrapalha-se a tentar apanhá-lo.

— Deu positivo? — pergunto.

A Bridgette anui com a cabeça, passando a mão pelo rosto.

— Tem um tracinho! Merda, merda, merda, tem um tracinho bem visível! Porra!

Olho para uma das caixas.

— Um tracinho quer dizer que está a funcionar. Não quer dizer que estás grávida.

O Warren está a segurar o teste entre os dedos e deixa-o cair na toalha.

— Isto tem chichi.

A Bridgette revira os olhos.

— A sério, Sherlock? É um teste de gravidez.

— Tu *atiraste-mo*. Fiquei com chichi na cara. — Ele pega numa toalha e molha-a na torneira.

— Tu não estás grávida — tranquilizo-a. — Não é um sinal positivo.

Ela pega noutro teste e estuda-o, encostando-se à bancada.

— Achas?

Pega numa das embalagens, lê-a e depois suspira aliviada. Despeja o copo de urina no lavatório.

— Porque é que não o despejaste na sanita? — pergunta o Warren com um ar enojado. Ele, que comeu um pedaço de queijo depois de a Bridgette tentar lavar-se com ele.

— Sei lá — responde a Bridgette, olhando para o lavatório. Abre a torneira e passa-o por água. — Estou stressada. Foi sem pensar.

O Warren passa à minha frente e abraça a Bridgette. Afasta o cabelo dela carinhosamente.

— Não te vou engravidar, Bridgette. Depois deste susto, vou passar a embrulhar bem o meu *Jimmy Choo*.

Eu estava prestes a sair da casa de banho para lhes dar privacidade, mas fico paralisada quando ouço o Warren a chamar *Jimmy Choo* ao seu pénis.

Viro-me.

— *Jimmy Choo*?

O Warren olha para mim pelo espelho.

— Pois, é o nome dele. O Ridge não dá nenhum nome fixe ao pénis?

— Nome fixe? — exclamo. — *Jimmy Choo* é uma marca de sapatos de luxo.

— Não é nada — responde o Warren. — Um *Jimmy Choo* é um charuto cubano raro. Não é, Bridgette? — diz ele, olhando para ela. — Foste tu que lhe puseste o nome.

A Bridgette tenta ficar séria, mas desata à gargalhada. Passa por mim e corre para a sala, mas o Warren corre atrás dela.

— Tu disseste que os *Jimmy Choos* eram charutos enormes!

Acabam no sofá, com o Warren em cima dela. Estão ambos a rir-se, e é a primeira vez que os vejo a ser carinhosos um com o outro.

Perceber que uma ameaça de gravidez é o que faz com que eles sejam um casal melhor é um pouco perturbador.

— Devíamos celebrar amanhã ao pequeno-almoço — diz o Warren, depois de a beijar na bochecha. Senta-se e olha para mim e para o Brennan. — Todos nós. O pequeno-almoço é por minha conta.

A Bridgette afasta o Warren e levanta-se.

— Eu vou, se acordar a tempo.

O Warren segue-a até ao quarto.

— Miúda, esta noite nem sequer vais dormir.

A porta fecha-se.

Olho para o Brennan. Ele desvia os olhos da porta e olha para mim.

Abanamos a cabeça.

— Vou para casa — diz ele, levantando-se para guardar a guitarra. Agarra

nas chaves e dirige-se à porta. — Obrigado pela tosta, Sydney. Desculpa ter-me portado como um pirralho. A culpa é do Ridge, que me mimou durante tanto tempo.

— É bom saber. Se foi o Ridge que te mimou, então não terei de acabar com ele por ele estar à espera de que eu lhe prepare tostas.

O Brennan ri-se.

— Por favor, não acabes com ele. Acho que é a primeira vez que alguma coisa torna a vida do Ridge mais fácil.

Fecha a porta atrás de si, e eu não consigo deixar de sorrir com aquelas últimas palavras. Ele não tinha de o dizer, mas o facto de o ter dito faz-me pensar que o Brennan e o Ridge são mais parecidos do que eu imaginava. São ambos atenciosos.

Depois de o Brennan sair, fecho a porta da rua à chave. Ouço batidas atrás de mim, por isso viro-me e demoro alguns segundos para perceber de onde vêm.

Do quarto do Warren e da Bridgette.

Oh. *Que nojo*. Que nojo, que nojo, que nojo.

Corro para o quarto do Ridge e fecho a porta, e depois meto-me na cama com ele. Não planeava ficar aqui esta noite. Não acabei de fazer o trabalho de casa no fim de semana, e precisava mesmo de algum tempo sozinha para o poder acabar. O Ridge distrai-me demasiado.

— Syd — diz o Ridge, virando-se para mim. Tem os olhos fechados, e acho até que está a dormir. — Não... tenhas medo... a galinha — diz a última palavra em língua gestual.

Está a falar a dormir. Rio-me das palavras sem sentido. Será que ele falava a dormir antes de começar a verbalizar? Ou será algo novo?

Beijo-o na bochecha e ponho o braço dele em cima de mim enquanto me acomodo nele. Espero para ver se ele fala de novo, mas não o faz. Apenas dorme.

Acordei às sete da manhã, mas o Ridge ainda estava a dormir. Acordou

algures a meio da noite e tirou as calças e os sapatos, mas voltou a adormecer.

Eu estava a fazer café quando o Warren saiu do quarto e me mandou parar.

— Vou oferecer o pequeno-almoço, lembras-te?

Depois foi acordar o Ridge, mas o Ridge disse-lhe que precisava de mais duas horas de sono.

— Vamos deixá-lo dormir — disse eu. — Vou tirar o pijama e podemos ir.

O Warren disse-me que não o fizesse, pois o sítio onde íamos exigia um pijama.

Não faço ideia onde vamos, mas a Bridgette quer dormir, por isso vamos só nós, eu e o Warren, tomar o nosso pequeno-almoço de pijama, para celebrar o teste negativo de gravidez da Bridgette. *Sem* a Bridgette.

Não. Não é nada estranho.

— É um restaurante novo? — pergunto ao Warren. — É por isso que nunca ouvi falar dele?

Ele tinha-me dito que se chamava Pequeno-Almoço da Fuga, mas o nome não me dizia nada.

— Não vamos a um restaurante.

Olho para ele do lugar do passageiro, enquanto ele entra no parque de estacionamento de um hotel e conduz até ao lado do edifício.

— Espera aqui — diz-me, saindo do carro.

Leva as chaves com ele.

Fico sentada a vê-lo parado ao lado da entrada lateral do hotel. Começo a enviar uma mensagem ao Ridge a perguntar-lhe em que raio é que me fui meter, mas, antes de conseguir escrever alguma coisa, um homem de negócios sai pela porta lateral e nem sequer repara que o Warren agarra no puxador e segura a porta. Acena-me para que eu saia do carro, por isso eu saio e sigo-o para o interior, abanando a cabeça. Finalmente percebo porque é que ele me disse para usar pijama. Porque quer que pareça que somos hóspedes aqui.

— Estás a brincar comigo, Warren? Estamos a entrar às escondidas num

hotel para tomar o pequeno-almoço de graça?

Ele sorri.

— Oh, não é um pequeno-almoço de graça qualquer, Sydney. Aqui têm *waffles* com o formato do Texas.

Não posso acreditar que ele acha mesmo que isto é oferecer o pequeno-almoço a alguém.

— Isto é roubar — sussurro, enquanto entramos na área de pequenos-almoços.

Ele pega num prato e entrega-mo, e depois pega num para ele.

— Talvez. Mas a culpa não é tua, porque fui eu que te trouxe aqui.

Enchemos os pratos e sentamo-nos numa área junto à janela que não é visível da receção. Durante os primeiros dez minutos, o Warren fala da universidade, já que eu estava tão intrigada com a ideia de ele estar realmente num grupo de estudo. Está a tirar um curso de Gestão, outra coisa que também me intriga. Choca-me mesmo. Não consigo imaginá-lo encarregado de pessoas, mas, na verdade, acho que ele se encarrega bastante bem dos Sounds of Cedar.

Acho que subestimei o Warren. Tem um emprego, vai às aulas a tempo inteiro, gere uma banda de sucesso e consegue manter a Bridgette mais ou menos feliz. Creio que foi a obsessão dele por pornografia e a incapacidade de limpar aquilo que suja que me fez assumir que ele ainda precisava de crescer bastante.

Quando acabamos de comer, o Warren agarra num tabuleiro, empilha *muffins* e sumos, e depois leva-o até à mesa.

— Para o Ridge e a Bridgette — diz, cobrindo os *muffins* com um guardanapo.

— Vens aqui muitas vezes? Pareces ter muita experiência na arte de roubar pequenos-almoços.

— Não venho muitas vezes. Frequento alguns hotéis da cidade, mas tento ir variando porque não quero que os rececionistas fiquem desconfiados.

Rio-me e bebo o resto do meu sumo de laranja.

— O Ridge nunca alinhou. Sabes como ele é, sempre muito certinho. Mas

a Maggie veio comigo algumas vezes. Adorava a excitação de poder ser apanhada. É por causa dela que eu chamo a isto Pequeno-Almoço da Fuga. Tínhamos de fugir quando um funcionário vinha verificar os números dos quartos e os apelidos de toda a gente.

Olho para baixo quando ele menciona o nome da Maggie, não querendo ouvir o quanto eles são amigos. Não que eu me importe que o Warren e a Maggie sejam amigos. Só não quero ouvi-lo falar disso. Especialmente não tão cedo.

Ele percebe a minha reação, pois inclina-se para a frente e pousa o braço na mesa. Inclina a cabeça, pensativo.

— A nossa amizade com ela incomoda-te mesmo, não é?

Abano a cabeça.

— Não tanto como imaginas. O que me incomoda é o quanto o Ridge se stressa com isso.

— Bem, imagina o quanto a Maggie se stressa com isso.

Reviro os olhos. Eu sei o quanto a Maggie se stressa com isso. Mas só porque ela se stressa mais do que eu, isso não significa que eu não me possa stressar.

— Eu já disse ao Ridge que vou demorar um bocadinho a habituar-me.

O Warren ri-se baixinho.

— Bem, habitua-te depressa, porque eu já te disse que ele nunca a vai deixar.

Lembro-me muito bem dessa noite. Não preciso que o Warren o mencione novamente. Foi quando eu e o Ridge estávamos abraçados no corredor. O Warren entrou no apartamento e não gostou do que viu, porque na altura o Ridge namorava com a Maggie. O Ridge não sabia que o Warren estava no apartamento, mas, antes de ele entrar no quarto, deixou-me bem claro o que achava da nossa relação. As palavras exatas do Warren foram: «Só vou dizer isto uma vez, por isso tens de me ouvir. Ele nunca a vai deixar, Sydney.»

Encosto-me ao assento e fico defensiva, como fico sempre que o Warren fala do meu relacionamento com o Ridge. Ele parece ir sempre longe demais, apesar de eu achar que tenho sido mais do que compreensiva e solícita em

relação à amizade do Ridge e da Maggie.

— Tu disseste isso — concordo. — Mas estavas enganado, porque eles acabaram.

O Warren levanta-se e começa a recolher lixo da mesa. Encolhe os ombros.

— É verdade. Eles acabaram. Mas eu nunca disse que eles nunca acabariam. Eu disse-te que ele nunca a ia *deixar*. E não vai deixar. Por isso, em vez de te tentares convencer de que apenas precisas de tempo para aceitar a ideia de que ela irá sempre fazer parte da vida dele, devias lembrar-te de que já sabias isso. Muito antes de aceitares ter uma relação com ele.

Fico a olhar para ele, perplexa, enquanto ele leva o lixo até ao caixote. Regressa à mesa e volta a sentar-se. Tinha-me esquecido de que ele consegue ser um verdadeiro idiota com toda a gente. Recordo de novo as palavras dele, mas desta vez têm um significado completamente diferente.

Ele nunca a vai deixar, Sydney.

Durante todo este tempo, achei que o Warren estava a dizer que o Ridge nunca iria acabar com ela, mas, afinal, queria dizer que a Maggie faria sempre parte da vida do Ridge.

— Sabes o que é que iria facilitar toda esta situação? — pergunta o Warren.

Abano a cabeça, sem ter certezas nenhumas neste momento. Ele olha para mim de forma assertiva.

— Tu.

O quê?

— Eu? Como é que eu poderia facilitar as coisas? Se ainda não reparaste, esforcei-me muito para ter a paciência de uma santa.

Ele anui em concordância.

— Não estou a falar da tua paciência — diz, inclinando-se para a frente. — Tu tens sido paciente. O que *não* tens feito é mostrar remorsos. Tu erraste com uma miúda que ocupa uma parte muito importante da vida do Ridge. E, apesar de ela dizer que tu não tens culpa, provavelmente continuas a dever-lhe um pedido de desculpa. Um pedido de desculpa não deve ocorrer consoante a reação da pessoa com a qual erraste. Um pedido de desculpa

deve ocorrer por causa do erro.

Ele bate com a palma da mão na mesa, como se a conversa tivesse terminado, levanta-se e agarra no tabuleiro de comida que preparou para o Ridge e a Bridgette.

Sinto o estômago às voltas com a ideia de encarar a Maggie depois de tudo o que aconteceu. E, apesar de não assumir a responsabilidade por todo o ressentimento que ela e o Ridge têm guardado ao longo dos anos, assumo a responsabilidade pelo facto de eu ter feito o papel da Tori em algum momento e nunca lhe ter pedido desculpa.

— Vamos — diz o Warren, puxando-me para cima e acabando com a minha letargia. — Há coisas piores na vida do que ter um namorado com o coração do tamanho do de um elefante.

Fico em silêncio no caminho para casa. O Warren nem sequer tenta fazer-me falar. Quando chegamos ao apartamento do Ridge, ele ainda está a dormir. Escrevo-lhe um bilhete e deixo-o ao lado dele na cama.

Não te quis acordar porque mereces dormir. Tenho muitos trabalhos de casa para acabar hoje, por isso devo passar por aqui amanhã depois do trabalho.

Amo-te.

Sydney

Sinto-me mal por lhe mentir, porque não vou para casa fazer os trabalhos de casa. Vou para casa mudar de roupa.

Esta viagem até San Antonio já devia ter acontecido há muito tempo.

18.

Maggie

A minha mãe era uma mulher dramática. Tudo girava à volta dela, mesmo quando o assunto não era ela. Era o tipo de pessoa que, quando algo mau acontecia a alguém próximo dela, ela relacionava-o com algo na sua própria vida para que a tragédia passasse a ser dela também. Imaginem como era ter uma filha com fibrose quística. Foi o momento de absorver toda a compaixão — de fazer com que todos sentissem pena dela e do que tinha acontecido à filha dela. A minha doença tornou-se um problema ainda maior para ela do que para mim.

Mas não durou muito, pois ela aceitou um cargo temporário na sua empresa em Paris, França, quando eu tinha 3 anos. Deixou-me com os meus avós, porque lá era «demasiado frio» para mim, e seria «demasiado difícil» começar num país novo com uma criança doente a reboque. O meu pai nunca fizera parte da minha vida, pelo que nem sequer era uma opção. Mas a minha mãe sempre me prometeu que um dia me levaria para Paris para viver com ela.

Os meus avós tiveram a minha mãe muito tarde, e a minha mãe teve-me com 30 e muitos anos. Estava a chegar uma altura em que os meus avós mal conseguiam cuidar de si próprios, quanto mais de uma criança. Mas o cargo temporário da minha mãe tornou-se permanente, e todos os anos, quando nos vinha visitar, ela prometia que me vinha buscar quando chegasse a altura certa. Contudo, as visitas que nos fazia no Natal acabavam sempre no dia de Ano Novo, e ela regressava a Paris sem mim.

Talvez ela tivesse realmente intenções de me levar com ela, mas depois de passar duas semanas comigo em casa dos meus avós por altura do Natal, lembrava-se da enorme responsabilidade que eu seria na sua vida. Eu costumava achar que era por não me amar, mas lembro-me de que no ano em que fiz 9 anos percebi que era da minha doença que ela não gostava. Não era de mim.

Comecei a pensar que, se a conseguisse convencer de que seria capaz de tomar conta de mim própria, ela me levaria com ela e poderíamos finalmente estar juntas. Nas semanas anteriores ao Natal desse ano, redobrei os cuidados. Consumia todas as vitaminas que conseguia para não apanhar nenhuma constipação com os meus colegas de escola. Usava o meu colete mais do que o necessário. Certificava-me de que dormia oito horas por dia. E, apesar de ter nevado em Austin pela primeira vez em anos, recusei-me a sair para ver a neve porque tinha medo de apanhar uma constipação e acabar no hospital durante a visita da minha mãe.

Quando ela chegou, na semana anterior ao Natal, tive muito cuidado para nunca tossir à frente dela. Não tomava a medicação à frente dela. Fazia o que podia para parecer uma criança vibrante e saudável, para ela não ter outra hipótese senão ver-me como a filha que sempre desejou que eu fosse e levar-me para Paris com ela. Mas isso não aconteceu, porque, na manhã do dia de Natal, ouvi-a a discutir com a minha avó. A minha avó estava a dizer à minha mãe que queria que ela regressasse aos Estados Unidos. Estava preocupada com o que me aconteceria quando eles morressem de velhice. «O que vai fazer a Maggie sem ti quando não estivermos aqui? Precisas de voltar para os Estados Unidos e ter uma relação melhor com ela.»

Nunca me esquecerei do que a minha mãe lhe respondeu.

«Estás com medo de coisas que podem nunca acontecer, mãe. A Maggie provavelmente vai morrer da doença antes de vocês dois morrerem de velhice.»

Fiquei tão arrasada com a resposta que ela deu à minha avó que corri para o quarto e me recusei a falar-lhe o resto do tempo que passou cá. Na verdade, foi a última vez que que lhe falei. Ela encurtou as férias e partiu no dia a

seguir ao Natal.

Depois disso, apagou-se um pouco da minha vida. Ligava à minha avó mais ou menos todos os meses, para saber como corriam as coisas, mas nunca mais voltou pelo Natal, porque todos os anos eu dizia à minha avó que não a queria ver. Depois, quando eu tinha 14 anos, a minha mãe morreu. Ia de comboio de França para Bruxelas, numa viagem de negócios, quando sofreu um ataque cardíaco fulminante. Apenas três estações depois do seu destino alguém se apercebeu disso.

Quando soube da morte dela, enfiei-me no quarto e chorei. Mas não chorei por ela ter morrido. Chorei porque, por mais dramática que ela fosse, nunca tentou conquistar o meu perdão. Talvez por ser mais fácil para ela viver a vida sem mim se eu estivesse zangada com ela do que se sentisse a falta dela.

Dois anos depois da morte dela, morreu a minha avó. Foi a pior coisa pela qual já passei. Acho que ainda não me conformei com a morte dela. Ela amava-me mais do que alguma vez alguém me amou, por isso, quando ela morreu, senti a perda absoluta desse amor.

E agora o meu avô — a última das pessoas que me criaram — foi colocado num lar devido ao declínio da sua saúde e a uma pneumonia que está demasiado fraco para vencer. O meu avô está às portas da morte e, devido à minha fibrose quística e à natureza da doença dele, não posso ir vê-lo e despedir-me dele. É provável que isso aconteça ainda esta semana e, tal como a minha avó temia, todos terão morrido e eu ficarei completamente sozinha.

Aparentemente, a minha mãe estava enganada quando disse que eu iria morrer da doença antes deles. Vou viver mais do que todos eles.

Sei que a minha experiência com a minha mãe atrapalha todos os meus outros relacionamentos. Acho difícil entender como é que alguém é capaz de me amar, apesar da minha doença, quando a minha própria mãe não conseguiu.

Mas o Ridge amou. Estava disposto a ficar comigo até ao fim. Porém, o problema era exatamente esse. Eu e o Ridge não teríamos ficado tanto tempo juntos se não fosse a minha doença. Eramos demasiado diferentes. Por isso, acho que vou ressentir-me das pessoas, independentemente do que façam —

quer sejam demasiado egoístas para tomar conta de mim ou demasiado altruístas para o fazerem. Por algum motivo, parece que perdi uma parte de mim mesma para esta doença.

Acordo a pensar nesta doença. Passo os dias a pensar nela. Adormeço a pensar nela. Chego a ter pesadelos com ela. Embora eu diga que a doença não me define, algures pelo caminho ela consumiu-me.

Há dias em que consigo escapar desta teia, mas há mais dias em que não consigo. É por isso que nunca quis que o Ridge morasse comigo. Posso mentir a mim mesma e mentir-lhe a ele dizendo que é porque queria ser independente, mas, na verdade, é porque não queria que ele visse o meu lado mais sombrio. O lado que desiste mais do que luta. O lado que se ressente mais do que agradece. O lado que quer enfrentar tudo isto com dignidade quando, na verdade, mal consegue aceitar a doença.

Tenho a certeza de que todos os que lutam para sobreviver diariamente têm momentos em que desistem. Mas, para mim, não são apenas momentos. Ultimamente, tem sido algo constante.

Gostava de poder voltar atrás, à terça-feira passada. A terça-feira passada foi ótima. Na terça-feira acordei a querer conquistar o mundo. E, ao final da noite, era mais ou menos isso que tinha acontecido.

Mas depois veio a quarta-feira, quando exagerei e mandei o Jake embora. Veio a sexta-feira, quando finalmente engoli o meu orgulho, mas acebei no hospital, a afogar-me na minha humilhação. Depois veio a sexta-feira à noite, quando eu queria esquecer os altos e baixos dos últimos dias, mas aquela discussão com o Ridge foi o novo ponto mais baixo da semana.

E se a noite de sexta-feira foi o ponto mais baixo, a manhã de sábado foi o fundo do poço.

Ou talvez seja hoje. Sei lá. Diria que estão ao mesmo nível.

Nem sequer me consigo concentrar nas aulas. Faltam-me dois meses, e às vezes acho que o Ridge tinha razão. Esforcei-me muito para começar a trabalhar no meu doutoramento e finalmente sentir que conquistei algo. Mas talvez eu devesse ter concentrado toda a minha energia em algo que valesse mais a pena, como fazer amizades e criar uma vida para mim mesma que

não estivesse ligada à universidade nem à doença.

Esforcei-me para provar algo somente a mim mesma. E, no fim, tudo o que tenho é um diploma, e só eu me importo com ele.

Quem me dera que houvesse um comprimido mágico que me tirasse desta depressão. Tenho a certeza de que, para o Warren, esse comprimido mágico viria sob a forma de um pedido de desculpa. Esta manhã enviou-me uma mensagem a pedir desculpa por ter dito ao Ridge que eu estava mal, mas depois ralhou comigo por eu ter publicado a foto do Ridge na minha cama e disse-me que eu devia pedir-lhe desculpa.

Não lhe respondi, porque esta manhã não estava com vontade de lidar com o Warren, o Moralista. Juro que sempre que ele vê algo amarrotado numa história, pega no ferro de engomar, tenta ajeitar tudo e acaba a queimar-nos a todos. Ele é como aquelas gomas... é amargo e depois doce. Ou doce e depois amargo. Com o Warren, não há um meio termo. Ele é completamente transparente, e às vezes isso não é bom.

Mas nunca precisei de me preocupar com o que o Warren estava a pensar, nem com a possibilidade de o magoar. Ele é impenetrável, e acho que, por ser assim, presume que todos são assim também. Por mais que eu goste dele, isso não basta para que lhe responda às mensagens desta manhã com algo mais do que: «Ainda não quero falar sobre isso. Respondo-te amanhã.»

Eu sabia que, se não lhe dissesse que estava tudo bem comigo, ele apareceria aqui em casa para se certificar de que nada tinha acontecido. E foi exatamente por isso que respondi à mensagem dele.

Mas... acho que não funcionou. Porque está alguém a tocar à campainha. Embora eu ache pouco provável que seja o Warren. Aposto que é a minha senhoria. Desde que a informei há uns meses de que iria mudar-me para Austin em breve para começar o meu doutoramento, ela traz-me um bolo de banana todos os domingos. Acho que faz isso para se certificar de que ainda estou aqui a viver e que não destruí a casa, mas, quer seja por bondade ou por intromissão, pouco importa. O bolo de banana é muito bom.

Abro a porta e forço um sorriso, que rapidamente desaparece. Não é o bolo de banana.

É a Sydney.

Estou tão confusa. Olho para trás dela para ver se está aqui com o Ridge, mas o Ridge não está atrás dela. Nem no carro dele na entrada. Olho para ela.

— Sou só eu — diz-me.

Porque é que a Sydney apareceria em minha casa sozinha? Olho para ela de cima a baixo, observando as calças de ganga e a t-shirt, os chinelos de enfiar no dedo, o cabelo louro e espesso num rabo de cavalo. Não sei porque é que ela está aqui, mas nenhuma outra rapariga apareceria em casa da ex-namorada do namorado com este aspeto casual, nem que fosse só para pedir uma chávena de açúcar emprestada. As mulheres gostam de fazer ciúmes umas às outras. Gostam especialmente de fazer ciúmes às mulheres que dormiram com os homens por quem estão apaixonadas. A maioria das mulheres apareceria com a sua melhor roupa, e maquilhagem e cabelo perfeitos.

Ver a Sydney à minha porta é suficientemente chocante para eu querer fechá-la na cara dela, mas ver que o seu objetivo não tem nada que ver com fazer-me ciúmes é o suficiente para recuar e a convidar a entrar.

Só pode haver uma outra razão para ela estar aqui.

— Estás aqui por causa da publicação no Instagram? — *Deve estar*. Ela nunca esteve aqui antes. Na verdade, não nos falamos desde o dia em que li todas as mensagens entre os dois.

A Sydney abana a cabeça enquanto os seus olhos percorrem a sala de estar, observando a minha casa. Não parece nervosa, mas entra na minha casa com tanta cautela que parece um pouco vulnerável. Pergunto-me se o Ridge saberá que ela está aqui. Ele não é o tipo de pessoa que permite que a namorada trave as batalhas por ele. E a Sydney não parece ser o tipo de pessoa que travaria as batalhas por ele.

O que só pode significar que ela está aqui para travar a sua própria batalha.

— Desculpa aparecer assim — diz-me. — Ter-te-ia mandado uma mensagem antes, mas tive medo de que me dissesses para não vir.

Ela tem razão, mas não o admito em voz alta. Observo-a por momentos e depois viro-me e dirijo-me à cozinha.

— Queres beber alguma coisa? — pergunto-lhe, olhando de novo para ela.

Ela assente com a cabeça.

— Água seria bom.

Tiro duas garrafas de água do frigorífico e faço-lhe sinal para ir até à mesa da sala de jantar. Algo me diz que esta conversa vai ser mais adequada para a mesa do que para o sofá. Sentamo-nos em frente uma da outra. A Sydney pousa o telemóvel e as chaves ao lado dela e abre a garrafa de água. Bebe um grande gole e volta a fechar a tampa, abraçando a garrafa enquanto se inclina para a frente na mesa.

— O que estás a fazer aqui? — Não queria que a minha voz parecesse tão dura, mas isto é tudo muito estranho.

Ela lambe os lábios para os humedecer, o que me faz pensar que está nervosa.

— Estou aqui para te pedir desculpa — diz, sem rodeios.

Semicerro os olhos, tentando perceber o que se passa. Passei a noite a discutir com o namorado dela, depois publiquei uma fotografia no Instagram num momento de estupidez egoísta e, no entanto, ela diz que está aqui para me pedir desculpa? Deve haver algum senão.

— Pedir desculpa pelo quê?

Ela solta um suspiro rápido, mas mantém o contacto visual comigo.

— Por ter beijado o Ridge quando sabia que ele namorava contigo. Eu nunca te pedi desculpa. Fiz merda, e sinto muito.

Abano a cabeça, ainda confusa por ela ter vindo até aqui para um pedido de desculpa de que eu nem sequer estou a precisar.

— Nunca esperei um pedido de desculpa da tua parte, Sydney. Não eras tu que estavas numa relação comigo. Era o Ridge.

A boca da Sydney contorce-se um pouco, como se estivesse aliviada por eu não estar cheia de raiva, mas sabe que a situação não exige um sorriso de alívio. Em vez disso, acena com a cabeça.

— Mesmo assim. Tu não merecias o que te aconteceu. Eu sei o que se sente quando alguém que amamos nos trai. Uma vez dei um murro na cara de uma rapariga por ter dormido com o meu namorado, e tu nem sequer

gritaste comigo por me ter apaixonado pelo teu.

Agradeço o facto de ela reconhecer isso.

— Depois de ler todas as mensagens, foi-me difícil perceber com quem me devia zangar — admito. — Ambos pareciam estar a tentar fazer a coisa certa. Mas pelo que o Ridge me disse sobre o teu último relacionamento, essa situação foi muito diferente do que aconteceu entre vocês os dois. A tua amiga e o teu namorado colocaram os teus sentimentos em último lugar com o caso deles, mas tu e o Ridge pareciam pelo menos tentar pôr os meus sentimentos em primeiro lugar.

A Sydney anui com a cabeça.

— Ele preocupa-se contigo — diz ela, quase num sussurro. — Preocupa-se muito. Mesmo assim... — Bebe outro gole de água.

As suas palavras deixam-me ainda mais arrependida em relação ao que aconteceu entre mim e o Ridge este fim de semana. Porque eu sei que ele se preocupa. E sinto que a culpa é minha por ele ainda ter de se preocupar comigo. Não só porque eu não cuido de mim mesma de todas as maneiras que ele gostaria, mas porque fui eu que o pus nesta situação. Permiti que o nosso relacionamento começasse mesmo sabendo que, se não resultasse, uma parte dele ficaria sempre comigo, porque é esse o tipo de ser humano que ele é. Não estou numa situação em que ele possa escolher afastar-se completamente de mim e sentir-se bem com essa escolha. O que deve afetar a Sydney de alguma forma, sabendo que ela nunca se vai livrar de mim até que eu decida pôr fim à minha amizade com o Ridge. Mas é impossível eu sair completamente da vida dele quando ainda temos um amigo em comum.

Inclino-me para a frente e cruzo os braços sobre a mesa, puxando a manga da camisa enquanto olho para ela.

— É por isso que estás aqui? — pergunto, olhando para ela. — Para me dizeres que queres que eu saia da vida dele?

Espero que ela assinta com a cabeça, agora que percebi a razão pela qual veio de Austin. Precisava de limpar a sua consciência antes de me pedir educadamente para nunca mais falar com o Ridge. Mas ela não assente com a cabeça. Nem abana a cabeça. Apenas olha para mim como se estivesse a

tentar encontrar uma resposta que não me vá ofender.

— O Ridge vai preocupar-se contigo quer faça parte ativa da tua vida quer não. Eu estou aqui porque quero ter a certeza de que tu estás bem. E se não estiveres, quero saber o que posso fazer para te ajudar. Porque, se estiveres bem, o Ridge não se vai preocupar tanto. E então eu não vou ter de me preocupar com o Ridge.

Não sei bem o que dizer a isso. Nem tenho a certeza se deveria sentir-me ofendida. Ela está aqui não porque está preocupada *comigo*, mas porque está preocupada com o Ridge. Parte de mim quer mandá-la embora, mas a outra parte está aliviada por ela ter dito isso. Porque, se ela fingisse estar preocupada comigo, eu não acreditaria nela. Nesse aspeto, ela é um pouco como o Warren — transparente a ponto de às vezes doer.

A Sydney solta um suspiro pesado e depois diz:

— Passei muito tempo a tentar pôr-me no teu lugar. A dizer a mim própria o que faria de maneira diferente se estivesse no teu lugar. — Ela não está a olhar para mim enquanto fala. Está a mexer no rótulo da garrafa de água, evitando o contacto visual comigo. — Digo a mim própria que cuidaria melhor da minha saúde do que tu. Ou que não faria escolhas irresponsáveis, como sair de um hospital sem ter alta. Mas essas coisas são fáceis de dizer porque não estou no teu lugar. Não consigo sequer imaginar o que estás a passar, Maggie. Não sei o que é ter de tomar vários medicamentos todos os dias, ou visitar o médico mais do que visito os meus próprios pais. Não tenho de me preocupar com os germes sempre que saio de casa ou sempre que alguém me toca. Não tenho de basear toda a minha agenda em tratamentos que sou obrigada a fazer para poder simplesmente respirar. Não tenho de basear todas as decisões que tomo na possibilidade de vir a morrer na próxima década. E não posso presumir que, se estivesse no teu lugar, não culparia o Ridge por se preocupar demasiado comigo. Porque a única coisa que o liga a mim é o amor dele. Não há outros fatores que o liguem a mim, por isso consigo perceber porque é que ficarias ressentida com ele por isso. Ele tentou proteger-te, mas tu só querias que ele ignorasse a tua doença para que tu também a pudesses ignorar.

Ela finalmente desvia o olhar da garrafa, e eu juro que tem lágrimas nos olhos.

— Eu sei que não te conheço muito bem — continua. — Mas sei que o Ridge não estaria tão chateado como está se não visse um milhão de qualidades em ti. Espero que uma dessas qualidades seja a tua habilidade de pôr de lado o teu orgulho para perceberes que devias pedir-lhe desculpa por o teres feito sentir-se como se sentiu depois de sair da tua casa no sábado. Ele merece pelo menos isso, depois de te ter amado tanto, Maggie.

Ela limpa uma lágrima. Abro a boca para responder, mas não sai nada. Estou em choque, acho. Não esperava que ela estivesse aqui porque quer que eu entre em contacto com o Ridge.

— Tu podes pensar que não precisas dele, e talvez isso seja verdade — acrescenta ela. — Talvez não precises. Mas o Ridge precisa de ti. Ele precisa de saber que estás a ser cuidada e que estás segura, porque, se ele não tiver pelo menos essa garantia, a preocupação e a culpa vão corroê-lo. E para responder à tua pergunta de há pouco... Não. Não quero que saias da vida dele. Tu entraste primeiro nesta história. A tua, a do Warren e a do Ridge. Mas, agora que eu faço parte dela, todos nós precisamos de descobrir uma maneira de nos encaixarmos.

Ainda não sei o que dizer. Bebo um gole da minha água e depois volto a fechar a tampa lentamente, olhando para a garrafa, evitando os olhos lacrimejantes da Sydney. Estou a tentar perceber tudo o que ela acabou de dizer sem demorar demasiado tempo a responder.

— Foi muita coisa — digo. — Preciso de um momento.

A Sydney assente com a cabeça. Ficamos sentadas em silêncio durante algum tempo, enquanto eu processo tudo. Enquanto a processo. Não a compreendo. Como pode uma pessoa ser tão compreensiva? Seria tão fácil para ela estar agora a falar com o Ridge em vez de estar a falar comigo, a convencê-lo de que eu não o valorizo e que ele já fez o suficiente por mim. Mas, em vez disso, está aqui. Muito provavelmente sem o conhecimento dele. Ela não está a querer tirar-me da história, uma história à qual eu honestamente já não pertenço. Está a lutar para se encaixar numa história

que já existe. Para aceitar os seus participantes. *Para ser incluída*.

— És uma pessoa melhor do que eu — digo finalmente. — Agora percebo porque é que ele se apaixonou por ti.

A Sydney sorri levemente.

— Ele também já se apaixonou por ti, Maggie. Custa-me a crer que não tenha tido um milhão de razões para o fazer.

Olho para ela, perguntando-me se isso será mesmo verdade. Sempre senti que a minha doença era a razão pela qual o Ridge se apaixonou por mim. Até lhe disse isso uma vez. As minhas palavras exatas foram: «Acho que a minha doença é a coisa que mais amas em mim.» Disse isso aqui mesmo, nesta sala, quando terminámos tudo.

Mas se calhar não era verdade. Talvez ele me amasse por quem sou, e por isso quisesse realmente o melhor para mim, por minha causa e não por causa da sua própria personalidade.

Meu Deus, a minha mãe lixou-me mesmo. Mas acho que era previsível. Quando se tem uma mãe que não nos consegue amar, como é que se pode acreditar que mais alguém consegue?

A Sydney tem razão. O Ridge merece muito mais respeito do que aquele que tenho demonstrado. Merece também a miúda que está sentada à minha frente neste momento, porque esta situação poderia ter seguido muitos caminhos diferentes, mas a Sydney escolheu o mais íngreme. Quando uma pessoa escolhe o caminho mais íngreme, encoraja os que a rodeiam a fazer o mesmo.

Talvez o início tenha sido complicado e estranho, mas fico feliz por ela estar agora na nossa história.

19.

Ridge

Ando pelo apartamento com medo de abrir portas, de comer comida do frigorífico, de dormir. É a vez de o Warren me pregar uma partida, por isso estou à espera disso a cada minuto e com tudo o que como ou bebo. Mas nunca acontece. O que me deixa ainda mais paranoico.

Talvez a partida *seja* não me pregar uma partida.

Não, ele não é assim tão esperto.

Gostava de poder ficar em casa da Sydney esta noite só para me livrar desta paranoia, mas ela trabalha na biblioteca até à hora de fecho, por isso só chega a casa depois da meia-noite. Depois tem aulas às oito da manhã.

Não a vejo desde sábado. Ou domingo, na verdade, mas dormi tanto que nem me lembro de ela ter saído para o pequeno-almoço ou de me ter escrito o bilhete. Mas agora é terça-feira e estou a passar por uma fase de abstinência de Sydney.

No entanto, consegui pôr o trabalho em dia. E enviei ao Brennan a letra para uma canção nova. Agora estou a pesquisar no Google novas formas de pregar partidas ao Warren, porque sinto que tenho de estar um passo à frente dele, mas o melhor que o Google consegue arranjar são partidas com *post-its*, e nós recusamo-nos a descer a esse nível. Tudo o resto, já tentámos.

Estou a ver uma compilação de vídeos no YouTube de colegas de quarto a pregar partidas uns aos outros quando sinto o telemóvel a vibrar na minha cama.

Sydney: Estou farta de repor livros. Eles já deviam ter robôs para isto.

Ridge: Mas depois ficavas sem emprego.

Sydney: A não ser que eu fosse engenheira. Então podia ser responsável pelo robô.

Ridge: Talvez devesses mudar de curso.

Sydney: O que é que estás a fazer neste momento?

Ridge: A pesquisar no Google formas de pregar partidas ao Warren. Estou sem ideias. Tens alguma?

Sydney: Devias encher uma caixa com cinco gatinhos e pô-la no quarto dele. Porque arranjar um gatinho ao teu amigo é querido, mas arranjar-lhe cinco gatinhos é terrível.

Ridge: Não sei se isso teria piada para mim porque ele provavelmente ficaria com os cinco e eu acabaria por ter de pagar uma taxa de condomínio por cada animal.

Sydney: Sim, foi uma péssima ideia.

Ridge: Estou a ver que nada mudou. Continuo a ser o mestre das partidas.

Sydney: Diz o tipo que está a passar por um caso grave de bloqueio.

Ridge: *Touché*. Tens direito a uma pausa para comer esta noite?

Sydney: Acabei de a fazer às seis. :/

Ridge: Raios. Então, acho que nos vemos amanhã à tarde. Queres que eu vá a tua casa?

Sydney: Sim, por favor. Quero-te só para mim durante a noite.

Ridge: Então sou teu. Amo-te. Até amanhã.

Sydney: Amo-te.

Fecho as nossas mensagens de texto e abro uma mensagem da Bridgette, que acabei de receber enquanto me despedia da Sydney. A Bridgette nunca me manda mensagens, a não ser que seja para me dizer que alguma coisa no apartamento está avariada. Mas desta vez não. A mensagem diz simplesmente: «Está alguém à porta.» Como se ela estivesse demasiado

ocupada para se levantar e ir abrir a porta. No entanto, ela nunca vai abrir a porta. Pergunto-me se isso se deverá ao facto de ela não sentir que este seja o apartamento dela.

Vou ao roupeiro, pego numa t-shirt e visto-a enquanto me dirijo à porta da rua. Olho pelo óculo enquanto a minha mão roda a maçaneta, mas paro de a rodar assim que reconheço a Maggie. Ela está em frente à porta, com os braços em torno do corpo, enquanto o vento faz o seu cabelo esvoaçar.

Os segundos seguintes são um pouco bizarros para mim. Observo-a por instantes, perguntando-me o que quererá, mas sem presa suficiente para abrir a porta. Viro-me para a sala, precisando de um segundo para me concentrar no meu próximo passo. É a primeira vez que ela aparece aqui como outra coisa que não minha namorada. Nunca lhe abri a porta sem a beijar de imediato. Nunca lhe abri a porta sem a puxar para o meu quarto. Não tenho vontade de fazer nenhuma dessas coisas, nem sinto uma perda por já não ser a nossa rotina. Sinto-me apenas... diferente.

Viro-me e abro a porta, no momento em que ela desiste e se dirige para as escadas. Ela olha para mim e detém-se, com o pé no primeiro degrau, depois vira-se lentamente e olha-me de frente. A sua expressão é calma. Não está a olhar para mim como se não me suportasse — como olhou no fim de semana passado. Levanta a mão e afasta o cabelo da cara, à espera de que eu a convide a entrar. Há um ar de humildade nela quando olha para os pés durante alguns segundos. Quando os nossos olhos se voltam a encontrar, dou um passo atrás e seguro a porta. Ela olha para os pés enquanto entra.

Tiro o telemóvel do bolso enquanto a Maggie para no meio da sala. Não quero que isto se torne numa coisa que não é, por isso envio uma mensagem à Sydney.

Ridge: A Maggie acabou de aparecer sem avisar. Ainda não sei o que está aqui a fazer, mas queria que soubesses.

Volto a enfiar o telemóvel no bolso e olho para a Maggie. Ela faz sinal para o frigorífico e pergunta se pode ir buscar algo para beber. É estranho, porque ela nunca teria perguntado antes. Teria simplesmente pegado numa bebida.

Assinto com a cabeça e digo:

— Claro.

Ela dirige-se ao frigorífico e abre a porta, mas fica a olhar para dentro, sem saber o que fazer, durante um momento. É então que me apercebo de que não tenho *Dr. Pepper* para ela. Costumava ter o frigorífico cheio de *Dr. Pepper* para quando ela aparecesse, mas há meses que ela não vem cá. Deixei de comprar *Dr. Pepper* depois de termos acabado. No início, foi estranho não comprar a habitual embalagem de doze latas que costumava comprar sempre que ia às compras, mas já nem penso nisso. Agora só me certifico de que tenho água e chá.

Ela pega em duas garrafas de água e dá-me uma.

— Obrigado — respondo.

Aponta para a mesa da cozinha e diz em língua gestual:

— Tens um minuto?

Anuo com a cabeça, mas estou muito consciente de que o telemóvel não vibrou no meu bolso. Ou a Sydney ainda não leu a minha mensagem ou está chateada por a Maggie ter aparecido aqui. Espero que seja a primeira. Tenho a certeza que sim. A Sydney é a pessoa mais razoável que já conheci. Mesmo que estivesse chateada com o facto de a Maggie ter aparecido aqui, responder-me-ia na mesma.

Estamos agora os dois à mesa, eu à cabeceira e ela na cadeira à minha direita. Ela tira o casaco e depois junta as mãos à sua frente, apoiando os cotovelos na mesa. Fica a olhar para elas, inspirando calmamente. Olha na minha direção quando começa a falar em língua gestual.

— Teria vindo mais cedo, mas o meu avô morreu há dois dias. Domingo à noite.

Expiro imediatamente e pego-lhe na mão. Aperto-a e depois puxo-a para um abraço. Sinto-me um idiota neste momento. Eu sabia que ele estava doente. Independentemente de como as coisas ficaram entre nós no sábado de manhã, eu devia ter falado com ela sobre o avô. Ele morreu há dois dias e eu não fazia ideia. Porque é que ela não contou ao Warren?

Afasto-me para lhe perguntar se está bem, mas ela responde à pergunta

antes mesmo de eu a poder fazer.

— Estou bem — diz ela em língua gestual. — Sabes que já estávamos à espera disto há algum tempo. A minha tia veio do Tennessee e ajudou a organizar tudo hoje. Decidimos não fazer uma cerimónia fúnebre.

Os olhos dela estão vermelhos e um pouco inchados, como se já tivesse chorado muito por causa disso.

— Mas não é por isso que estou aqui. Eu estava em Austin e quis passar por cá porque... — Faz uma pausa para beber e para se recompor. É algo brusco passar da morte do avô para outro assunto completamente diferente. Parece um pouco abalada, por isso dou-lhe um minuto. Ela limpa a boca com a manga e volta a olhar para mim. — Estou aqui porque tenho muito para dizer e gostaria de ter a oportunidade de o dizer sem ser interrompida, está bem? Sabes como é difícil para mim pedir desculpa.

Ela está aqui para pedir *desculpa*? Uau. Não estava nada à espera disso, porque é verdade, é muito difícil para ela pedir desculpa. É uma das coisas que ela e a Sydney têm de diferente; é difícil habituar-me a isso. A Sydney é rápida a perdoar e a pedir perdão, enquanto a Maggie precisa sempre de um período de adaptação.

Como agora. Ela demora um minuto inteiro a adaptar-se ao que vai dizer, antes de o dizer realmente.

— Uma vez disseste-me que, sempre que usavas aparelhos auditivos, eles te lembravam constantemente de que não conseguias ouvir. E que, quando não os usavas, nem sequer pensavas nisso — diz ela. — Foi assim que sempre me senti em relação à minha doença, Ridge. Os médicos e os hospitais e os medicamentos e o meu colete. Tudo me lembra constantemente de que eu tenho esta doença, mas, quando consigo evitar essas coisas, nem sequer penso nisso. E é bom poder ter esses momentos de normalidade. E estar contigo no início fazia parte dos meus momentos de normalidade. Tínhamos começado a namorar e não nos conseguíamos fartar um do outro. Mas depois de algum tempo juntos, começaste a notar que eu faltava aos tratamentos ou às consultas médicas para estar contigo.

Ela faz uma pausa, como se o que está a tentar dizer exigisse uma enorme

dose de coragem. E exige mesmo. Por isso, espero pacientemente sem a interromper, como lhe prometi que faria.

— Passado algum tempo, começaste a preocupar-te comigo — diz ela. — Gerias a minha agenda para te certificares de que eu chegava a horas a todos os compromissos. Mandavas-me mensagens várias vezes por dia para me dizeres que estava na hora dos meus tratamentos. Uma vez até te apanhei a contar os meus comprimidos para teres a certeza de que eu os tomava como devia. E sei que tudo isso era para o meu bem, porque me amavas. Mas comecei a associar-te a todas as coisas que queria evitar, como consultas médicas e tratamentos respiratórios. — Ela olha-me nos olhos. — Tornaste-te uma das coisas que me recordavam constantemente de que eu tinha de viver com esta doença. E eu não sabia como lidar com isso.

Cai-lhe uma lágrima do olho e ela limpa-a com a manga.

— Sei que, às vezes, eu não demonstrava, mas sempre valorizei o que fazias. Valorizo. Muito. É muito confuso para mim porque também me sentia ressentida contigo, mas o meu ressentimento tinha tudo que ver comigo e nada que ver contigo. Sei que tudo o que fizeste por mim foi porque querias o melhor para mim. Sei que me amavas. As coisas que te disse no outro dia vieram de uma parte de mim da qual não me orgulho. E... — Os lábios dela estão a tremer e as lágrimas começam a cair pelas suas bochechas aos pares. — Desculpa, Ridge. Desculpa mesmo. Por tudo.

Expiro de maneira rápida e trémula.

Preciso de me levantar desta cadeira.

Levanto-me e vou até à cozinha, pego num guardanapo e depois levo-lho. Mas não consigo sentar-me. Não estava à espera disto e nem sequer sei como lhe responder. Às vezes não lhe digo as coisas certas e isso aborrece-a. Ela já está suficientemente aborrecida. Levo as mãos à nuca e dou alguns passos pela sala. Faço uma pausa quando sinto o meu telemóvel a vibrar. Pego nele.

Sydney: Obrigada por me avisares. Sê paciente com ela, Ridge. Tenho a certeza de que foi preciso muita coragem para ela aparecer aí.

Olho para a mensagem da Sydney e abano a cabeça, perguntando-me

como é que ela compreende melhor a minha situação do que eu. Sinceramente, não sei porque é que ela se está a formar em música. O seu verdadeiro talento é a psicologia.

Volto a guardar o telemóvel no bolso e olho para a Maggie, que ainda está sentada à mesa, a enxugar os olhos cheios de lágrimas. Isto deve ter sido difícil para ela. A Sydney tem razão. Estar aqui e depois dizer tudo o que acabou de dizer deve estar a exigir uma enorme dose de coragem.

Volto para o meu lugar, estico o braço e pego na mão dela. Seguro-a entre as minhas.

— Também lamento — digo, apertando-lhe a mão para que ela sinta a minha sinceridade. — Eu devia ter sido mais teu namorado e menos um... ditador.

A minha escolha de palavras fá-la rir-se por entre as lágrimas. Abana a cabeça.

— Tu não eras um ditador — diz ela em língua gestual. — Talvez só um pouco autoritário.

Rio-me com ela. O que é algo que nunca pensei que voltasse a acontecer depois de ter saído de sua casa no sábado de manhã.

A Maggie olha na direção oposta, por isso olho para cima e vejo a Bridgette. Está a sair para o trabalho, mas faz uma pausa quando vê a Maggie na nossa sala, sentada ao meu lado à mesa. Olha para a Maggie por momentos, depois para mim. Semicerra os olhos.

— Cabrão.

Dirige-se para a porta da rua e tenho a certeza de que terá batido com ela quando sai. Volto a olhar para a Maggie, que está a olhar para a porta.

— O que é que foi aquilo?

Encolho os ombros.

— Ela tornou-se estranhamente protetora em relação à Sydney. Tem sido... interessante.

A Maggie arqueia uma sobrancelha.

— Talvez devesses mandar uma mensagem à Sydney e dizer-lhe que estou aqui. Antes que a Bridgette o faça.

Sorrio.

— Já o fiz.

A Maggie acena com a cabeça, com um ar entendido.

— É claro que sim — diz. Agora está a sorrir e as lágrimas já não lhe invadem os olhos. Bebe mais um gole de água e recosta-se na cadeira. — Então, a Sydney é a tal?

Não respondo por momentos, porque é estranho. Não quero que a Maggie pense que lhe falta alguma coisa, mas com a Sydney é simplesmente diferente. É mais. É mais profundo e melhor, e eu anseio por ela como nunca ansiei por nada, mas como é que eu exprimo isso sem ser insensível ao que eu e a Maggie tivemos? Aceno lentamente com a cabeça:

— Ela é decididamente a última — respondo.

A Maggie acena com a cabeça, e uma tristeza invade-lhe os olhos. Odeio isso. Mas não posso fazer nada para o mudar. As coisas são como devem ser agora, mesmo que a Maggie às vezes se arrependa disso.

— Gostava que a vida viesse com um manual — diz ela. — Ao ver o que tu e a Sydney têm, apercebo-me de quão idiota sou por ter afastado um tipo fantástico. Tenho quase a certeza de que arruinei essa oportunidade para sempre.

Mexo-me no meu assento perante essas palavras. Nem sequer sei o que dizer. Será que ela pensou que vir aqui lhe daria a oportunidade de voltar para mim? Se assim for, tenho estado a lidar com toda esta conversa como algo que não é.

— Maggie. Eu não vou... *Nós* não vamos voltar a ficar juntos.

A Maggie semicerra os olhos e lança-me um daqueles olhares que costumava lançar-me quando eu estava a ser um idiota.

— Não estou a falar de ti, Ridge. — Ela ri-se. — Estou a falar do bonitão do meu instrutor de paraquedismo barra médico.

Inclino a cabeça, sentindo-me aliviado e embaraçado na mesma medida.

— Oh. Bem. Isto foi estranho.

Ela começa a rir-se outra vez. Abana um dedo para trás e para a frente entre nós.

— Pensaste... Quando eu disse «tipo fantástico», pensaste logo que eras tu?

Agora está a rir-se ainda mais. Estou a tentar não esboçar um sorriso, mas não consigo evitar. Adoro que ela se esteja a rir, e adoro ainda mais que esteja a falar de outra pessoa.

Isto é bom.

A Maggie levanta-se.

— O Warren vai cá estar no sábado?

Assinto com a cabeça e levanto-me também.

— Sim, deve estar. Porquê?

— Quero que nos sentemos todos juntos e conversemos. Sinto que precisamos de traçar um plano para o futuro.

— Sim. Claro que sim. Adorava se pudéssemos fazer isso. Importas-te que a Sydney venha?

A Maggie veste o casaco.

— Ela já tem isso na agenda — diz a Maggie, piscando-me o olho.

Pronto, agora estou confuso.

— Falaste com a Sydney?

A Maggie anui com a cabeça.

— Por alguma razão, ela sentiu que me devia um pedido de desculpa. E... eu devia-lhe um também. Tivemos uma boa conversa. — A Maggie caminha em direção à porta, mas faz uma pausa antes de a abrir. — Ela é muito... diplomática.

Eu assinto com a cabeça, mas ainda estou confuso sobre quando é que elas tiveram essa conversa. Ou porque é que eu não sabia.

— Sim — respondo. — Ela é sem dúvida diplomática.

A Maggie abre a porta.

— Não deixes que a Bridgette a estrague — diz. — Até sábado.

— Até sábado.

Seguro a porta para ela passar.

— E... Maggie, lamento muito em relação ao teu avô.

Ela sorri.

— Obrigada.

Fico a vê-la a descer as escadas até ao carro. Quando se afasta, não fecho a porta. Corro para a bancada e pego nas minhas chaves, depois calço os sapatos.

Vou diretamente para a biblioteca.

Vejo-a no canto de trás da biblioteca. Está ao lado de um carrinho, a segurar um marcador, riscando coisas numa lista enquanto reabastece as prateleiras com os livros do seu carrinho de biblioteca. Está de costas para mim, por isso observo-a durante um minuto enquanto trabalha. O local está quase vazio, pelo que não me parece que alguém repare que estou a olhar para ela. Não consigo perceber quando ou como é que ela e a Maggie tiveram uma conversa. Ou porquê. Pego no telemóvel e envio-lhe uma mensagem.

Ridge: Tu e a Maggie tiveram uma conversa e não me contaste?

Vejo a reação dela quando lê a mensagem. Ela congela, olhando para o telemóvel, e depois esfrega a testa. Encosta-se a uma estante da biblioteca e respira fundo.

Sydney: Sim. Eu devia ter-te contado. Só queria que vocês os dois tivessem a oportunidade de falar antes de falar nisso, mas fui a casa dela no domingo. Não foi para fazer drama, juro. Só tinha algumas coisas que precisava de lhe dizer. Desculpa, Ridge.

Olho de novo para ela e tudo nela está tenso. Ela está preocupada, a esfregar a parte de trás do pescoço, recusando-se a tirar os olhos do telefone até que eu lhe responda à mensagem.

Pego no telemóvel e tiro-lhe uma fotografia, depois envio-lha por mensagem. Demora um pouco até que a fotografia lhe seja entregue, mas, assim que ela a recebe, vira-se. Os nossos olhos fixam-se.

Abano a cabeça, apenas um pouco, mas não por estar chateado com ela. Abano a cabeça porque não posso crer que esta mulher foi até casa da minha

ex-namorada porque queria melhorar as coisas entre nós.

Nunca senti tanto apreço por alguém ou alguma coisa em toda a minha vida.

Começo a caminhar na direção dela. Ela afasta-se da estante quando me aproximo e fica ali parada, rígida, à espera do meu próximo passo. Quando chego ao pé dela, não digo uma única palavra. Não preciso de o fazer. Ela sabe exatamente o que estou a pensar, porque, com a Sydney, basta ela estar perto de mim para comunicarmos. Ela olha para mim e eu olho para ela e, como se estivéssemos em perfeita sintonia, ela dá dois passos atrás e eu dou dois passos à frente, de modo a ficarmos escondidos entre duas paredes de livros.

Amo-te.

Não digo estas palavras. Apenas as sinto, mas ela ouve-as.

Ergo as mãos e passo os dedos pelo rosto dela. Tento tocar-lhe com a mesma suavidade que ela usa para me tocar. Passo os polegares pelos seus lábios, admirando a sua boca e cada palavra suave que sai dela. Deslizo as mãos até ao seu pescoço e pressiono os polegares contra a garganta dela. Consigo sentir a sua pulsação rápida sob a ponta dos meus dedos.

Encosto a testa à dela e fecho os olhos. Só quero sentir o seu coração a bater contra os meus polegares. Quero sentir a respiração dela contra os meus lábios. Demoro um momento e faço estas coisas enquanto lhe agradeço silenciosamente, com as nossas testas ainda encostadas.

Gostava que não estivéssemos em público neste momento. Agradecer-lhe-ia de muitas mais maneiras, e sem usar uma única palavra.

Mantenho as mãos no seu pescoço e pressiono-me contra ela para a virar e posicionar contra as estantes atrás dela. Quando as suas costas se encontram com os livros, mantenho-lhe o rosto inclinado para cima, em direção ao meu, enquanto aproximo as nossas bocas, mal ligando a minha à dela. Consigo sentir a sua respiração rápida contra os meus lábios, por isso fico quieto e engulo algumas dessas expirações antes de introduzir a minha língua na sua boca, acelerando ainda mais a sua respiração. A boca dela está mais quente e mais convidativa do que nunca.

Ela leva as mãos ao meu peito, batendo com o papel e o marcador na minha camisa enquanto se equilibra. O papel cai ao chão. Ela inclina a cabeça ainda mais em direção à minha e abre a boca um pouco mais, querendo mais do nosso beijo. Curvo a minha mão direita atrás da cabeça dela e colo a minha boca à dela, inspirando.

Beijo-a. Amo-a.

Amo-a. Beijo-a.

Beijo-a.

Amo-a tanto.

Afastar-me da boca dela é a coisa mais difícil que alguma vez tive de fazer. As mãos dela estão fechadas, a agarrar a minha camisa. Ainda tem os olhos fechados quando me afasto, por isso olho para ela por instantes, convencido de que o *karma* afinal deve saber o que está a fazer. Talvez houvesse um motivo para tantas coisas más terem acontecido na minha vida. Não teria sido uma vida equilibrada se a minha infância tivesse sido muito boa e depois eu crescesse e tivesse a vida que sei que vou ter com a Sydney. Acho que minha infância foi necessária para que houvesse equilíbrio e eu pudesse ter a Sydney. Ela é tão boa e tão perfeita que talvez eu tenha experimentado o sofrimento primeiro para depois merecer uma recompensa desta magnitude.

Levo as mãos às dela, que ainda estão agarradas à minha camisa. O papel que ela tinha na mão há muito caiu ao chão, mas ela ainda está a segurar no marcador. Tiro-lho da mão e ela abre os olhos, no momento em que levo os dedos à gola da sua camisola. Puxo-a para baixo, expondo-lhe a pele por cima do coração. Tiro a tampa do marcador com os dentes e encosto-o ao seu peito. Escrevo três letras mesmo por cima do coração.

MEU

Volto a tapar o marcador, e depois beijo-a uma última vez antes de me virar e me afastar.

Nunca comunicámos tanto ou falámos tão pouco.

20.

Sydney

Estou sentada no banco do passageiro do carro do Ridge, a olhar pela janela. Tenho a mão direita no peito, a esfregar ligeiramente a palavra que ele escreveu por cima do meu coração na terça-feira à noite. *MEU*. Agora está esbatida, pois já passaram quatro dias desde que a escreveu, mas felizmente era um marcador permanente, e eu evitei esfregá-la durante o banho.

Quando ele saiu da biblioteca na terça-feira à noite, tive imediatamente de me sentar. Ele deixou-me tão sem fôlego que quase desmaiei. Nem sequer lá esteve cinco minutos, mas foram os cinco minutos mais intensos da minha vida. Tanto que convenci uma colega a fazer o resto do meu turno e fui direta para casa do Ridge para acabar o que tínhamos começado. Aqueles cinco minutos intensos na biblioteca transformaram-se em duas horas intensas na cama dele.

Desde então, passámos três das últimas quatro noites juntos.

Ele falou-me da conversa que teve com a Maggie. Odiei saber que o avô dela tinha morrido horas depois de eu ter saído de casa dela no domingo. Mas saber que ela estava a lidar com tudo isso e mesmo assim conseguiu arranjar tempo para passar pela casa do Ridge e pedir-lhe desculpa fez com que eu valorizasse ainda mais os esforços dela. E fez uma enorme diferença para o Ridge. Parece que lhe saiu um peso de cima depois da conversa de terça-feira. Os últimos quatro dias com ele foram os melhores quatro dias que passámos juntos desde que nos conhecemos.

No início, quando ainda nos estávamos a conhecer, todas as nossas

conversas estavam envoltas em culpa por causa da Maggie. Então, depois da discussão que eles tiveram na semana passada, todas as conversas que tínhamos estavam carregadas de preocupação com a Maggie. Mas depois de terça-feira, quando estamos sozinhos, sentimos que realmente estamos sozinhos. De alguma forma, encaixar melhor a Maggie nas nossas vidas parece tê-la removido mais da nossa relação. Não devia fazer sentido, mas faz. Focarmo-nos mais na amizade entre eles do que no facto de ela ser ex-namorada dele será melhor para nós a longo prazo.

Felizmente, a Bridgette também conseguirá perceber isso em breve. Porque, neste momento, não está satisfeita. O Warren e a Bridgette estão no banco de trás. O Ridge está a conduzir. A Bridgette não disse uma única palavra a caminho da casa da Maggie, porque ela e o Warren discutiram mesmo antes de sairmos. Ela exigiu vir com ele, mas ele respondeu-lhe que não a queria lá porque ela não sabia ser simpática com a Maggie. Isso irritou-a. Depois, foram para o quarto e discutiram, por isso eu e o Ridge sentámo-nos no sofá e esperámos.

Na verdade, ficámos no sofá a namorar, por isso não nos preocupámos com o tempo que demorou a discussão. Mas esta ainda não acabou, porque já estamos a chegar à porta da casa da Maggie e as únicas palavras que a Bridgette disse desde Austin até aqui foram: «Tenho de fazer chichi.» E disse-o ao mesmo tempo que saía do carro e batia com a porta.

A Bridgette não é uma pessoa muito razoável. Mas estou a começar a gostar muito dela e até a percebê-la. As emoções dela estão sempre à flor da pele. Mas, como tem muitas emoções, parece que as atira à cara das pessoas, umas atrás das outras.

Ninguém tem de bater à porta, porque a Maggie abre-a mal chegamos à entrada. O Warren vai à frente e dá-lhe um abraço. A Bridgette passa por ela, mas o Ridge também lhe dá um abraço breve. Eu também, apenas porque prefiro começar isto sentindo-me bem.

— Cheira bem — diz o Ridge em língua gestual enquanto atira as chaves para a bancada.

— Lasanha — responde a Maggie. — Estou a ler um livro em que as

personagens fazem lasanha sempre que precisam de falar de alguma coisa. Achei adequado para esta noite. — A Maggie olha para mim enquanto se dirige à cozinha. — Gostas de ler, Sydney?

— Adoro ler — respondo, tirando o casaco. Pouso-o nas costas de uma cadeira. — Só que não tenho muito tempo. O que é uma pena, tendo em conta que trabalho numa biblioteca.

A Bridgette vai à casa de banho e o Warren atira-se dramaticamente para o sofá e enterra a cabeça nas almofadas.

— Matem-me — murmura ele.

— Problemas no paraíso? — pergunta a Maggie.

O Warren levanta a cabeça e olha para ela.

— Paraíso? Desde quando é que eu e a Bridgette vivemos no paraíso?

— Problemas no Sheol? — corrige a Maggie.

— Nem sequer sei o que significa isso.

— É sinónimo de Inferno.

— Ah — exclama o Warren. — Já sabes que não podes usar palavrões comigo.

— Só tem cinco letras.

Eu fico a observar a conversa deles, prestando atenção aos dois. Por fim, foco-me no Ridge, que está agora à minha frente.

— Tens sede? — pergunta ele.

Eu assinto com a cabeça. Ele vai à cozinha e abre um armário, e depois vai buscar algo para bebermos. É estranho vê-lo a andar de um lado para o outro pela cozinha como se fosse dele. Faz-me perceber que, de certa forma, já foi. É impossível saber quanto tempo ele terá passado em casa dela. Creio que este é um daqueles momentos constrangedores aos quais tenho de me habituar. O Ridge traz-me um copo de água e depois senta-se ao lado do Warren no sofá.

Eu entro na cozinha.

— Precisas de ajuda? — pergunto à Maggie.

Ela abana a cabeça, abre o frigorífico e coloca uma salada no interior.

— Não, obrigada. Está tudo pronto, exceto a lasanha.

Ela olha para o Ridge e para o Warren.

— Estão prontos para se sentarem à mesa e fazermos isto antes de comermos?

O Warren bate com as mãos nas calças de ganga.

— Eu estou pronto — diz ele, levantando-se de um salto.

Dirigimo-nos os quatro à mesa da cozinha enquanto a Bridgette sai da casa de banho. A Maggie fica à cabeceira. Eu sento-me ao lado do Ridge e o Warren senta-se ao lado de uma cadeira vazia, mas a Bridgette prefere sentar-se na cadeira que fica na outra ponta da mesa, por isso há uma cadeira vazia entre ela e o Warren. Ele abana a cabeça, ignorando-a.

A Maggie abre uma pasta e depois senta-se direita e repete tudo o que diz em língua gestual. Gosto de a ver a falar em língua gestual. Não sei porquê, mas acho que a percebo melhor do que ao Ridge e ao Warren. Talvez por as mãos delas serem mais delicadas, mas também porque parece fazer os gestos mais devagar e, se é que faz sentido, mais bem pronunciados.

Olha para todos nós.

— Obrigada a todos por terem aceitado fazer isto. — Ela volta a atenção para mim. — E obrigada a *ti* — diz ela, sem ser específica. Eu anuo com a cabeça, mas na verdade ela devia estar a agradecer ao Warren. Foi ele que me deu o puxão de orelhas que eu precisava para finalmente falar com a Maggie. — Tomei algumas decisões de que quero falar primeiro, pois afetam o próximo ano da minha vida. E, subsequentemente, o vosso também.

Ela aponta com a cabeça em direção ao corredor. Todos olhamos para o corredor e, pela primeira vez, reparo em caixas de mudanças.

— O meu estágio está a acabar, assim como a minha tese, por isso decidi regressar a Austin. A minha senhoria informou-me na quarta-feira de que já conseguiu arrendar esta casa a alguém, por isso tenho de sair até ao final do mês.

Eu aproveito a pausa dela para a interromper com uma pergunta.

— A tua médica não é aqui em San Antonio?

A Maggie abana a cabeça.

— Ela dá consultas aqui uma vez por semana. Mas o consultório principal

dela é em Austin, por isso até é mais fácil para mim.

— Já encontraste casa? — pergunta o Warren. — Só faltam alguns dias para o final do mês.

A Maggie anui com a cabeça.

— Já, mas só está pronta no dia 15 de abril. Os inquilinos acabaram de se mudar e ainda é preciso pôr carpetes e pintar.

— É no mesmo complexo de apartamentos de antes? — pergunta o Warren.

Os olhos da Maggie desviam-se do Warren para o Ridge. Ela deixou algo por dizer, apesar de estar a abanar a cabeça e a responder-lhes.

— Não tinham nada disponível. Este é no norte de Austin.

O Warren inclina-se para a frente e lança-lhe um olhar que eu não compreendo. O Ridge suspira profundamente. Estou perdida.

— O que foi? — pergunto. — Qual é o problema do norte de Austin?

A Maggie olha para mim.

— É muito longe de vocês. Eu e o Ridge... quando eu morava em Austin... ambos escolhemos complexos de apartamentos próximos do hospital e da minha médica. Tornava as coisas mais fáceis.

— Já viste no nosso complexo? — pergunta o Warren. — Eu sei que há apartamentos disponíveis.

A Bridgette faz um som de protesto. Pigarreia e depois bate com a mala na mesa. Pega numa lima, inclina-se para trás na cadeira e começa a limar as unhas.

Olho para a Maggie, e ela está a olhar para mim. Abana a cabeça e diz:

— Não, mas não há problema com o norte de Austin. Passei um ano aqui em San Antonio e correu tudo bem.

— Eu não diria que correu *bem* — replica o Warren.

— Tu percebes o que eu quis dizer, Warren. Não tive nenhuma emergência a ponto de morrer sem vocês aqui. Vai correr tudo bem. Só vou estar na outra ponta da cidade.

O Ridge abana a cabeça.

— Tu terias morrido na minha casa de banho se a Sydney não te tivesse

encontrado. O facto de teres tido sorte não significa que tenha sido a decisão certa.

— Concordo — diz o Warren. — Tu vives no norte de San Antonio. Nós vivemos no sul de Austin. Demoramos quarenta e cinco minutos de nossa casa à tua. Mas se te mudares para o norte de Austin, com o trânsito, demoraremos mais de uma hora a chegar a tua casa. Podes estar a mudar-te para a mesma cidade, mas ficas mais longe de nós.

A Maggie suspira. Olha para baixo e baixa um pouco o tom de voz.

— Não consigo pagar mais nada neste momento. Os únicos apartamentos disponíveis perto do hospital são demasiado caros para mim.

— Porque é que não arranjas um emprego? — pergunta a Bridgette.

Todos viramos a nossa atenção para a Bridgette. Acho que nenhum de nós pensou que ela fosse abrir a boca. Ela tem a lima encostada ao polegar e está a olhar para a Maggie.

— É difícil manter um emprego quando passamos tanto tempo no hospital — diz a Maggie. — Eu tive de me candidatar à pensão por incapacidade há três anos só para conseguir pagar a renda.

Ela está a ser um pouco defensiva, mas eu percebo. A Bridgette não parece medir as palavras com a Maggie. Nem com ninguém, na verdade.

A Bridgette encolhe os ombros e volta a limar as unhas.

— Mas chegaste a ver se havia algum apartamento disponível no nosso complexo ou não? — pergunta o Warren.

A atenção da Maggie volta-se de novo para mim quando este assunto é levantado. Eu olho para o Ridge e ele olha para mim. Lemo-nos um ao outro sem dizer uma palavra.

Anuo com a cabeça, apesar de parecer absurdo, se pensar muito nisso. Mas, por algum motivo, não sinto que seja absurdo. Tê-la no mesmo complexo que o Ridge e o Warren facilitar-lhes-ia as coisas. E não acredito que o Ridge e a Maggie queiram reviver algo, por isso, surpreendentemente, não me sinto ameaçada ao pensar nisso. Talvez esteja a ser ingénua, mas tenho de seguir o meu instinto. E o meu instinto diz-me que ela precisa de estar mais perto deles.

— Eu não me importo de que vivas no mesmo complexo de apartamentos que o Ridge, se é isso que te está a impedir — digo. — O meu ex-namorado mudou-se para o mesmo complexo com a minha ex-melhor amiga depois de eu ter ido morar com o Ridge e o Warren no ano passado. Conseguimos ver a sala dele da varanda do Ridge. Acredita em mim, não há nada mais estranho do que isso.

A Maggie sorri-me, agradecida, e depois olha para a Bridgette. O Ridge pousa o braço nas costas da cadeira e inclina-se, dando-me um beijo rápido no lado da cabeça. Adoro os agradecimentos silenciosos dele.

A Bridgette olha para cima, diretamente para a Maggie. Não parece satisfeita. Volta a sua atenção para o Warren e inclina-se para a frente.

— Merda, Warren, porque é que não lhe perguntas se se quer mudar para um dos quartos vagos lá em casa? Podíamos ser uma grande família feliz.

O Warren revira os olhos.

— Para, Bridgette.

— Não. Pensa bem. Eu mudei-me e tu começaste a ir para a cama comigo. A Sydney mudou-se e o Ridge começou a envolver-se com ela. Acho mais do que justo a Maggie ter a vez dela.

Fecho os olhos e deixo cair a cabeça, abanando-a. Porque é que a Bridgette tinha de ir por aí? Olho para a Maggie, e ela está a lançar um olhar fulminante à Bridgette.

— Acho que te esqueceste de que já estive com os dois, Bridgette. Na verdade, não preciso de ter a minha vez, mas obrigada pela consideração.

— Oh, vai-te foder — responde a Bridgette.

E... foi de mal a pior. Acho que o Ridge nem sequer sabe o que se passou. Mal a frase sai da boca da Bridgette, a Maggie arrasta calmamente a cadeira para trás e levanta-se. Dirige-se para o quarto e fecha a porta. Levaram as duas as coisas longe demais. Eu tenho a cabeça entre as mãos, e tudo o que consigo dizer é:

— Bridgette. Porquê?

A Bridgette olha para mim como se eu a tivesse traído. Acena com uma mão para o quarto da Maggie.

— Como é que podes aceitar isto? Ela é uma ingrata e sempre foi, e agora quer mudar-se para o nosso complexo e ainda faz parecer que a ideia foi tua!

Por um segundo, considero o que ela disse. Mas apenas por um segundo. Dois segundos depois, levanto-me e dirijo-me ao quarto da Maggie. Acho mesmo que a Bridgette tem uma imagem errada dela. Não vejo o Ridge a apaixonar-se por alguém tão ingrato e manipulador. Não vejo mesmo.

Abro a porta do quarto da Maggie e ela está sentada de pernas cruzadas na cama, a limpar uma lágrima. Sento-me na cama ao lado dela. A Maggie levanta a cabeça e lança-me um olhar cheio de culpa.

— Desculpa. Foi muito foleiro. Mas a Bridgette está errada. Eu não estou a tentar dominar as vossas vidas — sussurra. Percebo pela sua voz que ela está prestes a chorar novamente. — Por mim, eu ficaria tão longe deles que eles demorariam horas a chegar até mim. Mas estou a tentar ser mais cooperante, Sydney. Estou a tentar respeitar mais o tempo deles, desta vez.

Eu acredito nisso. Acho que Maggie acharia muito melhor morar num lugar onde pudesse sentir-se mais relaxada.

— Eu acredito em ti. E concordo — digo. — Estamos aqui porque o Warren e o Ridge vão ser os teus principais cuidadores quando estiveres doente. Acho que temos de pôr de lado os sentimentos da Bridgette. E os meus. E, honestamente, os teus também. Trata-se de facilitar a vida do Warren e do Ridge, e o facto de viveres no mesmo complexo tornaria tudo mais fácil para eles.

A Maggie concorda com a cabeça.

— Eu sei. Mas não quero causar problemas entre o Warren e a Bridgette. Acho que a decisão devia caber-vos às duas, mas acho que ela nunca aceitará. E, honestamente, não a culpo por isso.

Ela tem razão. Devia ser algo com que todos concordássemos. Viro a cabeça para a porta e grito:

— Bridgette!

Ouço uma cadeira a ser arrastada, seguida de passadas dramáticas em direção ao quarto da Maggie. A Bridgette abre finalmente a porta, mas encosta-se à ombreira e cruza os braços.

Dou uma palmadinha na cama.

— Vem cá, Bridgette.

— Eu estou bem aqui.

Olho para ela como se ela fosse uma criança birrenta.

— Vem cá imediatamente.

A Bridgette caminha pesadamente até à cama e deixa-se cair em cima dela. Está a ser tão dramática como o Warren quando se deixou cair no sofá da Maggie há pouco. As semelhanças entre eles dão-me vontade de rir. A Bridgette olha para mim e evita o contacto visual com a Maggie.

Eu encosto-me à cabeceira da cama e inclino a cabeça enquanto olho para ela.

— Como é que te sentes, Bridgette?

Ela revira os olhos e apoia-se no cotovelo.

— Bem, Dra. Blake — responde sarcasticamente —, sinto que a ex-namorada dos nossos namorados está prestes a mudar-se para o mesmo complexo de apartamentos que nós, e não gosto disso.

— E achas que eu gosto? — pergunta a Maggie.

A Bridgette olha para ela. Não gostam nada uma da outra. Nada mesmo.

— Há quanto tempo se conhecem? — pergunto.

— Ela foi morar com o Warren e o Ridge uns meses antes de ti — diz a Maggie, falando da Bridgette como se ela não estivesse ali na cama. — E a princípio eu tentei ser simpática com ela, mas já deves imaginar o que aconteceu.

— Acho que nós as três só temos de apanhar uma bebedeira juntas — sugiro.

Funcionou comigo e com a Bridgette. Talvez funcione com a Bridgette e a Maggie.

A Maggie olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Parece-me um verdadeiro pesadelo.

A Bridgette concorda com a cabeça.

— O álcool não vai conseguir apagar anos de história entre ela e o Warren.

A Maggie ri-se, virando-se agora para a Bridgette.

— Achas mesmo que há a mais pequena hipótese de eu me voltar a interessar romanticamente pelo Warren? Isso é absurdo.

A Bridgette deita-se de costas e olha para o teto.

— Não tenho medo de que tu te interesses por ele. Tenho medo de que ele se interesse por ti. És muito bonita, e o Warren é muito fútil.

Eu e a Maggie olhamos uma para a outra. Depois começamos a rir. Eu abano a cabeça, totalmente surpreendida com a insegurança da Bridgette.

— Ainda não percebeste que és um arraso, pois não? Mesmo sendo a pessoa mais fútil do mundo, o Warren é louco por ti.

— Eu não te queria elogiar, porque me trataste mal — diz a Maggie à Bridgette. — Mas a Sydney tem razão. Já viste o teu rabo? Parecem duas *Pringles* abraçadas.

O que é que isso significa? O comentário da Maggie faz a Bridgette rir-se, mesmo tentando escondê-lo.

— Trabalhas no Hooters, por amor de Deus — acrescenta a Maggie. — Se eu aparecesse no Hooters, eles iriam mandar-me dar uma curva, achando que eu era um menino de 12 anos.

A Bridgette vira a cabeça para a Maggie.

— Continuem... — diz ela, incitando-nos a continuar com os elogios.

Reviro os olhos e estico as pernas, dando-lhe um pontapé brincalhão na coxa.

— O Warren ama-te. Acaba lá com essas inseguranças esquisitas. Tens a sorte de ter um homem com um coração tão grande que quer tomar conta da sua melhor amiga.

A Maggie anui com a cabeça.

— É verdade. Ele é boa pessoa. Muito fútil, um pouco arrogante e extremamente pervertido, mas é boa pessoa.

A Bridgette resmunga e senta-se na cama. Olha para mim e depois olha para a Maggie. Não diz que a Maggie pode mudar-se para o mesmo complexo, mas também já não está a protestar, por isso penso que foi uma vitória. Levanta-se e dirige-se à porta, mas passa em frente ao espelho da Maggie. Vira-se e vê-se ao espelho por cima do ombro, agarrando no rabo

com ambas as mãos.

— Achas mesmo que parecem duas *Pringles* a abraçarem-se?

A Maggie estica-se para trás, agarra numa almofada e depois atira-a à Bridgette. A Bridgette bate no próprio rabo e sai do quarto.

A Maggie cai na cama e grunhe com a cabeça no colchão, depois volta a sentar-se e olha para mim, com a cabeça inclinada para o lado.

— Obrigada. Nunca soube lidar com ela. Ela assusta-me.

Anuo com a cabeça.

— A mim também.

Eu e a Bridgette podemos dar-nos bem agora, mas eu continuo com um medo de morte da fúria dela.

A Maggie desliza para fora da cama e caminha até à sala. Eu sigo-a. Quando estamos todos sentados à mesa, ela pega na pasta que está à sua frente. Eu olho para o Ridge, e ele sorri. «Amo-te», articula com os lábios.

Ele está sempre a dizer-mo, por isso não sei porque é que coro desta vez.

— Há dois apartamentos disponíveis — diz o Warren, fazendo deslizar o seu telemóvel em direção à Maggie. — Um no piso de cima e um no de baixo. O de baixo é na outra ponta do complexo, mas acho que devias ficar nesse.

A Maggie olha para o telemóvel dele.

— Diz aqui que só fica disponível no dia 3. Posso telefonar de manhã e reservá-lo, e depois fico num hotel durante alguns dias antes de me mudar.

— Isso é um desperdício de dinheiro — diz a Bridgette. — São apenas alguns dias. Fica no meu antigo quarto. Ou no do Brennan. Estão ambos vazios.

Ela está de novo a limar as unhas, mas aquelas palavras foram muito importantes. É o mais perto que ela consegue chegar de um pedido de desculpa, sem dizer «Desculpa, Maggie. Fui muito grosseira».

O Ridge olha para mim e aperta-me a mão debaixo da mesa. Depois envia-me uma mensagem.

Ridge: Eu fico em tua casa enquanto ela estiver na nossa, se puder ser.

Anuo com a cabeça. Se ele não o tivesse sugerido, provavelmente eu tê-lo-ia obrigado.

Por esta altura, nem sei se eu discordaria da ideia de a Maggie passar alguns dias lá. Há muito tempo que a situação envolvendo as pessoas nesta mesa deixou de ser normal. Uma vez, o Warren disse-me: «Bem-vinda ao lugar mais estranho onde já viveste.»

Agora percebo. Já nem sequer vivo com eles, mas aquele apartamento e a aquela porta giratória desafiam todos os limites possíveis.

O Warren arrasta a cadeira para trás e levanta-se, depois senta-se na cadeira ao lado da Bridgette. Estica-se, agarra na lima dela e atira-a para o meio da sala. Puxa a cadeira dela para mais perto e beija-a.

E a Bridgette deixa-o, por uns bons cinco segundos. É ao mesmo tempo encantador e extremamente desconfortável.

A Maggie revira os olhos e depois empurra a pasta ao Ridge.

— Fiz uma lista de concessões. Há coisas que ainda quero fazer e preciso que aceites isso. E, em troca, prometo que vou cuidar mais de mim. Mas não podes ser mandão comigo até eu me ajustar. Eu sou muito complicada e vou demorar algum tempo a melhorar essa parte da minha personalidade.

O Ridge olha para a lista por momentos, mas depois olha para ela e diz em língua gestual algo que eu não entendo. A Maggie assente com a cabeça.

— Sim. Vou fazer *bungee jumping*, e não me podes impedir. Estamos a fazer concessões.

O Ridge suspira e depois devolve a pasta à Maggie.

— Pronto. Mas vais inscrever-te num grupo de apoio.

A Maggie ri-se, mas o Ridge não.

— Isso não é uma concessão — replica a Maggie. — Isso é tortura.

O Ridge encolhe os ombros.

— Estamos a fazer concessões — diz ele. — Se não gostares, podes sair. Mas eu acho que vai fazer-te bem. Acho que nenhum de nós sabe realmente pelo que estás a passar, e acho que será bom para ti falares com pessoas que sabem.

A Maggie resmunga e deixa cair a cabeça na mesa, batendo com ela três

vezes na madeira. Arrasta a cadeira e olha para mim.

— Tu vais comigo — diz ela, dirigindo-se à cozinha.

— Ao grupo de apoio? — pergunto, confusa. Não sei porque é que de repente sou eu que estou a ser torturada nesta história de concessões.

— Não — responde a Maggie. — Ao grupo de apoio não. Os grupos de FQ são *online*. Vais fazer *bungee jumping* comigo.

Bungee jumping. *Hum*. A ex-namorada do meu namorado quer que eu me lance de uma ponte. Se pensarmos bem nisso, é um pouco irónico. Olho para o Ridge e esboço um sorriso amarelo. Sempre quis fazer *bungee jumping*. Ele apenas abana a cabeça e sorri, como se tivesse desistido.

— Eu sempre quis saber uma coisa — diz a Bridgette, olhando para a Maggie. O Warren está na sala a apanhar a lima da Bridgette do chão. — Porque é que não recebes um transplante de pulmão? Isso não curaria a doença?

Eu também me tinha questionado sobre isso, mas ainda não tinha perguntado ao Ridge.

— Não é assim tão fácil — responde o Warren, entregando a lima à Bridgette. — A fibrose quística não afeta apenas os pulmões, por isso uns pulmões novos não vão curar completamente a doença.

— Além disso, ainda não cheguei a essa fase — continua a Maggie. — Para receber pulmões novos, o prognóstico tem de ser muito mau, mas, ao mesmo tempo, não se pode estar demasiado doente para receber um transplante. Felizmente, neste momento sou demasiado saudável para ser uma candidata. Estou numa posição delicada. Seria bom ter pulmões novos, mas não me agrada a ideia de ser uma candidata, pois isso significaria que a minha saúde teria piorado. E um transplante pode prolongar a vida de uma pessoa durante alguns anos, mas também a pode encurtar. Bastante. Para ser honesta, não estou ansiosa por isso.

— Mas há avanços na medicina todos os dias — acrescenta o Warren. — E é por isso que esta noite estamos apenas a discutir um futuro a curto prazo, e não um plano a longo prazo. Se planearmos algo demasiado distante, podemos acabar a desencorajar outras possibilidades. A Maggie não quer

atrapalhar a nossa vida e nós não queremos atrapalhar a dela, por isso agora o melhor cenário é simplesmente enfrentar os próximos meses com as ferramentas que temos.

O Ridge anui com a cabeça, mas depois responde ao Warren.

— Por vezes sinto que o teu cérebro está em hibernação. Passa a maior parte do tempo desligado, mas, das poucas vezes em que o ligas, ele dispara.

O Warren sorri.

— Obrigado, Ridge.

A Maggie ri-se.

— Não sei se aquilo foi um elogio, Warren.

— É claro que foi — responde o Warren.

Eu acho que foi ao mesmo tempo um insulto e um elogio, e isso faz-me rir.

Passamos a meia hora seguinte a comer a lasanha que a Maggie fez e a discutir mais concessões. A Bridgette não fala muito, mas também não é indelicada, o que é um avanço em comparação a quando chegámos.

Depois de nos despedirmos da Maggie, o Ridge agarra na minha mão e leva-me para o banco de trás do carro. Obriga o Warren a conduzir de volta a casa, já que ele tinha conduzido até aqui, e eu acho ótimo, pois quero mesmo partilhar o banco de trás com o Ridge no caminho até casa.

Ele estica o braço e entrelaça os dedos nos meus quando estamos a sair da frente da casa da Maggie. Pega no telemóvel e envia-me uma mensagem só com uma mão.

Ridge: Pareces a encantadora de Bridgettes. Não sei como é que fazes isso.

Sydney: Ela não é assim tão má. Acho que está sempre na defensiva porque nunca ninguém se esforçou realmente para ultrapassar esse lado defensivo dela.

Ridge: Exatamente. E é importante teres-te esforçado.

Sydney: Tal como o Warren.

Ridge: Só porque queria ir para a cama com ela. Acho que ele nunca

contou apaixonar-se por ela. Foi uma surpresa para todos nós. Especialmente para ele.

Sydney: Tens amigos peculiares. Gosto deles.

Ridge: Agora também são teus amigos.

Ele aperta-me a mão depois de eu ler a mensagem. Então, estende o braço, desaperta-me o cinto de segurança e puxa-me para perto dele. Quando estou no meio do banco, ele volta a apertar-me o cinto de segurança e puxa-me para junto de si.

— Assim está melhor — diz, abraçando-me.

O seu dedo roça no meu ombro, mas acaba por descer, até conseguir tocar nas letras esbatidas que escreveu por cima do meu coração. Pressiona a boca contra a minha orelha.

— Meu — diz baixinho.

Eu sorrio e pouso a mão sobre o coração dele.

— Meu — repito num sussurro.

O Ridge pressiona a boca na minha, e eu sorrio durante todo o beijo. Não consigo evitar. Quando ele se afasta, encosta-se à porta e puxa-me ainda mais para perto. Pouso as pernas em cima do banco e dobro os joelhos enquanto me aconchego nele.

Isto parece certo. Finalmente. Costumava parecer-me tão errado, mas agora já nada em nós me parece errado. Devo muito à disposição da Maggie em perdoar e em seguir em frente e até em aceitar-me na vida dela depois de tudo o que aconteceu.

Tanta coisa mudou neste último ano. No dia em que fiz 22 anos, achei que iria ser o pior ano da minha vida. Mas mal sabia que um rapaz numa varanda com a sua guitarra iria mudar tudo.

Agora estou aqui nos braços dele, e não consigo, nem quero, deixar de sorrir, porque o coração dele é meu.

MEU.

21.

Ridge

É difícil dizer ao Warren tudo o que está a fazer de errado quando tenho as mãos ocupadas com o colchão que estamos a transportar para o andar de cima e ele tem os auscultadores nos ouvidos. Seria terrível ver o Warren a manobrar um barco ou a fazer marcha-atrás com um atrelado quando não consegue sequer subir a porcaria da escada com um colchão.

Também não consigo perceber porque é que estamos a levar o colchão da Maggie para cima. O apartamento dela vai estar pronto em alguns dias, e há um sofá, e além disso a cama do Brennan está livre. Mas não vou discutir, porque, se ela vai estar no meu apartamento, prefiro que esteja no quarto mais afastado do meu para que isto seja menos constrangedor, mesmo que eu vá ficar em casa da Sydney esta semana.

O Warren detém-se a três degraus do topo e faz uma pausa. Apoia o braço no corrimão e tira os auscultadores.

— É só isto que temos de levar, não é? Tudo o resto fica no camião, certo?

Anuo com a cabeça e faço-lhe sinal para que pegue de novo no colchão. Ele revira os olhos e reajusta o colchão nas mãos, empurrando-o na minha direção.

O apartamento novo da Maggie fica do outro lado do complexo. Na verdade, fica perto do antigo apartamento da Sydney. A Maggie tentou recuar várias vezes e encontrar outro lugar onde ficar porque tinha medo de que fosse um exagero morar tão perto de nós. Mas, honestamente, será melhor para todos. Ela adoece muitas vezes, e, no último ano tive de passar muitas

noites em San Antonio. Mesmo que ela ficasse a apenas alguns quilómetros, morar noutro complexo de apartamentos significaria que eu ou o Warren teríamos de passar lá a noite quando ela adoece, pois nessas alturas ela fica tão fraca que nem consegue levantar-se da cama.

Com ela a morar no mesmo complexo que nós, tudo será mais fácil. Não terei de passar noites desconfortáveis no mesmo apartamento que ela, mas ela estará suficientemente perto para eu ou o Warren passarmos por lá para a vermos regularmente. Acho que foi por isso que a Sydney concordou com isto. Ela viu a Maggie nas alturas em que esteve mais doente e sabe que, quando a Maggie se vai abaixo, nem consegue pegar num copo de água sozinha. Já para não falar em tomar a medicação, ou em fazer os tratamentos respiratórios enquanto está fraca e a recuperar de alguma doença, bem como verificar o seu nível de açúcar algumas vezes ao dia. Se ela não estiver no mesmo complexo, precisaríamos de ir de carro ter com ela, e deixá-la sozinha seria impensável. Mas, no mesmo complexo, o meu tempo e a minha presença não serão tão necessários e, afinal, a Maggie vai sentir-se mais independente. E é isso que ela quer.

Vamos deixar as coisas todas no camião, porque um dos colegas do Warren também trabalha em *part-time* na empresa onde o alugámos. Deixaram-nos ficar com o veículo durante esta semana apenas por dezanove dólares por dia, e por isso decidimos que o melhor seria deixá-lo no estacionamento com os pertences da Maggie até ela se mudar para o novo apartamento.

A Maggie ainda está no camião, a reunir as coisas de que vai precisar durante os próximos dias. A Sydney foi buscar a Bridgette ao trabalho. Eu e o Warren levamos finalmente o colchão para o quarto e pousamo-lo no chão. O Warren está ofegante e com as mãos nas ancas. Olha para mim.

— Porque é que não estás ofegante?

— Subimos um lanço de escadas. Uma vez. E eu faço exercício.

— Não fazes, não.

— Faço, sim. No meu quarto. Todos os dias.

Ele olha para mim como se o facto de eu admitir que faço exercício

diariamente fosse uma espécie de traição. Volta a olhar para o colchão.

— Achas isto estranho?

Olho para o colchão da Maggie, finalmente no mesmo apartamento que eu. Costumava odiar ela nunca ter querido mudar-se para o meu apartamento, e agora vai fazê-lo por alguns dias, e nada em mim o deseja como o desejava antes. É estranho para mim. Durante todos estes anos, achei que eu e a Maggie acabaríamos por morar neste apartamento juntos e que acabaríamos por nos casar. Nunca imaginei que a minha vida seguisse o rumo que seguiu, mas agora não a imagino de outra forma.

Por isso, sim. Respondendo à pergunta do Warren, acho *de facto* estranho, pelo que assinto com a cabeça. Mas só é estranho porque parece estar tudo a correr bem. Só estou à espera de que alguém faça asneira. Se vai ser a Maggie, ou a Bridgette, ou o Warren, isso não sei. Mas duvido que vá ser a Sydney. Ela lidou com isto melhor do que qualquer outra pessoa, e é a que tem mais motivos para não o fazer.

— E se a Sydney e a Bridgette vivessem juntas e decidissem ir morar com um tipo com quem tivessem namorado no passado? Achas que íamos aceitar bem isso?

Encolho os ombros.

— Isso depende da situação.

— Não depende, não — diz o Warren em língua gestual. — Tu ficarias furioso. Irias odiar. Irias parecer um cabrão chorão, tal como eu, e depois íamos todos acabar.

Não gosto de pensar que eu seria assim.

— Mais um motivo para lhes mostrarmos o quanto gostamos delas.

O Warren dá um pontapé numa folha pousada no colchão da Maggie e depois baixa-se para a apanhar.

— Eu mostrei à Bridgette o quanto gostava dela toda a noite de ontem. — Esboça um sorriso amarelo e eu vejo isso como um sinal de que devo voltar para o camião.

Enquanto desço as escadas, recebo uma mensagem. Olho para o telefone e paro nos degraus quando vejo que é da Sydney. É uma mensagem de grupo

para mim e para o Warren.

Sydney: Estamos na DQ ao fundo da rua. Alguém quer um gelado?

Warren: Um cão de uma só perna nada em círculos? Quero um de *Reese's*.

Ridge: De *M&M's*, por favor.

Olho para o camião no parque de estacionamento e vejo a Maggie a subir a rampa e desparecer no interior. Este é um daqueles momentos estranhos com que teremos de aprender a lidar. Tenho de lembrar a Sydney de que a Maggie está aqui e pode querer um. Mas parece estranho lembrar a Sydney de a incluir. Provavelmente não é mais estranho do que tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas do nosso relacionamento. Parte de mim está a ter problemas em decidir o que dizer à Maggie e se será boa ideia oferecer-lhe gelado, sabendo que ela não pode ingerir muito açúcar. Mas não quero mencionar a saúde dela neste momento. Estou a tentar manter alguma distância na esperança de que ela se cuide melhor e assuma o controlo.

Mesmo a meio do meu conflito interno, a Maggie envia uma mensagem no grupo.

Maggie: Eu quero uma *Dr. Pepper Diet*. Obrigada!

Nem sequer me tinha apercebido de que a Sydney a tinha incluído na mensagem de grupo. Mas é claro que tinha. Sempre que isto começa a tornar-se estranho, a Sydney consegue amenizar essa estranheza antes mesmo de ela começar a instalar-se.

Dirijo-me ao camião, e a Maggie está lá dentro, a remexer a gaveta da cómoda. Está a pousar coisas em cima da cómoda, à procura de alguma coisa. Encontra a camisola que procurava e guarda-a numa mala. Olha para cima e vê-me ali parado.

— Podes levar esta mala para cima?

Eu anuo com a cabeça e ela diz «Obrigada» em língua gestual e depois sai do camião e dirige-se às escadas do prédio. Eu aproximo-me da cómoda e

agarro na mala, mas paro quando vejo uma folha de papel no chão. Baixo-me para a apanhar. Não quero ser intrometido, por isso pouso-a em cima da cómoda, mas a folha está aberta, e eu vejo que é uma lista. No topo diz «Coisas Que Quero Fazer», mas o título ao lado está riscado e há algo escrito por cima. Pego na folha, apesar de não o dever fazer.

Na lista, três das nove coisas estão riscadas: *conduzir um carro de corrida*, *saltar de paraquedas* e *ter um caso de uma noite*.

Sei que ela saltou de paraquedas, mas quando é que ela conduziu um carro de corrida? E quando é que teve...

Não importa. Não tenho nada com isso.

Leio o resto da lista, lembrando-me de como ela costumava falar-me de algumas destas coisas. Sempre odiei o facto de ela ter tantas coisas que estava decidida a fazer, porque sempre achei que eu precisava de ser a voz da razão, e isso deixava-a mal-humorada.

Encosto-me à cómoda, a olhar para o papel. Uma vez planeámos uma viagem à Europa. Foi logo a seguir a acabar o segundo ano da faculdade, há cerca de quatro anos. Eu estava morto de medo de ela ir, porque o simples facto de estar num lugar fechado com estanhos num voo internacional durante dez horas punha em risco a saúde dela. Já para não falar na alteração dos níveis de oxigénio e de estar numa área turística e num país onde os hospitais não conhecem o historial clínico dela. Tentei convencê-la a desistir, mas ela levou a dela avante e, sinceramente, eu percebo porque é que ela queria ver o mundo. E eu não queria ser o seu único obstáculo.

Mas, no fim, não fui eu quem a impediu de ir. Foi uma infeção pulmonar que ela contraiu e que a pôs no hospital durante dezassete dias. Nunca a tinha visto tão doente e, durante todo o tempo que passou no hospital, senti-me muito aliviado por ela não ter ficado doente na Europa.

Depois disso, nem sequer considerei a ideia de uma viagem internacional. Talvez devesse tê-lo feito. Percebo isso agora, depois de saber o quanto ela se sentia ressentida com os meus cuidados. E, honestamente, não a culpo. A vida dela não é a minha vida, e embora o meu único objetivo fosse prolongar a vida dela, tudo o que ela queria era uma vida mais preenchida.

Vejo movimento pelo canto do olho, por isso volto-me e vejo a Sydney a subir a rampa do camião com dois gelados na mão. Tem vestida uma das minhas t-shirts dos Sounds of Cedar que lhe cai dos ombros por ser demasiado grande. Se dependesse de mim, ela vestiria uma t-shirt minha para o resto das nossas vidas. Adoro vê-la com este visual descontraído.

Ela sorri e entrega-me um dos gelados. Tira a colher do dela, lambe-a e depois fica com ela na boca.

Sorrio.

— Acho que gosto mais do teu, e nem sequer sei de que sabor é.

Ela sorri, põe-se em bicos de pés e dá-me um beijo rápido nos lábios.

— *Oreo* — responde. Espeta a colher no gelado e acena com a cabeça para a folha de papel que eu tenho na mão. — Que é isso?

Olho para a lista, a pensar se devo partilhar algo que não é meu com ela.

— A lista de coisas a fazer da Maggie. Estava no chão.

Pouso-a na cómoda e agarro na mala.

— Obrigado pelo gelado.

Beijo-a na bochecha e saio do camião. Quando me volto, vejo que ela não vem atrás de mim.

Está a pegar na folha de papel.

22.

Sydney

Quando eu tinha 8 anos, fizemos uma viagem de carro até à Califórnia. O meu pai parou no Parque Nacional das Grutas de Carlsbad mesmo a horas do voo dos morcegos. Eu morri de medo e detestei cada segundo.

Quando tinha 11 anos, passámos duas semanas numa viagem de comboio pela Europa. Vimos a Torre Eiffel, fomos a Roma, visitámos Londres. Tenho na porta do frigorífico uma foto minha e da minha mãe que o meu pai nos tirou em frente ao Big Ben.

Até estive em Las Vegas com a Tori. Fomos lá quando fiz 21 anos e passámos lá uma noite porque não tínhamos dinheiro para mais, e o Hunter estava chateado por eu ter viajado no meu aniversário.

Fiz várias das coisas que estão na lista de coisas a fazer da Maggie, e, apesar de ter gostado das viagens, não lhes dei o devido valor. Nunca me passou pela cabeça fazer uma lista de coisas a fazer ou o que incluiria nela se o fizesse. Não faço planos com tanta antecedência.

Mas é exatamente isso. A Maggie também não. Mas «antecedência» tem significados diferentes para nós as duas.

Pouso o meu gelado em cima da cómoda e olho para o número sete da lista. *Bungee jumping*.

Eu nunca fiz *bungee jumping*. Não diria que figuraria na minha lista de coisas a fazer, mas esta lista é da Maggie, e o facto de ela me ter convidado para ir com ela dá-lhe outro significado.

Dobro a lista, agarro no meu gelado e depois desço do camião e subo até ao

apartamento do Ridge. Ele está na cozinha com o Warren. Estão encostados à bancada, a acabar os gelados. A Bridgette está provavelmente a tomar um duche porque cheirava a asas de frango. Vou até ao quarto da Maggie e ela está ajoelhada em frente à sua mala, a remexer o interior. Olha para cima e vê-me parada à porta.

— Posso entrar?

Ela anui com a cabeça, por isso entro e sento-me no colchão. Pouso o copo no chão ao lado do colchão e abro a lista dela.

— Encontrei isto — digo, segurando-a para que ela a veja.

Ela está muito perto de mim, por isso estica-se, agarra nela e depois fita-a. Faz uma careta, com ar de quem a acha completamente inútil, e atira-a para a cama.

— Eu era uma sonhadora. — Volta a focar-se na mala.

— Podes até pensar mal de mim — digo —, mas eu já estive em Paris, e talvez não o devesse admitir, mas a Torre Eiffel parece mesmo uma torre de transmissões enorme. É uma deceção.

A Maggie ri-se.

— Pois, se calhar não devias dizer isso a mais ninguém.

Ela fecha a mala e depois deita-se de barriga para baixo na cama. Agarra na lista e põe-na à sua frente.

— Risquei três destas coisas num dia.

Eu lembro-me do dia em que ela fez paraquedismo, porque foi há pouco tempo. O que significa... que o caso de uma noite também foi há pouco tempo. Estou curiosa, mas não sei se já me sinto à vontade para perguntar sobre a vida sexual dela.

— A maioria das coisas que escrevi são muito improváveis. Eu adoeço com muita facilidade para poder fazer uma viagem internacional.

Olho para a que diz Las Vegas.

— Porque é que queres perder cinco mil dólares em vez de ganhar cinco mil?

Ela deita-se de costas e olha para mim.

— Se eu tivesse cinco mil para perder, seria rica. E ser rica é algo implícito

na minha lista.

Rio-me.

— Planeias fazer mais alguma das coisas da lista que não o *bungee jumping*?

Ela abana a cabeça.

— É muito difícil para mim viajar. Tentei algumas vezes, e nunca fui muito longe. Tenho demasiado equipamento médico. Demasiada medicação com que me preocupar. Não é assim tão divertido para mim, mas não me apercebi disso quando fiz a lista.

Sinto-me mal por ela. Quase sinto vontade de alterar algumas dessas coisas só para as podermos fazer.

— Por quanto tempo consegues fazer uma viagem sem que se torne um inconveniente?

Ela encolhe os ombros.

— Consigo passar o dia fora. E provavelmente conseguiria passar umas duas noites fora, mas já conheço todos os lugares aqui perto. Porquê?

— Um minuto.

Levanto-me, vou à sala e pego numa caneta e num caderno de espiral que estão na mesa. Regresso ao quarto da Maggie, sentindo o Ridge e o Warren a observar-me o tempo todo. Volto-me e sorrio-lhes antes de voltar para a cama da Maggie. Pouso a lista em cima do caderno.

— Penso que, com algumas alterações, tudo isto é viável.

A Maggie apoia-se no cotovelo, curiosa com o que eu estou a fazer.

— Que tipo de alterações?

Passo os olhos pela lista. Paro nas Grutas de Carlsbad.

— O que é que te interessa em Carlsbad? Os morcegos ou as grutas?

— As grutas — responde ela. — Já vi morcegos uma dezena de vezes aqui em Austin.

— OK — digo, abrindo um parêntesis junto a «Grutas de Carlsbad» na lista. — Podias ir à Inner Space Cavern, em Georgetown. Não deve ser tão fixe como Carlsbad, mas é uma gruta.

A Maggie olha para a lista por instantes. Não percebo se acha que estou a

passar dos limites ao escrever na lista dela. Estou quase a devolver-lhe a lista e a pedir-lhe desculpa, mas ela inclina-se para a frente e aponta para a Torre Eiffel.

— Há uma imitação da Torre Eiffel em Paris, no Texas.

Sorrio quando ela diz isso, porque isso significa que estamos em sintonia. Escrevo «Torre Eiffel em Paris, Texas» junto ao número nove.

Volto a passar a caneta pela lista e paro no número três. «Ver a aurora boreal.»

— Já ouviste falar das Luzes de Marfa, no oeste do Texas?

A Maggie abana a cabeça.

— Duvido que seja a mesma coisa, mas ouvi dizer que podemos acampar lá e vê-las.

— Interessante — responde a Maggie. — Escreve.

Escrevo «Luzes de Marfa» entre parêntesis junto a «aurora boreal». Ela aponta para o número quatro. Comer esparguete em Itália.

— Não há algures no Texas uma cidade chamada Italy?

— Há, mas é muito pequena. Nem sei se terão um restaurante italiano, mas é perto de Corsicana, por isso dá para comprar lá o esparguete e comê-lo num parque em Italy.

A Maggie ri-se.

— Parece patético, mas fácil de fazer.

— Que mais? — pergunto, passando os olhos pela lista.

Ela aparentemente já conduziu um carro de corrida e teve um caso de uma noite, assunto que evitamos mencionar com sucesso. O único item que nos falta alterar é Las Vegas. Aponto para ele com a caneta.

— Há casinos nos arredores de Paris, Texas. Tecnicamente, podias simplesmente ir até lá depois de ires visitar a imitação da Torre Eiffel. E talvez devesses — risco dois dos zeros — perder apenas cinquenta dólares em vez de cinco mil.

— Há casinos no Oklahoma? — pergunta ela.

— Enormes.

A Maggie tira-me a lista e olha para ela. Sorri enquanto a lê, depois tira-me

o caderno e a caneta das mãos. Pousa a lista em cima do caderno. No topo da lista diz: *Coisas Que Quero Fazer. Talvez Um Dia...*

A Maggie risca parte do título e altera-o para *Coisas Que Quero Fazer. Talvez Agora.*

23.

Maggie

Hoje ralharam comigo.

É a primeira vez que vou a uma consulta com a minha médica desde que ela saiu do meu quarto de hospital, mesmo antes de eu fugir. Passei a primeira metade da consulta a pedir-lhe desculpa e a prometer-lhe que iria levar as coisas mais a sério a partir de agora. A segunda metade da consulta foi passada com diferentes especialistas. Quando se tem fibrose quística, toda a equipa vem ter connosco a um único local, pois não é seguro estar em diferentes salas de espera para ir a vários especialistas. É uma das coisas que adoro na minha médica, e de que não beneficiei quando vivia em San Antonio. Acho mesmo que será mais fácil cuidar da minha saúde agora que estou de volta a Austin. Só tenho de impedir que a minha frustração com esta doença fale mais alto do que a minha força de vontade. O que é difícil, porque eu fico frustrada facilmente.

Estive fora a maior parte do dia, mas, quando chego ao apartamento, fico surpreendida ao ver o carro do Ridge. Ele tem estado quase sempre em casa da Sydney. Hoje é sexta-feira, e estava combinado que me mudaria amanhã, mas passou para domingo. Tenho a certeza de que o Ridge vai ficar satisfeito por poder voltar para a cama dele.

Ou não. Duvido que esteja muito chateado por passar tanto tempo em casa da Sydney.

Quando abro a porta da sala, estão os dois no sofá. O Ridge tem um livro à frente dele e os pés apoiados na mesa de centro. A Sydney está encostada a

ele, a olhar para as palavras nas páginas enquanto ele lê em voz alta.

O Ridge está a ler. Em voz alta.

Fico a olhar para eles por instantes. Ele tem dificuldades com uma palavra, e a Sydney faz com que ele olhe para ela enquanto diz a palavra. Está a ajudá-lo a pronunciar as palavras. É um momento tão íntimo que eu só quero estar longe daqui, mas, ao fechar a porta, chamo a atenção da Sydney. Ela olha para mim, endireita-se e afasta-se um pouco do Ridge. Eu reparo nisso. E ele também, pois interrompe a leitura e segue o olhar da Sydney até me ver.

— Olá.

Sorrio e pouso a mala na bancada.

— Olá — diz a Sydney. — Como correu a consulta?

Encolho os ombros.

— De um modo geral, correu bem. Mas passei a maior parte do tempo a ouvir um raspanete. — Tiro uma garrafa de água do frigorífico e depois dirijo-me ao meu quarto provisório. — Mas foi merecido.

Já no quarto, fecho a porta. Caio na cama porque é a única coisa que há lá. Nem sequer tenho uma cómoda, uma televisão ou uma cadeira. Apenas eu e a cama, e uma sala onde me sinto ligeiramente desconfortável.

Não porque o Ridge está lá com a Sydney. Não me importo de os ver juntos. O que me incomoda nisso é que vê-los juntos me recorda o Jake, e sinto um pouco de inveja por não sermos eu e o Jake aninhados num sofá algures. Sinto que o Ridge e a Sydney ficam bem juntos, tal como eu e o Jake ficamos bem juntos. Ou *poderíamos* ter ficado.

É interessante para mim, ao olhar para trás, ver como eu e o Ridge éramos errados um para o outro. E não porque haja algo de necessariamente errado connosco como indivíduos. Apenas não realçávamos o melhor lado um do outro. Não como a Sydney faz com ele. Quer dizer, ele está sentado num sofá a ler-lhe. E está a fazê-lo porque quer aperfeiçoar a voz. Esse não é um lado dele que eu alguma vez tenha realçado. Ou mesmo encorajado. No passado, conversámos sobre o motivo por que ele não verbalizava, mas ele encolhia sempre os ombros e dizia que não gostava de o fazer. Nunca lhe pedi uma explicação mais profunda.

Lembro-me do dia em que estava no hospital e encontrei todas as mensagens entre ele e a Sydney. Não as li todas naquele momento porque, sinceramente, não queria. Estava magoada e um pouco surpreendida. Mas, quando cheguei a casa, li todas as palavras. Mais do que uma vez. E a conversa que mais me magoou foi quando o Ridge explicou à Sydney o nome da banda Sounds of Cedar.

E doeu tanto porque percebi que, durante todos os anos do nosso namoro, nunca perguntei ao Ridge de onde surgira o nome da banda. E, por causa disso, nunca soube exatamente o quanto ele tinha feito pelo Brennan quando eles eram mais novos.

A certa altura, desejei nunca ter lido muitas das coisas que li. Com todas as *iMessages* e mensagens do Facebook, fiquei ali sentada durante horas a ler. Mas ler tudo isso também me deixou algo muito claro: o Ridge era muito mais do que aquilo que eu conhecia. Apesar de conhecer a Sydney há tão pouco tempo, houve coisas que ele partilhou com ela que nunca partilhou comigo durante os seis anos em que namorámos. E não era porque o Ridge me estivesse a esconder alguma coisa sobre si ou sobre o seu passado, ou a mentir de alguma forma. Eram apenas coisas sobre as quais nunca conversámos a fundo o suficiente para descobrir. Ocorreu-me que talvez não partilhássemos essas coisas porque elas eram sagradas para nós. E só partilhamos as coisas realmente sagradas com as pessoas que atingem um nível profundo connosco.

Eu não atingi esse nível com o Ridge como a Sydney. E o Ridge não o atingiu comigo.

Acabei por decidir terminar a nossa relação por causa da ligação deles. Não por a terem desenvolvido... mas porque eu e o Ridge nunca a tínhamos tido.

As pessoas deviam despertar o melhor umas nas outras. Eu não despertei o melhor no Ridge. Ele não despertou o melhor em mim. Mas agora vejo a Sydney no sofá com ele, a ajudá-lo. Ela desperta o melhor nele.

Reparei como ela se afastou quando percebeu que eu estava na sala com eles. Incomoda-me que ela sinta que tem de fazer isso. Quero que ela saiba que não se devem sentir obrigados a esconder as suas demonstrações de

afeto de mim. Na verdade, estranhamente, gosto de ver o quanto gostam um do outro. Assim fico mais tranquila por saber que tomei a decisão certa quando não permiti que o Ridge usasse a minha doença como desculpa para ficar comigo.

Levanto-me e volto à sala. A única coisa que vai aliviar o constrangimento que sentimos quando estamos todos juntos é passarmos mais tempo juntos no mesmo sítio. Se eu me esconder no quarto, não iremos a lado nenhum.

Infelizmente, o Ridge já não está no sofá com a Sydney quando entro na sala. Ela está na cozinha, a remexer num armário. O Ridge já não está na sala.

Dirijo-me à bancada e sento-me, a olhar para a Sydney.

— O que é que vão fazer amanhã? — pergunto-lhe.

Ela vira-se, pondo a mão no coração.

— Assustaste-me. — Ri-se e fecha o armário. — Acho que todos nós estávamos a planear ajudar-te com as mudanças amanhã, por isso agora o dia está livre, já que só te vais mudar no domingo.

— Que queres dizer com *todos nós*? O Warren amanhã também está livre?

Ela assente com a cabeça.

— E a Bridgette também. Mas acho que ela não vai propriamente ajudar com a mudança.

Rio-me.

— Eu ficaria chocada se ajudasse.

— É verdade. Porque é que perguntas? — diz a Sydney. — Tens alguma coisa em mente?

Encolho os ombros.

— Nada específico. Só pensei... Sei lá. Talvez fosse bom para todos nós passarmos mais tempo juntos. Agora que... bem...

A Sydney anui com a cabeça, como se achasse o mesmo.

— Agora que a dinâmica mudou e é tudo muito estranho?

— Pois. Isso.

A Sydney ri-se e depois encosta-se à bancada, pensativa.

— Hum... talvez pudéssemos ir fazer aquela coisa das grutas. Em

Georgetown.

— Estava mais a pensar num almoço — admito. — Não esperava que passassem o sábado todo comigo.

— Mas a ideia das grutas parece gira.

Inclino a cabeça, à procura de um sinal de que ela estava apenas a tentar ser educada. Por vezes, ela parece simpática e compreensiva demais, a ponto de eu ficar desconfiada. Mas sinto que está a ser autêntica. Talvez algumas pessoas simplesmente não se deixem vencer tanto pelo ciúme como outras. Como se pressentisse a minha desconfiança, a Sydney continua a falar.

— Lembras-te da noite do aniversário do Warren?

Anuo com a cabeça.

— Estás a falar da noite em que achei que o teu sutiã era giro e estupidamente queria que o Ridge também o visse?

A Sydney encolhe-se um pouco.

— Essa noite — confirma ela. Olha para as mãos, juntas, na bancada à sua frente. — Diverti-me muito contigo nessa noite, Maggie. Diverti-me mesmo. Na altura, achei que poderíamos vir a ser amigas, e sentia-me animada, porque precisava mesmo de uma amiga depois do que a Tori me tinha feito. Mas dei cabo dessa oportunidade quando desrespeitei o código feminino e beijei o teu namorado. — Ela olha para mim. — Odiei-me por ter arruinado o que poderia ter sido uma boa amizade entre nós. E agora, meses depois, aqui estamos nós. E, por algum motivo, tu estás a estender-me um ramo de oliveira. Por isso, sim, um almoço amanhã parece-me bem. Mas também quero muito ir às grutas, por isso, se me conseguires mostrar uma *oliveira inteira*, acho que vai ser divertido.

Ela parece nervosa enquanto espera pela minha resposta. Não a faço esperar muito, porque não quero que fique nervosa. Ou constrangida, ou culpada, ou qualquer outra coisa que ela não mereça sentir. Sorrio.

— Tu não arruinaste nada ao desrespeitar o código feminino, Sydney.

As minhas palavras provocam-lhe um sorriso.

— Mas aposto que nunca mais vais trazer nenhum homem para perto de mim. E eu entenderia.

— Estou farta de homens — respondo-lhe com uma gargalhada. — Especialmente depois do que fiz ao último.

A Sydney ergue as sobrancelhas, curiosa, e eu de repente percebo que falei mais do que devia. Não quero falar do Jake, mas, pelo ar dela, ela quer pormenores.

— Foi o teu caso de uma noite?

Assinto com a cabeça. Ficara surpreendida por ela não ter perguntado quando estávamos a alterar a minha lista de coisas a fazer no outro dia.

— É. Chama-se Jake. Passei-me com ele.

— Porquê?

— Ele fez-me o pequeno-almoço.

A Sydney olha para mim fingindo estar horrorizada.

— Oh, como é que ele se *atreveu*? — diz ela.

Eu rio-me com o sarcasmo dela e depois levo as mãos ao rosto.

— Eu sei. Eu *sei*, Sydney. E eu tentei retificar isso uns dias depois, mas acabei no hospital e descobri que ele tem um filho e, sei lá... nessa altura pareceu-me absurdo tentar ir atrás dele.

— Porquê? Não gostas de crianças?

— Não é nada disso. Eu estava ali, naquele quarto de hospital, e ouvi-o lá fora a falar com o filho ao telefone, e nesse momento pareceu-me tudo demasiado real. Como se não fosse apenas ele, que é lindo e inteligente e divertido, a entrar na minha vida, mas o filho dele também, que me pareceu um bom menino, e eu... fiquei com medo.

— De quê?

Suspiro. É uma boa pergunta, porque nem eu sei bem porque é que continuei a afastá-lo.

— Acho que os meus medos falaram mais alto. Disse a mim mesma que não lhe queria partir o coração nem ser um peso para ele. Mas, honestamente, tenho mais medo de que ele me parta o meu. Quando percebi o quanto gostava dele, notei que talvez a maioria das pessoas não seja tão dedicada como o Ridge, nem esteja disposta a aguentar tudo o que um relacionamento comigo envolveria. Fiquei apavorada com a ideia de que

poderia ser ele a deixar-me, por isso fi-lo primeiro. Talvez eu não quisesse que as coisas com ele acabassem mal. Sei lá. Não há um único dia em que não questione a minha decisão.

A Sydney fica a olhar para mim em silêncio por momentos.

— Se pudesses, sabendo que o teu relacionamento com o Ridge acabaria, voltarias atrás no tempo para não passares aqueles seis anos com ele?

Não preciso de tempo para lhe responder. Abano a cabeça.

— Não. É claro que não.

A Sydney encolhe os ombros, com ar de entendida.

— Se as coisas acabassem mal entre ti e esse tal Jake, duvido que também quisesses voltar atrás no tempo para não ficar com ele. A nossa vida não deve girar em torno de possíveis finais. Deve girar em torno das experiências que *levam* a esses finais.

Ficamos em silêncio por instantes.

As palavras dela ficam na minha cabeça. Ficam agarradas a mim. Absorvidas pela minha pele.

Ela tem razão. E apesar de o meu objetivo ser viver a vida sem me focar no fim, acabo por voltar sempre a isso. Especialmente no que se refere ao Jake. Não sei porque é que me tento convencer de que não posso ter as duas coisas: viver o mais plenamente possível *e* viver outro relacionamento. Não é que eu não possa ter as duas coisas.

— Talvez lhe devas dar outra oportunidade — sugere a Sydney.

Deixo a cabeça cair para trás com um suspiro.

— Coitado — digo. — Já mudei tantas vezes de ideias em relação a ele que vou deixá-lo louco.

A Sydney ri-se.

— Bem, certifica-te de que não o voltas a fazer.

Respiro fundo e levanto-me.

— OK. Vou ligar-lhe.

A Sydney sorri, e eu tento ignorar os meus nervos enquanto me dirijo ao quarto. Pego no telemóvel e abro os meus contactos. A minha mão começa a tremer quando seleciono o contacto dele. Encosto-me à porta do quarto e

fecho os olhos depois de carregar no contacto dele e pôr o telefone em alta-voz.

Toca duas vezes e depois vai imediatamente para o correio de voz.

Ele acabou de rejeitar a minha chamada.

É um golpe fulminante, mas devo merecê-lo. Fico à espera da voz dele.

«Olá, está a ligar para o Dr. Jacob Griffin. Por favor, deixe uma mensagem detalhada e eu devolverei a chamada logo que possível.»

Espero pelo sinal. E depois gaguejo.

— Olá, Jake. É a Maggie. Carson. Hum... liga-me se puderes. Ou se quiseres, na verdade. Se não o fizeres, eu percebo. Eu só... Pois. OK. Adeus.

Mal desligo a chamada, grunho e deixo-me cair no colchão. Não acredito que ele rejeitou a minha chamada. Mas, na verdade, até acredito. E agora a única coisa que poderia fazer com que ele mudasse de ideias é uma mensagem nervosa e embaraçosa que deve estar a ouvir neste momento.

Mergulho em autocomiseração por instantes, mas depois levanto-me da cama e dirijo-me à sala. A Sydney ainda está junto à bancada, mas o Ridge voltou. Está a mostrar-lhe algo no telemóvel, mas a Sydney dirige a atenção para mim mal eu saio do quarto. Acabo com a curiosidade dela.

— Ele rejeitou a minha chamada.

Ela faz uma careta.

— Oh. Talvez esteja ocupado.

Abano a cabeça e deixo-me cair no sofá, olhando para o teto.

— Ou talvez tenha percebido que sou uma louca que o expulsou de casa antes mesmo de ele ter acabado de fritar o *bacon*.

— Pois, também é possível — responde ela.

Cubro o rosto com o braço e tento pensar em todos os motivos pelos quais ele não merece todo este remorso.

Não encontro nada. Ele merece todo o meu remorso.

Passaram-se duas horas. Eu tomei um duche, vesti o pijama e olhei para o telemóvel cinco mil vezes. O Ridge saiu para ir buscar o jantar para todos. A

Bridgette e o Warren estão aqui, e estão sentados no sofá comigo. O Warren está no meio e a Bridgette está do outro lado do Warren. Eu estou a jogar *Toy Blast* no telemóvel, mas não por estar interessada no jogo. Estou apenas obcecada em olhar para o telemóvel. À espera. Na esperança.

— *Libidos Lésbicas*? — pregunta o Warren.

— Bem longe — responde a Bridgette.

Olho para eles, e pergunto-me por que raio está ele a dizer nomes estranhos, provavelmente de filmes pornográficos. Está a ler uma lista no telemóvel.

— *Boazudas em Bali*?

A Bridgette ri-se deste.

— Se eu pudesse ir a Bali para filmar um filme porno, não trabalharia no Hooters.

O Warren vira-se para ela.

— Espera — diz ele. — Há quanto tempo trabalhas no Hooters? É um filme relacionado com o Hooters?

Pronto, agora estou a olhar para eles. *De que raio estão a falar?*

A Sydney está na mesa cozinha a fazer o trabalho de casa. Aparentemente, percebe a minha confusão, porque me dá uma explicação.

— A Bridgette beijou uma miúda num filme porno, e recusa-se a dizer ao Warren o nome do filme. E agora essa tornou-se a missão da vida dele.

Uau.

— Isso explica muita coisa — digo.

O Warren olha para mim.

— Quantos filmes porno achas que são filmados por ano?

Encolho os ombros.

— Não faço a mais pequena ideia.

— Montes deles. Essa é a resposta.

Eu anuo com a cabeça e volto a prestar atenção ao *Toy Blast*. Nem sequer quero imaginar a quantidade de filmes porno que o Warren se sente obrigado a ver.

Alguém bate rapidamente à porta. O Brennan entra e eu levanto-me, animada por vê-lo. Acho que não o vejo desde a festa de aniversário do Warren.

— Maggie? — Ele abraça-me imediatamente, depois leva as mãos aos meus ombros e afasta-me ligeiramente. — Que estás a fazer aqui?

Aponto com a mão para o antigo quarto da Bridgette.

— Estou a passar alguns dias aqui até o meu apartamento estar pronto.

Ele abana a cabeça.

— Apartamento? Onde? *Aqui*?

A confusão dele é genuína. Surpreende-me que o Ridge não lhe tenha contado. Ele olha para a mesa e vê a Sydney. Solta os meus ombros e dá um passo atrás, olhando para mim. Depois olha em volta da sala.

— Onde está o Ridge?

— Foi buscar o jantar — responde o Warren. — Tacos. Nham, nham.

Volto a sentar-me no meu lugar no sofá e verifico se tenho alguma chamada perdida, apesar de o telemóvel estar com som. Nada. Volto a olhar para o Brennan, que está a coçar a cabeça, confuso. Está literalmente a coçar a cabeça. Isso dá-me vontade de rir.

— Vais mudar-te para o mesmo complexo do Ridge? — pergunta ele. Depois olha para a Sydney. — Tu não te importas com isso? — Olha de novo para mim. — O que é que se passa?

Eu olho para a Sydney e ela está a tentar esconder um sorriso.

— Bem-vindo à maturidade, Brennan — responde a Sydney.

— *Mamas Sensuais*? — pergunta o Warren à Bridgette.

Todos olhamos para ele. Ele encolhe os ombros inocentemente.

— Ei, não sou eu que sou maduro. Nem olhem para mim.

O Ridge chega com os tacos e o Brennan esquece-se imediatamente da novidade que acabou de o confundir, e o Warren levanta-se do sofá, esquecendo totalmente os filmes pornográficos.

Os tacos têm o poder de amenizar praticamente qualquer problema. Agora estou convencida disso.

Estou a servir-me quando o meu telemóvel começa a tocar.

— Oh, meu Deus — sussurro.

A Sydney está ao meu lado.

— Oh, meu Deus — diz ela.

Corro para a sala. O nome do Jake pisca no ecrã. Olho para a Sydney, de olhos arregalados.

— É ele.

— Atende! — grita ela.

Olho para o telemóvel.

— Quem é? — pergunta a Bridgette.

— Um tipo de quem a Maggie gosta. Ela achou que ele não lhe ia ligar.

Olho para a Bridgette, e agora ela está a olhar para mim com expectativa.

— Então, atende — diz ela, acenando para o telefone, aborrecida comigo.

— Maggie, atende! — diz a Sydney.

Adoro vê-la tão nervosa como eu.

Engulo os nervos, pigarreio, e depois passo o dedo pelo ecrã.

Dirijo-me ao quarto, entro e fecho a porta.

— Estou?

Apesar de ter pigarreado antes, não fez diferença nenhuma, a minha voz está a tremer de nervosismo.

— Olá.

Deixo a cabeça encostar-se à porta do quarto quando ouço a voz dele. Sinto-a por todo o meu corpo.

— Desculpa ter rejeitado a tua chamada antes — diz ele. — Estava numa reunião. Esqueci-me de pôr o telemóvel em silêncio.

A confissão dele faz-me sorrir. Pelo menos não foi por ter ficado chateado com a minha chamada.

— Não faz mal — respondo. — Como é que estás?

Ele suspira.

— Bem. Estou bem. E tu?

— Eu também. Mudei-me para Austin há alguns dias, por isso tenho andado ocupada.

— Mudaste-te? — pergunta ele, não esperando essa resposta da minha

parte. — Que... pena.

Aproximo-me da cama e sento-me.

— Não, nem por isso. Tenho uma regra que diz que não posso namorar com ninguém que tenha o mesmo código postal que eu, por isso é algo bom. Assim não me sinto assoberbada.

Ele ri-se.

— Maggie, estou demasiado ocupado para assoberbar alguém, nem que morássemos na mesma rua.

— Acho que vais sempre assoberbar-me um pouco, Jake. Fomos para a cama. Estás longe de *não* me assoberbar.

Esperava que ele se risse, mas não o faz.

— Fico feliz por teres ligado — diz com uma voz suave.

— Eu também.

Deito-me na cama e pouso a mão na barriga. Acho que a última vez que fiquei assim tão nervosa a falar com um homem foi... nunca. Não consigo processar tudo o que a voz dele provoca na minha barriga, por isso apenas pouso lá a mão, como se isso acalmasse a tempestade que está a formar-se dentro de mim.

— Não posso falar muito — diz ele. — Ainda estou no trabalho. Mas tenho de te dizer uma coisa antes de ir.

Exalo silenciosamente enquanto me preparo para o impacto da rejeição.

— OK — sussurro.

Ele respira fundo.

— Acho que tu não sabes o que queres. Aceitas sair comigo, mas, no nosso encontro, dizes-me que não me queres voltar a ver. Mas depois temos uma noite de sexo incrível. E tu expulsas-me na manhã seguinte antes mesmo de eu acabar de fazer o pequeno-almoço. Uns dias depois, apareces no meu consultório, e depois voltas a mandar-me embora no mesmo dia no hospital. Agora deixas-me uma mensagem. A única coisa que te peço é alguma coerência. Nem que essa coerência seja nunca mais falar comigo. Eu preciso... Eu preciso de coerência.

Fecho os olhos, anuindo para mim própria. Ele tem razão. Tem tanta razão

que me surpreende o facto de me ter devolvido a chamada.

— Eu respeito isso. E posso fazer isso.

Ele fica em silêncio por momentos. Gosto do silêncio dele. É como se o sentisse mais no silêncio. Quase meio minuto se passa sem que nenhum de nós diga uma palavra.

— Tive vontade de te ligar todos os dias.

Estas palavras fazem-me mais franzir o sobrolho do que sorrir, pois sei exatamente o que ele tem sentido, e não gosto de o fazer sentir assim.

— Eu quis pedir-te desculpa todos os dias — admito.

— Não tens de pedir desculpa — diz ele. — Tu estavas segura de que não querias nenhum relacionamento. Mas depois encontraste-me e tivemos uma noite tão boa juntos que ficaste confusa. Gosto de sentir que sou o tipo que atrapalhou os teus planos.

Rio-me.

— Tens uma maneira peculiar de olhar para a minha total indecisão. Gosto disso.

— Imaginei que sim. Ouve, tenho de ir — diz ele. — Queres que te ligue esta noite?

— Na verdade... estás ocupado amanhã?

— Tenho de ir a uma palestra no hospital. Das oito às dez. Mas estou livre depois disso.

— Vais estar livre o dia todo?

— O dia todo — responde ele.

Acho que nunca convidei um tipo para um encontro antes. Esta é capaz de ser a primeira vez.

— Amanhã vou com uns amigos a Georgetown. À Inner Space Cavern. Podias ir connosco, se quisesses. Ou podíamos fazer algo depois, se achares que ir visitar umas grutas com pessoas que não conheces é um pouco estranho.

— Não será estranho se estiveres lá. Posso estar em Austin o mais tardar ao meio-dia.

Estou a sorrir como uma idiota.

— Está bem, eu mando-te a morada por mensagem.

— OK — responde ele. Quase consigo ouvir o sorriso na sua voz. — Até amanhã, Quinhentos.

Fico a olhar para o telemóvel depois de ele desligar, a traçar o meu sorriso. Como é que ele me faz sentir tantas coisas mesmo pelo telefone?

Todos olham para mim quando eu entro na sala, e a Sydney para de mastigar.

— Acho que amanhã teremos de ir em dois carros, para cabermos todos — digo depois de tirar dois tacos do saco que está na cozinha.

É só o que digo, mas, quando olho para a Sydney, ela está a sorrir.

Assim como a Bridgette, mas o sorriso dela é muito mais sinistro.

— Isto vai ser giro. Um brinquedo novo para o Warren.

Olho para o Warren. Depois volto a olhar para a Bridgette. O Jake terá de passar o dia com estes dois amanhã. O dia todo.

O que é que me passou pela cabeça?

24.

Ridge

Foi uma semana boa. *Finalmente*. Fiquei em casa da Sydney nas últimas noites, e honestamente... não quero sair. Adoro dormir ao lado dela. Adoro acordar ao lado dela. Adoro não fazer absolutamente nada com ela. Mas também sei que é uma relação muito recente e que parece estar a avançar à velocidade da luz, por isso a última coisa de que precisamos é de morar juntos.

Amanhã será a última noite que fico aqui antes de voltar para o meu apartamento. Estou chateado, pois preferia ficar aqui com a Syd a estar num apartamento com o Warren e a Bridgette. Mas é isso que vai acontecer, pois não quero que esta relação avance ainda mais depressa. Quando começarmos a morar juntos, será para sempre. Quero esperar até que a Sydney tenha vivido uns tempos sozinha antes desse tipo de compromisso.

Acabo de lavar os dentes e depois dirijo-me à sala. A Sydney está no sofá com o computador ao colo. Vê-me a entrar e dá-me espaço para que me sente no sofá ao lado dela. Como numa dança fluida, eu sento-me e ela mexe-se e ficamos nas posições que ao longo da semana se tornaram habituais. Eu meio deitado, meio sentado, encostado ao braço do sofá, e ela deitada com as costas no meu peito e o meu braço à volta dela.

Não conseguimos comunicar muito bem nesta posição pois não estamos de frente um para o outro, por isso conversamos por mensagem. Ela no portátil, eu no telemóvel. No entanto, parece algo natural. E gosto de passar assim a noite, porque ela usa os auscultadores e ouve música no portátil

enquanto conversamos. Gosto quando ela ouve música. Gosto de ver os pés dela a mexer ao som da música. Gosto de sentir a sua voz no meu peito quando ela canta. Está a cantar neste momento, enquanto passa os olhos pelo iTunes no portátil. Tem o último álbum dos Sounds of Cedar aberto. Lançaram-no como álbum *indie* umas semanas depois de a Sydney ter ido morar connosco, por isso nada do que ela me ajudou a escrever está neste álbum. As canções que escrevi com a Sydney ainda não foram oficialmente lançadas.

Isso não significa que nenhuma das canções deste álbum tenha sido inspirada nela. Ela é que não sabe. Vejo-a a abrir a aplicação de mensagens e escrever uma mensagem.

Sydney: Posso fazer-te uma pergunta?
Ridge: Já te disse que não devias perguntar se podes perguntar alguma coisa.
Sydney: Acabei de te chamar idiota em voz alta.

Rio-me.

Sydney: A canção «Cego». Inspiraste-te na Maggie?

Desvio os olhos de telemóvel e olho para ela. Ela inclina a cabeça e olha para mim, com os olhos cheios de curiosidade genuína. Anuo com a cabeça e volto a olhar para o telemóvel, sem vontade de falar das canções que escrevi sobre a Maggie.

Ridge: Sim.
Sydney: Ela ficou zangada?
Ridge: Acho que não. Porquê?
Sydney: A letra. Especificamente a parte que diz «Cem motivos para a dor e apenas um na minha mente. Quando é que olhar por ti me fez ficar cego?»
Sydney: Achei que, se ela ouvisse isso, iria entender o que tu querias

dizer e ficaria magoada.

Por vezes penso que a Sydney compreende melhor as minhas letras do que eu.

Ridge: Se a Maggie o interpretou à letra, nunca o mostrou. A minha escrita é muito honesta. Tu sabes isso. Mas acho que a Maggie não sabe isso. Ela não achava que tudo o que eu escrevia era o que realmente sentia. Mas é, de uma forma ou de outra.
Sydney: Será que isso vai ser um problema entre nós? Porque eu vou dissecar todas as letras que escreveres. Só para saberes.

Rio-me com o comentário dela.

Ridge: É essa a beleza das letras. Podem ser interpretadas de maneiras diferentes. Eu podia escrever uma canção e tu nunca saberias que tinha sido inspirada em ti.

Ela abana a cabeça.

Sydney: Saberia, sim.

Sorrio. Porque ela está enganada.

Ridge: Põe a tocar a terceira música do álbum, chamada «Por Um Instante».

A Sydney carrega no *play* e depois manda-me uma mensagem.

Sydney: Conheço esta música de cor.
Ridge: E achas que sabes de que trata?
Sydney: Sim. É sobre quereres escapar por algum tempo com a Maggie. Talvez seja uma música sobre a doença dela e como desejavas poder escapar de tudo isso.
Ridge: Estás enganada. Esta música foi inspirada em ti.

Ela para, inclina a cabeça e olha para mim. Parece confusa, e com razão. Esta canção foi lançada depois de ela ir morar lá para casa, e talvez por isso ela achasse que nenhuma das músicas se tinha inspirado nela. Começa a bater com os dedos no teclado, enquanto escreve uma resposta.

Sydney: Como é que esta música é sobre mim? Tinhas de a ter escrito antes mesmo de eu ter ido morar para tua casa. Eles já estava a tratar deste álbum quando eu me mudei para lá.
Ridge: Tecnicamente, esta música não é sobre ti. Apenas foi inspirada em ti. A música é mais sobre mim, e como às vezes estar na varanda a tocar para uma miúda do outro lado do pátio era o meu escape. Era aquela a altura dos meus dias em que eu não me sentia tão stressado. Ou preocupado. Eu não te conhecia. Tu não me conhecias. Mas todos os dias nos ajudávamos mutuamente a fugir um bocadinho dos nossos mundos. A música é sobre isso.

A Sydney para imediatamente a música e volta a pô-la do início. Procura a letra no Google e lê-a enquanto ouve.

POR UM INSTANTE

Não sei o que poderás querer
Mas se me disseres, fá-lo-ei acontecer
Oh, por um instante
Oh, por um instante

Algo mudará quando o sol raiar
As preocupações ir-se-ão embora
Eu vou ficar bem, tudo irá melhorar
Tu e eu seremos um só agora
Oh, por um instante
Oh, por um instante

Sabes, por um instante
Oh, por um instante

Por um instante fico bem sozinho
Por um instante sigo o meu caminho
Por um instante posso aqui ficar
Por um instante antes de abalar

Por um instante vou aqui ficar
Por um instante vou ficar cá fora
Por um instante vou ficar bem

Vou ficar bem
Por um instante
Por um instante
Por um instante

Quando a música termina, ela fecha a letra e leva uma mão ao olho, talvez para limpar uma lágrima. Afago-lhe o cabelo com o dedo enquanto ela escreve.

Sydney: Porque é que nunca me disseste que esta canção era sobre nós?

Inspiro e expiro, afastando a mão do cabelo dela para poder responder-lhe.

Ridge: É a primeira música inspirada em ti enquanto eu estava com a Maggie. Era inocente, porque nunca tínhamos falado na altura, mas esse sentimento fazia-me sentir culpado. Esta música era a minha verdade e acho que o tentei esconder, até de mim próprio.
Sydney: Eu percebo. De certa forma, a música faz-me sentir pena de ti. Como se estivesses a viver uma vida da qual precisasses de uma pausa.
Ridge: Quase toda a gente precisa de uma pausa da sua vida de vez em quando. Eu estava satisfeito com a minha vida até te conhecer. Tu sabes isso.
Sydney: Continuas satisfeito com a tua vida?
Ridge: Não. Eu estava satisfeito antes de te conhecer. Mas agora estou loucamente feliz com a minha vida.

Inclino-me para a frente e dou um beijo no cabelo da Sydney. Ela inclina-se para trás e dá-me acesso aos lábios dela, mas de cabeça para baixo. Eu beijo-a, e ela ri-se contra a minha boca antes de levantar a cabeça e voltar a atenção para o teclado.

Sydney: O meu pai costumava dizer: «Uma vida de mediocridade é uma vida desperdiçada.» Eu costumava odiar quando ele dizia isso, porque só o dizia para me provar que eu não devia ser professora de música. Mas agora percebo. Eu ficaria satisfeita com ser professora de música. Mas ele queria que eu sentisse paixão pela minha carreira. Sempre achei que isso era suficiente... estar satisfeita. Mas agora tenho medo de não ser.
Ridge: Estás a pensar em mudar de curso?

A Sydney anui com a cabeça, mas não escreve a resposta.

Ridge: Para qual?
Sydney: Ultimamente tenho pensado entrar em psicologia. Ou algum tipo de terapia. Mas já estou tão avançada no meu curso que praticamente teria de começar tudo de novo.
Ridge: As paixões das pessoas mudam. Acontece. Eu acho que se te imaginas a fazer outro tipo de trabalho que não dar aulas de música, é melhor que aconteça agora do que daqui a dez anos. E... para que conste... eu acho que darias uma psicóloga fantástica. És boa com a música, sem dúvida. Mas és incrível com as pessoas. Até podias combinar os dois cursos e fazer terapia musical.
Sydney: Obrigada. Mas não sei. Começar de novo parece tão assustador, especialmente porque tenho de fazer o mestrado. O que significa que terei dificuldades financeiras durante mais cinco anos. E isso também será problema teu, se alguma vez morarmos juntos. Não terei muito dinheiro para ajudar a pagar as contas. É muita coisa em que pensar. Se me mantiver no curso em que estou, acabarei em menos de um ano.
Ridge: Não precisamos de muito. Acho mais importante fazeres o que o teu coração te mandar. Desde que faças o que realmente queres fazer, eu

farei o que puder para te ajudar a ir até ao fim. Quer seja no próximo ano com uma formação em educação ou daqui a dez anos, depois de um doutoramento.

Sydney: Vou juntar isso ao meu ficheiro Coisas que o Ridge Diz. Caso tenha de me recordar no futuro. Porque se eu mudar de curso, vou ficar completamente falida. Tão falida que nem sequer conseguirei comprar roupas novas. Daqui a cinco anos ainda vou estar a usar esta t-shirt.

Ridge: Mesmo a desbotar, as roupas vão parecer sempre novas em ti.

Sinto-a a rir-se.

Sydney: Oh, essa é boa. Devias pôr isso numa música.

Ridge: Vou pôr. Prometo.

Ela tira o portátil do colo e vira-se, vindo para cima de mim. Beija-me.

— Queres gelado? Eu quero sobremesa.

Abano a cabeça.

— Como um bocado do teu.

Ela beija-me de novo e depois levanta-se e dirige-se à cozinha. Eu ajeito-me no sofá e abro uma mensagem para o Warren.

Ridge: A que horas saímos amanhã?

Warren: Não sei. Vou escrever uma mensagem de grupo e perguntar à Maggie.

Warren: Maggot, a que horas saímos para as grutas amanhã?

Maggie: Se me chamares isso outra vez, vou usar a água quente toda esta noite. Não sei. Depois do almoço. O Jake só pode estar aqui ao meio-dia.

Ridge: Almoçamos pelo caminho ou comemos antes?

Maggie: Comemos pelo caminho. Vou sentir-me mal se ele chegar aqui e ainda não tiver comido.

Warren: OK. Almoço. Venham com fome. Ridge, tu e a Syd vêm aqui ter ou querem que vos vá buscar?

Ridge: Podemos ir aí ter.

Maggie: Posso pedir um favor? É mais ao Warren.

Warren: EU VOU SER SIMPÁTICO COM ELE! PARA DE TE PREOCUPAR, MAGGIE!

Maggie: Eu sei que vais ser simpático. Não estou preocupada com isso. Tenho é medo de que sejas totalmente inconveniente.

Warren: Ah. Pois. Disso deves ter um bocado de medo.

Rio-me e pouso o telemóvel, porque a Sydney está a voltar para o sofá com uma colher de gelado na boca e não quero pensar em mais nada neste momento. Como se pudesse ler os meus pensamentos, ela sorri levemente e tira a colher da boca.

— Queres um bocado?

Assinto com a cabeça.

Ela não se senta ao meu lado no sofá para o partilhar comigo. Põe-se em cima de mim, segurando a taça de gelado entre nós, enquanto ajusta as pernas de cada lado. Pega numa colher pequena de gelado e dá-me um bocado. Eu engulo-o e depois ela baixa a cabeça e beija-me. A boca dela sabe a baunilha. A língua dela está fria quando desliza contra a minha.

Puxo-a para mais perto de mim, mas a taça de gelado entre nós está a atrapalhar-me. Pego na taça e ponho-a na mesa ao lado dela e depois puxo-a para mim. Beijo-a enquanto a baixo lentamente para o sofá.

Ela está quase a derreter, tal como a taça de gelado.

25.

Maggie

Esta noite sonhei que o Jake tinha aparecido acompanhado. Uma ruiva alta com sotaque francês e um par de *Louboutins*.

Quem é que vai explorar grutas de saltos altos?

Ou... melhor ainda... *Quem é que aparece acompanhado para um encontro?* Estava coberta de suor quando acordei, mas não tenho a certeza se foi por o Jake ter aparecido no meu sonho acompanhado ou por o Warren e a Bridgette partilharem um só corpo com duas cabeças. São duas coisas igualmente perturbadoras.

Não sei se foi o meu sonho que me abalou tanto ou o facto de que ainda tenho de ter uma conversa com o Jake acerca da dinâmica do nosso grupo, mas estou em frente ao lavatório a tentar lavar os dentes e tenho as mãos a tremer visivelmente.

Quero conseguir falar com o Jake antes de ele conhecer toda a gente, mas ele vai chegar aqui dentro de meia hora, e eu não posso ligar-lhe antes e dizer: «Ah, a propósito, hoje vais sair com o meu ex-namorado. Na verdade, os meus *dois* ex-namorados. Vai ser divertido!»

Eu devia ter cancelado.

Quase o fiz quando acordei depois do pesadelo que tive esta noite. Tinha uma desculpa escrita para lhe enviar por mensagem com o motivo de estar a cancelar, mas tive demasiado medo de a enviar. Ele iria perceber logo. Já falhei demasiadas vezes com ele, e, se o afastasse de novo, provavelmente ele nunca mais quereria nada comigo. Além disso, na nossa conversa de ontem

à noite, ele disse que quer coerência. Não quero que a nossa coerência seja eu a afastá-lo. Quero que seja eu a ir até ao fim com ele. Só tenho de o apanhar sozinho, antes que ele conheça o Warren ou o Ridge. Ele merece saber no que se está a meter antes de entrar neste apartamento.

Se o conseguir levar da porta da rua até ao meu quarto sem que ele se cruze com ninguém, isso dar-nos-á uns minutos a sós para nos reaproximarmos sem estarmos na zona de perigo que é a sala de estar comum deste apartamento.

É isso que vou fazer. Vou arrastá-lo de alguma forma para o meu quarto antes das apresentações.

Assim que acabo de lavar os dentes, seco a boca com uma toalha e olho para o meu reflexo. Além do medo absoluto nos meus olhos, estou com o aspeto habitual. Volto a guardar a escova de dentes no *necessaire* no momento em que a Bridgette abre a porta da casa de banho que dá para o quarto deles. Para quando me vê. Eu paro quando a vejo.

O ambiente sempre foi estranho entre nós, mas nunca tivemos de partilhar uma casa de banho antes, por isso o facto de ela estar em roupa interior quase inexistente leva o estranho a um nível totalmente novo. Para mim, pelo menos. Ela não parece incomodada por eu a ver quase nua, porque se dirige diretamente para a sanita e baixa as cuecas para fazer chichi.

É tão desinibida como o Warren.

— Então — diz a Bridgette, desenrolando o papel higiénico —, este tipo sabe no que se está a meter?

— O que é que queres dizer com isso?

Ela acena com a mão em círculo.

— Tu sabes. Todo este grupo com quem ele está prestes a passar o dia. Ele conhece a história?

Fecho os olhos por um segundo, inspirando com firmeza.

— Ainda não — digo, exalando.

A Bridgette faz algo que raramente faz. Sorri.

Sorri de verdade. Um sorriso enorme e entusiasmado que revela todos os seus dentes brancos e perfeitos. Ela devia sorrir mais vezes. Tem um sorriso

maravilhoso, embora este esteja a aparecer num momento estranho.

— Porque é que pareces tão feliz? — pergunto cautelosamente.

— Há muito tempo que não me sentia tão excitada com alguma coisa.

Desvio o olhar dela sem responder e olho para o meu próprio reflexo. Estou pálida. Não consigo perceber se é por estar nervosa ou se os meus níveis de açúcar no sangue estão baixos. Por vezes, é difícil distinguir entre um nível baixo de açúcar no sangue, um nível alto de açúcar no sangue ou o início de um ataque de pânico.

Saio da casa de banho e vou para a cozinha. A minha mala está em cima da bancada, por isso vasculho-a até encontrar o *kit* de monitorização da glicose. Encosto-me à bancada enquanto verifico o meu nível de açúcar no sangue. Assim que insiro a tira de teste no aparelho, a porta da rua começa a abrir-se.

O Ridge e a Sydney entram no apartamento, de mãos dadas. A Sydney cumprimenta-me, e o Ridge acena com a cabeça, depois faz sinal à Sydney de que vai tomar um duche. No entanto, a caminho do quarto, olha novamente para mim quando vê o *kit* de testes nas minhas mãos. A sua testa enruga-se naturalmente de preocupação.

— Estou ótima — digo em língua gestual. — Só queria verificar antes de partirmos, por segurança.

O rosto dele é de alívio.

— Quanto tempo falta para partirmos?

Encolho os ombros.

— Não há pressa. O Jake ainda nem sequer cá está.

Ele acena com a cabeça e dirige-se ao quarto. A Sydney pousa a mala na bancada ao lado da minha, abre um armário e pega num pacote de nachos.

Os meus níveis de glicose estão dentro do normal. Suspiro, aliviada, e volto a guardar o *kit* na mala. Pego no telemóvel e abro as minhas mensagens com o Jake. Tivemos uma conversa rápida esta manhã. Enviei-lhe a morada do apartamento e, meia hora depois, ele respondeu com uma mensagem que dizia: «A conferência acabou. Estou a caminho.»

Isso foi há quase uma hora. O que significa que ele deve estar a bater à

porta a qualquer momento.

— Estás bem? — pergunta a Sydney.

Levanto os olhos do telemóvel. Ela está encostada à bancada, a olhar para mim com preocupação enquanto mastiga.

— Pareces um pouco nervosa — acrescenta.

É assim tão óbvio?

— Pareço?

Ela assente suavemente com a cabeça, como se estivesse a tentar não me ofender com a sua observação.

Nem sequer estava tão nervosa quando acordei esta manhã do pesadelo. Mas, à medida que as horas avançam, o meu arrependimento também aumenta. Contorço as mãos enquanto olho para as portas dos quartos do Ridge e do Warren para me assegurar de que estão fechadas. Volto a olhar para a Sydney quando tenho a certeza de que ela é a única perto de mim.

— Peguei no telemóvel para cancelar pelo menos três vezes esta manhã, mas não consegui enviar as mensagens. Sei que ele não vai gostar do dia de hoje. Nem sequer sei porque é que o convidei. Estava tão nervosa quando ele ligou ontem que não pensei em nada disto.

A Sydney inclina a cabeça e sorri para me tranquilizar.

— Vai correr tudo bem, Maggie. É óbvio que ele gosta de ti, senão não teria concordado em vir até aqui e passar tempo com pessoas que nem sequer conhece.

— Esse é que é o problema — respondo. — Ele *gosta* de mim. Mas ele gosta de uma versão de mim que é confiante e independente e tem casos de uma noite. Ele não tem saído com a versão insegura de mim que está a viver num colchão no chão do quarto de hóspedes do apartamento do ex-namorado.

A Sydney afasta o meu comentário com um aceno de mão ligeiro.

— Por mais um dia. Amanhã vais sair de casa e serás independente e terás a tua própria casa outra vez.

Encolho os ombros.

— Mesmo assim. Isso não muda o facto de eu me ter comportado

emocionalmente como uma criança carente durante a maior parte das últimas semanas. — Deixo a cabeça cair para trás e gemo. — Tenho mudado de ideias tantas vezes em relação a ele. Ele provavelmente só concordou com o dia de hoje porque espera que eu o impressione o suficiente para que possa esquecer todas as vezes em que não fui *nada* impressionante.

A Sydney pousa o pacote de nachos. Revira os olhos, dirige-se a mim e pousa-me as mãos nos ombros. Encosta-me a um banco, mantendo as mãos nos meus ombros enquanto me obriga a sentar.

— Sabes o que fiz nas duas primeiras semanas em que vivi aqui?

Abano a cabeça.

— Chorei todos os dias. Chorei porque a minha vida era uma merda, e chorei porque tinha sido despedida da biblioteca por ter tido um esgotamento nervoso e ter atirado livros à parede. E, claro, melhorei durante algum tempo. Mas, uns meses depois, quando me mudei daqui e arranjei o meu próprio apartamento, voltei a chorar todos os dias durante semanas.

Ergo uma sobrancelha.

— Porque é que me estás a contar isso?

— Porque sim — responde ela, soltando-me os ombros e pondo-se direita. — Passei meses emocionalmente abalada. Mas sempre que te via, tu eras a epítome da força. Mesmo no dia em que descobriste acerca de mim e do Ridge, senti-me intimidada pela tua determinação. E... talvez um pouco impressionada. Mas tu pareces estar a esquecer-te de tudo isso e, em vez disso, estás a focar-te em alguns dias maus que tiveste. — Ela agarra-me na mão e olha-me cheia de sinceridade. — Ninguém é a melhor versão de si própria o tempo todo, Maggie. Mas o que cria a diferença entre confiança e insegurança são os momentos do nosso passado pelos quais escolhemos estar obcecados. Tu estás obcecada pelos teus piores momentos, quando devias estar obcecada pelos melhores.

Não tenho estado muito tempo com ela, mas, quando estou perto dela, impressiona-me cada vez mais o facto de ela estar sempre certa. Concentro-me no que ela disse enquanto respiro fundo. Começo a acenar com a cabeça. Já tive, sem dúvida, alguns momentos desagradáveis. Ela também. Assim

como o Ridge. Assim como o Warren e a Bridgette. E... apesar de parecer perfeito... o Jake teve momentos no passado em que não foi perfeito. E tenho a certeza de que se eu conhecesse os seus momentos imperfeitos, não os usaria contra ele nem por um segundo. O que significa que ele provavelmente não usará a minha indecisão contra mim, como temi que fizesse. Caso contrário, não estaria a bater à porta neste momento.

Oh, meu Deus. Ele está a bater à porta.

— Oh, meus Deus — digo em voz alta.

A Sydney olha para a porta e depois para mim.

— Queres que vá abrir?

Abano a cabeça.

— Não. Eu vou.

Ela espera que eu me levante, mas não o faço. Fico apenas a olhar para porta, sem me mexer.

— Maggie.

— Eu sei. Eu só... acho que ainda não estou pronta para as apresentações. Podes...

Ela anui com a cabeça, puxando-me da cadeira.

— Eu desapareço — concorda. — Tu abres a porta.

A Sydney empurra-me em direção à porta e apressa-se em direção ao quarto do Ridge. O Jake bate novamente, e eu tenho medo de que, se eu não abrir a porta imediatamente, o Warren saia do quarto para a abrir. Ou pior... a Bridgette.

Esse pensamento faz-me entrar em ação. Abro a porta e o Jake está aqui, mesmo à minha frente. É mais alto do que me lembrava. Mais giro. Inspiro ao vê-lo, mas não me permito olhá-lo novamente. Pego-lhe na mão e puxo-o para dentro do apartamento e pela sala. Não lhe solto a mão até estarmos sozinhos na segurança do meu quarto. Viro-me, fecho a porta atrás de nós, e encosto a testa contra a porta. Expiro, ainda encostada. Sinto-me ligeiramente mais à vontade agora que estamos longe da zona de perigo, mas continuo nervosa quando me viro lentamente e olho para ele.

Ele está de pé à minha frente, a olhar para mim e a tentar não se rir.

Meu Deus, ele é tão giro. Está a usar calças de ganga e uma t-shirt de tom azul-marinho com um coração anatomicamente correto na parte da frente. *Que engraçado*. Fico a olhar para a t-shirt por instantes, a admirar o quanto lhe fica bem. Depois olho-o nos olhos, endireito-me um pouco e pigarreio.

— Olá — digo.

Ele inclina um pouco a cabeça, com um ar curioso. Provavelmente está a perguntar-se por que razão corri com ele para o quarto como se houvesse *zombies* atrás de nós.

— Olá, Maggie.

Vejo todas as perguntas que ele não está a fazer quando semicerra os olhos e ergue uma sobrancelha.

— Desculpa. Apenas queria um minuto sozinha contigo antes de fazer as apresentações.

Ele sorri e eu só quero afundar-me no chão. Não porque o sorriso dele me derrete, mas porque tenho muita vergonha da conversa que estou prestes a ter com ele. Tenho vergonha das condições deste quarto. Tenho vergonha porque ele é médico e parece ter a vida controlada, enquanto a minha atualmente parece a de uma universitária falida a morar no quarto de um dormitório universitário.

As mãos do Jake deslizam para os bolsos de trás e ele olha em volta do quarto, para o colchão no chão. Olha de novo para mim.

— Este é o teu quarto?

— Só até amanhã. As minhas coisas estão todas num camião lá em baixo. Vou mudar-me para outro apartamento deste complexo.

Ele ri-se um pouco, como se estivesse aliviado por saber que possuo mais do que um patético colchão encostado a uma parede num quarto vazio. Está a alguns centímetros de mim, mas tenho de olhar para cima para o encarar. Inspiro, trémula, depois de lhe responder. Ele repara.

— Pareces nervosa — diz.

— Estou — admito.

Ele sorri perante a minha honestidade.

— Eu também.

— Porquê?

Ele encolhe os ombros.

— Pelo mesmo motivo que tu, acho eu.

Eu tenho a certeza de que não estamos nervosos pelo mesmo motivo.

— Por favor — digo, revirando os olhos com uma gargalhada. — Tu és um cardiologista com um filho semicriado. Eu sou apenas uma estudante universitária com colegas de casa, a dormir num colchão no chão de um quarto vazio. Posso garantir-te que não estamos nervosos pelas mesmas razões.

O Jake olha-me fixamente por momentos, refletindo sobre as minhas palavras.

— Estás a dizer que te sentes inferior a mim?

Assinto com a cabeça.

— Só um bocadinho — minto. Porque me sinto *muito* inferior a ele.

Ele solta uma gargalhada rápida, mas não responde. Afasta-se de mim e volta a olhar para o quarto, virando-se de costas. A sua atenção recai sobre o meu colchão por instantes. Volta a olhar para mim por cima do ombro, e depois vira-se e estende-me a mão.

Olho para a mão dele, que está a acenar para a minha. Entrelaço a minha mão na dele, admirando a força por detrás do seu aperto enquanto ele fecha os dedos à volta dos meus. Puxa-me com ele e dirige-se ao colchão.

Senta-se, arrasta-se para o meio do colchão e encosta as costas à parede. Ainda tem a minha mão agarrada e puxa-a, incitando-me a seguir o seu exemplo. Assim que começo a ajoelhar-me, ele puxa uma das minhas pernas para cima do seu colo, de modo que eu fique em cima dele.

Não estava à espera disto.

Estamos quase olhos nos olhos, mas eu ainda não me descontraí, por isso fico ligeiramente mais alta do que ele nesta posição. Ele encosta a cabeça à parede, olhando para mim.

— Pronto — diz-me, esboçando um sorriso gentil. — Agora estás numa posição de controlo. Isso deve deixar-te um pouco menos nervosa.

Pousa as mãos na minha cintura. Sinto alguma da tensão a abandonar os

meus ombros quando me apercebo do que ele acabou de fazer. Sorrio ao lembrar-me de como ele é paciente e gentil. Ele retribui o meu sorriso e, de repente, apetece-me derreter no chão outra vez, mas não por vergonha. Desta vez quero derreter-me porque ele é perfeito e isso está a fazer-me corar.

Além disso, não posso deixar de me sentir aliviada por ele não ter aparecido com uma ruiva francesa de saltos altos. Expiro.

— Obrigada. Isso ajuda.

Ele quebra o contacto visual, encontra as minhas mãos e passa os dedos por elas.

— De nada.

Agora que me descontraí um pouco, baixo as pernas até as nossas coxas ficarem encostadas. Estamos olhos nos olhos e sinto-me estúpida por ter ficado tão nervosa. Esqueci-me de como tudo nele é tão tranquilizador. Ele tem sido uma presença tranquilizadora desde o momento em que nos conhecemos e eu estava morta de medo de saltar de paraquedas até ele se sentar ao meu lado para preencher a papelada. A presença dele é como um sedativo que corre nas minhas veias, domando os meus pensamentos e as minhas preocupações. Numa questão de minutos, o medo nos meus olhos foi dominado, e agora estou a forçar-me a não sorrir. Ele faz-me sentir um pouco tonta, mas não quero que o saiba.

— Como foi a tua palestra esta manhã? — pergunto, na esperança de direcionar o assunto para ele.

O Jake ri-se um pouco.

— O Justice disse-me que eu não devia entrar em modo médico quando estou perto de ti. Diz que eu sou chato quando falo sobre coisas médicas.

Isso não poderia estar mais longe da verdade.

— Para mim, a nossa conversa médica foi o ponto alto do nosso encontro. É a primeira vez que alguém se interessa pelos pormenores da minha tese.

O Jake semicerra os olhos.

— A sério?

Assinto com a cabeça.

— Sim, a sério. Provavelmente não devias aceitar conselhos de namoro de

um miúdo de 11 anos.

O Jake ri-se com isso.

— Sim, talvez tenhas tens razão.

Ele leva as minhas mãos ao peito dele e coloca-as lá, movendo as suas próprias mãos para a parte superior das minhas coxas.

— Tivemos um orador que está prestes a ter um novo estudo publicado no *Journal of Medical Science*. Falou sobre os sinais de comunicação entre o cérebro e o coração e o que acontece quando esses sinais são cortados.

Sim, o Justice está decididamente errado. Eu quero mesmo ouvir isto.

— E?

O Jake encosta a cabeça à parede outra vez, relaxando um pouco. Levanta uma das minhas mãos do seu peito e coloca-a entre nós.

— Nos tempos antigos, acreditava-se que o coração era o centro de todo o processo de pensamento e que o cérebro e o coração não comunicavam de todo. — Toca-me delicadamente no pulso com dois dedos. — Acreditava-se nisso porque, quando sentimos atração por alguém, o nosso cérebro não reage de forma percetível o suficiente para nos tornar subitamente conscientes dessa atração. Mas o resto do corpo sim.

O Jake começa a mover os dedos num círculo delicado sobre o meu pulso. Engulo em seco, esperando que ele não repare no que está a fazer à minha pulsação.

— É o coração que faz com que a pessoa tenha consciência da atração física. Começa a bater mais depressa contra o peito. Cria uma pulsação errática sempre que estamos com a pessoa pela qual nos sentimos atraídos.

Ficamos em silêncio enquanto ele pressiona os dedos contra o meu pulso e espera alguns segundos antes de começar a falar. Sorri levemente, e eu sei que é porque a minha pulsação mudou muito desde que começámos esta conversa.

— Parece que a atração não se manifesta no cérebro — diz ele, pressionando a outra mão contra o meu coração. — Parece que se desenvolve mesmo aqui. Mesmo dentro do peito, mesmo no centro do órgão que se descontrola.

Meu Deus. Ele tira a mão do meu peito e solta-me o pulso. Baixa a mão até à minha cintura e agarra-a suavemente.

— Sabemos que o coração não retém nem produz emoções. O coração é apenas um mensageiro que recebe sinais diretamente do cérebro, que avisam o coração quando existe alguma atração. O coração e o cérebro estão em sintonia porque ambos são fundamentais, e funcionam como uma equipa. Quando o coração começa a morrer, o cérebro envia uma enxurrada de sinais e é isso que acaba por causar a morte do coração. E, por sua vez, a falta de oxigénio no coração é o que acaba por causar a morte do cérebro. Um órgão não sobrevive sem o outro. — Ele sorri. — Ou era isso que pensávamos. Na palestra de hoje, ficámos a saber que um novo estudo provou que, se a comunicação entre o coração e o cérebro for interrompida nos minutos que antecedem a morte, um animal pode viver até três vezes mais do que aquele cuja ligação coração-cérebro continua intacta. E, se isto for comprovado, significa que, quando a ligação química é interrompida entre os dois órgãos, um não sabe imediatamente que o outro começou a morrer, porque não conseguem comunicar. Assim... se o coração começar a morrer e o cérebro não souber disso, os médicos têm mais tempo para salvar o coração antes que o cérebro comece a parar de funcionar. E vice-versa.

Sinceramente, eu poderia passar o dia todo a ouvir o Jake a falar assim.

— Estás a dizer que o coração e o cérebro podem, na verdade, fazer mal um ao outro?

Ele anui com um aceno de cabeça.

— Pois. É quase como se comunicassem *demasiado* bem. O estudo sugere que, se conseguirmos fazer com que um dos órgãos não perceba temporariamente que o outro não está a funcionar, poderemos salvá-los aos dois.

— Uau — exclamo. — Isso é... fascinante.

O Jake sorri.

— Pois é. Pensei nisso todo o caminho até aqui. Essencialmente, se conseguirmos cortar alguma da comunicação entre o coração e o cérebro em situações que *não* sejam de vida ou morte, talvez seja possível fazer com que

a atração não se manifeste fisicamente numa pessoa.

Abano a cabeça.

— Mas... porque é que alguém não gostaria de sentir o efeito total de uma atração?

— Porque — diz ele casualmente —, assim, se um médico sentir uma atração imensa por uma miúda que conheceu a fazer paraquedismo, a mente dele não vai ficar totalmente distraída em todos os minutos das duas semanas seguintes. Ele vai conseguir concentrar-se no trabalho em vez de ficar só a pensar nela.

As palavras dele fazem-me corar tanto que me inclino rapidamente para a frente e encosto a cabeça ao seu ombro para que ele não veja minha reação. Ele ri-se, e a mão dele sobe pelas minhas costas até tocar no meu cabelo. Dá-me um beijo leve de lado na cabeça.

Eu acabo por me afastar e olhar para ele. Tudo o que ele disse faz com que eu queira baixar a cabeça novamente, mas desta vez quero baixá-la de forma que a minha boca fique encostada à dele. No entanto, contenho-me. De alguma maneira.

Ele inspira e perde algum do sorriso nos seus olhos, trocando-o por uma expressão mais séria. As suas mãos sobem e descem pelos meus braços.

— Voltei ao hospital para te ver no sábado, mas tu já te tinhas ido embora — confessa ele.

Fecho os olhos por instantes. Tinha-me perguntado se ele teria voltado ao hospital. Não quero admitir que saí sem ter alta. Mas não lhe quero mentir, ou omitir a verdade.

— Saí na sexta-feira à noite. Sem ter alta. — Olho-o nos olhos, sentindo a necessidade de me explicar antes que ele me julgue. — Eu sei que tu és médico e vais dizer-me que foi muito estúpido da minha parte, mas eu já sei isso. Só não aguentava estar ali nem mais um segundo.

Ele olha para mim, em silêncio, por instantes. Mas não parece zangado ou aborrecido. Apenas abana a cabeça delicadamente.

— Eu percebo. Tenho pacientes que praticamente vivem no hospital, e sei quão esgotante isso é, tanto emocional como fisicamente. Por vezes, tenho

vontade de fazer vista grossa e dizer-lhes que saiam a correr, porque sei que não querem estar ali.

Não respondo de imediato porque não estou habituada a esta reação. Adoro o facto de ele não ter ralhado comigo. Tenho a certeza de que tem pacientes com níveis diferentes de frustração, por isso faz sentido ele tentar compreender e não criticar.

O Jake segura o meu cabelo e enrola algumas mechas nos dedos. Observa o meu cabelo a deslizar entre os seus dedos. Quando nos olhamos de novo, percebo que está prestes a beijar-me. Os seus olhos focam-se rapidamente na minha boca. Mas não posso deixar isso acontecer antes de lhe explicar o verdadeiro motivo do meu nervosismo.

— Preciso de te contar uma coisa — digo.

Hesito em falar do assunto, mas ele está aqui, e está prestes a conhecer toda a gente, e tem de saber em que é que se está a meter. Ele olha pacientemente para mim quando eu continuo.

— Este é o apartamento do Ridge. O ex-namorado de quem te falei no nosso encontro.

O Jake não demonstra qualquer reação, por isso continuo a falar. Desvio o olhar para as nossas mãos. Entrelaço-as.

— O Ridge e a namorada dele, a Sydney, vão connosco. Assim como o Warren e a Bridgette, que também moram aqui. Vais conhecê-los daqui a pouco. Eu... Era por isso que eu queria que viesses ao meu quarto antes de os conheceres, porque, assim, se alguém mencionar o nosso passado, tu não és apanhado desprevenido. — Olho-o nos olhos e expiro. — Isso incomoda-te?

O Jake não responde logo. Não o critico, por isso dou-lhe tempo para que processe tudo o que eu acabei de dizer. É uma situação estranha pela qual provavelmente eu não deveria tê-lo feito passar.

— Incomoda-te *a ti*? — pergunta ele, apertando-me as mãos.

Abano a cabeça.

— Agora somos amigos. Eu gosto muito da Sydney. Acho que estamos todos onde deveríamos estar, mas, depois de te convidar, fiquei paranoica a achar que talvez não o devesse ter feito. Não quero que isto seja

constrangedor.

O Jake levanta a mão e passa-a pela minha bochecha. Passa os dedos pela minha nuca enquanto olha para mim atentamente.

— Se não te incomoda, então também não me incomoda a mim — diz ele com determinação.

A aceitação rápida dele faz com que eu sorria de alívio, embora não lhe diga que isto é *muito* constrangedor para mim.

A Sydney está enganada. Há pessoas que são as melhores versões de si próprias o tempo todo.

Esse pensamento faz com que eu me sinta culpada. Há muita coisa que não contei ao Jake. Ele não faz ideia de que o Warren e o Ridge são basicamente toda a família que eu tenho. Mas não quero contar muita coisa de uma vez só. Quero fazer isso somente depois de termos a certeza de que o que temos vai durar mais do que apenas hoje. Na verdade, só vou saber se realmente quero isso quando ele tiver uma noção bem clara de quem sou. Mas não sei por onde começar. Ele passou um dos meus melhores dias comigo, mas ainda não me conhece bem. Sabe que sou espontânea e indecisa, e o que mais?

— Sou inconstante — começo. — E por vezes posso ser egoísta. — Sei que devia estar calada, mas parece-me que tenho de ser sincera e franca. Ele precisa de saber com quem está a lidar. Não quero mais um relacionamento em que não sou totalmente aberta e direta. — Tenho um lado rebelde que me estou a esforçar por controlar. Às vezes passo dias inteiros a ver Netflix de roupa interior. Vivi sozinha a maior parte da minha vida adulta, por isso como gelado diretamente da embalagem e bebo leite do pacote. Nunca quis ter filhos. Gostava de ter um gato, mas tenho medo da responsabilidade. Adoro musicais e os filmes de Natal do Hallmark, e odeio o trânsito de Austin. Sei que isso não importa nada, porque nem sequer namoramos, mas acho que devias saber todas estas coisas com antecedência.

Quando acabo, mordo o lábio inferior com nervosismo, à espera de que ele se ria ou se vá embora. Compreenderia totalmente qualquer uma dessas reações.

A reação dele é completamente diferente do que eu esperava. Suspira, inclina a cabeça e encosta as nossas mãos ao peito dele. Passa os polegares pelos meus.

— Eu absorvo tudo o que acontece no trabalho de negativo — diz ele. — Preciso de estar sozinho nos dias mesmo maus. Por vezes, até mesmo sem o Justice. E... sou desarrumado. Não lavo a louça há quatro dias e a roupa há duas semanas. A maior parte dos médicos é organizada, e a casa deles costuma estar sempre impecável, mas a minha é caótica na maior parte do tempo. E provavelmente não devia admitir isto, porque sou cardiologista, mas adoro fritos. Vi todos os episódios de *Anatomia de Grey*, mas irei negá-lo se disseres isso a alguém. E... só estive com duas mulheres, por isso nem sequer sei se sou assim tão impressionante na cama.

O facto de ele ter acabado de admitir todas estas coisas deixa-me um pouco comovida, mas, felizmente, a última parte da confissão dele faz-me rir.

— És impressionante, Jake. Acredita em mim.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sou?

Anuo com a cabeça, sentindo-me a corar só de pensar nisso.

— Podes ser mais específica? — brinca ele. — Qual foi a tua parte preferida?

Penso na nossa noite juntos e, sinceramente, tudo foi ótimo. Mas se tenho de escolher um momento preferido, sei exatamente qual foi.

— A segunda vez. Quando te mantiveste a olhar para mim enquanto nós... — digo, com a voz a ficar mais baixa.

Nem consigo terminar a frase. O Jake olha para mim muito sério por instantes. As mãos dele cobrem as minhas completamente.

— Também foi a minha parte preferida.

Baixo um pouco a cabeça, desviando o olhar dele. Não por ainda estar nervosa, mas porque estou a esforçar-me para não o beijar.

Ele estende o braço, leva a mão até à minha nuca e faz com que o olhe nos olhos. A outra mão desliza e puxa-me para mais perto dele.

— Houve muitas partes de que gostei nessa noite. — Ele sorri enquanto

aproxima a boca da minha. — Gostei de te despir ao lado da tua cama — sussurra, mesmo antes de pressionar a boca contra a minha.

Fecho os olhos, completamente enfraquecida com o beijo dele, mas ele afasta-se.

— E gostei quando te deitei na cama.

Os seus lábios roçam levemente nos meus, enquanto se inclina para a frente e me faz deitar no colchão. Já não estou na posição de controlo, mas não me importo. Sinto os olhos pesados quando os abro e o observo em cima de mim.

— E adorei quando acordei na manhã seguinte e tu estavas tão abraçada a mim que demorei dez minutos para conseguir sair da cama sem te acordar.

Abro um pouco a boca, a preparar uma resposta, mas ele não deixa. Aproxima a cabeça da minha e beija-me. Assim que os lábios dele se fecham contra os meus, recordo-me de tudo o que senti da primeira vez que ele me beijou. Não sei como consegui rejeitá-lo uma vez, muito menos duas.

Às vezes, fico impressionada com minha própria força, porque agora não conseguiria escolher nenhuma outra coisa que não este beijo. Pouco me importa se não sairmos deste quarto hoje, porque a língua dele encontrou a minha, as minhas mãos estão a deslizar pelo cabelo dele, e *porque é que ainda não estou no meu próprio apartamento, hem?* Estou consciente de todos os barulhos que queria fazer agora mesmo.

Felizmente, ele para antes que mais partes do nosso corpo resolvam participar na sessão de beijos, e não apenas a nossa boca. Beija-me delicadamente duas vezes antes de pressionar a bochecha contra a minha e suspirar fortemente no meu cabelo.

Suspiro também, percebendo que vamos ter de sair do quarto a qualquer momento.

— Acho que chegou a hora de te apresentar aos meus companheiros de casa.

O olhar dele analisa o meu rosto por instantes.

— Pois, acho que sim.

Engulo em seco, começando a sentir o meu nervosismo a aumentar

quando penso que ele vai conhecer toda a gente. Especialmente o Warren.

— Prometes-me uma coisa?

O Jake anui com a cabeça.

— Não me julgues mal com base em alguns dos meus colegas de casa. O objetivo do Warren hoje será envergonhar-me o máximo possível.

O Jake esboça um sorriso malicioso.

— Oh, mal posso esperar por o conhecer.

Reviro os olhos e encosto-me ao peito dele. O Jake afasta-se de mim e deita-se de costas. Eu levanto-me, aliso a t-shirt, mas ele fica deitado a olhar para mim com uma expressão invulgar.

— O que foi? — pergunto, querendo saber por que razão parece tão... saciado.

Ele olha para mim mais um pouco, depois abana a cabeça e endireita-se no colchão. Levanta-se e dá-me um beijo rápido na testa.

— És tão bonita — murmura, quase de passagem, enquanto agarra na minha mão e me conduz até à porta do quarto.

O comentário dele eviscera completamente o que restava do nervosismo e hesitação que eu estava a sentir antes de ele chegar. Se agora ele não estivesse a levar-me para fora do quarto para o apresentar ao grupo, eu fá-lo-ia esperar, pegaria numa caneta e acrescentaria mais uma coisa à minha lista de coisas a fazer. Seriam apenas duas palavras.

Jake. Griffin.

Não seria *Fazer amor com o Jake Griffin* ou *Casar com o Jake Griffin*.

A décima coisa da minha lista seria apenas o nome dele, quase como se eu pudesse realizá-lo por completo.

Coisa número dez a realizar:

Jake Griffin.

26.

Jake

Quando me perguntam porque é que me tornei médico, algo que acontece frequentemente, dou a resposta típica: quero salvar vidas. Quero fazer a diferença. Quero ajudar as pessoas.

É tudo treta.

Tornei-me médico porque gosto da adrenalina.

É claro, tudo o resto também é verdade. Mas o principal motivo foi a adrenalina. Gosto de fazer a diferença numa situação de vida ou morte. Adoro a excitação que sinto quando as minhas capacidades são postas à prova quando um órgão está a falhar rapidamente. Adoro a satisfação que sinto quando venço.

Nasci competitivo.

Mas há uma diferença entre ser competitivo e competir com alguém. Não compito com outros médicos ou outras pessoas. Apenas compito comigo próprio. Estou numa batalha constante para aperfeiçoar as minhas habilidades em tudo o que faço, quer seja no bloco operatório, a saltar de um avião ou a ser o melhor pai possível para o Justice. Procuro sempre ser melhor amanhã do que fui ontem. Para mim, sempre foi uma questão de competir apenas comigo mesmo.

Até este momento. Porque, neste exato momento, estou a torcer para que o Ridge não esteja à minha altura. Ainda nem sequer o conheci, mas nunca passei pela situação de estar prestes a conhecer o ex-namorado da mulher em quem estou interessado. Não estava preparado para fazer isso hoje. *Nunca*

estaria preparado. Quando comecei a namorar com a Chrissy na escola secundária, fui o primeiro namorado a sério dela. Fui o primeiro beijo dela. O primeiro encontro dela. E, tendo em conta que passámos mais de dez anos juntos depois disso, nunca tive de ser competitivo com outro homem.

Não sei se gosto disso.

Quando a Maggie falou do Ridge pela primeira vez no nosso encontro, disse que ele tinha conhecido alguém enquanto namorava com ela, o que acabou por levar ao fim do namoro deles. Não conheço o tipo, mas é um ponto automático contra ele. Ela também disse que ele escreve canções para uma banda, outro ponto contra ele. Não que estar numa banda seja mau, mas é difícil competir com um músico, mesmo sendo médico.

Do pouco que falou do Ridge, pareceu-me que ela não se arrepende do fim da relação. Mas continua a ser ligeiramente desconfortável saber que este é o apartamento dele. A Maggie é ex-namorada dele. Estou prestes a passar o dia com os amigos dele. Não consigo imaginar muitos homens a aceitarem a ideia de a ex-namorada aparecer assim com outro tipo. Por isso, a menos que ele seja um santo, provavelmente tenho bons motivos para me sentir tenso. Não gosto de ter ciúmes por causa de uma miúda pela primeira vez, e ainda nem sequer conheci o tipo que provoca este meu ciúme irracional.

Mas isso está prestes a mudar, porque estamos a sair do quarto da Maggie, especificamente para as apresentações. Abro a porta e afasto-me, para que a Maggie possa sair do quarto primeiro. Ela olha para mim enquanto passa e sorri com gratidão e calma nos olhos, apesar do seu próprio nervosismo.

Foi o mesmo olhar que me lançou quando a ajudei a preencher a papelada do paraquedismo no dia em que nos conhecemos. Ela estava muito nervosa — tanto que senti de longe. Mas, assim que me sentei ao seu lado, ela sorriu com um olhar de gratidão que me fez sentir que eu estava a participar do processo de saltar do avião com ela. Ela diz muito sem dizer nada. Nunca conheci ninguém cujas expressões conseguissem comunicar tanta coisa.

Neste momento, a expressão dela está a dizer: «Isto é constrangedor, eu sei. Mas vai correr tudo bem.»

Ela deixa a porta do quarto aberta e entra na sala à minha frente. Há um

tipo na cozinha de costas para nós. Não percebo bem, do lugar onde estou, mas parece que está ao telefone. Há uma rapariga loura de pé ao lado da bancada, a calçar os sapatos. Olha para cima mal nos ouve a sair do quarto da Maggie. Todo o rosto dela se ilumina quando me vê ao lado da Maggie.

A Maggie acena-lhe.

— Jake, esta é a Sydney.

A Sydney continua a calçar o sapato em cima do tapete. Quando termina, aproxima-se de mim meio a saltitar enquanto estende a mão.

— É um prazer conhecer-te — diz ela, puxando o outro sapato.

Eu retribuo o aperto de mão.

— A ti também.

A Maggie disse-me antes que a Sydney era a namorada atual do Ridge. Não sei como aconteceu isso, mas a Maggie e a Sydney parecem dar-se bem, o que diz muita coisa sobre as duas como pessoas. E a Sydney parece-me bastante genuína. Gosto dela quase de imediato.

Não posso dizer o mesmo do tipo que está atrás dela na cozinha de costas para nós. Ele não parece minimamente interessado nas apresentações. Presumo que seja o Ridge, mas, antes que eu possa avaliar melhor a reação dele, e como isso certamente é um sinal da sua competitividade, duas pessoas saem de um dos outros quartos.

Com base na expressão agitada no rosto da Maggie quando se vira para eles, presumo que o rapaz que se aproxima seja o Warren. O brilho nos seus olhos indica que ele quer armar alguma, e a Maggie avisou-me de que o único objetivo dele hoje seria envergonhá-la.

Ele estende os braços quando se aproxima e depois abraça-me. Relutantemente, eu retribuo. Acho que há anos que um homem não me cumprimenta com um abraço. No meu meio, é comum apertos de mão, apresentações profissionais e até perguntas sobre que campo de golfe costumamos frequentar aos domingos. Não há abraços nem palmadinhas nas bochechas. Este tipo está *mesmo a dar-me palmadinhas nas bochechas*.

— Uau — diz ele. — És mesmo bem-parecido. — Ele olha para a Maggie. — Boa, Maggot. Ele parece o Capitão América.

Eu rio-me e dou um passo atrás, sem perceber se a sua única intenção seria envergonhar a Maggie. Creio que nos quer envergonhar aos dois.

— Warren, este é o Jake — diz a Maggie, já parecendo cansada dele.

O Warren faz-me continência.

— É um prazer conhecer-te, Jake.

O Warren está todo entusiasmado, mas o outro tipo está a ser o oposto. Continua a ignorar a situação, completamente desinteressado na minha presença. Talvez seja por causa disso que a Maggie me alertou. Porque nem todos me receberiam bem.

Volto a prestar atenção ao Warren.

— Também é um prazer conhecer-te.

O Warren aponta para uma morena ao lado dele.

— Esta é a minha namorada, a Bridgette.

Ela não diz nada. Limita-se a assentir com a cabeça e dirige-se ao frigorífico.

O Warren aponta para o Ridge.

— Já conheceste o Ridge?

Abano a cabeça.

— Ainda não.

Já não sei se *quero* conhecer o Ridge. Ele obviamente não tem qualquer interesse em conhecer-me.

O Warren encurta a distância entre si e a cozinha e bate no ombro do Ridge. Quando o Ridge se vira, o Warren começa a falar em língua gestual enquanto diz:

— O Jake está a aqui.

O Ridge vira-se completamente e faz contacto visual comigo.

Eu sempre ensinei o Justice a não fazer suposições sobre as pessoas. E aqui estou eu... a ser um idiota que julga os outros. O Ridge não está incomodado por eu estar aqui. Ele não *sabia* que eu estava aqui.

Ele contorna a bancada, encurtando a distância entre nós.

— Olá — diz, apertando-me a mão. — Ridge Lawson.

A voz dele é um claro indício de que não estava a ignorar-me

intencionalmente e que eu sou, de facto, um idiota.

Retribuo o aperto de mão dele, aliviado.

— Jake Griffin.

Não sei se a Maggie não me contou que o Ridge era surdo porque não quis ou se para eles a surdez dele é tão normal que ela simplesmente se esqueceu de o mencionar. Seja como for, estou aliviado. Há cinco segundos, estava pronto para desistir depois de presumir que me estava a intrometer nesta situação. Mas agora ele está a receber-me de uma maneira tão acolhedora como a Sydney.

Já não sinto o ciúme e a competitividade que tentei suprimir ao sair do quarto da Maggie. Não sei nada do passado destas pessoas além do que a Maggie me contou, o que não foi muita coisa, mas tudo parece estar bem resolvido entre eles.

No entanto, ainda não falei com a namorada do Warren. Talvez ela seja apenas tímida.

Os próximos segundos são muito agitados. O Ridge calça os sapatos, a Sydney veste um casaco, o Warren aproxima-se da rapariga que acabou de fechar o frigorífico... a *Bridgette*... e tenta beijá-la, mas ela afasta-o.

Olho para a Maggie, que me sorri.

— Vou buscar a minha camisola.

Ela regressa ao quarto. Eu olho em volta do apartamento e reparo que há várias portas para os quartos. A Maggie contou-me como é que ela e o Ridge se tinham conhecido, mas ainda não sei qual a ligação entre todos os outros.

— Vocês são todos companheiros de casa? — pergunto, olhando para os quatro. — Foi assim que se conheceram?

A Bridgette está a beber de uma garrafa de água, mas endireita-se quando ouve a minha pergunta, ao mesmo tempo que a Maggie aparece vinda do quarto com uma camisola.

— Ah, eu tenho todo o prazer em explicar como é que todos nos conhecemos — responde a Bridgette, fechando a garrafa de água.

A Maggie profere o nome dela, tentando impedi-la de falar, mas a Bridgette ignora-a.

— O Warren e o Ridge são melhores amigos há anos — explica a Bridgette, apontando para o Warren e o Ridge com a garrafa de água. Depois aponta para a Maggie. — O Warren namorou com a Maggie, mas não durou muito tempo porque o Ridge apareceu e meteu-se entre os dois.

Esperem lá. *Ambos* namoraram com a Maggie?

— A Maggie e o Ridge namoraram seis anos, mas isso acabou quando a Sydney se mudou para aqui no ano passado. Agora a *Sydney* namora com o Ridge, mas já não mora aqui connosco. Mas a Maggie mora. Até o apartamento dela estar pronto, que fica no mesmo complexo que o dos dois ex-namorados dela. — A Bridgette olha para mim. — E, não, nada disto é estranho. De todo. Especialmente agora que todos fingimos ser os melhores amigos e passamos o dia todo a fazer coisas de melhores amigos juntos. *Iupi*.

A Bridgette diz a última palavra sem qualquer entusiasmo.

Acho que eu também tinha ficado com uma impressão errada dela. Ela não é nada tímida.

Os próximos dez segundos passam-se em silêncio. Nunca vi dez segundos tão silenciosos. Olho para a Maggie, que está com uma expressão de horror no rosto. A Sydney fulmina a Bridgette com o olhar, repreendendo-a silenciosamente. A Bridgette olha para a Sydney e encolhe os ombros, como se não tivesse feito nada de errado.

Depois, o meu telemóvel toca.

A interrupção é uma desculpa imediata para todos dispersarem. Todos exceto a Maggie, que está a olhar para mim, à espera do que eu vou fazer a seguir.

Tiro o telemóvel do bolso, sabendo pelo toque que é a Chrissy. Ela só liga se for importante. Há muito vão os tempos em que ligávamos um ao outro só para conversar. Passo o dedo pelo ecrã e levo o telefone ao ouvido enquanto aponto para o quarto da Maggie, para lhe dizer que vou até lá para ter mais privacidade. Fecho parcialmente a porta depois de entrar no quarto.

— Olá.

— Olá — responde a Chrissy, sem fôlego. Percebo que ela está atarefada, provavelmente a vestir a roupa de cirurgia. — Chamaram-me. Posso deixar o

Justice contigo?

Fecho os olhos. Ele tem quase 12 anos. Deixamo-lo sozinho ocasionalmente, mas apenas quando estou relativamente perto.

— Estou em Austin. — Aperto a nuca. — Demoro uma hora a regressar.

— Austin? — pergunta ela. — Ah. OK. Eu mandava-o para a casa do Cody, mas ele acordou a meio da noite com dores de barriga. Achas que ligue à minha mãe?

Olho para a porta do quarto da Maggie.

— Não. Não, eu vou já para aí. Vou buscá-lo e ele passa a noite lá em casa.

A Chrissy agradece-me e desliga a chamada. Fico a olhar para o telemóvel, a pensar como irá a Maggie receber a notícia. Quase desejo que ela tivesse ouvido a chamada, pois assim veria que não estou a inventar desculpas para me ir embora depois dos comentários da Bridgette.

Guardo o telemóvel no bolso e dirijo-me à porta do quarto. Quando a abro, ela olha para mim da cozinha, onde está a falar com a Sydney.

— Podemos conversar? — Aponto para o quarto dela para lhe indicar que o quero fazer em privado. Ela anui e depois troca olhares com a Sydney antes de entrar no quarto. Fecha a porta quando estamos os dois lá dentro.

— Desculpa — diz ela. — A Bridgette fez com que tudo parecesse muito estranho, mas eu juro...

Eu levanto a mão, interrompendo-a.

— Maggie, está tudo bem. Eu sei que não me terias convidado se continuasses ligada a outra pessoa. — Ela parece aliviada com o meu comentário. — A altura não poderia ser pior — digo. — Mas a Chrissy, a minha ex-mulher, acabou de ligar. O Justice está doente, e ela foi chamada para o trabalho. Tenho de voltar para casa.

Não há um pingo de dúvida no rosto da Maggie. Há somente preocupação.

— Ele está bem?

— Está, está só com dores de barriga.

Ela assente com a cabeça, mas percebo que está um pouco desapontada por eu me ir embora. Mas eu também estou. Puxo-a para mim e despeço-me dela com um abraço. Ela aconchega-se no meu peito, fazendo com que eu

sinta dificuldade em soltá-la.

— É a desvantagem de dois médicos terem um filho — digo. — Estamos de plantão mesmo nos fins de semana em que não estamos de plantão.

Ela afasta-se e olha para mim. Passo as mãos pelas bochechas dela e baixo-me para lhe dar um beijo. Não posso deixar de reparar que a nossa interação física está muito mais avançada do que o nosso relacionamento. Nem sequer namoramos, mas a forma como a abraço e a beijo e reajo a ela indicaria o contrário. E é por isso que me certifico de que o nosso beijo de despedida é apenas um beijo leve. A última coisa que quero é sobrecarregá-la novamente.

— Diverte-te.

Ela sorri.

— Vou divertir. Espero que o Justice melhore depressa.

— Obrigado. E manda-me fotos das grutas. Ligo-te hoje à noite depois de voltares, se não for muito tarde.

— Seria bom — diz ela. — Queres que te acompanhe até lá fora?

— Seria bom.

Presume-se que um homem que corta regularmente o peito das pessoas não fosse incomodar-se com um pouco de vómito.

Não é o meu caso.

Estou convencido de que o Justice vomitou mais hoje do que nos primeiros cinco anos de vida. Ou talvez assim pareça porque ele é mais velho e maior e produz mais vómito, mas, porra, foi muito vómito. Estou aliviado por ter acabado. Por agora. É impossível que o coitado do miúdo ainda tenha alguma coisa dentro dele para vomitar.

Quando acabo de limpar a casa de banho, de tomar um duche e de ir ver como está o Justice, sento-me finalmente no sofá para conversar com a Maggie. Voltaram das grutas há pouco mais de uma hora e ela mandou-me algumas fotos. Eu disse-lhe que lhe ligava por FaceTime assim que deitasse o Justice.

Ela atende imediatamente. O sorriso no rosto dela desilude-me, mas

apenas por não estar a vê-la pessoalmente.

— Como é que está o Justice?

Adoro que ela me pergunte pelo Justice antes mesmo de nos cumprimentarmos.

— A dormir. E vazio. Acho que expeliu tudo o que comeu desde janeiro.

Ela faz uma careta.

— Coitado.

Ela está deitada na cama, com o cabelo espalhado pela almofada. Está a segurar o telefone no ar. É o mesmo ângulo em que eu estava antes, quando estava acima dela para a beijar. Afasto esse pensamento antes que ela perceba.

— A viagem foi tão divertida como as fotos dão a entender?

Ela anui com a cabeça.

— Foi. Bem, na maior parte do tempo. — Ela afasta o cabelo da testa e revela um curativo perto da têmpora. — O Warren achou que seria boa ideia esconder-se de nós e pregar-nos um susto. Eu virei-me depressa demais e bati com a cabeça na cabeça da Bridgette. — Ri-se e volta a colocar o cabelo no lugar. — O Warren sentiu-se tão mal que nos levou a todos a jantar. Bem, foi ao Taco Bell, mas mesmo assim. O Warren nunca paga nada.

Sorrio. Gosto de saber que ela se divertiu. A felicidade fica-lhe muito bem.

— Estás pronta para a grande mudança de amanhã?

Ela assente com a cabeça e deita-se de lado enquanto baixa o telemóvel.

— Estou pronta para ter de novo uma casa de banho só minha.

— Eu oferecia-me para ir ajudar, mas a Chrissy está de plantão até segunda. Devo ficar com o Justice em minha casa até ele se sentir melhor, para ele não andar de um lado para o outro.

— Temos ajuda suficiente. Também não tenho assim tanta coisa. Mas fazemos uma videochamada amanhã à noite e mostro-te a casa nova depois de acabarmos.

— Gostaria mais se fosse pessoalmente.

Ela esboça um sorriso.

— Quando é que tens folga?

— Saio cedo na quarta-feira. Podia ir até aí... Podíamos encomendar comida. Não posso passar a noite contigo desta vez, mas podemos passar umas horas juntos.

— Parece-me bem. Eu cozinho — diz ela.

— Sabes há quanto tempo não como comida caseira?

Ela sorri novamente e depois suspira. Abro a boca para lhe dizer que ela está muito bonita, mas sou interrompido quando o Justice entra na sala.

— Olá, miúdo — digo, desviando os olhos do telemóvel. — Estás melhor?

O Justice anui com a cabeça, mas não olha para mim. Dirige-se à cozinha e abre o frigorífico.

— Vou deixar-te ir — sussurra a Maggie, chamando-me de novo a atenção para o telefone.

Sorrio-lhe, agradecido.

— Liga-me amanhã quando estiveres instalada.

— Ligo. Boa noite.

Olho para ela por instantes, sem querer terminar a conversa. Mas também não quero estar ao telefone com ela com o Justice na sala.

— Boa noite, Maggie — sussurro.

Ela acena e desliga a chamada. Eu atiro com o telefone para o sofá e vou até à cozinha ter com o Justice.

Ele está de pé, com a porta do frigorífico aberta, e está a pegar numa fatia de queijo. Dá uma dentada e deixa a fatia pendurada na boca enquanto procura o fiambre. Pega numa fatia e enfia-a na boca, juntamente com o resto do queijo.

— Seria mais fácil se me deixasses fazer-te uma sanduíche — sugiro.

O Justice agarra na embalagem de fiambre e fecha o frigorífico.

— Não posso esperar tanto tempo. Acho que vou morrer de fome.

Agarra numa embalagem de batatas fritas e senta-se junto à bancada da cozinha com o fiambre à sua frente. Abre as batatas fritas e põe algumas na boca.

— Com quem é que estavas a falar?

— Presumo que estejas melhor.

— Se achas que estar a morrer de fome é sentir-me melhor... Com quem é que estavas a falar? — repete.

— Com a Maggie.

— A rapariga que foste ver ao hospital?

Era por isto que eu não queria estar ao telefone com ela enquanto o Justice estivesse por perto. Ele quer saber tudo. E eu gosto de ser honesto com ele, por isso anuo com a cabeça.

— Essa mesma.

— Porque é que ela estava no hospital?

— Tem fibrose quística.

— Parece grave.

— E é. Devias pesquisar sobre isso.

O Justice revira os olhos porque sabe que eu estou a falar a sério. Sempre que ele me faz uma pergunta e eu lhe digo para ir pesquisar, na manhã seguinte certifico-me sempre de que ele o fez. Depois corrijo-o se ele tiver aprendido alguma coisa errada. É a desvantagem do Google. Há muita informação, mas temos de filtrar a que não presta. Acho que é por isso que lhe digo sempre para pesquisar... para ele aprender a fazer isso.

— A Maggie é tua namorada?

Abano a cabeça.

— Não.

— Mas fizeste sexo com ela?

Ver o meu filho de 11 anos, com a boca cheia de fiambre, a perguntar se fiz sexo com alguém é ao mesmo tempo estranho e divertido.

— *O quê*?

— Tu disseste que não podias passar a noite com ela desta vez. O que significa que já passaste uma noite com ela. E provavelmente isso significa que fizeste sexo com ela, porque o Cody diz que é isso que os adultos fazem quando passam a noite juntos.

— O Cody tem 11 anos. Nem sempre tem razão.

— Então a resposta é não?

Sinto-me culpado por de repente desejar que o Justice estivesse na cama

doente.

— Podemos adiar esta conversa até teres pelo menos 14 anos?

O Justice revira os olhos.

— Tu costumas dizer que gostas que eu seja curioso, mas depois nunca queres matar a minha curiosidade.

— Eu gosto que sejas curioso. Gosto de matar a tua curiosidade. Mas por vezes és curioso demais. — Abro o frigorífico e pego numa garrafa de água para ele. — Bebe. Não ingeriste líquidos suficientes hoje.

O Justice agarra na água.

— Está bem. Mas quando eu fizer 14 anos, prepara-te para voltarmos a esta conversa.

Rio-me. *Meu Deus, adoro este miúdo*. Mas, a este ritmo, acho que não aguentarei até ele ter 14 anos. A curiosidade dele vai matar o gato. E o gato sou eu.

— Queres que te arranje mais alguma coisa para comer?

O Justice anui com a cabeça e fecha a embalagem de fiambre.

— Fazes-me uma torrada com canela? Podemos ver o *Sinais*?

Quero dizer-lhe que não porque a ideia de ver o filme preferido dele pela vigésima vez me parece terrível. Mas sei que, daqui a nada, a última coisa que ele vai querer é ver filmes com o pai. E, como pai, aprendi a aproveitar o que tenho enquanto o tenho, porque nenhuma das fases de uma criança dura para sempre. As coisas que costumamos achar repetitivas e irritantes acabarão por se tornar as coisas que daríamos tudo para ter outra vez.

— Sim, podemos ver o *Sinais*. Põe a dar enquanto eu te faço a torrada.

27.

Sydney

Sintonizo as estações de rádio à procura de uma música que eu possa cantar. Estou com vontade de cantar. Tenho os vidros abertos, o tempo está maravilhoso e lembrei-me no caminho do trabalho até casa que há muito tempo que não me apetecia cantar a plenos pulmões no carro. Não sei se é por causa da trajetória da minha vida no último ano, ou por causa da faculdade, ou uma combinação das duas coisas. Mas algo mudou na semana passada. É como se a minha vida fosse uma montanha-russa que passa aceleradamente por túneis escuros e *loopings*, com o meu corpo a ser sacudido de um lado para o outro, para trás e para a frente, e então depois... *whoosh*. A montanha-russa emocional chega a uma parte tranquila, lenta e reconfortante da viagem, em que posso simplesmente respirar e saber que estou em segurança e que tudo dentro de mim está a começar a resolver-se.

É isso que estou a sentir. A minha vida está finalmente a resolver-se.

Depois de ajudarmos com a mudança da Maggie no domingo, estávamos todos exaustos. Acomodámo-nos na sala dela, eu e o Ridge num sofá, a Maggie e a Bridgette no outro, o Warren no chão. Vimos o final da temporada de *The Bachelor*, temporada essa que ninguém tinha visto, mas não encontrámos o comando e nenhum de nós tinha vontade de ir mudar de canal. O Warren começou a gostar e começou a discutir com a televisão quando achou que o tipo tinha escolhido uma miúda na qual o Warren não teria apostado se tivesse dinheiro.

Quando acabou, eu e o Ridge voltámos ao apartamento dele e fomos

dormir. Eu estava demasiado exausta para conduzir até casa, e estávamos os dois demasiado exaustos para sequer tomarmos um duche. Fomos diretos para a cama e atirámo-nos para cima dela. Devemos ter adormecido logo, sem sequer tirar a roupa, porque eu acordei a meio da noite com ele a tirar-me os sapatos e a tapar-me.

Já se passaram três dias desde então, e tudo me parece tão certo. Tão bom. É estranho porque ainda não tenho a minha vida muito bem resolvida, pois ando na universidade e vivo de salário em salário. Mas sinto que ficaria satisfeita se ficasse assim para sempre. Isso mostra que não é preciso muito quando se está rodeado das pessoas certas. Quando se é amado pelas pessoas certas.

Se eu conseguisse encapsular o amor que sinto pela minha vida neste momento, fá-lo-ia. É um amor que vale a pena guardar.

Estaciono no meu complexo de apartamentos e agarro no telemóvel para verificar as notificações enquanto saio do carro. Ainda não recebi nenhuma mensagem do Ridge. Ele disse que me enviaria uma mensagem quando acabasse o trabalho hoje, mas já passa das sete e ainda não soube nada dele.

Sydney: Vais passar por aqui esta noite?

Ridge: Queres que passe?

Sydney: Quero sempre.

Insiro a chave na fechadura e abro a porta do apartamento. Estou a olhar para o telemóvel quando entro, à espera de uma resposta do Ridge, quando alguém me agarra por trás. Grito, mas percebo quase imediatamente que é ele, apenas pelos seus braços à minha volta. Rodo no seu abraço e ele está a sorrir-me.

— Ainda bem que não disseste que não, porque já estou aqui.

Rio-me. Tenho a pulsação errática. Não estava à espera de ninguém aqui, mas não podia estar mais feliz por vê-lo neste momento. Ele beija-me, e este dia fica, de certa forma, ainda melhor.

Nem sequer me consigo suportar neste momento. Não me lembro de me

sentir tão apaixonada pela minha vida, e não sei como me acostumar a esta nova versão de mim própria. Passei tanto tempo triste que parece que estou a descobrir uma parte de mim que só começou a existir este mês.

Ou talvez já existisse... eu é que não tinha ninguém que despertasse as melhores partes de mim, como o Ridge.

Ponho-me em bicos de pés e beijo-o. As mãos dele seguram as minhas bochechas e ele retribui o meu beijo, guiando-me até me encostar à bancada. Beijamo-nos durante um minuto, até eu perceber que o meu apartamento cheira a restaurante. Afasto-me dele, viro-me e vejo o jantar a ser preparado no fogão.

— Surpresa. Cozinhei.

— Qual é a ocasião especial?

— Não é preciso haver uma ocasião especial para eu querer fazer-te feliz. Vou tratar-te assim para o resto da vida.

Gosto disso.

O Ridge inclina-se e dá-me beijos rápidos no pescoço antes de se afastar e se dirigir ao fogão.

— Está pronto dentro de cinco minutos. Podes ir mudar de roupa, se quiseres.

Sorrio enquanto me dirijo ao quarto. Ele conhece-me muito bem. Sabe que, qualquer que seja a hora do dia, mal eu entro em casa, gosto de me pôr confortável. Isso significa livrar-me do sutiã assim que chego a casa. Significa tirar as calças de ganga, vestir umas calças de pijama e uma das t-shirts dele. Significa prender o cabelo e pensar apenas no meu conforto.

Adoro que ele goste disso em mim.

Quando volto à cozinha, ele está a pôr a mesa. Fez frango assado com legumes e um risoto. Creio que nunca houve este tipo de refeição na minha cozinha. Raramente cozinho refeições completas, porque sou só eu. Por vezes, sou eu e o Ridge. Mas é raro fazermos algo tão drástico como usar o forno. O micro-ondas, claro. O fogão, talvez. Mas o forno significa uma refeição a sério e não tivemos muito tempo para isso. Digo-lhe em língua gestual que parece delicioso, e depois devoro metade da comida. O sabor

ainda é melhor do que o aspeto.

— A sério, Ridge. Está delicioso.

— Obrigado.

— Eu não sei cozinhar assim.

— Sabes sim. Sabe-te melhor porque fui eu que fiz. É assim que funciona a cozinha.

Rio-me. Espero que seja verdade.

— Como correu o trabalho hoje?

Ele encolhe os ombros.

— Acabei umas coisas que estavam atrasadas. Mas o Brennan mandou-me uma mensagem a dizer que precisava de mim num espetáculo porque têm falta de um guitarrista no fim de semana que vem.

— Onde?

— Dallas. Queres vir? Passar o fim de semana lá?

Assinto com a cabeça. Adoro ver o Ridge em palco.

— Claro. A Sadie vai estar lá?

O Ridge olha para mim como se não soubesse de quem estou a falar.

— A Sadie, a cantora? — explico. — A rapariga que começou a fazer a abertura para o Brennan. Acho que ele gosta dela.

— Ah, pois. Tenho a certeza que vai. — Ele esboça um sorriso amarelo. — Vai ser interessante.

Pelo que ouvi dizer sobre o Brennan, não é comum ele ter paixonetas por raparigas, por isso tenho curiosidade em saber o que vai acontecer. Espero poder conhecê-la.

E isso faz-me pensar noutra coisa. Não posso ir a Dallas sem ir visitar os meus pais.

— Já que vamos estar em Dallas... queres ir jantar aos meus pais?

O Ridge responde imediatamente.

— Adorava conhecer os teus pais, Sydney.

Não sei porquê, mas essa frase faz com que o meu coração se derreta um bocadinho. Sorrio e dou um gole na minha bebida.

— Já falaste aos teus pais sobre mim? — pergunta ele.

— Disse à minha mãe que tenho um namorado. Ela fez-me umas vinte perguntas.

Ele sorri.

— Só vinte?

— Talvez vinte e cinco.

— O que é que tu disseste? Como é que me descreveste?

— Disse que és muito talentoso. E muito giro. E bom a pregar partidas. E bom na cama.

O Ridge ri-se.

— É claro que disseste. — Inclina-se na cadeira, batendo casualmente no meu joelho com o dele. Está a olhar para o prato, a mexer no resto do risoto. — Disseste-lhes que sou surdo?

Não lhes disse, mas apenas porque o assunto não veio à baila, e nem sequer me lembrei disso.

— Devia ter dito?

O Ridge encolhe os ombros.

— Talvez valesse a pena mencioná-lo. Se o puder evitar, não gosto de apanhar as pessoas desprevenidas. Gosto que estejam avisadas.

— Tu não me avisaste.

— Contigo foi diferente.

— Como?

Ele inclina a cabeça e fica a pensar na resposta. Depois, pega no telemóvel, o que significa que quer explicar-me algo que acha conseguir fazer melhor por mensagem do que em voz alta.

Ridge: Na maioria dos casos, gosto de avisar as pessoas antes de nos conhecermos. Torna o momento menos desconfortável quando o descobrirem. Não te avisei porque me pareceu... Sei lá. Contigo foi diferente.

Sydney: Diferente no bom sentido?

Ridge: Diferente no melhor sentido possível. Tenho sido o tipo surdo toda a minha vida. Vem logo ao de cima quando conheço alguém.

Sempre que converso com alguém pela primeira vez, o meu primeiro pensamento é como é que a pessoa irá reagir ao facto de eu ser surdo. É, provavelmente, o primeiro pensamento da pessoa com quem estou a conversar. Define como me trata, como reage a mim, e como eu reajo a ela. Mas contigo, por vezes, esqueço-me dessa parte de mim. Contigo, esqueço aquilo que me define para todos os outros. Contigo... sou apenas eu.

Fico satisfeita por ele ter escrito tudo isto, pois é mais uma coisa que quero registar e recordar para sempre.

— Os meus pais vão adorar-te tanto quanto eu.

O Ridge sorri por instantes, mas é um sorriso fugaz. Depois, tenta escondê-lo pegando na sua bebida, mas eu vejo o conflito que surgiu por segundos nos olhos dele. Imagino se os quererá conhecer apenas para me agradar. E se ele não estiver pronto para dar esse passo? Não namoramos assim há tanto tempo.

— Estás bem? — pergunto em língua gestual.

Ele anui com a cabeça e pega-me na mão. Deixa a dele pousada em cima da minha na mesa e acaricia-me com o polegar.

— Estou bem — diz. — É que, por vezes, contigo, sinto vontade de ter pais melhores. Pais que pudessem conhecer-te e saber que és perfeita para mim. Pais que te pudessem adorar.

As palavras dele fazem-me sentir um aperto no coração.

— Tu tens o Brennan. Ele adora que tu estejas feliz.

— Pois — diz-me com um sorriso. — E o Warren.

— E a Bridgette.

O Ridge faz uma careta.

— Por muito estranho que isso seja.

— Não é? Eu gosto mesmo dela — digo com uma gargalhada. — Se há seis meses alguém me dissesse que eu e a Bridgette acabaríamos por ficar amigas, eu teria apostado todas as minhas poupanças no contrário. São só quinhentos dólares, mas mesmo assim.

O Ridge ri-se.

— Se há seis meses me tivesses dito que tu e eu iríamos namorar e passar um dia inteiro a ajudar a Maggie a mudar-se para o meu complexo, eu também teria apostado todas as tuas poupanças no contrário.

— A vida é estranha, não é?

O Ridge assente com a cabeça.

— Estranha, mas bonita.

Eu sorrio-lhe e acabamos de comer num confortável silêncio. Levanto a mesa e ponho a louça na máquina. O Ridge liga o telemóvel ao *bluetooth* da minha aparelhagem e põe a tocar uma das minhas *playlists* do Spotify.

É assim que eu sei que ele me ama verdadeiramente. Faz coisas que não têm qualquer impacto nele, como certificar-se de que há sempre música ligada, mesmo que não a consiga ouvir. Ele sabe que gosto disso, por isso fá-lo para me fazer feliz. Lembro-me da primeira vez que o fez. Estávamos no carro dele, a vir do bar, e ele ligou o rádio para mim.

São as pequenas coisas que as pessoas fazem umas pelas outras que definem uma boa parte de quem são.

O Ridge cruza os braços em cima da bancada e inclina-se para a frente, a sorrir-me.

— Trouxe-te um presente.

Eu sorrio enquanto ligo a máquina de lavar louça.

— Trouxeste?

Ele pega-me na mão.

— Está no teu quarto.

Não faço ideia do que seja, mas agarro na mão dele com as minhas e puxo-o para o quarto porque estou excitada. Ele empurra-me para poder entrar primeiro. Larga as minhas mãos para poder falar em língua gestual.

— Uma vez estávamos a compor uma música juntos e tu disseste que gostavas muito de ter isto.

Ele abre a porta, dirige-se à minha cama e tira de debaixo dela uma caixa enorme. É um teclado elétrico, juntamente com suporte e banco. Reconheço a marca imediatamente. É a mesma que uso nas minhas aulas de música,

por isso sei exatamente quanto ele gastou neste presente, e imediatamente quero dizer-lhe que não posso aceitar. Mas, ao mesmo tempo, estou tão excitada com isto que corro até à caixa e passo as mãos por ela.

Lanço os braços à volta dele e beijo-lhe todo o rosto.

— Obrigada, obrigada, obrigada!

Ele ri-se, sabendo o quanto me fez feliz.

— É este?

Anuo com a cabeça.

— É perfeito.

Eu tinha um piano em casa dos meus pais, mas é demasiado grande para transportar. Cresci a tocar, e foi assim que nasceu o meu amor pela música. Aos poucos, comecei a experimentar outros instrumentos, mas o piano esteve sempre no meu coração. O Ridge encosta o teclado à parede. Eu sento-me e começo a tocar, enquanto o Ridge se senta na cama. Fica a olhar para as minhas mãos com prazer, como se pudesse ouvir o som que elas produzem.

Quando acabo de tocar, passo as mãos pelas teclas com gratidão. Não posso crer que ele se lembrou de um comentário que eu fiz há muito tempo sobre desejar ter um piano igual aos que usava na escola.

— Porque é que me compraste isto?

— Porque sim. És boa a compor músicas, Syd. Muito boa. Mereces um instrumento que te ajude a criá-las.

Torço o nariz, porque ele sabe que fico constrangida com elogios. Tal como ele, suponho. Subo para a cama e envolvo-o com os braços, olhando-o nos olhos.

— Obrigada.

Ele afasta o meu cabelo, fazendo deslizar a mão de lado na minha cabeça.

— De nada.

Sinto-me inspirada. Por ele, pelo presente dele, pela sensação que tive a caminho de casa, com os vidros abertos e a música aos berros.

— Vamos compor uma música agora mesmo. Tive uma ideia quando vinha do trabalho.

Estico-me até à mesa de cabeceira e agarro num bloco de notas e em

canetas. Sentamo-nos encostados à cabeceira, mas a guitarra que ele tem aqui está encostada à parede. Ele não vai buscá-la, e, ao invés, decidimos começar pela letra.

A caminho de casa, pensei que queria que as coisas fossem assim para sempre. Quis encapsular este amor e guardá-lo para sempre. Mal tive esse pensamento, soube que queria compor uma música em volta desse sentimento. No cimo da página, escrevo o potencial título: «Um Amor para Guardar». Escrevo as primeiras linhas da letra à medida que vão surgindo na minha cabeça.

Tenho algum dinheiro guardado
O suficiente para viver
A nossa casa é aqui ao lado
E chega para nos aquecer

Não temos amigos ricos ou famosos
Mas fingimos ao fim de semana

Tamborilo na página, percorrendo a letra com os dedos para o Ridge ter uma ideia do ritmo da música. Ele começa a bater com a mão no joelho ao mesmo ritmo que eu, pega na caneta e escreve «Refrão». Depois, continua com alguns versos seus.

Mesmo com as nossas roupas a desbotar
Vão parecer sempre novas em ti
Mesmo que os tempos estejam a mudar
Nada vai mudar o que penso de ti
Sabes que temos um amor para guardar

Mal vejo os versos «Mesmo com as nossas roupas a desbotar, vão parecer sempre novas em ti», sorrio. Na semana passada conversámos sobre a possibilidade de eu mudar de curso. Ainda não sei o que quero fazer, mas ele apoia o que quer que eu decidir, mesmo que isso signifique dificuldades financeiras. Disse-me estas palavras, que as roupas pereceriam novas em

mim, mesmo desbotadas, e eu disse-lhe que ele devia pô-las numa canção. É quase como se ele estivesse à espera deste momento e já tivesse deixado os versos preparados. É incrível a facilidade com que trabalhamos juntos. Compor música é algo tão solitário, como imagino que seja escrever um livro. Mas, quando estamos juntos, funciona. É como se fôssemos melhores juntos do que sozinhos.

Ele está a bater com as mãos ao ritmo do refrão, mas eu fiquei parada na sua parte da letra. Faço um coração ao lado para lhe dizer que adorei. Depois, faço uma pausa por instantes até encontrar os versos seguintes.

Não preciso de ouro ou diamantes
Basta-me o brilho dos teus olhos
Se é amor que estás a vender
Sabes que vou continuar a querer
Podemos criar algo do nada
E manter esta vida encantada

O Ridge salta da cama e pega na guitarra. Decido usar a função de gravar do teclado, por isso sento-me no banco e ele senta-se ao meu lado na cama. Passa os quinze minutos seguintes a trabalhar na música com a guitarra, e eu uso o que ele está a criar na guitarra para completar com o piano.

Ele acrescenta mais alguns versos e mais um refrão. Em menos de uma hora, a música está praticamente pronta. Só temos de a entregar ao Brennan para que ele grave esta semana para ver como fica. Foi uma das músicas que escrevemos mais facilmente. Gravo enquanto tocamos de novo, e depois primo o *play* no teclado para ouvir. É mais animada do que a maioria das músicas que compusemos juntos.

Adoro compor com dois instrumentos. As opções de acrescentar mais variações com o teclado tornam a música mais refinada do que as que costumamos mandar para o Brennan, usando apenas a guitarra do Ridge. Estou tão empolgada com a música e com o presente que o Ridge me deu que sinto vontade de dançar enquanto a música toca.

O Ridge pousa a guitarra e fica a ver-me a dançar pelo quarto ao som da

música. Rio-me sempre que os nossos olhos se cruzam porque estou muito bem-disposta. A certa altura, quando olho para ele, ele não está a sorrir. Paro, a pensar no que lhe terá acontecido.

— Gostava de poder dançar contigo — diz ele em língua gestual.

— E podes. Já o fizeste.

Ele abana a cabeça.

— Não com uma música lenta, em que só fico parado. Queria dançar assim. — Ele acena com a mão para mim. — A um ritmo mais rápido.

Sinto um aperto no peito com as palavras dele. Aproximo-me, agarro-lhe na mão e puxo-o.

— Ridge Lawson, podes fazer o que quiseres.

Pouso a mão na nuca dele, e ele põe as mãos na minha cintura. Começo a bater no peito dele ao compasso da música. Movo-me da esquerda para a direita ao ritmo da música, e ele acompanha-me. Canto a letra para que ele possa ver a minha boca e saber em que parte da música estamos. Quando a música termina, estendo o braço e primo *play* de novo para que possamos continuar.

O Ridge começa a entrar no ritmo, e eu rio-me quando isso finalmente acontece. Ele também se ri e começa a guiar-me, seguindo um ritmo que nem sequer consegue ouvir. Guia-me pelo quarto enquanto eu canto e bato com as mãos nele. Quando o refrão final acaba, ele vira-me e puxa-me para o seu peito enquanto paramos lentamente.

Mantém-me assim e fica a olhar para mim enquanto eu olho para ele. Estamos ambos a sorrir. Quando o olho nos olhos, percebo mais do que nunca a total gratidão que ele sente por mim. É como se eu tivesse acabado de lhe dar algo que ele achava que nunca seria capaz de viver.

Para mim, foi uma simples dança, algo que passo a vida a fazer e a que já nem dou valor. Para ele, foi um grande passo. Algo que nunca tinha feito antes e que acreditava nunca vir a fazer.

Neste momento, ele deve estar a sentir o que eu sinto sempre que ele põe música a tocar para mim. São essas pequenas coisas que criam os nossos momentos mais importantes.

Ele pega no meu rosto entre as mãos, preparando-se para dizer algo. Mas, em vez de usar palavras ou língua gestual, inspira silenciosamente enquanto olha para mim. Baixa a boca até à minha e dá-me um beijo delicado nos lábios. Depois, olha-me nos olhos, transmitindo mais com o olhar do que com qualquer outra forma de comunicação.

— Sydney — diz baixinho. — Tudo por que passámos para chegar aqui. Aqui mesmo. Valeu tudo a pena.

Não há nada que eu possa dizer, por palavras ou língua gestual, que supere a importância do que ele acabou de dizer.

Estico-me e ponho a tocar novamente a nossa música. Ele sorri enquanto eu pouso os braços atrás do pescoço dele. Encosta a testa à minha e dançamos.

28.

Ridge

Queria mandar ao Brennan a primeira versão da canção que eu e a Sydney escrevemos esta noite, mas preciso do meu portátil para o fazer. E é por isso que viemos até ao meu apartamento e nos pusemos nesta terrível situação.

Nós os dois, parados à porta.

O rabo do Warren, virado para nós no sofá.

É tão... *pálido*.

A Sydney vira-se mal entramos. Está a cobrir os olhos, apesar de já não estar virada na direção do rabo do Warren. Está a abanar a cabeça como se quisesse poder esquecer o que acabou de ver. Eu também queria.

Acho que a Bridgette deve estar a gritar. Ainda bem que não consigo ouvir. A única coisa que vejo é o Warren a cobri-la com a manta que está nas costas do sofá. *Não esquecer de lavar a manta amanhã*.

O Warren cobre o material com uma almofada. *Lavar a almofada também*.

— Não sabem bater? — diz ele em língua gestual.

— Não sabes trancar a porta? — respondo-lhe em língua gestual.

Agarro na mão da Sydney e puxo-a para o meu quarto. Quando estamos longe da nudez do Warren, ela abre finalmente os olhos.

— Nunca mais me sento naquele sofá — diz ela, aproximando-se da cómoda.

Tira os chinelos de enfiar no dedo. Eu aponto para a casa de banho e ela anui com a cabeça.

— Vou buscar umas aveias — diz ela mesmo antes de eu me afastar.

Estou na casa de banho com a porta fechada quando percebo que o que ela disse não faz sentido nenhum. Aveias? No quarto? E se o que ela disse não foi aveias?

Meias.

Ela vai buscar umas meias.

Merda! O anel!

Abro a porta da casa de banho, mas é tarde demais. A gaveta das meias está aberta. Ela tem a caixa nas mãos. A caixa está aberta e ela está a olhar para o anel de noivado com a mão na boca.

29.

Maggie

A minha antiga senhoria enviou-me uma mensagem esta manhã a dizer que tinha recebido correio para mim, por isso decidi ir até San Antonio para me encontrar com o Jake em vez de ser ele a vir até Austin. Mandei-lhe uma mensagem depois de ir buscar o correio para lhe dizer que ele não tinha de ir ter comigo para jantar. Ele respondeu quase imediatamente com a sua morada. A mensagem foi seguida de outra que dizia: «A chave está debaixo de uma pedra ao lado do grelhador no pátio. Chego dentro de algumas horas.»

Isso foi há sete horas.

Mandou-me várias mensagens desde então, a pedir muita desculpa. Foi chamado de urgência para uma cirurgia. Eu asseguro-lhe que está tudo bem. Até me ofereci para voltar noutro dia, mas ele obrigou-me a jurar que esperaria por ele.

Por isso... para que não fosse tão estranho passar sete horas na casa de um homem com quem nem sequer namoro oficialmente, tentei manter-me ocupada. Acho que subestimei a sinceridade do Jake quando me disse que era desarrumado. Porque... mesmo depois de ter ido comprar produtos de limpeza e de horas de trabalho... a casa ainda não está completamente limpa. Fiz quatro máquinas de roupa, duas de louça, fiz a cama dele pelo que parece ser a primeira vez na vida, lavei as duas casas de banho e agora estou a preparar o jantar.

Vim a esta casa preparada para passar cá a noite. Não creio que ele me

fosse pedir isso, mas, em todo o caso, trouxe a minha medicação, uma muda de roupa e o meu colete respiratório. A ideia de o usar à frente dele deixa-me envergonhada, mas evitar as minhas responsabilidades e acabar novamente doente deixar-me-ia ainda mais envergonhada.

Sinto que ele vai querer que eu passe aqui a noite. As nossas mensagens começaram a ser mais travessas há umas horas. A última mensagem que lhe enviei era uma foto da minha mão na bancada impecavelmente limpa da cozinha, e ele respondeu com: «É a foto mais sexy que já vi na vida.»

Estou a pôr o queijo na piza quando ouço a chave na porta. Quando ele a abre, sinto um friozinho minúsculo no estômago. É ridículo, mas gosto muito dele. E o facto de gostar de olhar para ele também ajuda. Ele está de calças de ganga gastas e com uma camisa azul-clara e uma gravata preta. E um sorriso. Tenta examinar a cozinha enquanto se aproxima de mim, mas os olhos dele acabam sempre por cair em mim. Percebo pela forma como me olha que esperou todo o dia por este momento.

— Usas roupas cirúrgicas no trabalho?

Ele atira as chaves para a bancada.

— Sim. Na maior parte das vezes, mas ficam lá. Por causa da esterilização. — Começa a tirar a gravata enquanto olha para mim. — Devias vir morar comigo.

Rio-me do humor seco dele.

— Não, obrigada. Não pretendo ser a tua empregada de limpeza. — Viro-me de novo para a bancada e acabo de pôr os ingredientes na piza.

O Jake aproxima-se por trás de mim e abraça-me. Eu encosto-me a ele, com saudades do toque e do cheiro dele. Ele baixa a boca até ao meu ouvido.

— Se fosses minha empregada, podia pagar-te em orgasmos.

— Depois do dia de hoje, acho que já me deves um ou dois.

Ele ri-se de encontro ao meu pescoço.

— Tendo em conta o estado impecável da minha cozinha, acho que te devo alguns.

Atiro a cebola picada para a piza e lavo as mãos. Ele ainda está atrás de mim, com os braços à minha volta.

— Vais passar aqui a noite? — Parece esperançoso.

Não quero parecer desesperada, por isso não admito que já tenho uma muda de roupa na mochila, no quarto dele.

— Resolvemos isso depois — digo, para o provocar.

Sinto-o a abanar a cabeça e depois vira-me para ele.

— Não, vamos resolver isso agora. Passa aqui a noite.

— OK. — *Sou demasiado fácil*. Contorno-o e ponho a piza no forno.

— Quanto tempo é que isso demora?

Fecho a porta do forno e viro-me para ele.

— O tempo que demorares a pagar um dos orgasmos que me deves.

Finalmente, ele beija-me. Depois pega em mim, leva-me para o quarto e deita-me na sua cama impecável. Olha em volta por instantes quando percebe que também limpei o quarto. Depois, deixa-me deitada na cama enquanto se dirige à casa de banho. Quando vê a sua casa de banho impecável, vai até à lavandaria.

Quando regressa ao quarto, rasteja para cima de mim.

— Maggie Carson.

É tudo o que diz. Apenas o meu nome, com um sorriso. E depois desaparece do meu raio de visão enquanto desce pelo meu corpo para me desapertar as calças.

Agradece-me e, quando acaba, ainda temos cinco minutos até a piza estar pronta.

30.

Sydney

— Não é o que estás a pensar — diz o Ridge.

Levanto os olhos e destapo a boca.

— Acho que é um anel de noivado. Não é?

O Ridge abana a cabeça e aproxima-se de mim.

— Não. Sim. Quer dizer... é, mas não é. É um anel de noivado... mas... não é para ti.

Ele está a falar com muito cuidado, por isso demoro um instante a perceber que os olhos dele estão cheios de cautela e pesar. Olho de novo para o anel que não é para mim.

— Ah — digo. — Não sabia que a tinhas pedido em casamento.

Ele abana a cabeça, quase com firmeza.

— Não pedi.

O coitado parece estar aterrorizado com a minha potencial reação. O que ele não vê é quão *aliviada* me sinto. Nem sequer namoramos oficialmente há um mês. Se ele já tivesse comprado um anel com a intenção de me pedir em casamento, eu provavelmente teria chorado, mas não de alegria. Tenho a certeza, com base no que estou a sentir neste momento, que me teria assustado. O que é estranho. Amo o Ridge mais do que alguma vez amei alguém, e adoraria ser mulher dele. Adoraria casar-me com ele. Mas quero apreciar as fases do nosso relacionamento o máximo possível.

Adoraria ser noiva dele, mas também adoro ser namorada dele. Quero mais da relação namorado/namorada antes de passarmos à fase seguinte.

Rio-me, agarrada ao peito. Tenho o coração a bater tão depressa.

— Meu Deus, Ridge. Achei que estavas prestes a pedir-me em casamento. — Sento-me na cama, ainda agarrada à caixa. — Amo-te, mas... ainda é muito cedo.

Toda a tensão no pescoço e no maxilar dele se aliviam com a minha resposta.

— Oh, graças a Deus — diz ele, passando uma mão pelo rosto. Mas depois tenta recuperar rapidamente. — Não que não te queira pedir em casamento. Mas... pois. Um dia.

Ele senta-se ao meu lado na cama e eu bato-lhe com o ombro enquanto sorrio.

— Talvez um dia.

Ele retribui o sorriso.

— Talvez um dia.

Olho para o anel e passo o dedo por ele. Parece uma antiguidade.

— É um anel muito bonito.

Ele pega no telemóvel e começa a enviar-me uma mensagem. Pego no meu para a ler.

Ridge: Pertenceu à avó da Maggie. O avô dela deu-mo quando namorávamos, mas eu nunca a pedi em casamento. Tencionava devolver-lho quando acabámos, mas nunca encontrei o momento certo. Ela não sabe que o tenho.

Sydney: Tu guarda-lo na gaveta das meias. É o lugar mais óbvio para esconder um anel. É provável que ela já o tenha visto.

Ridge: Esteve no armário durante três anos. Só o mudei para a gaveta das meias há duas semanas para me lembrar de lho devolver.

Sydney: Tiveste-o durante três anos e nunca a pediste em casamento? O que te impediu?

O Ridge encolhe os ombros.

— Nunca me pareceu certo.

Eu quero sorrir, mas não o faço. Ouvir o Ridge a dizer que nunca pareceu certo faz com que me sinta bem. Será que devia? Quem sabe? Sinceramente, estou cansada de questionar as minhas reações a tudo o que sinto. A partir de agora, só quero sentir. Sem restrições. Sem culpa. E, neste momento, sinto alívio. Alívio porque o anel não é para mim, mas também porque ele nunca chegou a dá-lo à Maggie.

— Devolvo-lho amanhã.

Ele tenta pegar nele, mas eu afasto-o.

— Não — digo. — Acho que devias esperar.

— Esperar? Porquê?

Mando-lhe uma mensagem com a minha longa resposta porque é demasiado para dizer em língua gestual e demasiado para ele tentar compreender.

Sydney: Acho que este anel deve ser muito importante para a Maggie. E sei que é tudo muito recente entre eles, mas acho que o Jake também é muito importante para ela. Talvez devesses esperar e ver como as coisas correm entre os dois. Se eles se apaixonarem, acho que devias dar o anel ao Jake. Não à Maggie.

O Ridge sorri ao ler a mensagem. Depois olha para mim com apreço.

— OK.

Entrego-lhe o anel, e ele volta a guardá-lo na cómoda. Põe as mãos nos bolsos.

— O que queres fazer durante o resto da noite?

Encolho os ombros.

— Ver o rabo do Warren tirou-me toda a vontade de uma segunda volta.

O Ridge ri-se e deixa-se cair na cama ao meu lado.

— Podíamos ir ver um filme.

— Não — respondo, abanando imediatamente a cabeça. — Nunca mais me sento naquele sofá.

— Não, estava a pensar no cinema.

— Mas... como é que isso iria ser divertido para ti? Não tem legendas.

— Então levas os teus tampões de ouvidos e vemo-lo juntos em silêncio.

Levanto-me, animada e ansiosa. Um encontro. Posso não ter vontade de sexo neste momento, graças ao Warren, mas estou cheia de vontade de ter um encontro com o rapaz com quem namoro há menos de um mês, que amo com toda minha alma, mas de quem ainda não quero um anel de noivado.

31.

Jake

Quando acordei esta manhã, fiz-lhe o pequeno-almoço. *Bacon*, ovos, biscoitos. Tudo. E, tal como eu esperava, o resultado foi exatamente o oposto do que aconteceu quando preparei o pequeno-almoço em casa dela depois da primeira noite que passámos juntos. Ela aproximou-se de mim usando apenas um sutiã e a camisa com que cheguei ontem. Desabotoada. Não consegui tirar os olhos dela, quase queimei os ovos.

Beijou-me na bochecha e preparou algo para beber. Eu já estava atrasado, mas não quis saber. Queria tomar o pequeno-almoço com ela, por isso demorei-me mais meia hora. Quando estava pronto para sair de casa, ela estava a vestir-se. A ideia de não a ver de novo durante mais uma semana ou duas não era agradável.

— Fica — disse-lhe, puxando-a para mim antes de sair.

Ela sorriu.

— Para quê? Para poder limpar a cozinha que acabaste de destruir quando cozinhaste para mim?

Ainda tenho muita vergonha por ela ter limpado a casa ontem. Agradecido, sim. Mas a casa nunca estivera em tão mau estado. Trabalhei tanto nas últimas semanas que só tinha vontade de me deitar quando chegava a casa. E o Justice esteve doente, por isso não fez as tarefas dele. Sou desarrumado, mas o que ela viu ontem foi a pior bagunça da minha vida.

— Fica e descansa. Vê Netflix. Tenho chocolate na despensa.

Ela sorriu.

— Que tipo de chocolate?

— *Reese's*. Talvez alguns *Twix*.

Ela torceu o nariz.

— É tentador. Mas tenho de ter cuidado com o açúcar.

— Também há chocolate sem açúcar.

— Argh — disse ela, deixando a cabeça cair, derrotada. — Não posso dizer que não a isso. Ou a ti. A que horas voltas?

— Não sei. Vou tentar remarcar algumas das consultas da tarde.

— OK. Mas vou seguir o teu conselho e não vou limpar. — Deu-me um beijo leve nos lábios e deixou-se cair no sofá.

— Vou ficar aqui mesmo. O dia todo.

— Boa.

Inclinei-me e dei-lhe um beijo. Um beijo bom. Não, um beijo *excelente*. Um que ficou comigo todo o dia. Um que mal posso esperar por voltar a casa e repetir.

Consegui remarcar as minhas três últimas consultas do dia. É a segunda vez em duas semanas que faço isso. É invulgar para mim, por isso a minha enfermeira, a Vicky, percebeu que se passava alguma coisa.

— Divirta-se no seu encontro — disse ela quando eu estava a caminho da porta.

Parei e voltei-me para olhar para ela. Ela lançou-me um olhar cúmplice e dirigiu-se ao corredor.

Achei que não estava a ser muito transparente, mas é difícil esconder este tipo de euforia. Tenho a certeza de que nunca conheci este lado de uma relação. Com a Chrissy, fomos pais muito cedo. Antes disso, eramos apenas miúdos. Entre a faculdade de Medicina e o Justice, nunca tivemos tempo para nos apreciarmos um ao outro.

Gosto disto.

Estou a gostar muito da companhia da Maggie. Odeio a ideia de que ela provavelmente se vai embora esta noite ou de manhã, mas também prometi a mim mesmo que não lhe imploraria para ficar, como esta manhã. Foi um momento de fraqueza. Tenho de me recordar que esta é a mesma mulher

que já se passou comigo duas vezes. Só agora estou a voltar aos relacionamentos românticos e não a quero afastar.

Pois é, a promessa que eu fiz há bocado durou três horas.

Acabámos de voltar do jantar e ela está a guardar as coisas na mochila.

— Fica até de manhã — digo.

Ela ri-se e abana a cabeça.

— Jake, não posso. Acho que há uma regra que diz que não podemos passar duas noites seguidas com alguém com quem nem sequer namoramos oficialmente.

— Então, vamos oficializar as coisas. Queres namorar comigo? Passa aqui a noite.

Ela olha para mim com um ar estranho.

— Oh, não foi uma dica de que querias namorar comigo?

— Não, só disse isso porque estava preocupada. Não quero sufocar-te.

Afasto-lhe o cabelo do rosto.

— Eu não me importaria.

Ela encosta a testa ao meu peito e geme, depois dá um passo atrás.

— Temos responsabilidades. Faltam-me três semanas para acabar as aulas. Tu trabalhas amanhã. Não podemos fingir que as coisas vão ser assim. Uma relação tranquila, romântica e acelerada.

— E quem é que está a fingir?

Ela ergue o sobrolho, como se se fosse passar novamente comigo. Vejo-a a resguardar-se outra vez. Agarro-lhe no pulso e puxo-a para mim.

— Sabes que mais?

— Que mais?

— Eu não sou o teu ex-namorado.

— Eu sei muito bem disso — responde ela.

— Mas só porque não estive aqui a maior parte do teu passado, isso não significa que não esteja consciente do nosso presente. E de tudo o que pode ou não acontecer no futuro. Para de fingir que temos de ser mais

responsáveis do que já somos porque tens medo de onde isto nos possa levar.

— Isso foi profundo.

— Eu estava a tentar ser superficial. Esta noite não quero que penses em responsabilidades ou doenças ou nas regras dos relacionamentos. Quero que pouses o saco, me beijes e pares de te preocupar tanto. — Encosto a testa à dela. — Vive o momento, Maggie.

Ela tem os olhos fechados, mas consigo ver o sorriso a surgir no seu rosto quando deixa a mochila cair ao chão.

— És tão bom para mim, Jake Griffin. Mas também um pouco mau.

Ela beija-me o queixo e depois estica-se e beija-me na boca. Os seus braços encontram a bainha da minha camisa e ela enfia as mãos por baixo e passa-as pelas minhas costas.

Eu ajudo-a a tirar-me a camisa e depois levo-a para o quarto. A contar com o nosso caso de uma noite, esta é a quinta vez que fazemos amor. Imagino quando será que deixarei de contar.

Passamos a meia hora seguinte a viver o momento. Eu em cima, depois ela, depois eu novamente. Quando o momento acaba, deito-me de costas para recuperar o fôlego. Ela deita a cabeça no meu peito e move-se juntamente com a minha respiração.

Meu Deus, era capaz de me habituar a isto. Passo os dedos pelo cabelo dela, a imaginar se teremos tornado isto oficial. Acho que ela não se opôs, mas também não aceitou.

— Maggie?

Ela levanta a cabeça e apoia o queixo no meu peito, olhando para cima.

— Sim?

— Isto já é oficial?

Ela anui com a cabeça.

— Depois desta ronda? *Muito* oficial.

Sorrio, mas o meu sorriso rapidamente desaparece do rosto quando ouço a porta da rua a abrir-se.

— Pai?

— Merda!

Salto da cama e agarro nas minhas calças de ganga.

A Maggie levanta-se e agarra nas dela.

— O que é que eu faço? — sussurra. — Queres que me esconda?

Corro para o armário.

— Sim, esconde-te aqui.

Ela dirige-se ao armário sem levantar questões. Não consigo deixar de rir. Agarro-lhe no pulso mal ela chega à porta.

— Estava a brincar, Maggie. — Tento controlar o riso, mas *ela estava mesmo prestes a esconder-se no armário*. — Ele já sabe sobre nós. Veste-te e vem conhecê-lo.

Ela olha para mim por instantes e depois bate-me no peito.

— Idiota.

Ainda me estou a rir quando pego na camisa que está no chão.

— Pai? — chama o Justice.

— Estou a ir! — respondo.

Quando estou vestido, dou um beijo rápido à Maggie e deixo-a no quarto a acabar de se vestir. O Justice está parado na cozinha com o seu amigo Cody.

— Tudo bem? — digo, o mais casualmente possível.

— Tudo normal, pai. E *contigo*?

Faço uma pausa. Ele sabe alguma coisa. Está com um sorriso travesso.

O Cody, o amigo dele, tem na mão a camisa da Maggie.

— De quem é isto?

Ambos se começam a rir. Agarro na camisa e regresso ao quarto. Abro a porta e atiro a camisa à Maggie. Depois espero que ela a vista.

— Obrigada — diz ela. — Estava com medo de que eles a vissem.

Não lhe digo que viram. Ela veste-a e segue-me para fora do quarto. Quando entramos na cozinha, o Cody fica de queixo caído quando vê a Maggie. Dá uma cotovelada ao Justice.

— Meu — diz o Cody ao Justice. — A tua madrasta é boazona.

O Justice revira os olhos.

— Isto não é nada constrangedor.

A Maggie apenas se ri. *Graças a Deus*.

Apresento-os.

— Maggie, este é o meu filho, o Justice. — O Justice acena-lhe. — E este é o Cody, amigo dele.

A Maggie sorri-lhes.

— Olá. Eu... *não sou* madrasta de ninguém.

— Melhor ainda — responde o Cody.

Eu olho para ele e ele perde o sorriso que tem no rosto.

O micro-ondas apita e o Justice tira de lá um saco de pipocas.

— A mãe foi chamada. Disse-me que telefonasse primeiro e te perguntasse se podia vir.

— E porque é que não telefonaste primeiro?

O Justice sorri.

— Porque assim saberias que eu vinha cá — diz ele. Depois, olha para a Maggie. — Sabes quem é o M. Night Shyamalan?

— O realizador? Claro.

O Justice lança-me um olhar de aprovação e depois volta a olhar para a Maggie.

— Qual é o teu filme preferido dele?

Ela dirige-se à bancada e senta-se. Parece sentir-se confortável. Fico satisfeito com isso. Não queria que isto fosse estranho, mas também não estava a planear apresentá-los tão cedo. Mas escondê-la teria sido bem mais estranho.

— É difícil dizer — responde ela. — *Sinais*, obviamente, mas *O Sexto Sentido* terá sempre um lugar especial no meu coração.

— O que achas de *O Acontecimento*? — pergunta o Justice.

— Nunca vi.

O Cody abre o pacote de pipocas e diz:

— Bem, Maggie, *que não é madrasta de ninguém*, esta noite estás com sorte.

O Justice despeja o pacote de pipocas em duas tigelas e entrega uma à Maggie. Ela leva uma pipoca à boca enquanto o Justice e o Cody se dirigem à sala.

Eu respiro fundo, apesar de não saber bem porquê. Eles têm 11 anos. Não sei bem porque é que tudo isto me deixou tão nervoso.

— Gosto dele — diz ela.

— Eu disse-te que ele era um bom miúdo.

Ela levanta-se e põe uma pipoca na minha boca.

— Até sou capaz de gostar mais dele do que de ti. — Passa por mim, rodopiando para olhar para mim enquanto se afasta. — Ninguém põe a Maggie num armário.

Rio-me.

— Espertinha.

Ela afasta-se até à sala. Eu sigo-a, porque é isso que os namorados fazem, não é?

O Justice e o Cody apoderaram-se do sofá grande em frente à televisão. Eu e a Maggie sentamo-nos no de dois lugares. Ela encosta-se a mim, posicionando-se na horizontal para poder ver melhor. Apoia os pés no braço do sofá.

O Justice dá início ao filme, e eu nem sequer estou desapontado por já o ter visto quatro vezes. Estou apenas feliz por a noite acabar assim.

Amanhã, talvez fique assustado ao pensar no que me estou a meter com esta mulher.

Mas agora só quero viver o momento.

32.
Três meses depois

Sydney

Estou a tentar que a Bridgette seja mais calorosa com a Maggie desde que ela se mudou para perto de nós, há uns meses. Mas ela continua bastante fria.

A Bridgette está sentada na cama da Maggie enquanto eu ajudo a Maggie a escolher uma roupa para esta noite, por isso estamos a fazer progressos. Ela não entrava aqui desde que a Maggie se mudou, fora a vez em que ela teve de passar umas noites no hospital por causa da doença. A Bridgette veio buscar-lhe umas roupas, mas só porque o Warren a obrigou.

— Acho que a camisola preta ficava melhor com estas — diz a Maggie. — Vou experimentar.

Agarra na camisola que eu trouxe e leva-a para a casa de banho, fechando a porta atrás de si. Eu olho para Bridgette. Ela está de costas, a olhar para o teto, a bocejar. Pego no telemóvel e mando-lhe uma mensagem, porque não quero que a Maggie ouça a nossa conversa.

Sydney: Estás a tornar isto desconfortável.

A Bridgette lê a mensagem e olha para mim, erguendo uma mão frustrada.

Bridgette: O que foi?! Estou só a ser eu própria.

Sydney: Pois. Sem ofensa, mas o problema é esse. Por vezes as pessoas têm de fazer o esforço de NÃO serem elas próprias para que as situações

à sua volta sejam um pouco mais toleráveis. Não lhe disseste uma palavra. Faz um esforço. Faz-lhe perguntas.

Bridgette: Eu ESTOU a fazer um esforço. Estou aqui. Além disso, não tenho perguntas para ela. O que é que lhe vou dizer? Não sei fingir.

Sydney: Pergunta-lhe acerca do fim do curso. Pergunta-lhe como foi quando fomos fazer *bungee jumping*. Pergunta-lhe como é que o Jake está. Há muitas potenciais perguntas, se te esforçares.

A Maggie sai da casa de banho quando a Bridgette deixa cair o telemóvel na cama e revira os olhos.

— Essa camisola fica-te bem — digo à Maggie. Ela está a virar-se para um lado e para o outro ao espelho.

Olho para a Bridgette e faço uma careta. A Bridgette senta-se dramaticamente, batendo com as mãos na cama. Pigarreia.

— Então... *Maggie*. Como estão as coisas entre ti e o *Jake*? Bem? Espero que sim. — Ela força um sorriso, mas parece um robô enferrujado.

Talvez isto não seja boa ideia. Olho para a Maggie, e ela está parada a olhar para a Bridgette com a cabeça inclinada.

Olho de novo para a Bridgette e abano a cabeça.

— Uau. Não sabes mesmo falar com as pessoas.

A Bridgette levanta as mãos.

— Eu *avisei*! — diz ela.

A Maggie olha para mim.

— Foste tu que a obrigaste a perguntar isso?

Encolho os ombros.

— Estava só a tentar ensiná-la a interagir normalmente com as pessoas.

— Não combina contigo — diz a Maggie olhando para a Bridgette.

— Estás a ver?

A Bridgette deixa-se cair na cama.

— Eu devia ser eu própria. Sou boa a ser eu própria.

— Pronto. Desculpa ter tentado. — Volto a prestar atenção à Maggie. — Mas, *sim*, como é que tu e o Jake estão?

A Bridgette senta-se na cama novamente e aponta para mim.

— Porque é que parece tão normal quando és *tu* que perguntas?

Eu e a Maggie rimo-nos. Ela olha-se ao espelho e passa os dedos pelo cabelo.

— Estamos bem — diz, sorrindo para o espelho. — Tem sido tão fácil com ele. Ele é... simples. Gosta de se divertir, não leva nada demasiado a sério. Até ter de o fazer.

— Mas é bom na cama? — pergunta a Bridgette.

Vejo aqui um padrão. As únicas conversas naturais para a Bridgette têm sempre que ver com sexo. *O Ridge geme durante o sexo? O Jake é bom na cama?*

— É muito bom — responde a Maggie sem hesitar.

— Quem é melhor? O Ridge ou o Jake? Ou o *Warren*? Uau, tu dormiste com os namorados das três.

Bato com a mão na testa. A Bridgette é uma causa perdida.

Felizmente, a Maggie ri-se.

— Pois, Bridgette, acho melhor esqueceres essa história de conversar, sim?

A Bridgette faz beicinho.

— Mas eu gostava mesmo de saber a resposta a esta pergunta. Aposto que é o Warren.

A Maggie olha para mim e torce o nariz enquanto abana a cabeça. «Não é», articula ela com os lábios.

A Bridgette murmura algo sobre querer comer, por isso vai até à cozinha. Eu entrego à Maggie uma blusa roxa.

— Experimenta esta. Acho que vai ficar-te melhor do que a preta.

— O que é que isso importa? O Jake vai estar de plantão o fim de semana todo, por isso não vai estar aqui.

A Maggie volta à casa de banho no instante em que a Bridgette regressa ao quarto, a comer batatas fritas. Olha-se ao espelho, virando-se para poder ver o rabo. Segura numa *Pringle* e posiciona-a de forma que cubra o seu rabo no espelho.

— Que estás a *fazer*? — pergunto-lhe, na altura em que a Maggie sai com a blusa roxa vestida. — Sim, essa, sem dúvida. É perfeita.

— Maggie — diz a Bridgette, ainda a ver-se ao espelho. — Quando disseste que o meu rabo parecia duas *Pringles* abraçadas, era um elogio?

A Maggie ri-se.

— Já viste o teu rabo? É claro que era.

— Não percebo.

A Bridgette tira outra *Pringle* da caixa e segura-as juntas, deixando-as com a parte mais aberta voltada para fora.

— Isto não é atraente.

A Maggie aproxima-se, tira duas *Pringles* da caixa e vira-as para dentro.

— Assim.

A Bridgette olha para as batatas e anui com a cabeça, como se finalmente percebesse.

— Ah, pois, parece *mesmo* isso.

O Ridge e o Warren chegaram antes para ajudar a banda a organizar-se, por isso eu e a Maggie viemos com a Bridgette. Mas o Ridge não vai tocar hoje. Disse-me que às vezes prefere só assistir.

A Maggie tem um sorriso no rosto quando saímos do carro, mas eu percebo que é forçado. Ela para a olhar para o edifício.

— Gostava que o Jake tivesse conseguido vir — diz baixinho.

Agarro-lhe na mão.

— Ele pode vir da próxima vez. Tenta divertir-te.

Estou ansiosa por entrar, por isso puxo-a atrás de mim e mando uma mensagem ao Ridge a dizer que estamos na porta das traseiras. Momentos depois, a porta abre-se e o Ridge sai. É seguido pelo Warren. Sinto-me mal porque o Ridge está a abraçar-me e o Warren está a abraçar a Bridgette, e a Maggie está ali, constrangida e sozinha.

Mas não durante muito tempo.

Quando a porta se fecha, volta a abrir-se pelo interior. O Jake sai.

Foi um inferno esconder isso da Maggie, mas o Jake queria muito fazer-lhe uma surpresa. Sem que ela soubesse, ele conseguiu alterar a escala do fim de semana e planeia ficar com ela até segunda-feira de manhã.

Mal ela percebe que ele está mesmo aqui e que não está a ter alucinações, o seu rosto ilumina-se e ela corre para ele. Salta para o colo dele e abraça-o como um macaco-aranha, com os pés presos às suas costas e os pulsos no seu pescoço. Ele segura-a com pouco esforço, e eu sinto inveja por não conseguir saltar assim para o Ridge. Quer dizer, acho que conseguiria. Mas não sou tão pequena como a Maggie. Teríamos de o planear. Precisaríamos de alguém que ficasse a ver. E um colchão para quando caíssemos.

Estão tão apaixonados. É tão encantador.

O Ridge aproxima-se do meu ouvido e diz:

— És tão bonita.

O comentário dele faz com que lhe dê um beijo.

Somos tão encantadores.

O Warren abre a porta e segura-a para que todos entremos. Sinto o meu telefone a vibrar, por isso olho para o Ridge e ele indica-me que acabou de me enviar uma mensagem.

Ridge: Dei o anel ao Jake.

Sydney: Deste? Ele passou-se? Ou gostou?

Ridge: Ele agradeceu-me cinco vezes e estava sempre a olhar para ele a caminho daqui. Duvido que espere muito tempo.

Isso faz-me sorrir. Sei que o casamento não estava na lista da Maggie, mas acho que ela está numa altura da vida em que quer acrescentar mais coisas à lista. E o Jake não vai a lado nenhum. Percebo isso só pela forma como olham um para o outro.

A sala está cheia quando entramos. Felizmente, um dos membros da equipa reservou-nos uma área. *Uma das vantagens de compor músicas para a banda.*

O Jake e a Maggie estão ao nosso lado. Ele está atrás dela, com os braços à

sua volta. Quando o Brennan e a banda entram em palco, a Maggie afasta-se dele e começa a bater palmas e a saltar. Não faço ideia há quanto tempo ela não os ouvia a tocar, mas está genuinamente entusiasmada. Penso na dinâmica que há entre o grupo e em como ela faz parte da vida deles desde a criação da banda. Tenho a certeza de que o Brennan e o resto da banda são mais importantes para ela do que eu tinha percebido.

Faz-me valorizar tudo o que passámos para chegarmos até aqui. Se não tivéssemos arranjado a melhor forma de conviver, a Maggie teria sido obrigada a abrir mão de uma grande parte da sua vida. Eu nunca me teria sentido bem com isso.

Olho para o Warren e a Bridgette, e até ela está a sorrir e a bater palmas quando o Brennan apresenta a banda à audiência. O Warren tem as mãos em concha na boca e está a gritar para a banda. Depois, baixa o braço e abraça a Bridgette pela cintura. Ela olha para ele, ele sorri-lhe e dá-lhe um beijo rápido. É tão estranho vê-los em momentos como este, mas, quando tenho alguns destes vislumbres, acho lindo. Eles amam-se, mesmo que seja de uma maneira diferente da das outras pessoas.

É essa a beleza do amor, não é? Aparece sob todas as formas, feitios, tamanhos, texturas. E está sempre em mudança. Como o amor que o Ridge tinha pela Maggie. Continua a existir, mas de outra forma. E é isso que eu mais gosto nele. Ele nunca deixou de a amar. Nunca deixou de se preocupar com ela. E agora que ela é uma das minhas melhores amigas, não consigo deixar de gostar dela por isso, porque ela merece. Ela merecia este amor como namorada dele, e merece este amor agora, como uma das melhores amigas dele.

O Ridge aproxima-se por trás de mim e envolve-me com os braços, levando uma mão ao meu peito. Pousa a palma da mão na base do meu pescoço e encosta a cabeça à minha. Quer ouvir o concerto através de mim, por isso começo a cantar ao som da música. E apenas me apercebo a meio da música de que estou a chorar.

Nem sequer sei porquê.

Amo-o tanto. E amo estar com ele. E amo os amigos dele.

E simplesmente… *amo*.

33.

Ridge

Ela sabe as letras de todas as canções. Não sei quando aprendeu as letras todas que foram escritas antes de nos conhecermos, mas questiono se as terá aprendido por minha causa. Por causa de momentos como este, em que estamos a ver a banda no palco, para ela poder cantá-las para mim.

Quando a música acaba e ela começa a bater palmas, vejo lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Enxugo uma delas, aproximo-me e dou-lhe um beijo rápido antes de me afastar. Ela tenta segurar-me a t-shirt, mas eu desapareço na multidão em direção ao palco. O Brennan pediu-me que subisse depois da primeira música para tocar a que compus para ela. Não contei à Sydney que compus uma música nova para ela.

Quando subo ao palco, sinto a excitação na sala, mesmo sem a conseguir ouvir. O olhar deles, as pessoas nas primeiras filas aos saltos, o calor das luzes, o sorriso no rosto da Sydney quando finalmente a encontro na multidão. Encosto-me ao microfone e digo em língua gestual e em voz alta porque é que compus esta música.

— Sydney. — Ela está a sorrir tanto que eu sorrio também. — Desta vez compus uma canção alegre para ti. Porque... bem... tu fazes-me feliz. O que quer que aconteça ou aonde quer que vamos... estaremos juntos. E isso deixa-me muito feliz.

Ela ri-se e limpa uma lágrima.

— Tu também me fazes feliz — diz ela em língua gestual.

Pego na guitarra que o Brennan me entrega e espero pela deixa dele.

Depois, fecho os olhos e começo a tocar o refrão, repetindo a letra em silêncio na cabeça enquanto o Brennan a canta em voz alta.

Bem, talvez um dia possamos ficar
Onde a terra e o mar se vão encontrar
Onde a preocupação puder acabar
Onde só tu e eu possamos estar

Bem, talvez o sol vá nascer
Pelas cortinas de bambu aparecer
Fazendo o teu cabelo brilhar
E nem vamos ligar
Não, nem vamos ligar

Pois nós temos tudo o que podemos querer
O mundo pode tentar fazer tudo desaparecer
Mas vou contar-te, para que ambos saibamos
Vai ser sempre assim aonde quer que vamos
Aonde quer que vamos

Bem, e se tudo o que nós pudéssemos ver
Fosse a chuva dançante do telhado a escorrer
No topo das árvores, as folhas a abanar
E a areia dos nossos pés a água a lavar

Bem, e se tudo o que nós pudéssemos saber
Fosse o certo e o errado, mesmo sem entender
O dia até pode descarrilar
E nem vamos ligar
Não, nem vamos ligar

Pois nós temos tudo o que podemos querer
O mundo pode tentar fazer tudo desaparecer
Mas vou contar-te, para que ambos saibamos
Vai ser sempre assim aonde quer que vamos

Aonde quer que vamos

Já que por aqui nós vamos ficar
O melhor é fazê-lo com um bom ar
E cada dia viver como se fosse desaparecer
Vamos ficar bem

Pois nós temos tudo o que podemos querer
O mundo pode tentar fazer tudo desaparecer
Mas vou contar-te, para que ambos saibamos
Vai ser sempre assim aonde quer que vamos
Aonde quer que vamos

Quando a música acaba, entrego a guitarra ao Brennan e saio do palco. Encontro o Warren e a Bridgette. Vejo a Maggie e o Jake. Viro-me, mas a Sydney não está ali. Olho para a Maggie e pergunto em língua gestual:

— Aonde é que ela foi?

A Maggie aponta para o palco.

Viro-me e olho para onde acabei de atuar. *Porque é que a Sydney está no palco?*

O Brennan está a dizer-lhe algo enquanto ela se senta no banco. Ele olha para a multidão, diz algo ao microfone, e depois diz-me algo em língua gestual.

— Esta é a Sydney Blake. É uma das nossas letristas, e é a primeira vez que está no palco. Uma salva de palmas para ela!

Ela parece nervosa, mas não creio que esteja tão nervosa como eu estou por ela. Não fazia ideia de que ela ia fazer isto.

O Brennan começa a tocar e eu aproximo-me do palco para perceber os acordes... qual é a música. E percebo quase imediatamente que é a *Talvez Um Dia*, a nossa música. Olho para a Sydney na altura em que a letra vai começar, mas não há microfone à sua frente.

E depois ela começa a dizer a letra em língua gestual.

Cum caraças. Ela está a cantar para mim.

Merda. Como é possível não me emocionar?

Abano a cabeça quando ela olha para mim.

Nem consigo acreditar quando a vejo a traduzir para língua gestual a letra de uma canção que ela reescreveu completamente.

TALVEZ ~~UM DIA~~ AGORA

Estou mesmo à tua frente, estou aqui para ficar
Agora finalmente já posso respirar
Agora que sou tua, e que tu és meu
Perguntas-me o que eu hei de querer um dia
E é o mesmo que ontem queria
Tudo o que eu quero... és tu

Contigo dou o melhor de mim
O «talvez um dia» chegou ao fim
Acho que estou pronta, está a chegar a hora
Talvez amanhã
Talvez agora

Quando tu falas, eu paro para ouvir
Todas as palavras que vais proferir
Apenas há silêncio quando nos beijamos

Sinto o meu perfume no teu colchão
A tua imagem invade-me o coração
As verdades foram escritas, agora são canção

Contigo dou o melhor de mim
O «talvez um dia» chegou ao fim
Acho que estou pronta, está a chegar a hora
Talvez amanhã
Talvez agora

Ouves o meu coração como ninguém

A vida contigo sabe tão bem
Somos infinitos, como a nossa música
Tudo de bom vai acontecer
Contigo eu vejo o dia a nascer
Sempre tua, sempre meu

Contigo dou o melhor de mim
O «talvez um dia» chegou ao fim
Acho que estou pronta, está a chegar a hora
Talvez amanhã
Talvez agora

Não me lembro de quando acabou a música nem quando ela saiu do palco nem quando apareceu à minha frente. Só sei que num minuto eu estava a vê-la no palco e no outro a estava a beijar. Sinto a próxima música a tocar e continuamos a beijar-nos. As minhas mãos estão no cabelo dela quando finalmente me afasto e encosto a testa à dela.

— Amo-te — sussurro.

E amo mesmo. Amo-a muito.

Nem sei quais foram as músicas que eles tocaram depois. Só consegui concentrar-me na Sydney. Depois do espetáculo, reunimo-nos com a banda nos bastidores para decidir onde íamos jantar. Enquanto eles conversavam, eu e a Sydney ficámos no corredor a beijar-nos. Estamos agora a jantar, e está a ser uma tortura manter as minhas mãos longe dela.

O Brennan e os rapazes tinham de se ir embora, por isso somos só eu e a Syd, a Maggie e o Jake, e o Warren e a Bridgette. Nem sei porque é que pedimos uma mesa conjunta, porque nenhum dos casais está a prestar atenção aos outros.

Bem... não estava. Porque o Warren voltou agora a sua atenção para a Sydney.

— Tira-nos uma dúvida — diz ele, referindo-se a si e à Bridgette.

— O que é? — responde a Sydney.

— Então... na música que reescreveste... disseste que chegou a hora. Isso significa que queres casar?

A Sydney ri-se e depois olha para mim. Volta a olhar para o Warren e abana a cabeça.

— Dissemos que não estávamos prontos há uns meses. Quando eu estava a reescrever a música, percebi que talvez esteja. Que dizer... — Ela olha para mim. — Interpretaste isso? Eu não estava a dizer que queria que me pedisses em casamento. Só queria dizer que, quando estiveres pronto... *eu estou pronta*.

Sim, eu estou pronto. Mas não lhe digo isso. Ela merece um pedido mais bem elaborado.

— Espera — diz o Warren antes mesmo de eu responder. — Calma aí. Eu e a Bridgette estamos juntos há mais tempo. Devíamos casar-nos primeiro.

— Não — interrompe a Bridgette. — Acho que o Jake e a Maggie deviam casar-se primeiro. Ela tem menos tempo.

Eu tinha esperança de ter lido mal os lábios dela, mas a Sydney engasgou-se com a bebida, por isso acho que percebi exatamente o que a Bridgette disse. Felizmente, a Maggie está a rir-se, e não a esganá-la.

— *O que foi?* — diz a Bridgette inocentemente. — É verdade. — Ela olha para a Maggie. — Não estou a tentar ser má. Mas a sério, devias tentar fazer o máximo possível o mais rápido possível. Faz sentido. Acrescenta o casamento à tua lista de desejos e resolve logo isso.

A Maggie está com as bochechas um pouco mais rosadas do que estavam antes de todos passarem a prestar-lhe atenção. A Bridgette não parece ligar ao facto de a ter envergonhado. Ou talvez simplesmente não se tenha apercebido disso.

— Nós não nos vamos casar — diz a Maggie. — Só nos conhecemos há alguns meses. Estatisticamente falando, quanto menor o tempo de namoro, maior a probabilidade de acabar em divórcio.

O Warren inclina-se para a frente e levanta um dedo, pensativo. Fico sempre nervoso quando ele tenta transmitir alguma da sua sabedoria.

— Talvez — diz ele. — Mas não valeria a pena correr o risco de acrescentar o casamento à tua lista de desejos? Tu e o Jake podem continuar a namorar para sempre, e tu nunca saberás o que é estar casada. Ou podes arriscar e ver o que é o casamento *e* o divórcio antes de morrer.

O Jake ergue o sobrolho e olha para a Maggie.

— Parece-me uma situação em que todos saem a ganhar.

A Maggie arregala os olhos. O Jake sorri enquanto dá um gole na sua bebida. E depois continua:

— Se pensares nisso, faz sentido. Correndo o risco de falar como um médico, a tua esperança de vida não é tão alta quanto a minha. Por isso... estarei pronto quando tu estiveres.

A Maggie olha para ele, inexpressiva. Todos nós olhamos, na verdade. Acho que ninguém esperava que ele *concordasse* com o Warren.

— Espero que isso não tenha sido um pedido de casamento — diz a Maggie ao Jake. — Nem sequer disseste «amo-te». Ou me deste um anel.

O Jake olha para a Maggie por instantes. Depois, estica o braço por cima da mesa.

— Dá-me as tuas chaves, Ridge.

Nem sequer hesito. Dou-lhe as chaves e a Maggie fica a olhar para ele, perplexa, enquanto ele sai do restaurante.

— O que é que ele vai fazer? — diz ela. — Foi alguma coisa que eu disse?

O Warren abana a cabeça.

— O cabrão vai ser mais rápido do que eu.

— Em quê? — pergunta a Maggie.

Ela parece confusa, por isso nenhum de nós lhe explica o que se está a passar. Quando o Jake volta ao restaurante, aproxima-se da mesa determinado. Tem na mão o anel que eu lhe dei, mas, antes de abrir a caixa, vai até à cabeceira da mesa e olha para a Maggie. O Warren traduz para língua gestual tudo o que ele diz.

— Maggie... eu sei que só se passaram uns meses. Mas foram os melhores meses da minha vida. Desde que te vi pela primeira vez, consumiste-me totalmente. Queria ter planeado este discurso e este momento, mas nós

gostamos de espontaneidade.

Ele ajoelha-se e abre a caixa. Nenhum de nós consegue perceber o que a Maggie estará a pensar. Ela pode responder de duas maneiras, e não sei ao certo se vai ser a resposta que o Jake quer ouvir.

Ele abre a caixa.

— Este anel pertenceu à tua avó. E eu queria muito tê-la conhecido, porque assim ter-lhe-ia agradecido por ter criado uma mulher tão incrível, independente e perfeita. A mulher perfeita para mim. Quer tu te cases comigo ou não, este anel é teu. — Ele tira-o da caixa e pega na mão dela. Depois coloca-lhe o anel na mão trémula. — Mas adoraria que corresses o maior risco da tua vida e te casasses comigo, apesar de me conheceres tão pouco e não saberes se somos compatíveis o suficiente para passamos o resto da vida juntos ou...

A Maggie interrompe-o anuindo com a cabeça e beijando-o.

Cum caraças. Ele pediu-a em casamento.

A Sydney está a chorar. Até a Bridgette limpa uma lágrima. O Warren levanta-se, agarra no seu copo de vinho e faz um brinde.

— Parabéns aos dois — diz ele na direção da Maggie e do Jake, apesar de eles ainda se estarem a beijar e não lhe estarem a prestar atenção. — Mas isto é uma treta, porque esta devia ser a minha noite. — Para choque de todos, o Warren tira uma caixa do bolso. Abre-a e vira-se para a Bridgette. — Bridgette, esta noite eu queria pedir-te em casamento. Ainda quero, apesar de estar irritado por o Jake o ter feito primeiro. Por isso, antes que a Sydney e o Ridge me roubem o protagonismo, queres casar comigo?

A Bridgette está a olhar para ele como se ele fosse louco. Porque é.

— Não te ajoelhaste — diz ela.

— Ah. — O Warren ajoelha-se. — Queres casar comigo? Está melhor assim?

A Bridgette anui com a cabeça.

— Sim.

— Sim o quê? — pergunta o Warren. — Sim, queres casar comigo? Ou sim, está melhor assim?

Ela encolhe os ombros.

— As duas coisas, acho eu.

Cum caraças.

O que é que se está a passar esta noite?

Sentámo-nos para jantar como três casais de namorados. Agora dois deles estão noivos. Olho para a Sydney e ela parece radiante... a sorrir, como sempre, enquanto observa os outros. O Jake, a Maggie e a Sydney batem palmas ao Warren e à Bridgette.

O Warren afasta-se da Bridgette e olha para o Jake e a Maggie.

— Parabéns. Vocês podem estar noivos há mais tempo do que nós, mas nós vamos casar-nos primeiro.

A Maggie ri-se.

— Vai em frente, Sr. Competitivo.

— Ou... — continua o Warren, virando-se e olhando para mim. — Talvez o devêssemos fazer agora mesmo. Ridge, pede a Sydney em casamento. Depois vamos todos para Las Vegas.

Rio-me. Se há algo que quero levar a sério no nosso namoro é o momento em que vou pedir a Sydney em casamento. Já planeei tudo. Vou compor uma música. Vou tocá-la num dos espetáculos do Brennan. A Sydney merece mais do que um pedido espontâneo.

— Oh, vá lá — insiste o Warren. — De que é que estás à espera? Vais compor uma música para ela e tocá-la no palco como se já não tivesses feito isso duas vezes?

Cabrão.

— Bem... era essa a ideia — digo em língua gestual, derrotado.

— Era de prever. E foleiro. Mas seis amigos a casarem-se ao mesmo tempo é memorável e *épico* para caraças. Vamos todos para Las Vegas *fazer* esta merda!

A Bridgette está a olhar para mim com as mãos no queixo, a dizer baixinho:

— Por favor, por favor, por favor, por favor.

O meu coração está a bater duas vezes mais depressa do que há dois

minutos. Viro-me para a Sydney — para perceber a reação dela — e ela sorri.

— Só tens de dizer quando — responde ela em língua gestual.

— Quando — digo em voz alta, pois é mais rápido do que em língua gestual.

A boca da Sydney encosta-se à minha e estamos ambos a rir-nos.

E... *acho que acabámos de ficar noivos.*

Cum caraças.

— Amanhã compro-te um anel. O que tu quiseres.

Ela abana a cabeça.

— Eu não quero um anel. Vamos fazer tatuagens.

— Em Vegas — diz o Warren, pegando no telemóvel. — Vou procurar voos.

— Já estou a tratar disso — diz o Jake, olhando para o telemóvel. — Temos de pensar na saúde da Maggie, por isso gostava que fôssemos no voo mais curto. E, mal aterremos, quero marcar-lhe uma consulta com um colega meu, por precaução. Depois disso, podemos tratar desta história do casamento.

Nunca me teria passado isto pela cabeça — ir para Las Vegas com a Maggie. Teria discordado completamente. Ele é realmente melhor para ela do que eu. Está a ser descuidado... e a ter cuidado ao mesmo tempo. Os meus olhos desviam-se do Jake para a Maggie. Ela está a olhar para o anel com lágrimas nos olhos. Quando vê que estou a olhar para ela, sorri e articula com os lábios: «Obrigada!» Porque sabe como é que o Jake conseguiu o anel. Eu retribuo o sorriso, feliz por poder testemunhar este momento. Sempre desejei o melhor para ela, e agora que ela o conseguiu, eu não podia estar mais feliz.

Não mesmo.

Este momento... todas as pessoas que eu amo estão onde deveriam estar. O meu melhor amigo louco com a única mulher do planeta que eu diria ser perfeita para ele. A minha maravilhosa, incrível ex-namorada prestes a viver a vida com um tipo que lhe proporciona um melhor equilíbrio do que eu alguma vez poderia ter proporcionado.

E a Sydney. A miúda que eu via à varanda e por quem tentei não me apaixonar.

A miúda por quem acabei por me apaixonar de qualquer forma.

A miúda por quem sei que vou *continuar* loucamente apaixonado até ao meu último suspiro.

Pego na mão dela, levo-a à boca e beijo-lhe o dedo anelar, que não ficará vazio muito tempo.

— Vamos casar-nos — digo.

Ela anui com a cabeça, sorrindo.

— É bom que isto não seja uma das vossas partidas.

Eu rio-me. Rio-me a valer. E depois puxo-a para mim e sussurro-lhe ao ouvido:

— O meu amor por ti nunca vai ser alvo das nossas partidas. Amanhã, vais ser minha mulher.

Abraço-a e enterro o rosto no cabelo dela. Talvez o Warren esteja certo. Talvez ser previsível nem sempre seja a melhor opção. Pois não consigo imaginar isto a acontecer de outra forma. Vi três pessoas que tanto amo a receberem tudo o que merecem e ainda mais.

E quanto a mim e à Sydney... o nosso *talvez um dia* acabou de se tornar o nosso *para todo o sempre*.

Epílogo

Sydney

Querido Bebé Lawson,

Vais nascer dentro de vinte e sete dias. Nem sei como te explicar o quanto eu e o teu pai estamos ansiosos por te conhecer.

Todos *estão ansiosos por te conhecer. O teu tio Warren tem inventado alcunhas desde que descobrimos que eu estava grávida. Até agora, já te chamou Feijão, Tomate, Bolinho de Salsicha, e, mais recentemente, Plasticina. Espero que nenhuma das alcunhas pegue, porque as detestei a todas. Mas eu protejo-te. Vou certificar-me de que, chame-te ele o que te chamar, não será algo demasiado embaraçoso.*

A tua tia Bridgette está ainda mais ansiosa para te conhecer do que o Warren. Ele está desejoso de ter uma sobrinha, mas ela está desejosa que sejas um menino, por isso fizeram uma aposta de quinhentos dólares. A Bridgette diz que quer um sobrinho porque se dá melhor com meninos do que com meninas, mas eu discordo. Ela dá-se muito bem com quem tem paciência para a conhecer de verdade.

Estou muito feliz por as coisas terem corrido tão bem com a gravidez até agora, e por tu seres saudável e estares a crescer como deve ser. Com sorte, sairás ao teu pai e terás o talento dele.

O teu pai ouve-te muito. Quando cresceres, vais perceber que ele não ouve as coisas como as outras pessoas, mas é o melhor ouvinte que há. Dorme todas as noites com a mão na minha barriga, porque te quer sentir a mexer e a virar. Acho que não o via tão excitado desde o dia em que nos casámos em Las Vegas, há quatro anos, e ele viu pela primeira vez o Cirque du Soleil.

Ficou extasiado com tudo — as luzes, o movimento, as vibrações, o ambiente. Acabámos a ir ver todos os espetáculos que eles fizeram nesse fim de semana e, depois disso, já fomos ver mais dois. Tenho a certeza de que ele te vai levar a ver um quando tiveres idade suficiente para o apreciar. Voltamos a Las Vegas todos anos para comemorar o aniversário de casamento, e acho que não vamos deixar de o fazer depois de tu nasceres. Vamos levar-te connosco e comemorar o aniversário de casamento, mas com mais uma pessoa presente.

Acho que muita gente pensa que um casamento rápido em Las Vegas é um pouco foleiro, mas foi o melhor fim de semana das nossas vidas. Não me arrependo nem por um segundo. Eu e o teu pai casámo-nos ao mesmo tempo que a tia Maggie e o tio Jake, e a tia Bridgette e o tio Warren. Sei que eles não são teus tios de verdade, mas juro-te que estarão sempre aqui para ti, tal como o teu tio Brennan, para o resto da tua vida.

Vais ter muitos amigos na vida, mas, quando encontrares os que te são leais, segura-os. Podermos escolher as pessoas que queremos na nossa vida é algo mágico. Por mais sozinhos que por vezes possamos sentir-nos, nunca estamos sozinhos quando nos rodeamos das pessoas certas.

Por vezes, quero contar-te tudo sobre como conheci o teu pai e como conheci os amigos dele, mas nunca perguntei esse tipo de coisas aos meus pais, por isso não sei se vais querer saber. Ainda faltam vinte e sete dias para te conhecer, por isso talvez escreva tudo o que puder sobre o tempo que eu e o teu pai passámos juntos antes de tu nasceres. Talvez um dia queiras saber isso. É, sem dúvida, uma história interessante, mas provavelmente não é uma história que eu queira partilhar na primeira carta que te escrevo.

O que te digo é que tudo na nossa relação é invulgar, desde a maneira como nos conhecemos até ao casamento. Não planeámos o casamento — apenas aconteceu, e é por isso que nos casámos em Las Vegas por impulso.

Decidimos fazê-lo, pois estávamos a passar um momento perfeito com os nossos amigos, e achámos todos que estávamos com os nossos companheiros para a vida, e estávamos tão felizes que queríamos celebrar a felicidade uns com os outros. Depois de uma conversa rápida, decidimos todos ir casar a Las Vegas.

Foi um casamento triplo. O tio Warren e a tia Bridgette discutiram durante

todo o caminho até lá se deveriam ser casados por um imitador do Elvis, mas acho que vais perceber que quando os dois discutem é sempre uma diversão. Eu e o teu pai não queríamos saber se seria o Elvis a casar-nos ou não, nem a Maggie e o Jake. A Bridgette estava determinada a não ser casada por um músico cujas músicas ela não conhecia, mas o Warren queria um casamento em Las Vegas o mais típico e foleiro possível.

Acabaram por chegar a um acordo, e o Warren aceitou não ser casado por um imitador do Elvis se a Bridgette lhe dissesse o nome de um filme de que ele andava à procura há mais de dois anos.

Nem vale a pena dizer que, depois do acordo deles, não fomos casados por um imitador do Elvis. Em vez disso, casámo-nos numa capela aberta vinte e quatro horas, e eu nem sequer me lembro do nome de quem nos casou. Tudo o que me lembro é que foi o casamento triplo menos tradicional que já vi, mas eu não o imaginava de nenhuma outra maneira. Partilhar aquele dia com os nossos amigos foi um sonho, mas poder dizer os meus votos ao teu pai em língua gestual enquanto ele dizia os dele verbalmente foi mágico. E os três dias que passámos juntos em Las Vegas depois do casamento foram três dos melhores dias da minha vida. Tenho a certeza de que esses dias vão ser suplantados pelo dia em que te conhecermos, mas saber que há muitos dias na minha vida que eu daria tudo para viver outra vez dá-me a certeza de que estou onde preciso de estar e com quem preciso de estar.

A viagem até aqui nem sempre foi fácil. Quando conheci o teu pai e os amigos dele, eu estava numa fase solitária da minha vida, e a estrada foi turbulenta, mas aprendi muitas lições pelo caminho. Muitas delas, ao ver a paciência e o amor que o teu pai tem pelos outros. Sei que, quando cresceres, vais perceber o que eu quero dizer. Ele é diferente de todos os homens que conheci, e estou muito feliz por poder amá-lo. E tenho ainda mais sorte por ele querer amar-me também para o resto da vida.

Tu e eu temos a sorte de sermos amados por um homem com um coração como o dele. Sinceramente, nunca conheci uma pessoa assim. E, mesmo que ainda não te conheçamos, para o teu pai e para mim é uma bênção podermos criar-te juntos. Mal podemos esperar para te conhecer. Mal podemos esperar para pegar em ti.

Mal podemos esperar que tu chores e rias e caminhes e fales e cantes.

Mas dou-te um aviso. As pessoas da tua vida adoram pregar partidas umas às outras, mas eu estou a ficar muito boa nisso, e não me importo de te ensinar alguns truques, desde que não os partilhes com o teu pai.

Ainda não sei quem vais ser, ou que nome te vamos dar, mas já te amo muito mais do que achei ser capaz. Quer sejas menina ou menino, ou mais tarde decidas não te identificar com nenhuma dessas coisas, estamos prontos para te apoiar e amar. Incondicionalmente. Para sempre.

Com amor,
A tua mãe, Sydney Lawson

Agradecimentos

Já tenho saudades deles! Esta série ocupa um lugar enorme no meu coração, e não sei se me sentiria assim se não fosse por vocês, os leitores. Especialmente aqueles que me acompanharam conforme eu ia escrevendo a história no Wattpad. A vossa excitação, raiva e alegria para com as personagens foi o que me motivou a escrever e (finalmente) concluir esta história.

Quando *Talvez Um Dia* chegou ao fim, achei que a história do Ridge e da Sydney tinha acabado. Mas a Maggie sempre ficou na minha cabeça, sabendo que a história dela não tinha tido um final muito feliz. Senti que tinha uma obrigação para com ela, de voltar à vida destas personagens e resolver como é que todos se encaixariam na mesma história. Espero que tenham gostado de o explorar tanto quanto eu gostei de o escrever.

E agora vamos aos agradecimentos.

Este livro foi escrito em tempo real. Fiz o *upload* de um capítulo de cada vez, por isso quis preservar essa sensação e não fazer o texto passar por muitas séries de revisões e edições. Murphy Rae e Marion Archer, obrigada pelas entregas rápidas e pelos comentários perspicazes. A Murphy é sempre um pouco mais malvada do que a Marion, mas é para isso que existem as irmãs.

CoHorts, como sempre, vocês completam-me.

Obrigada aos membros do grupo de discussão de *Talvez Agora*. Peço desculpa por ter tido de sair do grupo para terminar o projeto, mas o vosso

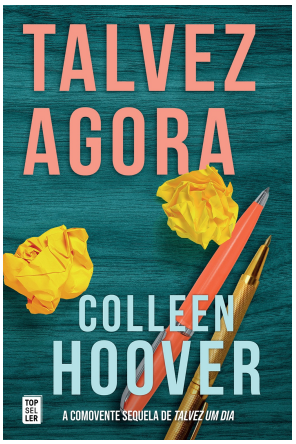
entusiasmo deu-me alento até ao final. Quero agradecer a cada um de vós pela ajuda. E, claro, obrigada às administradoras do grupo: Tasara Vega, Laurie Darter, Anjanette Guerrero, Paula Vaughn e Jaci Chaney. As vossas mensagens davam-me vida.

Obrigada ao Sean Fallon por ser a Stephanie do Griffin. Se não sabes o que é que isso significa, Sean, basta saberes que é o maior elogio que te posso dar.

E, por último, mas não menos importante, quero agradecer ao Griffin Peterson. Seja a meio da noite ou de manhã muito cedo ou se preciso de algo para ontem, tu resolves sempre tudo de bom grado. Colaborar contigo nesta série e combinar as digressões do livro com os espetáculos foi uma das melhores experiências da minha vida. Gosto do teu talento, mas gosto mais ainda de ti como ser humano. #OGriffinÉDeMais

Sobre este livro

PODERÁ A AMIZADE
SOBREPOR-SE AO AMOR?



Depois de um início conturbado, Ridge e Sydney procuram aproveitar a tão aguardada liberdade para estarem juntos. No entanto, a relação é continuamente desafiada pela ligação entre Ridge e Maggie, que mantêm uma forte amizade mesmo depois do fim do namoro.

Quando encontra a «lista de coisas para fazer antes de morrer» que iniciou durante a adolescência, Maggie decide viver a vida ao máximo e concretizar aquilo com que sempre sonhou. Apesar de a doença teimar em limitar as suas escolhas, Maggie abraça novas aventuras, entre as quais a possibilidade de se deixar levar novamente pelo amor. Só que Ridge não consegue esconder a sua preocupação em relação a ela, fazendo surgir algumas inseguranças em Sydney.

Mas para conseguir seguir em frente, Sydney terá de aceitar que Maggie fará sempre parte das suas vidas.

Sobre Colleen Hoover

Autora norte-americana bestseller do New York Times que tem vindo a comover milhares de leitores em todo o mundo com os seus fantásticos romances, já traduzidos para cerca de 30 línguas. Na sua vasta lista de obras incluem-se *Um Caso Perdido*, *Uma Nova Esperança*, *Amor Cruel*, *Confesso*, *9 de Novembro*, *Isto Acaba Aqui*, *A Ilusão de Merit*, *Verity*, *Sempre Tu*, *Layla*, *Se Fosse Perfeito*, *Corações Feridos*, *Isto Começa Aqui*, *Tudo Me Lembra de Ti*, *Talvez Um Dia*, *Nunca Jamais* (em coautoria com Tarryn Fisher) e *Talvez Agora*, publicados em Portugal pela Topseller.

Colleen cresceu numa quinta, no Texas, casou-se quando tinha 20 anos e tirou uma licenciatura em Serviço Social. Trabalhou nos Serviços de Proteção de Menores, antes de voltar aos estudos para concluir a sua formação em Educação Especial e Nutrição Infantil.

Vive com o marido e os três filhos no Texas. Em 2015, criou The Bookworm Box, um clube de subscrição de livros autografados pelos respetivos autores e cujos fundos se destinam a instituições de solidariedade social.

Saiba mais sobre a autora:

www.colleenhoover.com

Instagram: @colleenhoover

TikTok: @colleenhoover